

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários

Matheus Ely Cordeiro de Lima Vieira Pessoa

**ORALIDADE E *PERFORMANCE* NA ORATÓRIA CLÁSSICA ATENIENSE:
REFLEXÕES A PARTIR DA TRADUÇÃO DE *CONTRA ANDRÓCIO* E *SOBRE O
AMOR*, DE DEMÓSTENES**

Belo Horizonte

2023

Matheus Ely Cordeiro de Lima Vieira Pessoa

**ORALIDADE E *PERFORMANCE* NA ORATÓRIA CLÁSSICA ATENIENSE:
REFLEXÕES A PARTIR DA TRADUÇÃO DE *CONTRA ANDRÓCIO* E *SOBRE O
AMOR*, DE DEMÓSTENES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos Literários.

Área de Concentração: Literaturas Clássicas e Medievais

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Orientador: Prof. Dr. Teodoro Rennó Assunção

Belo Horizonte

2023

D387.Yp-o Pessoa, Matheus Ely Cordeiro de Lima Vieira.
Oralidade e performance na oratória clássica ateniense [manuscrito] : reflexões a partir da tradução de *Contra Andrócio* e *Sobre o amor*, de Demóstenes / Matheus Ely Cordeiro de Lima Vieira Pessoa. – 2023.
1 recurso online (175 f. : il., p&b.) : pdf.

Orientador: Teodoro Rennó Assunção.

Área de concentração: Literaturas Clássicas e Medievais.

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 114-128.

Anexos: f. 129-175.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Demosténes. – *Contra Andrócio* – Crítica e interpretação – Teses. 2. Demóstenes. – *Sobre o amor* – Crítica e interpretação – Teses. 3. Discursos gregos – Traduções para o português – Teses. 4. Oratória antiga – Teses. 5. Oralidade – Teses. 6. Performance – Teses. 7. Escrita – Grécia – História – Teses. I. Assunção, Teodoro Rennó, 1961-. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 885.6



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação intitulada *Oralidade e performance na oratória clássica ateniense: reflexões a partir da tradução de "Contra Andrócio" e "Sobre o amor", de Demóstenes*, de autoria do Mestrando MATHEUS ELY CORDEIRO DE LIMA VIEIRA PESSOA, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos Literários.

Área de Concentração: Literaturas Clássicas e Medievais/Mestrado

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Teodoro Rennó Assunção - FALE/UFMG - Orientador

Prof. Dr. Olimar Flores Júnior - FALE/UFMG

Profa. Dra. Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha - UNB

Belo Horizonte, 10 de julho de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Teodoro Renno Assuncao, Professor do Magistério Superior**, em 11/07/2023, às 09:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Olimar Flores Junior, Professor do Magistério Superior**, em 11/07/2023, às 12:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sandra Lucia Rodrigues da Rocha, Usuário Externo**, em 11/07/2023, às 21:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Antonio Orlando de Oliveira Dourado Lopes, Coordenador(a)**, em 13/07/2023, às 18:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2421132** e o código CRC **3AD5378E**.

A meus pais, Ely e Úrsula, com amor e carinho.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pelas bolsas de pesquisa nos primeiro e segundo anos do mestrado, respectivamente.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários e à Universidade Federal de Minas Gerais, pelo acolhimento — apesar de distantes.

Ao Prof. Teodoro Rennó Assunção, pela orientação, pelas revisões e pelo encorajamento.

Aos membros da banca, por aceitarem fazer parte desse estágio final da minha pequena grande jornada.

Às Profas. Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha e Agatha Pitombo Bacelar, por terem sido minha porta de entrada nos Estudos Clássicos.

Aos grupos *Amigo*, pelas jogatinas e algazarras, e *DFTRANS*, pelos filmes e risadas.

A Iasmin Silva e Juliana Estéfani Figueira, pelas partidas de Catan.

A Isadora Costa Fernandes e Vitória de Sousa Leite, pelas sessões de estudo compartilhado na biblioteca, pela companhia e pelos desabafos.

A Bárbara Cândido Menezes e Lorany Stefany de Oliveira Silva, pelos momentos de luz e alegria em meio aos maremotos.

A Isaias Adriano Candido de Souza, pelo amor, apoio e companheirismo.

À minha família, por tudo e um tiquinho mais.

“Não há mais o escrito e o oral, mas o escrito, o falado e o oral.
O oral como primazia do ritmo e do contínuo no modo de significar.”
(Henri Meschonnic, *Crise du signe: politique du rythme et théorie du langage*).

“A escrita é feita disso: da invenção de uma oralidade.”
(Henri Meschonnic, *Ethics and Politics of Translating*).

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo investigar o processo de composição, transmissão e recepção da oratória ateniense no período clássico (séculos V e IV a.C), com especial atenção a duas características inerentes a ela e comumente distantes do centro de interesse de pesquisas nessa área: a oralidade e a *performance*. Concomitantemente, esta pesquisa é impulsionada pelo desejo de se verter em português brasileiro dois discursos atribuídos ao orador ateniense Demóstenes — *Contra Andrócio* (Dem. 22) e *Sobre o amor* (Dem. 61) —, o que por sua vez serve o propósito de embasar cientificamente o projeto de tradução concebido. Na medida em que as traduções propostas de ambos os discursos buscam explorar as possibilidades de se otimizar a presença das características orais e performáticas desses textos em língua portuguesa, a presente pesquisa sobre oralidade e *performance* na oratória clássica ateniense enveredou pelo seguinte caminho metodológico: 1) um panorama sobre a reintrodução da escrita na Grécia antiga e o desenvolvimento do alfabeto grego; 2) uma exposição dos usos e funções da escrita em uma sociedade predominantemente oral ao longo dos períodos arcaico e clássico — desde sua relação com os variados gêneros poéticos da época, passando pela sua participação na educação formal (*paideia*), até sua influência no desenvolvimento da escrita em prosa —; 3) uma apresentação dos diferentes tipos de gêneros discursivos da oratória ateniense e das opiniões de autores antigos (nomeadamente Alcídamente e Aristóteles) sobre a escrita e a recepção apropriadas a cada um dos três tipos de discurso; e 4) um estudo sobre o grau de envolvimento da leitura e da escrita no processo de composição, transmissão e recepção da oratória ateniense — com ênfase na escrita de discursos (*i.e.*, logografia) —, em contraste e confluência com a presença de aspectos de oralidade e *performance* na vida desses textos. Os resultados alcançados por esse aprofundamento nos contextos socio-histórico-culturais por trás da oratória clássica ateniense — e, em especial, dos dois discursos supracitados — contribuíram imensamente para o acabamento do projeto de tradução, estimulando, assim, uma reflexão sobre a incorporação de aspectos de oralidade e *performance* em um processo tradutório cujos produtos finais, diferentemente dos textos originais em seus contextos primários de recepção no passado, têm por objetivo serem lidos sobretudo individual e silenciosamente. Espera-se, enfim, que esta dissertação fomente mais interesse e pesquisas sobre esse lado ainda pouco explorado da oratória clássica ateniense e abra ainda mais o leque de possibilidades no que tange à tradução de textos antigos em línguas modernas.

Palavras-chave: oralidade; *performance*; leitura e escrita; tradução; Demóstenes.

ABSTRACT

The present dissertation aims to investigate the process of composition, transmission, and reception of Athenian oratory in the classical period (5th and 4th centuries BCE), with special attention to two of its inherent and commonly overlooked characteristics in the research in this field: orality and performance. Simultaneously, this research is driven by the desire to translate two speeches attributed to the Athenian orator Demosthenes—*Against Androtion* (Dem. 22) and the *Erotic Essay* (Dem. 61)—into Brazilian Portuguese, which, in turn, serves the purpose of providing a scientific foundation for the envisioned translation project. As the translations for both speeches seek to explore the possibilities of optimizing the presence of the oral and performative characteristics of these texts in Brazilian Portuguese, this research on orality and performance in classical Athenian oratory has pursued the following methodological route: 1) an overview of the reintroduction of writing in ancient Greece and the development of the Greek alphabet; 2) an explanation of the uses and functions of writing in a predominantly oral society during the archaic and classical periods—from its relationship with various poetic genres then, through its role in formal education (*paideia*), to its influence on the development of prose writing—; 3) an introduction to the different types of speeches in Athenian oratory and the views of ancient authors (particularly Alcidamas and Aristotle) regarding appropriate writing styles and means of reception for each type; and 4) a study on the involvement of reading and writing in the process of composition, transmission, and reception of Athenian oratory—with an emphasis on speechwriting (i.e., logography)—in contrast to and convergence with the presence of orality and performance in such texts. The results achieved through further exploration of the socio-historical and cultural contexts behind classical Athenian oratory—and especially the two aforementioned speeches—have greatly contributed to perfecting the translation project, thus stimulating a reflection on incorporating orality and performance into a translation process whose final products, unlike the original texts in their primary contexts of reception in the past, are intended to be read above all individually and silently. Ultimately, we hope that this dissertation will foster more interest and research on this still underexplored aspect of classical Athenian oratory and further expand the range of possibilities regarding the translation of ancient texts into modern languages.

Key-words: orality; performance; reading and writing; translation; Demosthenes.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1	Possíveis caminhos na trajetória de textos escritos na Atenas do século IV a.C., desde sua gênese até sua recepção 79
--------	---

LISTA DE ABREVIATURAS

Todas as abreviaturas de nomes de autores e obras escritas tanto em grego antigo como em latim utilizadas nesta dissertação seguem o padrão do *OCD* (*The Oxford Classical Dictionary*), salvo exceções.* Referências completas das obras abreviadas abaixo — que tenham sido citadas, e não somente mencionadas, ao longo da dissertação — podem ser encontradas nas referências bibliográficas (seções 7.1 e 7.2). Nomes de autores cujos *corpora* contenham obras consideradas unânime ou majoritariamente como espúrias, ou como obras atribuídas a outro autor, aparecem entre colchetes.

Aeschin.	Ésquines: 1 (<i>Contra Timarco</i>); 3 (<i>Contra Ctesifão</i>)
Alcid.	Alcidamante: <i>Soph.</i> (<i>Sobre os sofistas</i>)
Ar.	Aristófanes: <i>Eq.</i> (<i>Os Cavaleiros</i>); <i>Vesp.</i> (<i>As Vespas</i>)
Arist.	Aristóteles: <i>Ath. Pol.</i> (<i>Constituição dos Atenienses</i>); <i>Metaph.</i> (<i>Metafísica</i>); <i>Poet.</i> (<i>Poética</i>); <i>Pol.</i> (<i>Política</i>); <i>Rh.</i> (<i>Retórica</i>)
Caes.	Júlio César: <i>BGall.</i> (<i>Comentários sobre a Guerra Gálica</i>)
Cic.	Cícero: <i>Inv. rhet.</i> (<i>Da invenção</i>)
Dem.	Demóstenes: 1-3 (<i>Olínticas</i>); 4, 6, 9, 10 (<i>Filípicas</i>); 17 (<i>Sobre o tratado com Alexandre</i>); 18 (<i>Sobre a coroa</i>); 19 (<i>Sobre a Falsa Embaixada</i>); 22 (<i>Contra Andrócio</i>); 27 (<i>Contra Áfobo I</i>); 30 (<i>Contra Onetor I</i>); 36 (<i>Para Fórmio</i>); 61 (<i>Sobre o amor</i>)
[Dem.]	[Demóstenes] = Apolodoro, ou Pseudo-Demóstenes: 45 (<i>Contra Estefano I</i>); 46 (<i>Contra Estefano II</i>); 49 (<i>Contra Timóteo</i>); 50 (<i>Contra Póicles</i>); 52 (<i>Contra Calipo</i>); 53 (<i>Contra Nicostrato</i>); 59 (<i>Contra Neera</i>)
Din.	Dinarco: 1 (<i>Contra Demóstenes</i>)
Diog. Laert.	Diógenes Laércio
Harp.	<i>Harpocratonis Lexicon in decem oratores Atticos</i> (“Dicionário de Harpócrates sobre os dez oradores áticos”)
Hdt.	Heródoto

* Os nomes de Alcidamante e Luciano (de Samósata) não são abreviados na lista do *OCD*, mas sim escritos segundo a grafia de suas versões em língua inglesa (Alcidamas e Lucian). A fim de manter coesas as abreviaturas, em português, e evitar possíveis leituras ambíguas, os nomes desses dois autores são abreviados, respectivamente, como Alcid. e Luc.

Hom.	Homero: <i>Il. (Ilíada)</i> ; <i>Od. (Odisseia)</i>
Hyp.	Hipérides
Isoc.	Isócrates: 5 (<i>Para Filipe</i>); 12 (<i>Panatenaico</i>); 13 (<i>Contra os sofistas</i>); 15 (<i>Antídosis</i>); <i>Ep. (Epístolas)</i>
Luc.	Luciano de Samósata: <i>Her. (Heródoto ou Das Causas)</i>
Lycurg.	Licurgo
Pl.	Platão: <i>Ep. (Epístolas)</i> ; <i>Grg. (Górgias)</i> ; <i>Hipparch. (Hiparco)</i> ; <i>Phdr. (Fedro)</i> ; <i>Plt. (Político)</i> ; <i>Resp. (República)</i>
Plu.	Plutarco: <i>Dem. (Demóstenes)</i>
[Plu.]	[Plutarco] = Pseudo-Plutarco: <i>X orat. (Vidas dos dez oradores)</i>
<i>Suda</i>	<i>Suidae Lexicon</i> (“Dicionário Suda”)
Thuc.	Tucídides
<i>Vit. anon. Isoc.</i>	<i>Vita anonyma Isocratis</i> (“Vida anônima de Isócrates”)
Xen.	Xenofonte: <i>Ages. (Agesilau)</i> ; <i>Eq. (Da equitação)</i> ; <i>Oec. (Econômico)</i> ; <i>Symp. (Simpósio)</i>

LISTA DE SIGLAS

As siglas de dicionários (de grego antigo e latim), léxicos antigos e coletâneas de fragmentos e inscrições antigas também seguem o padrão do *OCD* (*The Oxford Classical Dictionary*). No caso de edições que não constam nessa lista, seus títulos são abreviados nesta dissertação seguindo o mesmo critério estilístico dos demais. Para informações bibliográficas completas, vide as referências bibliográficas (seções 7.2 e 7.4) a partir dos nomes dos editores.

<i>DELP</i>	<i>Dicionário Escolar Latino-Português</i> , ed. E. Faria.
<i>DGP</i>	<i>Dicionário Grego-Português</i> , eds. D. Malhadas, M. C. C. Dezotti & M. H. de M. Neves.
<i>FGrH</i>	<i>Die Fragmente der griechischen Historiker</i> , ed. F. Jacoby.
<i>IG II²</i>	<i>Inscriptiones Graecae II et III: Inscriptiones Atticae Euclidis anno posteriores</i> , ed. J. Kirchner.
<i>IG XII,7</i>	<i>Inscriptiones Graecae XII,7. Inscriptiones Amorgi et insularum vicinarum</i> , ed. J. Delamarre.
<i>LSAG</i>	<i>The Local Scripts of Archaic Greece</i> , ed. L. H. Jeffery.
<i>LSJ</i>	LIDDELL, H. G.; SCOTT, R.; JONES, H. S. <i>A Greek-English Lexicon. With a Revised Supplement.</i>
<i>OCD</i>	<i>The Oxford Classical Dictionary</i> , eds. S. Hornblower, A. Spawforth & E. Eidinow.
<i>OLD</i>	<i>Oxford Latin Dictionary</i> , ed. P. G. W. Glare.
<i>TrGF</i>	<i>Tragicorum Graecorum Fragmenta, Vol. 4: Sophocles</i> , ed. S. Radt.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
2. ORALIDADE, <i>PERFORMANCE</i> E LETRAMENTO NA GRÉCIA ANTIGA	23
2.1. SOBRE A (RE)INTRODUÇÃO DA ESCRITA NA GRÉCIA ANTIGA	23
2.2. USOS E FUNÇÕES DA ESCRITA A PARTIR DO PERÍODO ARCAICO	24
2.2.1. A poesia oral nos tempos de Homero	25
2.2.2. A escrita e os poemas homéricos	26
2.2.3. A escrita e os demais gêneros poéticos (poesia monódica, coral, trágica, cômica)	28
2.3. USOS E FUNÇÕES DA ESCRITA A PARTIR DO PERÍODO CLÁSSICO	30
2.3.1. A escrita e a <i>pólis</i> grega	30
2.3.2. A escrita e a produção de textos áticos em prosa	35
2.3.2.1. <i>Historiografia</i>	35
2.3.2.2. <i>Filosofia</i>	36
2.3.2.3. <i>Oratória</i>	39
2.3.3. A escrita e a <i>paideía</i> grega	40
2.4. CONCLUSÕES PARCIAIS	42
3. A ORATÓRIA CLÁSSICA ATENIENSE	44
3.1. ORATÓRIA E RETÓRICA, RETÓRICA E ORATÓRIA.....	44
3.2. DAS ORIGENS DA RETÓRICA E DO ENSINO DE ORATÓRIA.....	50
3.3. A ORATÓRIA ATENIENSE EM TRÊS GÊNEROS.....	54
3.3.1. O discurso deliberativo (ou político)	55
3.3.2. O discurso judicial (ou forense)	58
3.3.3. O discurso demonstrativo (ou epidítico)	64
3.4. CONCLUSÕES PARCIAIS	68
4. SOBRE A LOGOGRAFIA, OU A ESCRITA DE DISCURSOS	69
4.1. AS REFLEXÕES DOS ANTIGOS ACERCA DA ESCRITA	69
4.2. O PROCESSO DE COMPOSIÇÃO, TRANSMISSÃO E RECEPÇÃO DE DISCURSOS	76
4.3. CONCLUSÕES PARCIAIS	82

5. DEMÓSTENES E ORATÓRIA EM TRADUÇÃO	83
5.1. DEMÓSTENES: VIDA E OBRA	83
5.1.1. Introdução a <i>Contra Andrócio</i> (Dem. 22)	89
5.1.2. Introdução a <i>Sobre o amor</i> (Dem. 61)	92
5.2. SOBRE TRADUZIR A ORATÓRIA ANTIGA	94
5.2.1. Justificativas e propósitos primários	98
5.2.2. Objetivos e estratégias específicos	100
5.3. CONCLUSÕES PARCIAIS	111
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114
7.1. FONTES ANTIGAS	114
7.2. LÉXICOS, INSCRIÇÕES E FRAGMENTOS ANTIGOS	116
7.3. TRADUÇÕES DE TEXTOS ANTIGOS	117
7.4. DICIONÁRIOS	118
7.5. BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA	119
TRADUÇÕES ESPELHADAS (GREGO E PORTUGUÊS)	129
<i>KAT' ANAPOTIΩNOΣ / CONTRA ANDRÓCIO</i>	129
<i>EPΩTIKOS / SOBRE O AMOR</i>	156

1. INTRODUÇÃO

Quando nos propomos a discutir qualquer texto escrito a partir de uma análise que vai além do nível de uma leitura pessoal, descomprometida e prazerosa, é importante que compreendamos o máximo possível seu contexto histórico, social e cultural. Perguntas encabeçadas por simples pronomes e advérbios interrogativos (quem? a quem? quando? onde? como? por quê? para quê?) cumprem o propósito inicial de nos guiar em direção a um melhor entendimento, cada vez mais aprofundado, do nosso objeto de estudo. Textos que remontam ao mundo greco-romano — e ao período clássico grego, mais especificamente — não trazem consigo nada intrinsecamente distinto de qualquer outro texto produzido em um tempo histórico mais próximo ao nosso que nos exima de fazermos as mesmas perguntas. O diferencial, no entanto, talvez se encontre na dificuldade de acesso às respostas almejadas e na complexidade do ato de interpretá-las — sempre, claro, a depender do tipo de obra com o qual estamos lidando —, uma vez que a ação do tempo, a qualidade das tecnologias de conservação e o papel daqueles direta e indiretamente envolvidos na preservação de fontes históricas exercem grande influência sobre como entramos em contato com o passado e sobre como respondemos a ele.

Em se tratando de discursos políticos, processos judiciais e exercícios retórico-filosóficos provenientes dos séculos V e IV a.C. que sobreviveram em forma de textos escritos — isto é, textos representantes da oratória clássica ateniense —, a dificuldade de acesso e a complexidade de interpretação referidas acima se devem principalmente à desconcentração e à preservação incompleta ou fragmentária de informações históricas necessárias para compreendê-los em sua totalidade. Aquelas informações que sobreviveram ao tempo e se encontram hoje à nossa disposição figuram nas mais variadas fontes (*e.g.*, textos escritos em papiros ou pergaminhos, cerâmicas, inscrições em pedra, metal ou madeira). São elas, ainda, muitas vezes somente aludidas, mencionadas *en passant* ou parcialmente explicitadas pelos autores originais (ou por aqueles que as puseram em escrito).

Esse cenário um tanto faltoso e limitado das fontes históricas que podem nos auxiliar em nossas análises textuais da oratória clássica ateniense se dá como tal, em um primeiro momento, devido ao contexto original de suas enunciações (tanto orais quanto escritas). Dado que, via de regra, discursos deliberativos, judiciais e demonstrativos na Atenas do período clássico visavam a exposições de caráter minimamente público — isto é, *performances* ante uma audiência, seja na Assembleia, nos tribunais ou em eventos privados —, infere-se que os

oradores adequavam seus discursos a um público restrito e já pré-estabelecido,¹ deixando subentendidas ou mesmo de lado informações óbvias ou de conhecimento geral² — o que naturalmente torna o nosso trabalho hoje mais complexo e particularmente mais envolvente.

Tomemos como exemplo, a título de ilustração e como uma prévia das discussões dos capítulos seguintes, um dos objetos de estudo desta presente dissertação. Em *Contra Andrócio* (Dem. 22), Demóstenes³ não nos apresenta uma biografia detalhada daquele que é o alvo de sua acusação: Andrócio. Infere-se, a partir do título conferido ao texto e ao próêmio do discurso, que se trata de um político ateniense conhecido — ao menos por boa parte da audiência original: atenienses razoavelmente bem inteirados da vida política da cidade que compunham o júri.⁴ As informações que temos sobre sua vida (tanto pessoal quanto política) são apresentadas ao longo do discurso por meio dos argumentos de acusação utilizados pelo autor — quando, é claro, pertinentes à argumentação do orador. Ficamos sabendo, então, que Andrócio acusou o tio de Diodoro (o orador em questão, para quem Demóstenes escreveu o discurso) do crime de impiedade (22.1); que ele teria se prostituído no passado (22.21-4, 29-30, 73); que seu pai devia dinheiro ao tesouro da cidade e, não tendo quitado sua dívida, Andrócio se encontrava por extensão teoricamente impedido por lei de discursar e propor decretos (22.33-4); que, por via de métodos ilegais ou não ortodoxos, assumiu um cargo no governo ateniense e se tornou responsável por coletar impostos sobre propriedade — tarefa que realizou de maneira violenta e autoritária, violando os direitos dos cidadãos cobrados (22.47-58); que cometeu ato de

¹ Arist. *Rh.* 1395b26-32 (= 2.22.3, trad. M. A. Júnior, P. F. Alberto & A. do N. Pena): “É esta a razão pela qual os oradores incultos [i.e., não instruídos nas letras] são mais persuasivos do que os cultos diante de multidões; como dizem os poetas, os incultos são ‘mais inspirados pelas musas’ diante da multidão. Com efeito, os primeiros enunciam as premissas comuns e gerais, os segundos baseiam-se no que sabem e no que está próximo do seu auditório. Portanto, é assim que os oradores devem falar, não tomando como ponto de partida todas as opiniões, mas só certas e determinadas, por exemplo, as dos juízes ou as daqueles que gozam de reputação” (τοῦτο γὰρ αἴτιον καὶ τοῦ πιθανωτέρους εἶναι τοὺς ἀπαιδευτούς τῶν πεπαιδευμένων ἐν τοῖς ὄχλοις, ὥσπερ φασὶν οἱ ποιηταὶ τοὺς ἀπαιδευτούς παρ’ ὄχλῳ μουσικωτέρως λέγειν· οἱ μὲν γὰρ τὰ κοινὰ καὶ καθόλου λέγουσιν, οἱ δ’ ἐξ ὧν ἴσασι, καὶ τὰ ἐγγύς. ὥστ’ οὐκ ἐξ ἀπάντων τῶν δοκούντων ἀλλ’ ἐκ τῶν ὠρισμένων λεκτέον, οἷον ἢ τοῖς κρίνουσιν ἢ οὐς ἀποδέχονται). Toda tradução de autores antigos que não seja de nossa autoria acompanhará o nome do tradutor ou da tradutora e poderá ser encontrada nas referências bibliográficas (seção 7.3) a partir do nome do autor original.

² Os oradores poderiam também omitir informações ou explicações mais detalhadas que eles mesmos julgassem óbvias ou de conhecimento de todos (mesmo que talvez não o fossem de fato). Poderiam, ainda, empregar tal estratégia retórica com o intuito de gerar na audiência um sentido de obrigação cívica em saber do que ele está falando (e, conseqüentemente, de constrangimento nos ignorantes); Arist. *Rh.* 1408a32-6 (= 3.7.7, trad. M. A. Júnior, P. F. Alberto & A. do N. Pena): “Os ouvintes sentem alguma emoção, e os logógrafos utilizam à saciedade recursos como, ‘quem não sabe?’, ‘todos sabem’. Pois o ouvinte concorda embaraçado, de modo a participar do mesmo que todos os outros” (πάσχοῦσι δὲ τι οἱ ἀκροαταὶ καὶ ᾧ κατακόρως χρωῶνται οἱ λογογράφοι, “τίς δ’ οὐκ οἶδεν;” “ἅπαντες ἴσασι.” ὁμολογεῖ γὰρ ὁ ἀκούων αἰσχυνόμενος, ὅπως μετέχη οὐπὲρ καὶ οἱ ἄλλοι πάντες).

³ Embora seja certo que Demóstenes tenha somente escrito o discurso na posição de logógrafo e Diodoro, por sua vez, o tenha encomendado e proferido ante um tribunal, refiro-me aqui ao autor e orador do discurso em questão como Demóstenes simplesmente pelo fato de o texto fazer parte do *corpus* demostênico. Sobre a vida e obra de Demóstenes, vide seção 5.1 desta dissertação, além de MacDowell (2009, esp. caps. 2 e 3).

⁴ Quanto ao grau de instrução e envolvimento dos membros do júri na política ateniense, vide Harris (1989, p. 70, 74, 105).

impiedade contra os deuses ao derreter coroas para a fabricação de taças de libação (22.69-78);⁵ e que, por fim, após servir como membro da *Boulé* (*i.e.*, do Conselho dos Quinhentos)⁶ por uma segunda vez, propôs o decreto (inconstitucional) ao qual o discurso de Demóstenes em questão diz respeito (22.5-9).

Uma vez que não podemos acreditar cegamente nos argumentos apresentados no discurso e encará-los como fatos concretos acerca da vida e carreira política de Andrócio — além de também não termos hoje, mais de dois mil anos depois, como saber o que já era de conhecimento público e prévio dos atenienses na década de 350 a.C. no que tangia ao caso exposto no discurso, a ponto de justificar a ausência de maiores detalhes no corpo do texto —, é preciso que nos voltemos a outras fontes para termos acesso a informações mais pormenorizadas sobre quem teria sido Andrócio.⁷

O classicista e filólogo alemão Felix Jacoby, em meados do século passado, por exemplo, reúne fragmentos escritos de atidógrafos (*i.e.*, historiadores antigos dedicados à narrativa da história local da região ática, entre os quais estava Andrócio) em sua obra *Die Fragmente der griechischen Historiker*.⁸ O caráter fragmentário dos escritos de Andrócio, por sua vez, não acrescenta muito à sua biografia. A *Suda* — enciclopédia bizantina do século X d.C., escrita em grego e com mais de trinta mil entradas sobre o mediterrâneo antigo — nos informa que Andrócio era “filho de Ândron, ateniense, orador, demagogo e discípulo de Isócrates”.⁹ Em uma biografia anônima sobre a vida de Isócrates (muitas vezes atribuída ao

⁵ Vide n. 11 abaixo sobre a inscrição relativa a esse decreto autorizando o derretimento das coroas.

⁶ A *Boulé*, também conhecida como “Conselho dos Quinhentos”, foi instituída por Clístenes em 508-7 a.C., após o legislador dividir a região da Ática em dez tribos e determinar que cinquenta membros (homens cidadãos acima de trinta anos) de cada uma seriam eleitos anualmente por meio de sorteio para comporem o conselho (Arist. *Ath. Pol.* 21.3, 22.2; Rhodes, 1972, p. 1-2). Somente com as reformas de Efilates em 462-1 a.C. é que a *Boulé* herda maiores atribuições que antes eram exclusivas do Conselho do Areópago (vide n. 68 abaixo) e passa a regular as finanças da cidade, questões de ordem militar e religiosa, a administração pública e as auditorias ao fim dos mandatos de agentes públicos (Bolmarcich, 2010b). A *Boulé*, ainda, era a entidade à frente da Assembleia (*Ekklēsia*), o principal órgão de tomada de decisões em Atenas, cujas reuniões regulares normalmente ocorriam no Pnyx (colina a sudoeste da ágora na acrópole ateniense) e cujo quórum mínimo para votação era de seis mil (Bolmarcich, 2010a). Vide também Larsen (1966), Hansen (1987) e Rhodes & Lewis (1997, esp. p. 11-15, 475-501).

⁷ Para um panorama sobre a carreira política de Andrócio, vide Harding (1976) e Harris (2008, p. 167-70).

⁸ “Fragmentos dos Historiadores Gregos”, comumente abreviado como *FGrH* (ou *FGrHist*). O projeto inicial, concebido inicialmente como uma coleção em seis partes, teve somente as três primeiras (distribuídas em quinze volumes) publicadas por Jacoby em vida, entre 1923 e 1959 (ano de sua morte). Os fragmentos de Andrócio (autor número 324) se encontram no *Teil 3, Geschichte von Staedten und Voelkern (Horographie und Ethnographie) - B, Autoren ueber einzelne Staedte (Laender) [Nr. 297-607]* (“Parte 3, História das Cidades e dos Povos (Horografia e Etnografia) – Volume B, Autores sobre Cidades Individuais (Países) [N.º 297-607]”).

⁹ *Suid.*, s.v. *Ἀνδροτίων* (A 2191): *Ἀνδρωνος, Ἀθηναῖος, ῥήτωρ καὶ δημαγωγός, μαθητῆς Ἰσοκράτους*. Sobre o pai de Andrócio, *Harp.* s.v. *Ἀνδρων* nos diz que ele fez parte do Conselho dos Quatrocentos — conselho oligárquico que, por meio de um golpe de estado em 411 a.C. instigado por Antifonte e Alcibiades, momentaneamente substituiu o governo democrático ateniense durante a Guerra do Peloponeso contra Esparta. A não ser quando expressamente especificado se tratar de uma tradução de outrem, todas as traduções são de nossa autoria.

historiador bizantino Zósimo de Ascalão), Andrócio figura entre os discípulos “mais ilustres e renomados” do retórico e educador ateniense, além de autor de uma *Átide* (*i.e.*, uma história da Ática) e “contra quem escreveu Demóstenes” (*Vit. anon. Isoc.* 99-100, 103-5).¹⁰ O período exato em que Andrócio estudou com Isócrates é incerto, mas muito provavelmente seu treinamento em oratória remonta aos anos anteriores à sua estreia na política ateniense, cuja primeira indicação concreta de atividade pública aparece em uma inscrição da década de 370 a.C., seguida de outras duas algumas décadas depois¹¹ (Harding, 1976, p. 190). Fora de Atenas, ainda, temos uma inscrição da ilha de Amorgos, situada no meio do mar Egeu, na qual lemos que o povo da cidade de Arcesine homenageou Andrócio pelo seu excelente governo.¹²

Em suma, vemos que, de um lado, existe uma concentração de informações biográficas sobre Andrócio em um único texto (Dem. 22) que, entretanto, não são completamente críveis quando avaliadas isoladamente; de outro, temos diversas fontes históricas que apresentam um grau de confiabilidade maior para o nosso trabalho de coleta de dados (*e.g.*, inscrições oficiais erigidas pelos governos das cidades) — porém ainda, é claro, fragmentárias, incompletas e faltosas. Sempre que lidamos com textos antigos, portanto, faz-se necessário agrupar, contrapor, contrastar e articular o maior número possível de informações sobre o nosso objeto de estudo — provenham elas dos mais variados autores, obras, tempos, línguas etc. —, a fim de que cheguemos a conclusões plausíveis e congruentes com as fontes históricas.

No entanto, o objetivo primário desta dissertação não é o de prover comentários minuciosos e aprofundados acerca das especificidades históricas, culturais, sociais, econômicas

¹⁰ O texto grego diz: *τοὺς δὲ εὐδοκιμηκότας καὶ ἐπιφανεῖς τούτους: [...] Ἀνδροτίωνα τὸν τὴν Ἀτθίδα γράψαντα, καθ’ οὗ καὶ ὁ Δημοσθένης ἔγραψε.* Brémond & Mathieu (Isocrate, 1963) incluem tanto o livro IV (*Isócrates*) das *Vidas dos Dez Oradores*, de Pseudo-Plutarco, como a *Vida Anônima de Isócrates* no primeiro volume da obra completa de Isócrates — parte da *Série Grecque* da *Collection des Universités de France* (*i.e.*, *Collection Budé*), publicada pela editora Les Belles Lettres.

¹¹ A primeira, *IG II² 61*, aponta Andrócio como um membro do Conselho e presidente de uma sessão da Assembleia (*ANAPOTIΩN EΠΕΣΤΑΤΕ*, linhas 6-7) no que tange à aprovação de um decreto em honra de um siciliano. As outras duas inscrições, *IG II² 216* e *217* (cujo conteúdo é quase idêntico — a primeira, no entanto, contando com nove linhas a mais que a segunda), dizem respeito a um decreto da autoria de Andrócio autorizando o manejo dos tesouros de templos para fins processionais (acontecimento esse que também é mencionado em Dem. 22.69-78). Harding (1976, n. 32) chama a atenção para o fato de ambas as ocorrências da palavra grega para “decreto” (*ψήφισμα*), na inscrição *IG II² 216* (frag. a, linha 13, e frag. b, linha 6), serem reconstruções. Nas mesmas linhas, o nome de Andrócio, no entanto, é completamente visível na primeira ocorrência (*ANAPOTIΩN*) e parcialmente na segunda (*ANAP*).

¹² *IG XII,7 5*. Segundo a inscrição, Andrócio foi homenageado por emprestar dinheiro ao povo de Arcesine e não cobrar juros, dinheiro esse que foi usado para melhorar a guarnição da cidade. Harding (1976, p. 194) argumenta que isso é um sinal de que Atenas estava fortificando militarmente seus aliados, contrário ao que havia sido estipulado pelo decreto da Segunda Liga Ateniense, datado de 378-7 a.C. (*IG II² 43.19-23*: “Ihe será permitido [*i.e.*, ao aliado], ao que for livre e autônomo, ao que for governado sob a constituição que desejar, ao que não admitir guarnições, nem aceitar magistrados, nem pagar tributos”; *ἐξεῖναι ἀν[τ]ῶ[ι] ἐλευθέρ[ω]ι ὄντι καὶ αὐτονόμωι, πολιτ[ευομέν]ωι πολιτείαν ἦν ἂν βόληται μήτε [φρορ]ἄν εἰσδεχομένωι μήτε ἄρχοντα ὑπο[δεχ]ομένωι μήτε φόρον φέροντι*).

ou filosóficas de cada um dos textos, com o intuito de que o leitor se sinta tão inteirado quanto possível sobre os discursos *Contra Andrócio* (Dem. 22) e *Sobre o amor* (Dem. 61), atribuídos a Demóstenes. O propósito de uma compreensão a mais aprofundada possível dos seus contextos originais de produção advém do desejo de se evidenciar, por um lado, os aspectos de oralidade e *performance* intrínsecos à composição, à transmissão e à recepção de ambos os discursos e, por outro, da oratória do período clássico ateniense como um todo. Tal período — em especial o fim do século V e boa parte do século IV a.C. — é de especial interesse à presente pesquisa pois as *póleis* gregas na época se viam em meio a um longo e complexo processo de “transição de uma sociedade completamente oral para uma completamente letrada” (Knox, 1985, p. 7), cujo ponto de chegada ilusório e meramente hipotético (*i.e.*, uma sociedade em níveis universais de letramento) serve somente ao propósito de ilustrar a dicotomia pela qual perpassa o processo de letramento em uma dada comunidade.

Com somente quatro séculos, aproximadamente, desde a (re)introdução da escrita no mundo grego, textos escritos ainda serviam mais como roteiros de *performances* futuras do que como objetos de leitura e estudo individuais — textos esses não limitados a peças teatrais, mas que também incluem registros historiográficos, textos filosóficos, discursos políticos etc. A oralidade ainda predominava enquanto norteadora da produção linguística escrita da época, uma vez que os aspectos performáticos que trespassavam os mais variados textos, desde seu processo de composição até sua recepção e transmissão posteriores, eram um produto direto da tradição de poesia oral que remontava aos tempos de Homero e Hesíodo. A palavra escrita, nos seus mais variados usos e atribuições nos períodos arcaico e clássico, era mais comumente empregada a serviço da palavra falada do que de forma autônoma e independente, desassociada de circunstâncias orais que regiam os meios de comunicação existentes. A escrita, em síntese, a partir do momento em que passou a adentrar cada vez mais o espaço das produções literárias e das atividades cívico-políticas da *pólis* grega, se encontrava “em uma posição subordinada e complementar” à fala (Thomas, 1992, p. 4 e 91) — e aqui, neste trabalho, o nosso olhar se concentrará precisamente na relação entre falado e escrito no que tange à oratória clássica ateniense.

Esse afunilamento do foco de pesquisa tem por intuito, em um segundo momento, fomentar discussões acerca da tradução de tais textos antigos para línguas modernas — aqui, mais especificamente, de textos em grego antigo para o português brasileiro —, especialmente no que tange ao lugar ocupado pela oralidade e pela *performance* no texto de chegada. Para tanto, a pesquisa cujos resultados compõem o cerne da dissertação propriamente dita é, por um lado, influenciada por esse projeto de tradução — que busca explorar as possibilidades de se

otimizar em língua portuguesa os aspectos de oralidade e *performance* que eram parte integrante desses discursos no passado — e, por outro, instiga e intervém ativamente no processo tradutório como um todo, em um ciclo de teoria e prática que se retroalimenta e se complementa.

Para tanto, a disposição dos capítulos da presente dissertação se ampara em uma investigação e exposição em certa medida cronológica dos estatutos da escrita e da leitura na Grécia antiga, desde o início do período arcaico até as décadas nas quais ambos os discursos de interesse da nossa pesquisa foram originalmente compostos.

Seguindo-se à introdução, começamos com uma discussão geral e razoavelmente abrangente sobre “Oralidade, *performance* e letramento na Grécia antiga” (2), em que investigamos o desenvolvimento (ou adaptação) da escrita alfabética grega em meados do século VIII a.C. (2.1) e a subsequente evolução nos usos e funções da escrita e da leitura (*i.e.*, as implicações do processo de letramento) tanto no período arcaico (2.2) quanto no período clássico (2.3) — evidenciando-se, sobretudo, a relação da escrita com os gêneros literários em verso (2.2.1, 2.2.2 e 2.2.3) e em prosa (2.3.2) e com as instituições administrativas, políticas e educacionais das *pólis* gregas (2.3.1 e 2.3.3).

Uma vez bem embasada nossa compreensão acerca dos contextos históricos, sociais, políticos e econômicos que circundavam a prática da escrita na Grécia antiga, passamos em seguida a uma discussão sobre o gênero textual no qual se inserem os textos a serem traduzidos: a oratória clássica ateniense (3). Nesse capítulo, destrinchamos a distinção entre retórica e oratória (3.1), as origens da retórica enquanto uma disciplina e do ensino de oratória como meio de preparar jovens cidadãos a adentrarem o mundo político da *pólis* (sobretudo ateniense; 3.2) e as características da própria oratória ateniense (3.3), subdivida em três gêneros discursivos: deliberativo (3.3.1), judicial (3.3.2) e demonstrativo (3.3.3).

Tal discussão abre caminho para explorarmos, com mais especificidade, a prática da *logographía* (ou escrita profissional de discursos) em Atenas (4) — instituição da qual Demóstenes era um dos principais nomes —, a partir das reflexões dos próprios autores antigos sobre a escrita de discursos (4.1), para enfim compreendermos em sua totalidade o processo de composição, transmissão e recepção e sua estreita relação com a oralidade e a *performance* nos séculos V e IV a.C. (4.2).

Por fim, no último capítulo (5), refletimos sobre o fazer tradutório do ponto de vista da tradução de discursos da oratória clássica ateniense no século XXI, sobretudo no que tange a um projeto de tradução que busca explorar, em língua portuguesa, métodos e estratégias de se priorizar e evidenciar aspectos de oralidade e *performance* por meio da escrita. Com esse

objetivo em mente, primeiramente apresentamos a vida e obra do orador ateniense Demóstenes (5.1) para então introduzirmos brevemente os dois discursos em questão atribuídos a ele: *Contra Andrócio* (5.1.1) e *Sobre o amor* (5.1.2). Na segunda metade do capítulo, avaliamos em que medida o processo de composição, transmissão e recepção dos textos em seus contextos originais na antiguidade se assemelha ao (e se diferencia do) processo pelo qual perpassam as traduções dos dois discursos em português brasileiro, a fim de desenvolvermos um arcabouço teórico coeso sobre a prática de tradução de discursos antigos em línguas modernas (5.2). Com o intuito, enfim, de ilustrarmos e esmiuçarmos o projeto de tradução, primeiramente oferecemos os motivos que nos levaram a escolher os textos em questão para, de um lado, serem traduzidos em português pela primeira vez e, de outro, servirem de alicerce à pesquisa central presente no corpo da dissertação (5.2.1). Em segundo lugar, apresentamos trechos tirados das traduções em anexo, ao lado das passagens originais em grego antigo, que sirvam de exemplos das estratégias tradutórias empregadas ao longo do processo de tradução (5.2.2).

Finalizado o corpo da dissertação, seguem-se as considerações finais, as referências bibliográficas e as traduções espelhadas, em grego antigo e em português brasileiro, de *KAT' ANAPOTIQNONOΣ* / *Contra Andrócio* (Dem. 22) e *EPQTIKOΣ* / *Sobre o amor* (Dem. 61).

2. ORALIDADE, *PERFORMANCE* E LETRAMENTO NA GRÉCIA ANTIGA

2.1. SOBRE A (RE)INTRODUÇÃO DA ESCRITA NA GRÉCIA ANTIGA

Sabe-se que os gregos já faziam uso da escrita desde ao menos meados do segundo milênio a.C. — porém, não na forma de um alfabeto tal qual conhecemos. O *script* utilizado pelos micênicos durante esse período foi denominado, quando descoberto no final do século XIX preservado em tabuinhas de argila e vasos de cerâmica, Linear B: um silabário que só veio a ser decifrado na década de 1950 e que, por sua vez, sabe-se derivar do Linear A, um dos sistemas de escrita em uso na ilha de Creta desde alguns séculos antes (e ainda não decifrado). A partir do conteúdo dessas tabuinhas, sabemos que o Linear B era usado para fins administrativos nos palácios micênicos, principalmente para registrar inventários e listas de compras e vendas dos mais variados produtos, desde matérias-primas, animais e grãos até oferendas religiosas e armamentos militares. Conseqüentemente, imagina-se que o conhecimento de tal tecnologia se restringia a um pequeno grupo de especialistas (*i.e.*, funcionários palacianos encarregados da contabilidade, escribas), enquanto o restante da população vivia sua vida sem se incomodar em aprender a escrever ou mesmo — talvez o caso da grande maioria das pessoas — sem ver necessidade em fazê-lo. No entanto, essa forma de escrita foi abandonada com o fim da civilização micênica no século XII a.C., tornando assim boa parte da Grécia novamente iletrada (Harris, 1989, p. vii).¹³

Estima-se que a escrita tenha sido reintroduzida na Grécia em meados do século VIII a.C., quando o *script* utilizado pelos fenícios da costa levantina (atual Líbano e costa da Síria) foi adotado pelos gregos e modificado para melhor representar sua língua — alguns dos símbolos originais, por exemplo, foram adaptados a fim de refletir na escrita as vogais gregas, uma vez que somente consoantes compunham o sistema fenício de escrita (Thomas, 1992, p. 53-4). A razão por trás dessa “invenção” do alfabeto é desconhecida, porém é provável que o controle de inventários, a facilitação de trocas comerciais e — segundo uma visão um tanto romantizada e ultrapassada — a necessidade de um meio mais confiável e duradouro para se transmitir e preservar obras literárias (*i.e.*, a poesia oral do período arcaico) tenham sido motivos suficientes para favorecer a importação, adaptação e proliferação da escrita alfabética no mundo grego (Harris, 1989, p. 45, esp. n. 3).¹⁴

¹³ Sobre a decodificação do Linear B, vide Ventris & Chadwick (1953, 1959) e Chadwick (1970, 1987).

¹⁴ Para um relato mais completo acerca do desenvolvimento do alfabeto grego no período arcaico e sua transmissão pelo mundo grego, vide *LSAG* (= Jeffery, 1961), esp. p. 1-40. A própria palavra grega para designar os fenícios —

2.2. USOS E FUNÇÕES DA ESCRITA A PARTIR DO PERÍODO ARCAICO

Nos séculos VIII e VII a.C., achados arqueológicos nos indicam que tabuinhas de madeira e de cera, couro, pedras, cerâmicas e até mesmo papiros — embora esses últimos provavelmente caros e de difícil acesso — eram os principais materiais sobre os quais os gregos escreviam. Apesar da escassez de materiais epigráficos datados dessa época (ao menos em comparação com os séculos seguintes), podemos encontrar a palavra escrita em *stélai* de pedra (*στήλαι*, comumente usadas para assegurar posses, demarcar limites de propriedades e servir de lápides funerárias); grafites em muros, paredes e superfícies públicas em geral; dedicatórias variadas; oferendas a deuses; *dipinti* (inscrições pintadas em cerâmicas, como por exemplo a assinatura do artista ou os nomes das figuras humanas ou divinas retratadas); e inscrições públicas (para divulgação de leis e decretos oficiais, principalmente). Alguns desses exemplos nos levam a crer que, diferentemente do silabário utilizado pelos micênicos no milênio anterior, o alfabeto já aparentava não se restringir somente a pessoas especializadas (escribas) e se mostrava, em certa medida, mais acessível ou ao menos disponível a outras camadas da sociedade grega arcaica (Thomas, 1992, p. 57-61).

Os séculos seguintes nos relegaram uma maior quantidade de materiais epigráficos e textos em verso e prosa dos mais variados gêneros que nos possibilitam montar um quadro panorâmico mais completo acerca dos usos e funções da escrita na Grécia arcaica. Em se tratando de uma sociedade predominante oral — e dado que a ideia de imortalização por meio da palavra escrita ainda não germinara —, os poetas do período arcaico depositavam na poesia (oral), na música e, conseqüentemente, nas suas próprias composições a tarefa de imortalizar suas histórias, assim como os heróis presentes nelas e seus feitos grandiosos. A escrita, no que tangia à produção literária da época, ainda se encontrava em grande medida à serviço da fala, uma vez que ela (quando de fato empregada) era encarada mais como um recurso mnemônico

φοῖνιξ (*phoînix*), mesma palavra, curiosamente, usada para se referir à ave mitológica fênix — também era o nome das cores púrpura e escarlate. O uso mais antigo dessas cores-pigmento é atribuído aos fenícios e sua extração era feita a partir da tamareira (ou datileira, *Phoenix dactylifera*), um tipo de palmeira cujos frutos, as tâmaras, possuem uma coloração avermelhada (vide *LSJ* e *DGP*, s.v. *φοῖνιξ*). Cf. o emprego da palavra em Homero: gentílico fenício (*Od.* 13.272, 14.288, 15.415 e 417); cores (*Il.* 4.141, 6.219, 23.454; *Od.* 23.201); planta (*Od.* 6.163). Embora não seja possível atestar com acurácia qual das denominações surgiu primeiro, não é improvável que os gregos tenham eventualmente associado os produtos comercializados e suas cores (sejam frutos, pigmentos ou derivados) com os próprios comerciantes fenícios — o que aumenta a credibilidade da hipótese mencionada acima acerca dos motivos por trás da adoção do sistema de escrita fenício por parte dos gregos. Quinn (2018, p. 48) chama a atenção para uma forma análoga já atestada em grego micênico (*i.e.*, Linear B, segundo milênio a.C.), *po-ni-ki-jo*, que significava (ao menos com base no material epigráfico disponível) somente “escarlate” ou “palmeira”, sem referência aos fenícios enquanto povo.

para o que se pretendia veicular oralmente do que um meio definitivo de preservação e transmissão da produção literária¹⁵ (Thomas, 1992, p. 62-3).

2.2.1. A poesia oral nos tempos de Homero

É com a pesquisa revolucionária de Milman Parry e seu aluno Albert Lord nas décadas de 1930 e 1950 sobre os bardos iletrados do sul da Iugoslávia que a nossa percepção sobre os poemas homéricos começa, enfim, a se voltar em direção aos aspectos de oralidade que permeiam a *Iliada* e a *Odisseia* e a (re)examinar a relação desses grandes épicos com suas ocasiões de *performance* e audiências antigas. A teoria de Parry-Lord, como ficou comumente conhecida, surge a partir das observações do usos de epítetos e, conseqüentemente, fórmulas linguísticas na poesia homérica — um sistema complexo que visava economia linguística e praticidade na composição, memorização e transmissão dos milhares de versos que compõem esses poemas e que, por sua vez, também sugeriria a existência de diversos poetas/bardos (*i.e.*, diversos aedos) pertencentes a uma mesma tradição oral, todos compondo histórias interconectadas com base no uso de fórmulas compartilhadas e as transmitindo ao longo de gerações. Tal sistema era o que teria possibilitado a composição e transmissão de poemas desse porte sem o auxílio da escrita, uma vez que o uso de temas, fórmulas e linguagem recorrentes compunha o alicerce sobre o qual os aedos erigiam seus hexâmetros dactílicos. Seguindo essa teoria, com o passar do tempo novos aedos — e novas audiências — adicionariam novos elementos à tradição, elementos esses que poderiam se unir, complementar ou mesmo substituir elementos mais antigos, em um processo de repetição, reciclagem e (re)criação com espaço de sobra para a inovação e criatividade dos envolvidos (Thomas, 1992, p. 29-34).

No entanto, a visão estritamente literária de Homero que predominava até então — que irrevogavelmente enxergava o poeta como o (único) autor dos dois poemas basilares da literatura ocidental — não é por completo suplantada, descartada ou feita obsoleta pelas descobertas de Parry e Lord. Análises literárias com foco na estrutura narrativa dos poemas, na composição no enredo, na construção dos personagens, no uso de argumentos retórico-filosóficos, no desenvolvimento das ideias, por exemplo, não deixam de existir; elas passam,

¹⁵ Embora seja impossível determinar com acurácia o grau de participação da escrita na composição das obras desses poetas arcaicos e sua contribuição a esse processo, Harris ressalta que nada “nos textos de Homero e Hesíodo sugere que a escrita era minimamente importante no cotidiano do mundo” desses poetas (1989, p. 48). A única referência à escrita que pode ser encontrada na poesia épica grega que foi preservada até os dias de hoje se encontra na *Iliada* (6.168: *σήματα λυγρὰ*, “sinais funestos” — sobre uma carta escrita pelo príncipe argivo Preto em uma tabuinha dobrada/fechada) e não retrata um sentimento favorável ou positivo em relação à nova tecnologia.

porém, a dividir espaço na literatura interessada, em especial, na *Iliada* e na *Odisseia* com aqueles agora voltados ao exame de suas características orais, performativas e extratextuais. O uso da escrita na poesia homérica, por outro lado, se torna um tópico a ser discutido e analisado com maior atenção.

2.2.2. A escrita e os poemas homéricos

A premissa dessa visão rigorosamente literária se baseava na ideia de que poemas assim tão extensos só seriam concebíveis por meio do uso da escrita — poderíamos, ainda, extrapolar essa concepção e supor que, caso não houvesse conhecimento de achados arqueológicos que comprovassem o uso do alfabeto grego no período arcaico, a conclusão automática seria a de que a própria existência dos poemas homéricos atestaria o uso da escrita na época. Todavia, com essa virada interna nos estudos clássicos em direção a pesquisas sobre oralidade e *performance*, fez-se necessário reavaliar o grau de participação da escrita na composição dos poemas homéricos. Teriam sido eles, portanto, concebidos de maneira inteiramente oral? Que funções essa nova tecnologia teria assumido no ofício dos aedos dentro de uma tradição oral grega? Sendo a memória um atributo essencial para a preservação e disseminação de cultura em sociedades pré-letradas ou semiletradas, teriam os aedos então estado à altura da tarefa hercúlea de memorizar tais poemas — seja parcial ou inteiramente?

Em resposta à aceção da escola oral-formulaica de que os poetas orais não memorizavam suas obras, mas sim compunham em *performance* segundo as reações da audiência presente e as circunstâncias que permeavam a apresentação, Thomas (1992, p. 36-7) salienta que a abnegação total da memória e da memorização na produção e transmissão da *Iliada* e da *Odisseia* no período arcaico, principalmente por se tratar de uma sociedade ainda predominantemente oral, abre margem para uma polarização entre poesia oral (que se sustentaria na total improvisação e liberdade criativa, em teoria, de cada aedo) e poesia escrita (que seria a única capaz de fomentar reflexões linguísticas extensas e complexas).

Nagy (1996, p. 41), de maneira similar, dispõe seu entendimento sobre o processo de transmissão dos poemas homéricos e sua cristalização em forma escrita no esquema abaixo, dividido em cinco etapas — denominadas por ele como as “Cinco Eras de Homero” —, que se inicia em um período de bastante fluidez (em que os poemas se permitem alterações por aqueles que fazem parte da tradição) e se encaminha em direção a um estágio de maior rigidez textual (quando a autoridade de “uma versão oficial” — posta em escrito — cerceia a possibilidade de modificações e a composição-em-*performance* desses poemas não mais encontra espaço):

1. Um período relativamente mais fluido, sem textos escritos, estendendo-se desde o início do segundo milênio até meados do século VIII no primeiro milênio;
2. Um período mais formativo ou “pan-helênico”, ainda sem textos escritos, de meados do século VIII a meados do século VI;
3. Um período definitivo, centralizado em Atenas, com textos em potencial no sentido de transcrições, de qualquer ou de vários pontos do meio do século VI até o final do século IV;
4. Um período de padronização, do final do século IV a meados do século II; esse período se inicia com a reforma das tradições de *performance* de Homero em Atenas durante o regime de Demétrio de Falero, que durou de 317 a 307 a.C.;
5. Um período relativamente mais rígido, a partir de meados do século II; esse período se inicia com a conclusão do trabalho editorial dos textos homéricos por Aristarco, não muito depois de 150 a.C. (Nagy, 1996, p. 42).

Vale ressaltar, ainda, que esse movimento do oral em direção ao escrito não é meramente influenciado por mudanças linguísticas ou por um desenvolvimento cognitivo, mas se trata muito mais de um fruto de mudanças e escolhas culturais, políticas e/ou econômicas das comunidades envolvidas.¹⁶ A crescente autoridade proveniente da palavra escrita — aliada, nesse caso, à própria autoridade dos poemas homéricos enquanto textos formadores — deve ter sido um dos principais motivos por trás da decisão de pô-los em escrito. Uma vez, portanto, que a introdução do alfabeto no mundo grego não se deu por meio de ações de um estado centralizado ou de um sistema educacional de qualquer tipo, faz-se preciso que levemos em consideração os aspectos históricos, culturais, políticos e econômicos específicos do período (Thomas, 1992, p. 47) — mais precisamente, o segundo estágio de Nagy acima — para que cheguemos a uma conclusão plausível acerca do nível de contribuição da escrita à composição dos poemas homéricos antes do início do seu processo de cristalização, principalmente em meio ao contexto de “um festival pan-helênico como as Panateneias em Atenas, que serviram como cenário formal, estabelecido por lei, de apresentações sazonais recorrentes da *Iliada* e da *Odisseia* homéricas”¹⁷ (Nagy, 1996, p. 42). Podemos concluir (ao menos parcialmente), enfim,

¹⁶ Vide Finkelberg (2006, esp. Parte I), que discorre sobre como é falsa a premissa de que novas tecnologias de comunicação (a escrita, por exemplo) são suficientes para prever todo o escopo de comportamentos culturais de uma sociedade, pois tal abordagem (um tipo de determinismo tecnológico) exclui a possibilidade de escolhas culturais por parte dos membros da sociedade, além de fomentar uma visão hierarquizante entre oralidade e letramento.

¹⁷ A mais antiga fonte que menciona tal lei à qual temos acesso é Lycurg. 1.102 (trad. J. A. Segurado e Campos): “Desejo também recomendar-vos calorosamente a poesia de Homero. De tal modo os vossos pais o consideravam um excelente poeta que legislaram no sentido de, em cada quinquênio, durante as Panateneias, serem recitadas, caso único entre todos os poetas, as suas epopeias, mostrando assim diante de todos os Gregos o apreço em que têm os feitos mais gloriosos” (βούλομαι δ’ ὑμῖν καὶ τὸν Ὅμηρον παρασχέσθαι ἐπαινῶν. οὕτω γὰρ ὑπέλαβον ὑμῶν οἱ πατέρες σπουδαῖον εἶναι ποιητὴν ὥστε νόμον ἔθεντο καθ’ ἐκάστην πεντετηρίδα τῶν Παναθηναίων μόνου τῶν

que o “uso da escrita no período arcaico grego, quando posto em um contexto mais amplo, mais provavelmente replicou a atividade do bardo oral em vez de suprimi-la”, pois a “presença da escrita por si só não necessariamente transforma a tradição oral, muito menos a elimina” (Thomas, 1992, p. 50).

2.2.3. A escrita e os demais gêneros poéticos (poesia monódica, coral, trágica, cômica)

Afora a poesia épica grega, a escrita teve sua parcela de participação e influência em outras manifestações literárias na Grécia do período arcaico (e início do período clássico). A poesia monódica,¹⁸ que abarcava os gêneros poéticos da mélica (ou lírica), da elegia e do jambo, por exemplo, tinha como ocasião de *performance* muito provavelmente eventos privados (ou semipúblicos) da elite aristocrática grega — isto é, o simpósio. O termo *sympósiōn* (συμπόσιον), no entanto, não se limitava somente a banquetes cívicos (eventos formais da elite) — onde se bebia, comia e provavelmente grandes poetas eram até mesmo contratados para compor e apresentar seus poemas —, mas também podia designar comemorações menos organizadas e de cunho mais informal em campanhas militares, por exemplo, com direito a *performances* improvisadas de poemas e canções (Carey, 2009, p. 33-4). Entretanto, uma vez que os principais representantes da poesia monódica grega — como Safo, Alceu, Simônides, Teógnis, Tirteu — datam dos séculos VII e VI a.C. e as fontes a partir das quais temos acesso a esses poemas são muito posteriores, o caráter da transmissão de suas obras, ao longo de todo o período clássico até serem compilados pelos alexandrinos no período helenístico,¹⁹ é digno de nota.

Tal qual da poesia épica, o ápice da poesia monódica se deu em um tempo em que a escrita ainda não havia angariado tanta força, influência e autoridade a ponto de intervir direta e integralmente na composição, transmissão e recepção (até mesmo nos séculos V e IV a.C.) dos poemas dos poetas mencionados. Alusões literárias de poetas arcaicos por parte de autores do período clássico — sejam “citações diretas ou adaptadas, ecos de expressões ou temas ou meras menções a obras e poetas” (Kugelmeier, 1996, p. 3-4 *apud* Vatri, 2017, p. 57) — eram

ἄλλων ποιητῶν ῥαψωδεῖσθαι τὰ ἔπη, ἐπίδειξιν ποιούμενοι πρὸς τοὺς Ἕλληνας ὅτι τὰ κάλλιστα τῶν ἔργων προηροῦντο). Embora Licurgo não faça menção direta, a lei a que ele se refere muito provavelmente data da época do governo dos pisistrátidas (546-10 a.C.). Vide abaixo nesta mesma seção.

¹⁸ Do grego *monōidia* (μονωδία, “ação de cantar só, sem acompanhamento de outras vozes”), em oposição à *chorōidia* (χορωδία), que implicava a participação de um coletivo de vozes cantando (*i.e.*, um coro).

¹⁹ Como parte do desejo dos acadêmicos da Biblioteca de Alexandria de estabelecer uma coleção definitiva do conhecimento escrito da época, a poesia lírica grega foi editada e catalogada no período helenístico. Sabe-se que, por volta do século I a.C., os poemas de nove poetas vieram a ser considerados os melhores do gênero, o que acarretou, assim, a criação de um “cânone” literário cujos autores (*i.e.*, os nove poetas líricos) passaram a ser encarados como modelos a se seguir por novos poetas (Barbantani, 2009, p. 302). Para mais sobre a classificação da poesia lírica grega e a formação desse cânone, vide Harvey (1955) e Hadjimichael (2019, esp. Introd. e cap. 6).

em parte possíveis graças à circulação de livros (*i.e.*, rolos de papiro) e ao ensino formal de música (Swift, 2010, p. 43).²⁰ Esse tipo de acesso, obviamente, se restringia à elite. No entanto, aliada a esses métodos de transmissão e em certa medida imprescindível para sua existência, a própria tradição oral contribuiu imensamente para a preservação desses poemas ao longo dos séculos. Uma vez que boa parte da produção musical da Grécia arcaica era facilmente memorizável (considerando-se a tradição oral já discutida acima), ela também poderia prontamente ser posta em escrito posteriormente também por meio da memória (Ford, 2003, p. 22). Por conseguinte, o ensino musical formal durante o período clássico e *reperformances* desses poemas em ocasiões simpóticas não implicam por si sós a necessidade de textos escritos (Vatri, 2017, p. 58).

A poesia coral, em contrapartida, tinha por ocasião de *performance* tanto eventos privados (*e.g.*, casamentos e funerais) como celebrações e festivais cívicos (Thomas, 1992, p. 119-20). Para além de ter sido preservada de maneira similar aos poemas monódicos, a poesia coral — como por exemplo os *parthéneia* (παρθένεια, “poemas de coros de donzelas”) de Alcman e os *epinikia* (ἐπινίκια, “odes de vitória a atletas” ou “epinícios”) de poetas tais quais Píndaro e Baquilides — também perdurou ativamente ao longo dos séculos V e IV a.C. em outras formas. A partir de 509 a.C., competições de *dithýrambos* (διθύραμβος, poema coral em honra, a princípio, de Dionísio e, posteriormente, de outras divindades em geral, “ditirambos”) passaram a ser realizadas no primeiro dia das Grandes Dionisiacas (Vatri, 2017, p. 58). Paralelamente, a poesia coral também se tornou parte integrante de outros gêneros poéticos, nomeadamente a tragédia, a comédia e os dramas satíricos.²¹

Ademais, tanto os coros de ditirambos como os coros trágicos, cômicos e satíricos nessas competições faziam parte de uma instituição particularmente ateniense: a *leitourgía* (leitourgía, “serviço público”, “liturgia”), em que cidadãos abastados tomavam para si uma função cívica específica para financiarem e administrarem durante o período de um ano²² (Jones; Rhodes, 1999, p. 875). Mais especificamente, ainda, no caso dos coros que se apresentavam nas Grandes Dionisiacas, chamava-se *chorégia* (χορηγία, “função de corego”, “coregia”) a liturgia empreendida pelos cidadãos abastados ao assumirem a função de *chorégos* (χορηγός, “líder, condutor do coro”, “corego”), aquele encarregado de recrutar, treinar e custear

²⁰ Quando ao ensino formal tripartite grego, vide seção 2.3.3 abaixo para uma breve descrição.

²¹ Para uma discussão sobre as possíveis origens da tragédia grega e suas relações com outros gêneros poéticos, como os dramas satíricos e os próprios ditirambos (os quais também eram apresentados nas Grandes Dionisiacas de Atenas), vide Scodel (2011).

²² Antífona (5.77) e Isócrates (19.36) mencionam a prática de liturgias fora de Atenas, mais especificamente nas cidades gregas de Mitilene e Sifnos, respectivamente.

os *koreutai* (χορευταί, “membros do coro”, “aqueles que dançam e cantam em um coro”, “coreutas”), além de cuidar dos seus figurinos (Wilson, 1999, p. 323).

Esses coros (à exceção dos de ditirambo) compunham, por sua vez, outras manifestações poéticas por si sós independentes: a tragédia, a comédia e o drama satírico. Diferentemente de outros gêneros literários em verso até então no mundo grego, a escrita era um elemento intrínseco ao teatro clássico na medida em que as *performances* de peças teatrais implicavam — e implicam até hoje, na maioria dos teatros modernos — não só uma leitura e memorização prévias de textos escritos (*i.e.*, roteiros de *performance*) por parte de atores profissionais, como também limitavam a possibilidade de alterações no texto dramático ao longo de uma dada apresentação.²³ A vida pós-*performance* dessas peças, ainda durante o período clássico, se dava sobretudo por meio de reencenações de peças inteiras (ou de trechos delas) a partir de meados do século IV a.C. — o que acarretou a disseminação de cópias escritas (de *scripts*, neste caso, cujo intuito primário era o de servir como roteiros de *performance* e possibilitar encenações posteriores) de tragédias e comédias do século anterior (Vatri, 2017, p. 59-60). Paralelamente, ainda, a circulação de cópias escritas enquanto escrituras (*i.e.*, no sentido de textos destinados à leitura) já existia na segunda metade do século IV a.c., tal qual atesta Aristóteles.²⁴

2.3. USOS E FUNÇÕES DA ESCRITA A PARTIR DO PERÍODO CLÁSSICO

2.3.1. A escrita e a *pólis* grega

Para além do universo da literatura em verso, a escrita no século VI a.C. começa a ser usada com mais ênfase em espaços públicos e “semipúblicos” da sociedade grega. Harris (1989, p.

²³ Segundo Aristóteles (*Rh.* 1403b18-23 = 3.1.3), os próprios poetas trágicos inicialmente atuavam em suas peças. Posteriormente, creditou-se a Sófocles, devido à sua suposta inaptidão vocal, a quebra da tradição de os poetas também atuarem (*TrGF*, v. 4, Testimonia A, 4.20-3: “[Sófocles] aprendeu a compor tragédias ao lado de Ésquilo. Ele trouxe muitas inovações às competições [trágicas], sendo ele o primeiro a dissolver o papel do poeta em razão da sua voz fraca (pois antigamente o próprio poeta também atuava) e a aumentar o número de coreutas de doze para quinze. Ele também inventou o terceiro ator”, *Παρ’ Αισχύλω δὲ τὴν τραγωδίαν ἔμαθε. καὶ πολλὰ ἐκαινούργησεν ἐν τοῖς ἀγῶσι, πρῶτον μὲν καταλύσας τὴν ὑπόκρισιν τοῦ ποιητοῦ διὰ τὴν ἰδίαν μικροφωνίαν (πάλαι γὰρ καὶ ὁ ποιητὴς ὑπεκρίνετο αὐτός), τοὺς δὲ χορευτὰς ποιήσας ἀντὶ β’ ἰε’· καὶ τὴν τρίτον ὑποκριτὴν ἐξέδρε;* para um comentário sobre essa passagem, vide Tyrell, 2006, p. 114-7). Uma vez que as *performances* das peças ficavam sobretudo nas mãos de outros que não os poetas que as compuseram (mesmo se considerarmos a época em que o poeta de fato subia ao palco), podemos inferir níveis baixos ou mesmo nulos de alterações do texto poético, ao menos alterações similares às que sabemos serem parte integrante de composições-em-*performance* de poemas tais quais os de Homero, por exemplo. Para uma discussão sobre os atores trágicos, vide Csapo & Slater (1994, p. 221-38).

²⁴ Arist. *Poet.* 1462a11-4 (trad. E. de Sousa): “Acresce, ainda, que a tragédia pode atingir a sua finalidade, como a epopeia, sem recorrer a movimentos, pois uma tragédia, só pela leitura, pode revelar todas as suas qualidades. Por conseguinte, se noutros aspectos a tragédia supera a epopeia, não é necessário que este defeito lhe pertença essencialmente” (ἔτι ἡ τραγωδία καὶ ἀνευ κινήσεως ποιεῖ τὸ αὐτῆς, ὥσπερ ἡ ἐποποιία· διὰ γὰρ τοῦ ἀναγινώσκειν φανερὰ ὅποια τίς ἐστιν· εἰ οὖν ἐστὶ τὰ γ’ ἄλλα κρείττων, τοῦτο γε οὐκ ἀναγκαῖον αὐτῇ ὑπάρχειν).

50-2), com base no material epigráfico à disposição, enumera três principais novos usos para o letramento — e, conseqüentemente, para a escrita no mundo grego —: 1) a inscrição e exposição pública de leis e decretos; 2) a cunhagem de moedas com os nomes das *póleis* onde eram fabricadas; e 3) a inclusão de inscrições em cerâmicas de figuras vermelhas atenienses.²⁵ Embora o surgimento desses novos usos para a palavra escrita indique um aumento no nível de letramento entre os gregos — mesmo que ainda consideravelmente pequeno —, o historiador salienta que a publicação de leis e decretos à vista da população, a circulação de moedas com os nomes de cidades e o uso de palavras em pinturas em cerâmicas são por si só evidência suficiente de que havia quem pudesse ler tais textos escritos, mas não de que todos que tinham acesso a eles eram letrados (ou mesmo semiletrados).²⁶

É nesse espaço cívico-político cada vez mais amplo e complexo das cidades-estados gregas que podemos ver com maior detalhe o caráter subordinado e complementar da escrita na Grécia antiga — em especial, a título de exemplificação, na relação entre leis escritas e não-escritas e no uso da escrita na prática do ostracismo — e as proporções que os usos e funções dessa tecnologia ainda razoavelmente nova vinham tomando. Quando as leis das comunidades começaram a ser estabelecidas na forma escrita,²⁷ conferindo-lhes assim um certo grau de autoridade que o texto escrito já começava a carregar consigo, leis orais por sua vez não perderam por completo sua autoridade ou deixaram imediatamente de vigor, uma vez que sua força em meio à sociedade e política gregas (em especial atenienses) se manteve bastante presente ao menos até o final do século V a.C.²⁸ Não há como saber até que ponto e em que medida essas leis escritas que encontramos em inscrições somente reproduziam, adaptavam, otimizavam ou mesmo substituíam ou complementavam as leis não-escritas que já circulavam entre a população e cuja autoridade não dependia do aporte escrito. No entanto, podemos inferir que “a predominância de procedimentos nas leis antigas sugere que a escrita era comumente

²⁵ *Dipinti*; vide seção 2.2.

²⁶ Harris denomina iletrados e semiletrados, na antiguidade greco-romana, aqueles que “por vezes conseguiam fazer uso ou se beneficiar da palavra escrita *por meio de intermediários*”, seja “tendo alguém para escrever ou ler documentos legais e administrativos em seu lugar, pedindo a alguém por perto para ler ou explicar uma inscrição ou ouvindo um discurso ou recitação proferido por alguém que, por sua vez, se baseava em um texto escrito” (1989, p. 33-4, grifos do autor).

²⁷ Dentre os legisladores mais conhecidos do período arcaico estão Zaleuco de Locros (localizada na Magna Grécia, sul da atual Itália), cujas leis remontam a meados do século VII a.C.; Drácon, que estabeleceu as primeiras leis escritas de Atenas no fim do mesmo século; e Sólon, talvez o mais conhecido, que deixou códigos de leis escritos para os atenienses por volta de 600 a.C. (Thomas, 1992, p. 66). Os registros mais antigos de leis escritas em pedra que sobreviveram até nós foram encontrados nos sítios arqueológicos de Dreros e Gortina, na ilha de Creta, datados de *c.* 650-600 e 600-525 a.C., respectivamente (*LSAG* pl. 59, 1a e 2; comentários em p. 309-14).

²⁸ O que assinala ser, ainda, mais um indício de como o processo de transição de uma sociedade predominantemente oral para uma predominantemente letrada (*i.e.*, uma em que os usos e funções da escrita se mostram mais autossuficientes e independentes da fala) não se deu de maneira tão rápida quanto normalmente se presume — ao menos não em relação ao que se pensa do período clássico grego (vide abaixo).

usada para registrar, estabelecer e talvez enobrecer os tipos de normas que não eram majoritariamente aceitas pela comunidade” (Thomas, 1992, p. 68).

A prática do ostracismo, por sua vez, foi inventada (ou adotada) pelos atenienses por volta de 510-508 a.C., em parte como resposta aos governos antidemocráticos de Pisístrato (546-27 a.C.) e de seus filhos Hiparco (527-14 a.C.) e Hípias (527-10 a.C.) nas décadas anteriores e com o intuito de, em meio à complexidade das relações entre os membros da elite política ateniense da época, defender o *dêmos* (*δῆμος*, o povo) de possíveis novas ameaças antidemocráticas (Harris, 1989, p. 53; Tridimas, 2016, p. 145). O uso de inscrições públicas por parte dos pisistrátidas, em especial Hiparco, como monumentos de propaganda política na segunda metade do século VI a.C. nos sugere a pré-existência de cidadãos áticos capazes de lê-las e, conseqüentemente, de um aumento no nível de letramento da população (Harris, 1989, p. 52-3).²⁹ Paralelamente, a prática do ostracismo em Atenas corrobora a ideia de um *crescendo* no ensino das letras (*i.e.*, em escolas de nível básico e educação formal) nas décadas seguintes.

O processo ateniense funcionava da seguinte maneira: a cada ano, em uma reunião extraordinária da Assembleia, os atenienses tinham a oportunidade de decidir, por meio do voto, se havia necessidade ou um desejo de realizarem uma votação para ostracizar algum membro da comunidade. Caso o resultado fosse positivo, algo semelhante a uma “eleição” ocorria em seguida na ágora: depositavam-se em uma urna *óstraka* (*ὄστρακα*, cacos de terracota) inscritos com o nome do cidadão que se pretendia ostracizar e o “vencedor”, por sua vez, era exilado pelo período de dez anos (Ober, 2008, p. 160).³⁰ Uma vez que eram necessários ao menos seis mil votos para se chegar a esse resultado, tal prática foi encarada como prova para a existência de um alto número de gregos letrados no início do período clássico. Entretanto, esse uso

²⁹ Harris chama a atenção para o fato de Hiparco, segundo o diálogo homônimo atribuído a Platão (porém considerado pela maioria dos estudiosos como espúrio), ter se empenhado em promover a educação (*i.e.*, o letramento) da população ática — a começar pela urbana e em seguida a rural — ao convidar poetas como Anacreonte de Teos e Simônides de Ceos para a cidade de Atenas. Segundo o texto, “ele fez tudo isso com o desejo de educar os cidadãos, a fim de que ele governasse à frente de súditos de maior excelência” (*ταῦτα δ’ ἐποίησεν βουλόμενος παιδεύειν τοὺς πολίτας, ἵν’ ὡς βελτίστων ὄντων αὐτῶν ἄρχοι*, Pl. *Hipparch.* 228c). No entanto, mais importante do que essa inclinação à disseminação das letras e a uma educação moral da população — que não pode ser encarada como uma tentativa de “letramento em massa”, uma vez que claramente tal educação não se estendia às camadas mais baixas da população — é, em verdade, o fato de que Hiparco sabia haver nos *dêmoi* (*δῆμοι*, tribos) da Ática homens letrados ou semiletrados (homens estes com tempo e dinheiro suficientes para viajar a Atenas e participar ativamente da vida política da cidade) para que suas mensagens tivessem o efeito político pretendido. No mais, é “razoável supor que as inscrições, de tom paternalista e ubíquas, eram um sinal concreto do poder do tirano” (Harris, 1989, p. 53).

³⁰ Ober, ainda, desdobra as implicações do jogo político intrínseco à prática do ostracismo e as intenções da elite democrática ateniense por trás do desejo de se exilar determinada pessoa e, conseqüentemente, desfilia-la da vida política de Atenas. Segundo o autor, “[u]ma vez tomada a decisão de realizar um ostracismo, cada cidadão decidia contra quem votar com base em qualquer conhecimento que tivesse ou procurasse obter. Essas características sugerem que a instituição foi projetada para focar a atenção dos eleitores em um cálculo de ganhos e perdas públicos esperados, em vez de focarem em justiça ou retribuição pelas ações passadas de um malfeitor” (Ober, 2008, p. 160-1).

específico da escrita “está de fato longe de ser evidência de uma maioria letrada” na região da Ática no século V a.C., visto que “não era comum ou necessário escrever mais do que somente o nome do candidato” a exílio para que o voto fosse válido³¹ (Harris, 1989, p. 54). Aliada à evidência das propagandas políticas de Hiparco no fim do século anterior e aos primeiros relatos de escolas e educação formal na Grécia, o que podemos inferir com base na prática de ostracismo em Atenas a partir da década de 480 a.C.,³² no entanto, é um crescimento gradual do número de homens ao menos semiletrados (Harris, 1989, p. 54-5).³³

Adentrando mais ainda o período clássico grego (séculos V e IV a.C.) — o período histórico, portanto, no qual se inserem os objetos de estudo principais desta dissertação —, tal relação entre a palavra e a escrita se torna mais imbricada, complexa e difícil de ser percebida separadamente, em especial no que tange à coexistência entre a oralidade e a escrita em um mesmo processo ou atividade em que a palavra escrita se mostra presente em diferentes graus de participação. Em suma, podemos dizer que a escrita trouxe consigo meios de facilitar e potencializar tarefas — tanto cívicas e políticas quanto literárias e religiosas — que anteriormente eram inteira ou quase totalmente conduzidas por meio da palavra falada e da memória (*e.g.*, o trabalho dos “recordadores”, poesia); que, à medida que as cidades-estados gregas cresciam e suas formas de governo se tornavam mais complexas, passaram pouco a pouco a ter a escrita ao seu lado enquanto ferramenta de auxílio (*e.g.*, contratos, testemunhos); e que, contrariamente à imagem de uma sociedade grega altamente letrada no período clássico que advém da quantidade substancial de textos escritos datados dos séculos V e IV a.C. que nos foram legados, não deixaram de ser por completo realizadas de maneira oral e cuja oralidade inerente não só se manteve intimamente atrelada ao seu funcionamento — em maior ou menor medida, a depender do gênero textual —, como também influenciou a maneira como seus eventuais textos escritos eram compostos, transmitidos e recebidos na antiguidade (*e.g.*, textos historiográficos e filosóficos, discursos deliberativos, judiciais e demonstrativos). Ademais, esse aumento dos usos e funções da escrita no período clássico tornou necessário o

³¹ Além disso, temos evidência de “produções em massa” de *ostraka* (Broneer, 1938, p. 232-2) — isto é, alguns cidadãos teriam escrito os nomes de candidatos a exílio em diversos cacos de terracota e os distribuído àqueles que já pretendiam votar naquela mesma pessoa ou que ainda não tivessem se decidido, seja a título de conveniência ou mesmo de coerção, mas não necessariamente porque a maioria dos envolvidos na vida política ateniense eram iletrados. Quanto ao grau de instrução e envolvimento dos membros do júri na política ateniense, vide Harris (1976, p. 70, 74, 105).

³² Período no qual temos o primeiro caso bem-sucedido de exílio por meio da prática de ostracismo, quando Hiparco, filho de Carmo, do demo de Colito e parente de Pisístrato, se tornou o primeiro cidadão ateniense a ser ostracizado (*καὶ πρῶτος ὠστρακίσθη τῶν ἐκείνου συγγενῶν Ἰππαρχος Χάρμου Κολλυτεύς*, Arist. *Ath. Pol.* 22.4).

³³ Para uma descrição mais pormenorizada dos procedimentos legais que envolviam a prática de ostracismo em Atenas, além das decorrências do seu uso ao longo do século V a.C., vide Forsdyke (2005) e Ober (2008, p. 160-7; 2015, cap. 7).

desenvolvimento e aperfeiçoamento do “sistema” educacional grego e, por sua vez, só pôde se ampliar como tal devido a ele.

Os chamados “recordadores”, por exemplo (*mnēmōnes*: oficiais do governo responsáveis pelos registros escritos e não-escritos da cidade), inicialmente de fato dependiam inteiramente de sua memória — e, conseqüentemente, da autoridade que provinha dela — para efetuarem seu trabalho, mas já na época de Aristóteles não passavam de arquivistas encarregados somente de registros escritos³⁴ (Thomas, 1992, p. 69; Harris, 1989, p. 74). Grande expoente poético no período clássico, o drama ateniense, por sua vez, se contrapunha aos gêneros literários que o antecederam (*i.e.*, épica, lírica e elegia) principalmente no caráter de sua relação com a escrita e na pluralidade de vozes possibilitada por ela, dado que as grandes tragédias de Ésquilo, Sófocles e Eurípidas, além das comédias de Aristófanes, por exemplo, se alicerçavam em textos cuja escrita antecipada era imprescindível e parte integrante de sua natureza poética.³⁵

No que tange aos usos administrativos e legais da escrita, é a partir do século IV a.C. que temos os primeiros exemplos de contratos (*syngraphai*, Isoc. 17.20, Xen. *Eq.* 2.2) e acordos escritos³⁶ (*symbolaia*, Isoc. 13.6) entre indivíduos, em especial no que concerne a empréstimos comerciais e arrendamentos de grande escala (Harris, 1989, p. 68-9). Infere-se, portanto, que, antes de a escrita ganhar espaço entre esses tipos de transações interpessoais, a memória e a palavra falada (das partes envolvidas e de suas testemunhas) impunham por si só autoridade suficiente sobre o processo. Como temos visto em diversas outras instâncias até então, o uso da escrita em contratos não dispensou automaticamente a necessidade de seus elementos não-escritos. É somente na década de 320 a.C. que vemos as partes escritas de contratos funcionando pela primeira vez de maneira autônoma — ou seja, sem o apoio ou a validação de testemunhas (Hyp. 3; Thomas, 1989, p. 41). No que toca a processos legais, sabemos a partir de Demóstenes que os oradores eram obrigados por lei a apresentarem provas de forma escrita (incluindo

³⁴ Arist. *Pol.* 6.1321b 34-40 (trad. A. C. Amaral & C. Gomes): “Outro cargo é o dos magistrados que têm de registrar os contratos privados e as decisões dos tribunais, assim como dar provimento aos processos judiciais e aos procedimentos de primeira instância. Em certos lugares, apesar de haver um magistrado supremo, esta magistratura também se divide por várias funções; esses funcionários recebem o nome de notários sagrados, superintendentes, e conservadores, ou outras designações próximas” (*ἑτέρα δ’ ἀρχὴ πρὸς ἣν ἀναγράφονται δεῖ τὰ τε ἴδια συμβόλαια καὶ τὰς κρίσεις τὰς ἐκ τῶν δικαστηρίων: παρὰ δὲ τοῖς αὐτοῖς τούτοις καὶ τὰς γραφὰς τῶν δικῶν γίνεσθαι δεῖ καὶ τὰς εἰσαγωγὰς. ἐνιαχοῦ μὲν οὖν μερίζουσι καὶ ταύτην εἰς πλείους, ἔστι δ’ οὗ μία κυρία τούτων πάντων: καλοῦνται δὲ ἱερομνήμονες καὶ ἐπιστάται καὶ μνήμονες καὶ τούτοις ἄλλα ὀνόματα σύνεγγυς).*

³⁵ Cf. composição-em-performance acima. Vide seção 2.2.3 para mais detalhes sobre a relação entre o drama ateniense e a escrita.

³⁶ Harris (1989, p. 60 e n. 71) chama a atenção para uma inscrição achada na ilha de Creta, datada de c. 500 a.C., em que se menciona um contrato entre uma cidade não-identificada e um homem chamado Espensítio, nomeando-o escriba público e arquivista da cidade (vide Jeffery; Mörpurgo-Davies, 1970).

testemunhos), “a fim de que não fosse permitido retirar nada do que fora escrito ou lhe acrescentar algo” (*ἵνα μήτ' ἀφελεῖν ἐξῆι μήτε προσθεῖναι τοῖς γεγραμμένοις μηδέν*, [Dem.] 45.44). Tais testemunhos, ainda, na hora de serem lidos em voz alta por um secretário durante a enunciação oral do discurso ante o tribunal, eram acompanhados pela anuência da própria testemunha, que se encontrava presente (Harris, 1989, p. 72; [Dem.] 46.6).

2.3.2. A escrita e a produção de textos áticos em prosa

2.3.2.1. *Historiografia*

A presença indissociável das palavras falada e escrita também pode ser vista nos escritos em prosa dos grandes representantes da historiografia (Heródoto e Tucídides), da sofística (Antifonte e Górgias) e da filosofia (Platão e Aristóteles) do período clássico ateniense. Alusões a leituras públicas das *Histórias* pelo próprio Heródoto, não só em Atenas como também em outras regiões gregas, são encontradas em várias fontes antigas (porém, em sua maioria, bem mais tardias).³⁷ Heródoto também é caracterizado como um escritor “oral”, com base em seu estilo de escrita e a presença de elementos considerados “arcaicos” — devido à predominância de tais elementos em textos (poéticos, em especial) mais antigos —, como por exemplo a chamada “composição anelar”, encontrada facilmente nos grandes épicos homéricos. Tal discussão, no entanto, não é o foco da presente pesquisa, em especial pelo fato de que

[a] busca por um estilo oral desvia a atenção de outras características: por exemplo, a natureza da própria *performance* (que é muito difícil de determinar, mas, como trabalhos recentes mostram, extremamente importante); o caráter e o papel do público; a relação do texto escrito com a versão interpretada; o contexto social e político (Thomas, 1992, p. 102).

³⁷ Momigliano (1978, p. 196-8) faz um apanhado das fontes históricas que mencionam Heródoto empreendendo leituras públicas de suas *Histórias* e que aludem ao caráter oral/aural de seus escritos, mas que, no entanto, não encontram respaldo no texto do próprio Heródoto. Thomas (1992, p. 4, grifos nossos) interpreta a mais famosa passagem sobre essa discussão (Luc. *Her.* 1-2) do ponto de vista do argumento pelo silêncio: “No século II d.C., o sofista e filósofo Luciano podia não dar importância, mesmo naquela época erudita, ao fato de que obviamente Heródoto havia recitado suas *Histórias* para grandes audiências em Olímpia — em vez de separadamente em lugares diferentes — simplesmente porque isso era a maneira mais rápida e econômica de divulgar seu trabalho”, uma vez que a “transmissão oral pública ainda era comum no século II d.C. e sua prevalência em épocas anteriores era considerada óbvia. Em outras palavras, havendo ou não texto escrito, predominava a transmissão oral, a *performance* e o discurso. As divisões foram desenhadas em linhas muito diferentes das nossas.”

Esse desejo por procurar características intrinsecamente “orais” em textos gregos e quantificá-las, com o intuito de se montar um “quadro evolutivo” cujo objetivo final é comprovar uma racionalidade, uma superioridade ou uma complexidade lógico-argumentativa que só pôde ser encontrada, alcançada ou conquistada por meio do uso da escrita, tende a ignorar a importância de demonstrações orais públicas de textos literários, religiosos, políticos, filosóficos, historiográficos etc. Nessa linha argumentativa que compartimentaliza Heródoto como um escritor “oral”, por exemplo, Tucídides é usado de contraponto: um sucessor que, com sua *História da Guerra do Peloponeso*, se diferencia de Heródoto por meio de seu estilo de escrita que se afasta da antiga tradição oral e se encaminha em direção a uma exclusivamente escrita.³⁸ Aqueles especialmente interessados por essa linha argumentativa se apoiam na percepção, já presente na própria antiguidade, da densidade e da dificuldade do estilo de Tucídides, mas que, ao mesmo tempo, desconsideram que seu complexo estilo antitético em grande parte se assemelha àquele encontrado nos textos de alguns contemporâneos atenienses seus, como Antifonte e Górgias — dois sofistas bastante conhecidos por suas recitações (*i.e., performances*) públicas³⁹ (Thomas, 1992, p. 104). Talvez suas audiências originais “tenham perdido certas sutilezas apenas apreciáveis na página escrita, mas as evidências indicam que o público antigo estava mais adaptado a ouvir atentamente textos complexos em prosa (ou em verso) do que nós” (p. 107).

2.3.2.2. *Filosofia*

Até o fim do século VI a.C., o poeta era visto como o indivíduo que representava tanto o sábio quanto o filósofo, e quase tudo o que se considerava digno e importante o suficiente para ser difundido e preservado ainda era necessariamente posto em verso — como, por exemplo, a produção filosófica de alguns pré-socráticos, tais quais Parmênides de Eleia e Empédocles de Agrigento (Thomas, 1992, p. 113). Para aqueles cujo intuito fosse o de imortalizar suas produções linguísticas (sejam esses textos de cunho poético, filosófico, técnico, medicinal etc.),

³⁸ Cf. Rocha (2012), que mostra como a domesticação de textos estrangeiros por meio da tradução — em sua análise, em especial, dos textos de Heródoto e Tucídides — pode não só ter grande influência sobre como o leitor do texto de chegada encara a relação desses autores com a escrita no século V a.C., como também fortalecer teorias e abordagens evolucionistas no que concerne à oralidade e à escrita (*e.g.*, Havelock, 1963, 1982; Ong, 1982, 1986).

³⁹ Cf. Vatri (2017), que desenvolve uma metodologia respaldada por teorias linguísticas modernas (em especial da psicolinguística) a fim de avaliar o possível grau de dificuldade dos falantes nativos de grego antigo no processamento linguístico de textos em prosa — desde discursos proferidos em público (em que o processamento precisa ser imediato) a textos recitados em simpósios ou lidos em voz alta para grupos pequenos (em que os participantes poderiam ter mais liberdade de ir e voltar no texto, ou fazer interrupções e esclarecer dúvidas, para um melhor processamento linguístico).

concedendo-lhes assim fama e glória suficientes para possibilitarem sua disseminação e preservação pelo mundo grego, o método mais eficiente para atingir esse objetivo na época ainda era por meio do ritmo, da memória e da tradição oral — ou seja, por meio da poesia oral (Thomas, 1992, p. 114).

Concomitantemente, no entanto, outros filósofos pré-socráticos, como Anaximandro de Mileto e Heráclito de Éfeso, conceberam seus escritos filosóficos não em verso, mas sim em prosa. Sabemos que seus textos, embora tenham se perdido no tempo, chegaram a circular pelo mundo grego em algum grau, a ponto de seus nomes e suas ideias ecoarem até os dias de hoje,⁴⁰ como podemos inferir a partir de referências em autores posteriores⁴¹ (Vatri, 2017, p. 62-4). No caso mais específico de Anaximandro, Vatri ressalta que seria de um certo anacronismo, ainda, afirmar que a “decisão” do filósofo em escrever seu tratado *Peri phýseōs* (*Περὶ φύσεως*, “Sobre a natureza”) em prosa tenha sido motivada por um desejo primário de difundir seu pensamento sobre o assunto com maior facilidade. Devido à sua filiação com Tales de Mileto (que aparentemente não deixou nenhum escrito) e sua inclinação para o ensino da geometria e geografia, seu tratado muito provavelmente foi concebido enquanto material didático para ser usado como um recurso mnemônico do professor. Tal afirmação, vale ressaltar, “não significa que esse texto fosse mal-acabado e desprovido de adornos. Em princípio, ‘anotações de aula’ podiam preservar, e provavelmente de fato preservavam, fragmentos estilisticamente revisados e bem elaborados do texto preparado” (Vatri, 2017, p. 62).

Já do lado da filosofia do século IV a.C., Platão e Aristóteles legaram à posteridade um grande acervo de textos escritos. Neles encontramos com maior facilidade passagens autorreferenciais em que os autores discutem ou expõem suas opiniões sobre a relação das palavras falada e escrita à sua época, além de como seus textos se encaixavam em meio à cultura letrada ateniense.

⁴⁰ Kahn (2003, p. 145) atribui a Anaximandro a criação de um novo gênero filosófico — o dos tratados *Peri phýseōs* (*Περὶ φύσεως*, “Sobre a natureza”) —, que pode ser encarado como o equivalente em prosa da poesia hexâmetra sobre a natureza das coisas e cujo sucesso pode ser constatado na replicação do título em obras de outros pré-socráticos, como Anaximenes de Mileto, Anaxágoras de Clazômena, Diógenes de Apolônia e Filolau de Crotona. O autor também especula (p. 150-3) que a preferência de Anaximandro pela prosa adveio da influência dos autores jônicos que já escreviam tratados técnicos em prosa — tratados esses sobre geografia, medicina, arquitetura etc. que, segundo o autor, deveriam de alguma maneira circular na região na forma de escrituras e já evidenciavam um movimento de substituição de produções linguísticas não-ficcionais em verso pela escrita em prosa. Finkelberg (2006, p. 294), em contrapartida, nota que “essa teoria falha em explicar por que, muito depois do surgimento da escrita em prosa, composições filosóficas, históricas, astronômicas, geográficas e outras não ficcionais produzidas em verso ainda constituíam parte integrante da cena literária grega e romana”.

⁴¹ A título de exemplificação, alguns autores que mencionam ou aludem a Anaximandro e Heráclito no período clássico são Xenofonte (*Symp.* 3.6), Platão (*Lg.* 7.811a; *Resp.* 4.439b) e Aristóteles (*Metaph.* 1.984a, 988a). Dentre aqueles que escreveram a partir do período Helenístico em diante, temos Políbio (4.40), Estrabão (1.1.1, 14.1.7) e Diógenes Laércio (1.13, 23, 25).

Platão, por meio de Sócrates em seu diálogo *Fedro* (274c-277a), declara que a escrita enfraquece a memória, pois é como uma droga que faz esquecer em vez de lembrar.⁴² Na *Sétima Carta* (Pl. *Ep.* 7), Platão (no caso de o texto ser autêntico) também teria discorrido sobre “as limitações da escrita como veículo para expressar o mais alto conhecimento” (Finkelberg, 2006, p. 295). As invectivas do filósofo contra a escrita, embora elitistas por si só, nada têm a ver com a escrita enquanto uma tecnologia ou instrumento. A ironia da parte do filósofo de, ao mesmo tempo em que produz tanto material escrito, condenar a escrita enquanto um meio de ensino e aprendizado é explicada quando encaramos tais passagens como um ataque à cultura de massa e à facilitação de acesso, por parte de possíveis camadas mais baixas da sociedade grega, aos ensinamentos não só de Platão, como também de outras autoridades do pensamento que pertenciam à elite democrática ateniense. Tal interpretação enfraquece o princípio do determinismo tecnológico no que tange ao desenvolvimento da escrita no mundo grego,⁴³ pois o propósito de Platão em rebaixar o valor da escrita visava controlar a transmissão de conhecimentos mais elevados e confiná-lo à elite de que ele e seus alunos faziam parte (p. 296).

Aristóteles, por outro lado, disserta mais detalhadamente sobre os usos e funções para a escrita no século IV a.C., a partir dos quais podemos ter um vislumbre do espaço (ainda complementar e auxiliar) conquistado pela escrita. O filósofo — em um contraponto à inclusão da música na educação formal do cidadão, que era útil enquanto um passatempo em períodos de ócio (*τὴν ἐν τῇ σχολῇ διαγωγὴν*, *Pol.* 8.1338a22) —, determina quatro utilidades

⁴² Ecoando as palavras do deus Tote a Tamuz (ou Ámon), que lhe viera contar sobre suas invenções (uma delas sendo a escrita), Sócrates (*Phdr.* 275a-275b, trad. P. Gomes) diz que a escrita “tornará os homens mais esquecidos, pois que, sabendo escrever, deixarão de exercitar a memória, confiando apenas nas escrituras, e só se lembrarão de um assunto por força de motivos exteriores, por meio de sinais, e não dos assuntos em si mesmos. Por isso, não inventaste um remédio para a memória, mas sim para a rememoração. Quanto à transmissão de ensino, transmites aos teus alunos, não a sabedoria em si mesma mas apenas uma aparência de sabedoria, pois passarão a receber uma grande soma de informações sem a respectiva educação! Não-de parecer homens de saber, embora não passem de ignorantes em muitas matérias e tornar-se-ão, por consequência, sábios imaginários, em vez de sábios verdadeiros!” (*τοῦτο γὰρ τῶν μαθόντων λήθην μὲν ἐν ψυχαῖς παρέξει μνήμης ἀμελετησία, ἅτε διὰ πίστιν γραφῆς ἔξωθεν ὑπ’ ἀλλοτρίων τύπων, οὐκ ἔνδοθεν αὐτοῦς ὑφ’ αὐτῶν ἀναμιμνησκομένους: οὐκ οὖν μνήμης ἀλλὰ ὑπομνήσεως φάρμακον ἦρτες. σοφίας δὲ τοῖς μαθηταῖς δόξαν, οὐκ ἀλήθειαν πορίζεις: πολυήκοοι γὰρ σοι γενόμενοι ἄνευ διδαχῆς πολυγνώμονες εἶναι δόξουσιν, ἀγνώμονες ὡς ἐπὶ τὸ πλῆθος ὄντες, καὶ χαλεποὶ συνεῖναι, δοξόσοφοι γεγονότες ἀντὶ σοφῶν*). Cf. *Caes. BGall.* 6.14.3-4 (trad. F. S. dos Reis): “É fama que aprendem aí grande número de versos (e alguns há que gastam vinte anos neste estudo); mas não se permite escrevê-los, sendo que em tudo mais, ou se trate de negócio público, ou particular, usam caracteres gregos. Parece-me que assim o instituíram por duas razões: primeira, evitarem que a sua doutrina se espalhe pelo vulgo; segunda, não deixarem os que aprendem, de cultivar a memória, fiados nos escritos; pois acontece ordinariamente, que com o socorro destes omitem muitos o cuidado de decorar, e o cultivo da memória” (*Magnum ibi numerum versuum ediscere dicuntur. Itaque annos nonnulli vicenos in disciplina permanent. Neque fas esse existimant ea litteris mandare, cum in reliquis fere rebus, publicis privatisque rationibus Graecis litteris utantur. Id mihi duabus de causis instituisse videntur, quod neque in vulgum disciplinam efferrī velint neque eos, qui discunt, litteris confisos minus memoriae studere: quod fere plerisque accidit, ut praesidio litterarum diligentiam in perdiscendo ac memoriam remittant*).

⁴³ Vide n. 16 acima.

para a escrita: comércio, economia doméstica, educação e atividades cívicas.⁴⁴ Na *Retórica*, ainda, Aristóteles diferencia a maneira de falar entre aqueles com ou sem instrução, sugerindo que a maneira adequada de se expressar verbalmente é um produto do letramento.⁴⁵ Novamente, o foco nessas quatro categorias realça uma inclinação também do discípulo de Platão em direção aos usos e funções da escrita exclusivamente no que toca à população mais abastada de Atenas.

2.3.2.3. Oratória

No que tange à oratória clássica grega, a escrita se mostra um elemento crucial ao seu funcionamento em um nível institucional. Embora a cultura altamente competitiva em Atenas prezasse o treinamento na arte retórica de se expressar oralmente com excelência e incentivasse aqueles interessados em adentrar a vida política da cidade a buscarem o aprendizado de oratória, o volume de discursos escritos que sobreviveram até nós por si só já atesta o grau de participação da escrita nesse campo. A própria profissão de logógrafo — *logógraphos*, *lit.* “escritor de discursos” ou “escritor de prosa”, sendo Demóstenes um dos maiores nomes — indica uma demanda pela elaboração de discursos (principalmente jurídicos) da parte de cidadãos menos instruídos em oratória.

Apesar da demanda, a prática era encarada com maus olhos e comumente associada à falta de honestidade e transparência. O sofista e retórico Alcidas adverte, por exemplo, que aqueles oradores ou logógrafos que escrevessem seus discursos previamente haviam de imitar o estilo de oradores extemporâneos, com o intuito de evitar que fossem acusados de tê-los escrito de antemão e a fim de primar pela sinceridade de suas falas (*Soph.* 12-13). Aristóteles, mais tarde, versa sobre a expressão linguística adequada a cada gênero (*Rh.* 1413b3-1414a18 = 3.12.1-5): segundo o filósofo, o estilo escrito (*léxis graphiké*) é próprio de textos destinados à leitura (*anágnōsis*; discursos demonstrativos, tais qual *Sobre o amor*, por exemplo), ao passo que o estilo de debate (*léxis agōnistiké*) melhor se alinha àqueles idealizados para a enunciação em público (*hypókrisis*; ou seja, discursos judiciais, como por exemplo *Contra Andrócio*, e deliberativos). Essas considerações implicam ainda outros

⁴⁴ Arist. *Pol.* 8.1338a15-7: “assim como a leitura e a escrita [são úteis] em relação ao comércio, à economia doméstica, à educação e a diversas atividades cívicas” (*ὥσπερ τὰ γράμματα πρὸς χρηματισμὸν καὶ πρὸς οἰκονομίαν καὶ πρὸς μάθησιν καὶ πρὸς πολιτικὰς πράξεις πολλάς*). Similarmente, alguns anos antes, Xenofonte (*Oec.* 9.10) versava sobre a utilidade da leitura e da escrita ao nível da administração domiciliar, no uso de listas entre o proprietário do lar e sua esposa — o que nos indica um nível de letramento ao menos suficiente para tal atividade entre dois membros, importante ressaltar, da elite ateniense da época (Harris, 1989, p. 67).

⁴⁵ Arist. *Rh.* 1408a31-2 (= 3.7.7): “Pois um rústico e um instruído não falariam nem a mesma coisa nem da mesma maneira.” (*οὐ γὰρ ταῦτα οὐδ’ ὡσαύτως ἄγροικὸς ἂν καὶ πεπαιδευμένος εἴπειεν*).

questionamentos, tal como o processo pelo qual passaram os dois discursos desde sua gênese até sua cristalização em forma de texto. Enquanto, por um lado, discursos judiciais eram concebidos como roteiros a serem memorizados e representados — de certo modo mimetizando uma linguagem menos “precisa” (*akribés*), característica essa atribuída especialmente à escrita, segundo Aristóteles —, discursos demonstrativos, por outro, não carregavam consigo a negatividade de uma linguagem mais “precisa”, justamente por serem destinados à leitura.⁴⁶

2.3.3. A escrita e a *paideía* grega

Tanto Platão e Aristóteles — em seus comentários sobre os papéis da escrita no século IV a.C. e suas implicações na vida da elite de Atenas —, assim como o próprio ensino e prática da oratória ao meio à sociedade ateniense altamente competitiva (em especial na vida política da *pólis*), trazem à tona uma discussão sobre a educação formal (*paideía*) e, conseqüentemente, os possíveis níveis de letramento da população grega.

O que nos interessa em específico nessa educação formal que gradativamente vemos tomar forma na Grécia, sobretudo ao longo do século V a.C., é justamente como e em que medida as *grámmata* (*γράμματα*, “as letras”, no sentido de “instrução em leitura e escrita”) adentram esse espaço e se tornam cada vez mais essenciais ao ensino da elite grega — até então, nem a *mousiké* (*μουσική*, a educação musical) nem a *gymnastiké* (*γυμναστική*, a educação física), requeriam algum nível de letramento para serem acessadas — que passamos a ter indícios da existência de escolas de nível básico e da circulação de livros, respectivamente, nas primeiras e últimas décadas do século V a.C. (Harris, 1989, p. 57; Knox, 1985, p. 10).

De maneira análoga, a popularização da democracia pelo mundo grego também serviu de estimulante para o crescimento dos níveis de letramento no período clássico (Morgan, 1999, p. 53) — embora não porque a propagação do ensino das letras era vista como um movimento democrático a fim de se alcançar isonomia entre os membros da sociedade, mas sim porque o poder e a influência das *póleis* democráticas nos séculos V e IV a.C., em especial de Atenas, e a expansão dos usos e funções da escrita nos meios político e cívico das cidades-estados solicitavam uma educação cada vez mais aprofundada e voltada ao ensino das letras. Em contrapartida, ainda, a escrita se torna um instrumento de grande importância para a disseminação de pensamentos políticos antidemocráticos — isto é, pensamentos políticos que

⁴⁶ Por se tratar do foco principal desta dissertação, o processo de composição, transmissão e recepção de discursos clássicos atenienses — além de sua relação com oralidade, *performance* e escrita — é discutido mais detalhadamente no cap. 4 abaixo.

tinham suas raízes em preceitos e regimes aristocráticos do passado grego recente (Pownall, 2006, p. 235).

Quanto à dimensão política a que a escrita se vinculava no período clássico, Pownall (2006, p. 236-7) argumenta que, ao mesmo tempo que os ensinamentos morais tradicionais (*i.e.*, aristocráticos) dos poetas de outrora eram questionados e atacados pelos sofistas e filósofos da *pólis* democrática — sendo a *República* o exemplo mais contundente —, o próprio regime democrático se apropriava desses mesmos preceitos aristocráticos e os adaptava às necessidades atuais da *pólis* com o intuito de 1) suprir o desejo por novos modelos de condutas morais e exemplos de virtudes e, conseqüentemente, 2) educar os futuros líderes políticos da cidade.

De um lado, tanto Platão (*Lg.* 7.804c-e) como Aristóteles (*Pol.* 8.1338a33-4) sugerem modelos para uma educação universal e compulsória — modelos esses, entretanto, por demais idealizados e sem planos bem delineados para uma aplicação eficaz (Harris, 1989, p. 100-1). De outro, Isócrates e Xenofonte se utilizam de um rei espartano (*Isoc.* 9) e de um déspota persa (*Xen. Ages.*) como arquétipos de governantes sobre os quais elaboram seus próprios paradigmas de conduta moral para um líder (democrático) ideal, com base em definições próprias das virtudes por eles consideradas necessárias, a fim de fornecer motivos práticos para seus alunos (aspirantes a líderes políticos) seguirem tais preceitos (Pownall, 2006, p. 238-45). Em um nível elementar, ainda, Isócrates alega que, “depois de se empenharem bastante com gramática, música e o restante da educação, elas [*i.e.*, as crianças] ainda não fizeram nenhum progresso em falar melhor ou em deliberar sobre assuntos públicos, embora tenham se tornado mais bem preparadas para aprender assuntos mais elevados e mais sérios”⁴⁷ — em outras palavras: que ser treinado desde à infância para ser capaz de ler textos literários e de escrever é útil para o futuro estudo de oratória, disciplina essa por sua vez essencial à formação de um político.

Tanto essas declarações consideravelmente irônicas e contraditórias em se tratando de uma sociedade ainda predominantemente oral como a da Grécia do período clássico — de que para *falar* bem se faz necessário saber *ler* e *escrever* bem — quanto a própria ironia dos ataques supramencionados de Platão ao uso da escrita na educação são melhores compreendidas quando notamos que as críticas e objeções ao gradativo aumento do papel da escrita enquanto mediador cultural e educacional têm suas origens em intelectuais e aristocratas (Morgan, 1999, p. 56). Essas discussões estão todas presentes em obras que tratam de teoria política, e nelas

⁴⁷ *Isoc.* 15.267: *καὶ γὰρ ἐκείνων οἱ περὶ τὴν γραμματικὴν καὶ τὴν μουσικὴν καὶ τὴν ἄλλην παιδείαν διαπονηθέντες πρὸς μὲν τὸ βέλτιον εἰπεῖν ἢ βουλευσασθαι περὶ τῶν πραγμάτων οὐδεμίαν πῶ λαμβάνουσιν ἐπίδοσιν, αὐτοὶ δ' αὐτῶν εὐμαθέστεροι γίνονται πρὸς τὰ μείζω καὶ σπουδαιότερα τῶν μαθημάτων.*

a educação é apresentada como uma preparação para a vida política e as disciplinas colocadas no topo da escada educacional são sempre as mais importantes para a liderança política: a filosofia no caso de Platão e Aristóteles, a retórica no de Isócrates. O valor relativo das diferentes disciplinas educacionais está, portanto, condicionado à pessoa que as aprende e à sua posição social. Em todos esses autores, a cultura literária é rebaixada em relação a outras disciplinas, fazendo com que as outras disciplinas pareçam superiores, mais difíceis de alcançar e acessíveis a menos discípulos (Morgan, 1999, p. 57).

Enquanto um mecanismo de regulação social, tal estratégia retórica e política tem por objetivo principal estipular que a educação (*i.e.*, o letramento, o aprendizado da leitura e da escrita) proporciona as ferramentas necessárias e basilares para que o aluno se torne um líder político e, paralelamente, restringir o acesso a essa educação superior e específica somente à parcela mais abastada e já instruída da sociedade ateniense (Morgan, 1999, p. 58). O motivo por trás desse movimento muito provavelmente advém da transformação econômica e política pela qual a cidade de Atenas passara na virada do século V para o IV a.C., em que a ascensão social de cidadãos anteriormente representantes das camadas mais pobres da população agora possibilitava que esses “novos ricos” tivessem acesso a uma educação formal. Uma vez que a eventual conquista de influência política por parte desse novo grupo demográfico também estaria muito provavelmente acompanhada de interesses provenientes das classes sociais mais baixas, o acesso a esse tipo de educação representava, por conseguinte, uma ameaça à manutenção da elite de que os autores acima faziam parte (p. 59).

2.4. CONCLUSÕES PARCIAIS

Em suma, o objetivo principal do panorama elaborado neste capítulo foi o de contextualizar a investigação que se seguirá sobre a composição, transmissão e recepção da oratória do e no período clássico ateniense. Por meio de um entendimento mais abrangente sobre a reintrodução da escrita no mundo grego no século VIII a.C., a disseminação da escrita no período arcaico, o gradativo desenvolvimento dos usos e funções dessa nova tecnologia em paralelo ao crescimento das *póleis* gregas, a inclusão da leitura e da escrita na *paideia* grega e, enfim, a resposta dos intelectuais do período clássico à crescente difusão do letramento e ao seu impacto na política ateniense, visamos alicerçar a discussão sobre o lugar ocupado pela oralidade e *performance* na oratória clássica ateniense. Dessa forma, poderemos perscrutar a produção textual de discursos deliberativos, jurídicos e demonstrativos em contraste com e união às suas

dimensões oral e performática, a fim de que possamos, em um segundo momento, explorar mais detalhadamente os textos escolhidos para investigação — *Contra Andrócio* (Dem. 22) e *Sobre o amor* (Dem. 61) — a partir do processo tradutório que almejou evidenciar as dimensões supracitadas nas traduções de ambos os discursos em português brasileiro.

3. A ORATÓRIA CLÁSSICA ATENIENSE

3.1. ORATÓRIA E RETÓRICA, RETÓRICA E ORATÓRIA

“Oratória” é uma palavra que faz parte do vocabulário da língua portuguesa e, embora não seja tão comumente utilizada no dia a dia, é entendida como sinônimo de “arte de falar em público, eloquência; arte de falar bem, de convencer pelas palavras”, “arte e prática de falar em público; retórica”, “arte da eloquência”.⁴⁸ De imediato, duas características presentes nesses verbetes chamam atenção e, aos classicistas minimamente familiarizados com os textos de Platão e Aristóteles, nos remetem automaticamente à Grécia antiga: 1) a sua associação, ou mesmo equiparação, à retórica e 2) seu estatuto de arte. Nos mesmos dicionários, “retórica” é definida, por sua vez, como a “arte ou qualidade de se expressar bem por palavras, especialmente em discurso; eloquência; oratória”, um “conjunto de princípios que constituem a arte da eloquência ou do bem-dizer; oratória; habilidade no uso da fala e da escrita com o objetivo de influenciar ou persuadir”, a “arte de bem falar ou de bem comunicar; conjunto de regras relativas à eloquência”.⁴⁹ Ambas as palavras parecem pertencer, ao menos à primeira vista, ao mesmo campo semântico — isto é, o da arte de falar bem (em público). Entretanto, faz-se necessário separá-las mais categoricamente a fim de que possamos não só evitar seu uso indiscriminado ao nos referirmos a contextos específicos da composição, transmissão e recepção da oratória clássica ateniense, como também esclarecer o objeto de estudo da presente pesquisa com maior exatidão.

Adentrando a área dos estudos filológicos, as origens latinas da palavra “oratória” podem nos ajudar a melhor compreender essa superposição de significados entre os dois termos. Do verbo *oro* (“rogar”, “pedir”, “pleitear”, “falar ante uma assembleia”, “falar como um orador”), temos em latim *orator* (“embaixador”, “emissário”, “orador”), *oratorius* (“referente ao orador, à oratória”), *oratio* (“faculdade ou capacidade de falar”, “ação de falar”, “linguagem”, “fala”, “conversa”, “discussão”, “maneira de falar”, “estilo”, “dialeto”, “jargão”, “discurso”, “parte do discurso”, “palavra”, “mensagem de um embaixador”, “declaração”, “tratado”, “narrativa”, “eloquência”, “prosa”, “ação ou faculdade de fazer discursos”, “oratória”) e *oratoria* (“a arte oratória”, “a prática de oratória”, “retórica”). A partir da palavra grega *rhētōr* (ῥήτωρ, “orador público, em especial aquele que se dirige à Assembleia ateniense”, “mestre da eloquência”), encontramos no latim clássico, ainda, *rhetor* (“orador”, “retórico”,

⁴⁸ Definições dos dicionários online Aulete Digital, Michaelis e Priberam, respectivamente, s.v. oratória.

⁴⁹ Definições dos dicionários online Aulete Digital, Michaelis e Priberam, respectivamente, s.v. retórica.

“professor de retórica”, “aquele instruído na arte da oratória”), *rhetorico* (“falar como um orador”, “fazer uso da retórica”, “discursar”, “declamar”), *rhetorica* (“retórica”) e *rheticus* (no masculino singular, “relativo à eloquência, à retórica, à maneira de falar bem em público”, “à maneira dos oradores”, “mestre de retórica”; no masculino plural, *rhetorici*, “livros de retórica”; e no neutro plural, *rhetorica*, “os preceitos de retórica ou eloquência”, “ensino de retórica”, “a retórica”).⁵⁰ Por meio das definições encontradas no dicionário de latim conseguimos então delinear com maior firmeza o campo semântico associado a cada um dos dois grupos de palavras pelos romanos. O primeiro, das palavras provindas do verbo *oro*, aparenta abranger os conceitos que dizem respeito à *prática* de falar, se expressar de maneira oral e discursar habilmente em público, ao passo que o segundo grupo, de *rhetor* e seus derivados, aparenta concernir à *teoria* com a qual um orador poderia vir a se familiarizar, por meio de um ensino mais formal e sistemático, para então se tornar proficiente nessa atividade — em suma, um conjunto de técnicas e regras para se falar bem.

No grego do período clássico, por sua vez, boa parte desses significados se concentram principalmente na palavra *rhētōr* e em seus derivados: *rhētoireía* (ῥητορεία, “habilidade em falar em público”; “eloquência, arte retórica”; “oratória”; “discurso elaborado com arte”; em Pl. *Plt.* 304a, “discurso de orador”), *rhētoireúō* (ῥητορεύω, “pronunciar um discurso feito com arte”, “praticar a arte oratória”, “ser um orador”, “falar em público”, “ensinar a arte da palavra, a arte oratória”), *rhētorikós* (ῥητορικός, no masculino: “que diz respeito aos oradores, à arte da oratória”, “oratório”, “retórico”, “hábil em falar”, “apto a ser orador”; no feminino, talvez a forma mais significativa, *rhētorikḗ*, ῥητορικῆ: “a arte retórica”, “a arte da fala”, “a oratória”). Com base nesse breve levantamento, podemos enxergar um movimento distributivo, na passagem desses termos e ideias do grego para o latim, que gerou a divisão acima mencionada em dois grupos lexicais (razoavelmente) distintos na língua latina.

A segunda característica mencionada acima — a designação de oratória e retórica enquanto arte — provém do uso contextualizado, em especial, da palavra *rhētorikḗ* no período clássico e de sua definição especializada por parte de autores gregos da época. A primeira aparição da palavra, ao menos com base nos textos a que temos acesso hoje, se encontra no *Górgias* de Platão (448d), escrito por volta da década de 380 a.C. O tema principal do diálogo gira em torno da própria retórica, onde constatamos o embate entre a visão dos chamados sofistas (no contexto do diálogo, representados por Polo, Cálicles e o próprio Górgias, talvez o

⁵⁰ Traduções de termos gregos e latinos neste parágrafo foram compiladas a partir dos verbetes homônimos dos seguintes dicionários: *DGP* e *DELP*, em português; *LSJ* e *OLD*, em inglês; e Gaffiot (2016) e Bailly (2020), em francês.

professor de retórica/oratória mais famoso em Atenas à época) e a dos filósofos (Sócrates, enquanto um personagem do texto, e Platão, como autor) sobre a definição de retórica (*rhētorikē*) e sua natureza — se uma arte (ou habilidade; *tékhnē*) ou um simples conhecimento empírico (de *empeiria*, “ciência ou sabedoria adquirida pela experiência”, de onde temos também a palavra “empirismo” em português).⁵¹

- Sócrates:** [...] Ou melhor, nos diga você mesmo, Górgias, como devemos chamá-lo em função de qual arte (*tékhnēs*) que você domina?
- Górgias:** Da arte retórica/oratória (*rhētorikēs*), Sócrates.
- Sócrates:** Devo chamá-lo de orador/retórico (*rhētōra*)?⁵²
- Górgias:** E de um ótimo retórico/orador, Sócrates, se quiser me chamar daquilo que, como disse Homero, “me vanglorio de ser”.
- Sócrates:** Sem dúvida alguma.
- Górgias:** Então me chame assim.
- [...]
- Polo:** Mas o que é retórica/oratória para você?
- Sócrates:** Uma coisa que você, em um tratado que li (*anégnōn*) recentemente, declara ter transformado em arte.⁵³
- Polo:** O que você quer dizer?
- Sócrates:** Um tipo de conhecimento empírico, na minha opinião.
- Polo:** Para você retórica/oratória é um conhecimento empírico?
- Sócrates:** Para mim, sim; a não ser que você diga ser outra coisa.

⁵¹ Por meio de Diógenes Laércio, sabemos que o *Górgias* de Platão, junto ao *Eutidemo*, ao *Protágoras* e ao *Mênon*, compunha a sexta tetralogia platônica — segundo classificação do astrólogo, gramático e comentarador Trasilio de Mendes (ou Trasilio de Alexandria, séc. I a.C.-I d.C.; Toomer, 2012, p. 329; Brennan, 2014) — e tinha por título e subtítulo(s) “Górgias ou sobre a retórica, refutativo” (*Γοργίας ἢ περὶ ῥητορικῆς, ἀναπρεπτικός*, Diog. Laert. 3.59). No entanto, é de um certo reducionismo dizer que o tema principal do *Górgias* de Platão seja a retórica por si só. A verdade é que Sócrates e seus interlocutores perpassam vários tópicos — retórica, arte, justiça, felicidade, o bem, o mal, prazer, filosofia — e o próprio filósofo diz estar particularmente interessado na arte (Pl. *Grg.* 447c: “Quero indagar junto a esse homem qual é o poder da arte”, *βούλομαι γὰρ πυνθέσθαι παρ’ αὐτοῦ τίς ἡ δύναμις τῆς τέχνης τοῦ ἀνδρός*). Para um comentário sobre o texto, vide Araújo (2008, esp. p. 13-9 e 188, n. 9, para uma discussão sobre a questão do tema do diálogo e uma síntese das interpretações de comentadores antigos e modernos quando a esse tópico).

⁵² A bifurcação nas opções lexicais para se traduzir em línguas modernas ambos os termos gregos, além de seus derivados — situação essa possível graças ao latim, como explicitado acima —, obriga a nós tradutores a sempre precisar decidir por um ou outro caminho: 1) manter na língua de chegada a homogeneidade do vocabulário grego ou, como aparenta ser a maioria dos casos, 2) prezar pela fluidez e compreensão do texto em língua de chegada ao fazer uso dos termos normalmente empregados pelos falantes nativos da língua. A primeira alternativa (uma tradução mais estrangeirizante) geraria um texto em que se verteria, em português por exemplo, *rhētorikē* como “retórica” e *rhētōr* como “retórico” (sem se levar em conta, portanto, as possíveis ambiguidades interpretativas do segundo termo). Já a segunda faria uso das palavras “retórica” ou “oratória” para *rhētorikē* e de “orador”, somente, para *rhētōr*. Cf. as traduções de L. Robin (Platon, 1950) — que verte os termos da passagem acima para o francês como *oratoire* e *orateur* —, de M. de O. Pulquério (Platão, 2011) e de J. Bruna (Platão, 1970), ambas em português — “retórica” e “orador” no primeiro e “oratória” e “orador” no segundo — e de W. R. M. Lamb (Plato, 1967), em inglês — *rhetoric* e *rhetorician*.

⁵³ Um tratado escrito pelo próprio Polo sobre o qual não temos mais informações, provavelmente intitulado *Tékhnē* — “Tratado de Retórica”, “A Arte da Retórica” ou algo parecido, como sugerem Pulquério (Platão, 2011, notas 1 e 14) e Emllyn-Jones (Plato, 2004, n. 28) —, onde Polo provavelmente desenvolve sua teoria de que toda arte é fruto da experiência (vide 448c).

- Polo:** Conhecimento empírico de que tipo?
Sócrates: Do tipo que produz um certo encanto, um prazer.
Polo: Então para você a retórica/oratória não é algo nobre, algo para se agradar as pessoas?
Sócrates: Como não, Polo?⁵⁴

É somente com a *Retórica* de Aristóteles, composta ao longo de quase quarenta anos, entre as décadas de 360 e 320 a.C., que a retórica é definida e categorizada com maior escrutínio enquanto arte. Essas definições e categorizações aristotélicas acabaram por se tornar um ponto de partida para o estudo e discussão sobre retórica antiga, uma vez que a recepção do filósofo e do tratado angariaram autoridade *a posteriori*, séculos depois, por meio da sua recepção por estudiosos de mundo greco-romano. O caráter esotérico do texto a que temos acesso hoje nos indica que Aristóteles não chegou a publicá-lo em vida (ou mesmo a concebê-lo para publicação no sentido mais genérico da palavra). O público original do manual, por conseguinte, muito provavelmente se restringia aos seus alunos atenienses entre os anos de 335 e 323 a.C., quando estava à frente do Liceu (Kennedy, 2007, p. 18). A natureza mais imediata da obra e seu foco em aplicações práticas do que está sendo ensinado também nos ajuda a corroborar essa hipótese. Uma vez que Aristóteles se concentra na definição dos meios de persuasão (*písteis*),⁵⁵ na identificação dos três meios de persuasão artística,⁵⁶ na distinção entre os três tipos de retórica⁵⁷

⁵⁴ Pl. *Grg.* 449a, 462b-c: **Σωκράτης**: [...] μᾶλλον δέ, ὃ Γοργία, αὐτὸς ἡμῖν εἰπέ τίνα σε χρή καλεῖν ὡς τίνος ἐπιστήμονα τέχνης. **Γοργίας**: τῆς ῥητορικῆς, ὃ Σώκρατες. **Σωκράτης**: ῥήτορα ἄρα χρή σε καλεῖν; **Γοργίας**: ἀγαθὸν γε, ὃ Σώκρατες, εἰ δὴ ὃ γε εὐχομαι εἶναι, ὡς ἔφη Ὅμηρος, βούλει με καλεῖν. **Σωκράτης**: ἀλλὰ βούλομαι. **Γοργίας**: κάλει δὴ. [...] **Πῶλος**: ἀλλὰ τί σοι δοκεῖ ἡ ῥητορικὴ εἶναι; **Σωκράτης**: πρᾶγμα ὃ φῆς σὺ ποιῆσαι τέχνην ἐν τῷ συγγράμματι ὃ ἐγὼ ἐναγχος ἀνέγνω. **Πῶλος**: τί τοῦτο λέγεις; **Σωκράτης**: ἐμπειρίαν ἐγωγέ τινα. **Πῶλος**: ἐμπειρία ἄρα σοι δοκεῖ ἡ ῥητορικὴ εἶναι; **Σωκράτης**: ἔμοιγε, εἰ μὴ τι σὺ ἄλλο λέγεις. **Πῶλος**: τίνος ἐμπειρία; **Σωκράτης**: χάριτός τινος καὶ ἡδονῆς ἀπεργασίας. **Πῶλος**: οὐκοῦν καλὸν σοι δοκεῖ ἡ ῥητορικὴ εἶναι, χαρίζεσθαι οἷόν τε εἶναι ἀνθρώποις; **Σωκράτης**: τί δέ, ὃ Πῶλε;

⁵⁵ Arist. *Rh.* 1355b35-40 (= 1.2.2 trad. M. A. Júnior, P. F. Alberto & A. do N. Pena): “Das provas de persuasão, umas são próprias da arte retórica e outras não. Chamo provas inartísticas [ou não técnicas, extrínsecas] a todas as que não são produzidas por nós [*i.e.*, os oradores em potencial], antes já existem: provas como testemunhos, confissões sob tortura, documentos escritos e outras semelhantes; e provas artísticas [ou técnicas, intrínsecas], todas as que se podem preparar pelo método e por nós próprios. De sorte que é necessário utilizar as primeiras, mas inventar as segundas” (τῶν δὲ πίστεων αἱ μὲν ἀτεχνοὶ εἰσὶν αἱ δ’ ἐντεχνοὶ. ἀτεχνα δὲ λέγω ὅσα μὴ δι’ ἡμῶν πεπόρισται ἀλλὰ προὔπηρχεν, οἷον μάρτυρες βάσανοι συγγραφαὶ καὶ ὅσα τοιαῦτα, ἐντεχνα δὲ ὅσα διὰ τῆς μεθόδου καὶ δι’ ἡμῶν κατασκευασθῆναι δυνατόν· ὥστε δεῖ τούτων τοῖς μὲν χρῆσασθαι, τὰ δὲ εὐρεῖν).

⁵⁶ *I.e.*, *ἔθος*, *πάθος* e *λόγος*. Arist. *Rh.* 1356a1-20 (= 1.2.3-6, trad. M. A. Júnior, P. F. Alberto & A. do N. Pena): “As provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: umas residem no caráter moral do orador; outras, no modo como se dispõe ao ouvinte; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar. Persuade-se pelo caráter [*ἔθους*] quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. [...] Persuade-se pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção [*πάθος*] por meio do discurso, [...]. Persuadimos, enfim, pelo discurso [*λόγου*], quando mostramos a verdade ou o que parece verdade, a partir do que é persuasivo em cada caso particular” (τῶν δὲ διὰ τοῦ λόγου ποριζομένων πίστεων τρία εἶδη εἰσὶν· αἱ μὲν γὰρ εἰσὶν ἐν τῷ ἦθει τοῦ λέγοντος, αἱ δὲ ἐν τῷ τὸν ἀκροατὴν διαθεῖναι πως, αἱ δὲ ἐν αὐτῷ τῷ λόγῳ, διὰ τοῦ δεικνύναι ἢ φαίνεσθαι δεικνύναι. διὰ μὲν οὖν τοῦ ἦθους, ὅταν οὕτω λεχθῆ ὁ λόγος ὥστε ἀξιόπιστον ποιῆσαι τὸν λέγοντα· [...]. διὰ δὲ τῶν ἀκροατῶν, ὅταν εἰς πάθος ὑπὸ τοῦ λόγου προαχθῶσιν· [...] διὰ δὲ τοῦ λόγου πιστεύουσιν, ὅταν ἀληθὲς ἢ φαινόμενον δείξωμεν ἐκ τῶν περὶ ἕκαστα πιθανῶν).

⁵⁷ Vide seção 3.3 abaixo.

e em suas ramificações no que concerne ao emprego das emoções, à adaptação do caráter do orador a depender do tipo de público e ao uso de diferentes formas de argumentos lógicos (Kennedy, 2007, p. 20-5), faz-se necessário, antes de tudo, definir o que se entenderá por retórica ao longo de todo o tratado. Primeiramente, a partir dos seus usos e funções gerais, Aristóteles a estabelece como correlata à dialética⁵⁸ —

[a] retórica (*rhētorikē*) é a outra face da dialética (*dialektikē*); pois ambas se ocupam de questões mais ou menos ligadas ao conhecimento comum e não correspondem a nenhuma ciência em particular. De fato, todas as pessoas de alguma maneira participam de uma e de outra, pois todas elas tentam em certa medida questionar e sustentar um argumento [como na dialética], defender-se ou acusar [como na retórica]⁵⁹

—; em seguida, como uma faculdade artística, por meio da qual é possível achar os meios adequados de se persuadir seus ouvintes ou interlocutores tanto em defesas (seja do próprio orador ou de terceiros) como em acusações —

[e]ntendamos por retórica (*rhētorikē*) a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir. Esta não é seguramente a função de nenhuma outra arte (*tékhnēs*); pois cada uma das outras apenas é instrutiva e persuasiva nas áreas da sua competência;⁶⁰ como, por exemplo, a medicina sobre a saúde e a doença, a geometria sobre as variações que afetam as grandezas, e a aritmética sobre os números; o mesmo se passando com todas as outras artes e ciências. Mas a retórica parece ter, por assim dizer, a faculdade de descobrir os meios de persuasão sobre qualquer questão dada. E por isso afirmamos que, como arte (*ékhein tò tekhnikón*), as suas regras não se aplicam a nenhum gênero específico de coisas⁶¹

⁵⁸ DPG, s.v. *διαλεκτικός*: em Platão, “a arte de raciocinar empregando a conversa; a arte da discussão filosófica”; em Aristóteles, “raciocínio pela probabilidade”.

⁵⁹ Informação entre colchetes retirada das notas de rodapé da edição consultada (Aristóteles, 1998, p. 89). Arist. *Rh.* 1354a1-6 (= 1.1.1, trad. M. A. Júnior, P. F. Alberto & A. do N. Pena, com leves alterações ortográficas): ‘*Ῥητορικὴ ἐστὶν ἀντίστροφος τῇ διαλεκτικῇ· ἀμφότεραι γὰρ περὶ τοιοῦτων τινῶν εἰσὶν ἃ κοινὰ τρόπον τινὰ ἀπάντων ἐστὶ γνωρίζειν καὶ οὐδεμιᾶς ἐπιστήμης ἀφωρισμένης. διὸ καὶ πάντες τρόπον τινὰ μετέχουσιν ἀμφοῖν· πάντες γὰρ μέχρι τινὸς καὶ ἐξετάζειν καὶ ὑπέχειν λόγον καὶ ἀπολογεῖσθαι καὶ κατηγορεῖν ἐγχειροῦσιν.*

⁶⁰ Com exceção da própria dialética, que, como explicitado na passagem anterior, Aristóteles também diz não corresponder “a nenhuma ciência em particular” (notas 33 e 34 de G. Kennedy em Aristotle, 2007, p. 38).

⁶¹ Arist. *Rh.* 1355b26-35 (= 1.2.1, trad. M. A. Júnior, P. F. Alberto & A. do N. Pena, com leves alterações ortográficas): *ἔστω δὴ ἡ Ῥητορικὴ δύναμις περὶ ἕκαστον τοῦ θεωρησαὶ τὸ ἐνδεχόμενον πιθανόν. τοῦτο γὰρ οὐδεμιᾶς ἐτέρας ἐστὶ τέχνης ἔργον: τῶν γὰρ ἄλλων ἐκάστη περὶ τὸ αὐτῇ ὑποκειμένον ἐστὶν διδασκαλικὴ καὶ πειστικὴ, οἷον ἰατρικὴ περὶ ὑγιεινῶν καὶ νοσερῶν, καὶ γεωμετρία περὶ τὰ συμβεβηκότα πάθη τοῖς μεγέθεσι, καὶ ἀριθμητικὴ περὶ ἀριθμῶν, ὁμοίως δὲ καὶ αἱ λοιπαὶ τῶν τεχνῶν καὶ ἐπιστημῶν: ἡ δὲ Ῥητορικὴ περὶ τοῦ δοθέντος ὡς εἰπεῖν δοκεῖ δύνασθαι θεωρεῖν τὸ πιθανόν, διὸ καὶ φαμεν αὐτὴν οὐ περὶ τι γένος ἴδιον ἀφωρισμένον ἔχειν τὸ τεχνικόν.*

—; e, em suma, como uma mistura: “em parte um método (como a dialética) sem nenhum assunto específico próprio, mas em parte uma arte prática derivada da ética e da política com base nos seus usos convencionais” (Kennedy, 2007, p. 16) —

a retórica (*rhētorikēn*) é como que uma ramificação da dialética (*dialektikēs*) e daquele saber prático sobre o caráter a que é justo chamar política. É por isso também que a retórica se cobre com a figura da política, assim como aqueles que têm a pretensão de conhecê-la, quer por falta de instrução, quer por jactância, quer ainda por outras razões inerentes à natureza humana. A retórica é, de fato, uma parte da dialética e a ela se assemelha, como dissemos no princípio; pois nenhuma das duas é ciência de definição de um assunto específico, mas mera faculdade de proporcionar argumentos.⁶²

Em se tratando, por sua vez, da bibliografia secundária acerca da oratória e retórica atenienses e de traduções em línguas modernas, autores e tradutores que trabalham com esse assunto aparentam se espelhar no latim e fazer uso de ambas as palavras — desde que, é claro, tenham à sua disposição vocábulos equivalentes à “oratória” e “retórica” em suas respectivas línguas —, mesmo que ainda de maneira intercambiável, como por exemplo ao se referirem à “arte da oratória/retórica” ou ao “estudo da oratória/retórica”.⁶³ Essa equivalência de sentidos, no entanto, se limita a contextos mais gerais ou abstratos, quando nos referimos à disciplina como um todo ou ao grupo de regras e técnicas que o ensino e estudo de retórica abrangem. Em contextos mais restritos ou específicos, por outro lado, como por exemplo para se referir aos gêneros textuais da oratória e aos seus aspectos linguísticos e estilísticos próprios, a preferência recai principalmente sobre o uso das palavras 1) “oratória”, na língua inglesa: *deliberative/political oratory* (*sympouleutikós*), *judicial/forensic oratory* (*dikanikós*) e *demonstrative/epideictic oratory* (*epideiktikós*); 2) “discurso”, em português: “discurso deliberativo/político” (*dēmēgorikòs lógos*), “discurso judicial/forense” (*dikanikòs lógos*) e “discurso demonstrativo/epidítico” (*epideiktikòs lógos*); e 3) “estilo”: “estilo deliberativo/político” (*dēmēgorikḗ léxis*), “estilo judicial/forense” (*dikanikḗ léxis*) e “estilo demonstrativo/epidítico” (*epideiktikḗ léxis*).

⁶² Arist. *Rh.* 1356a25-35 (= 1.2.7, trad. M. A. Júnior, P. F. Alberto & A. do N. Pena, com algumas alterações lexicais e ortográficas): *συμβαίνει τὴν ῥητορικὴν οἷον παραφύες τι τῆς διαλεκτικῆς εἶναι καὶ τῆς περὶ τὰ ἦθη πραγματείας, ἣν δίκαιόν ἐστι προσαγορεύειν πολιτικὴν. διὸ καὶ ὑποδύεται ὑπὸ τὸ σχῆμα τὸ τῆς πολιτικῆς ἢ ῥητορικῆς καὶ οἱ ἀντιποιοῦμενοι ταύτης τὰ μὲν δι’ ἀπαιδευσίαν, τὰ δὲ δι’ ἀλαζονείαν καὶ δι’ ἄλλας αἰτίας ἀνθρωπικὰς· ἔστι γὰρ μὲν τὸ τῆς διαλεκτικῆς καὶ ὁμοία, καθάπερ καὶ ἀρχόμενοι εἵπομεν· περὶ οὐδενὸς γὰρ ὀρισμένου οὐδετέρου αὐτῶν ἐστὶν ἐπιστήμη, πῶς ἔχει, ἀλλὰ δυνάμεις τινὲς τοῦ πορίσαι λόγου.*

⁶³ Limite aqui essa afirmação às línguas românicas a que tenho acesso — português (oratória, retórica), espanhol (*oratoria, retórica*), francês (*oratoire, rhétorique*) e italiano (*oratoria, retorica*) — e à língua inglesa (*oratory, rhetoric*).

Apesar de ambos os discursos de Demóstenes a serem discutidos adiante (Dem. 22 e Dem. 61) terem bastante a oferecer em termos de oportunidades de investigação sob a ótica dos estudos de retórica — suas estruturas argumentativas; suas correspondências com manuais de retórica da época; a relação entre orador, público e *performance* e as estratégias de persuasão empregadas pelos autores; etc. —, podemos então estabelecer, com base na síntese apresentada acima, que o escopo da presente dissertação se concentra em maior detalhe nas dimensões prática (*i.e.*, o contexto de *performance* de cada discurso), textual (*i.e.*, as especificidades de cada gênero textual, judicial e demonstrativo, no que tange às suas relações com oralidade e *performance*) e linguística (*i.e.*, o contraste entre oral e escrito, entre texto e *performance*) da oratória clássica ateniense e, mais especificamente, desses dois textos discursos atribuídos a Demóstenes.

3.2. DAS ORIGENS DA RETÓRICA E DO ENSINO DE ORATÓRIA

É claro, nem Platão (ao longo da primeira metade do século IV a.C.) nem Aristóteles (ao longo da segunda) representam por si sós posições unificadas e partilhadas por toda a elite intelectual ateniense da época. Tendo em mente a cultura altamente competitiva da política clássica ateniense sobre a qual vimos discutindo, ambos os filósofos estipulam e defendem seus pontos de vista acerca do estatuto da retórica e de seu método de ensino como resposta a um debate efervescente, heterogêneo e polifônico que envolvia uma gama de intelectuais — dos quais Platão e Aristóteles figuram talvez como os dois formadores de opinião mais proeminentes no assunto, aos quais e a cujos textos se conferiu maior grau de autoridade com o passar do tempo em comparação aos seus contemporâneos —, todos com suas próprias motivações políticas, econômicas e pessoais para discordarem entre si, atacarem uns aos outros e se oporem a ideais e metodologias divergentes.

Parte da bibliografia especializada defende que, em meados do século anterior, a retórica enquanto uma (proto)disciplina já começava a tomar forma.⁶⁴ Diz-se que Córax de Siracusa tenha sido o inventor da retórica ao esquematizar em três partes a estrutura básica de todo

⁶⁴ Brauw (2007, p. 188-90) sintetiza os principais argumentos utilizados no debate contemporâneo acerca das possíveis datas para a primeira divisão do discurso em quatro partes — e, conseqüentemente, para o surgimento da retórica enquanto uma disciplina — no período clássico. Segundo o autor, alguns (esp. Cole, 1991; Schiappa, 1999), por um lado, argumentam que a falta tanto de um delineamento teórico contundente como de uma “consciência retórica” antes do século IV a.C. impossibilita se pensar no surgimento da retórica ainda no século V a.C.; por outro, Brauw argumenta que alusões a essa divisão quadripartite canônica no *Fedro* de Platão (vide a seguir) e a existência de discursos mais antigos que aparentam seguir essa estrutura proposta pelos primeiros manuais de retórica (como os de Antifonte e Górgias, por exemplo) são dois fortes indicativos para se datar o início da disciplina já no século V a.C.

discurso — mais especificamente, de todo discurso judicial —: *prooímion* (προοίμιον, “proêmio”), *agōn* (ἀγών, “argumento”) e *epílogos* (ἐπίλογος, “epílogo”). Tísias, também natural de Siracusa e a quem normalmente se atribuí o primeiro manual de retórica (*tékhnē lógōn*), teria aprimorado o esquema de Córax e acrescentado a *diégēsis* (διήγησις, “narrativa”) como um quarto elemento presente em todo discurso bem elaborado (Brau, 2007, p. 187-8).⁶⁵ Embora nenhuma parte escrita desse manual tenha sobrevivido, essa divisão em quatro partes do discurso acabou por se consolidar e se encontra presente em textos, tratados e manuais sobre retórica e oratória de autores posteriores. Mesmo que no *Fedro*, por exemplo, Platão não se limite somente a essas quatro partes supostamente estipuladas por Córax e Tísias e lhes tenha acrescentado outros elementos considerados por ele também importantes à estrutura de todo discurso bem argumentado, a discussão de Sócrates sobre partes do discurso (*Phdr.* 266d5-267d4) por si só já nos oferece indícios suficientes sobre a existência de *tékhnai lógōn* (manuais de retórica) à disposição de um público interessado no período em que foi composto o diálogo — ou mesmo na época em que ocorreram os possíveis acontecimentos retratados nele (Brau, 2007, p. 188-9).

No entanto, o ensino e aprendizado das artes da persuasão e do falar bem em público não se restringiam a ou mesmo dependiam da existência de manuais técnicos, uma vez que o surgimento e a proliferação da retórica estão, mais do que qualquer outra coisa, intimamente ligados ao desenvolvimento da própria democracia grega (*dēmokratía*). Por se tratar de um modelo político-social em que o povo (*dēmos*) é soberano (*i.e.*, “é superior”, “prevalece”, “domina”, *krátos*),⁶⁶ eram os próprios cidadãos comuns — ou seja, cidadãos sem preparo ou treinamento especializado prévios — que compunham o corpo democrático encarregado de decisões políticas tanto internas quanto externas. Com o crescimento da democracia, portanto, cresceu também o grau de participação desses cidadãos e o número de homens adultos envolvidos na política. Em uma sociedade ainda predominantemente oral como a da Grécia no fim do século VI a.C., a política se fazia por meio da fala — e, em Atenas, mais especificamente,

⁶⁵ A narrativa convencional sobre a história de Córax e Tísias é resumida por Gagarin (2007, p. 30): “após a derrocada dos tiranos na Sicília (provavelmente em Siracusa em 467), os cidadãos subitamente se viram na necessidade de aprender a falar em assembleias e/ou tribunais (para recuperar bens que haviam sido apropriados pelos tiranos, por exemplo). Córax, e mais tarde seu discípulo Tísias, supriu essa necessidade ao inventar a retórica, a arte da fala persuasiva, e ensiná-la mediante pagamento. Um ou outro ou ambos produziram uma *Tékhnē* escrita, um manual ou guia que tratava da divisão dos discursos, do argumento da verossimilhança e talvez de outros assuntos. Suas realizações foram posteriormente divulgadas em Atenas, ou pelo seu conterrâneo siciliano Górgias, que visitou Atenas em 427, ou pelo próprio Tísias, que dizem ter ensinado Lísias e Isócrates, entre outros. Seu livro (ou livros) era conhecido por Aristóteles (ou por um de seus alunos), que resumiu o conteúdo de todos os primeiros manuais [de retórica] em sua agora perdida *Synagōgē Tékhnōn* (Coleção de Artes).”

⁶⁶ Vide Benveniste (1969, cap. 7), que discorre sobre as origens da palavra *krátos* e de seus correlatos e sobre seus significados contextualizados em relação aos ideais da sociedade grega, mais especificamente à época de Homero.

na *Ekklēsia* (Ἐκκλησία, a Assembleia)⁶⁷ e também nos tribunais. Tal conjuntura política suscitou o conseqüente aumento no número de oradores públicos (*rhētores*), ocupação essa que, antes do estabelecimento da democracia, se concentrava nas mãos da elite aristocrática (Worthington, 2007, p. 255).

Tal monopólio político por parte da aristocracia ateniense começa a ser desmantelado com as reformas de Sólon no início do século VI a.C. Segundo o autor da *Constituição dos Atenienses* (tratado atribuído a Aristóteles), Sólon criou uma nova constituição para Atenas em substituição ao código de leis (*thesmoís*) previamente estabelecidas por Drácon, com exceção daquelas referentes ao crime de homicídio (Arist. *Ath. Pol.* 7.1). Sobretudo, Sólon dividiu a população ática em quatro classes sociais baseadas em patrimônio e definiu quais cargos públicos poderiam ser ocupados pelos membros de cada uma delas — ou seja, a partir de então o pré-requisito para se candidatar aos cargos de *árkhōn* (ἄρχων, arconte), de *támias* (τάμιας, intendente público, gestor de finanças, guarda do tesouro do templo da Acrópole), de *pōlētēs* (πωλητής, magistrado encarregado de cobrar ou executar as taxas públicas), de membro dos *héndeka* (ἑνδεκα, os “Onze”, magistrados encarregados das prisões e execuções capitais), de *kōlagrētēs* (κωλαγρέτης, funcionário das finanças) ou de membro do júri da *Ekklēsia* (Ἐκκλησία, assembleia popular) ou de um *dikastērion* (δικαστήριον, tribunal) passou a depender do quão rico o candidato ao cargo era em vez de se basear unicamente na família da qual ele provinha (Arist. *Ath. Pol.* 7.2-8.2). Ao longo dos próximos cem anos, várias gerações de atenienses tiveram oportunidade de ascender socialmente e, conseqüentemente, se qualificar à candidatura de determinados cargos públicos de destaque — o que por sua vez abriu ainda mais espaço para a promulgação leis e decretos de cunho democrático (Worthington, 2007, p. 255).

No entanto, com o passar do tempo as reformas solonianas se revelaram uma faca de dois gumes. Se, por um lado, o jogo político como um todo agora se mostrava mais acessível a cidadãos que proviessem de camadas intermediárias ou mais baixas do estrato social, por outro, “o poder político passou a se basear não no cargo em si, mas no apoio popular na Assembleia” (Worthington, 2007, p. 257). Desde as vitórias militares que os atenienses obtiveram durante as Guerras Médicas (499-49 a.C.), principalmente nas batalhas de Maratona (490 a.C.) e Salamina (480 a.C.), diversas figuras proeminentes em Atenas se serviram de suas reputações — sobretudo militares — para adentrar o mundo político da *pólis*. Os dois principais exemplos da primeira metade do século V a.C. são justamente os generais Temístocles e Címon, filho de Milcíades, cujos feitos militares de destaque nas guerras contra os persas resultaram na

⁶⁷ Vide n. 6 acima.

formação da Liga de Delos, que, por sua vez, impulsionou a expansão do poderio naval de Atenas e de sua influência política sobre boa parte da Grécia. Não muito mais tarde, as reformas políticas de Efialtes possibilitaram a dissolução da concentração de poder político pelo Conselho do Areópago (um tribunal tradicionalmente aristocrático)⁶⁸ ao transferir suas atribuições à *Boulé* (o Conselho dos Quinhentos)⁶⁹ e aos tribunais (Worthington, 2007, p. 256).

O ponto de virada que propicia a ascensão dos *rhétores* em Atenas na segunda metade do século V a.C. e a consolidação definitiva do estudo de oratória e do trabalho dos logógrafos como dispositivos basilares da política ateniense, e imprescindíveis para o seu bom funcionamento, se concentra justamente na figura de Péricles. Assim como seus predecessores, ele foi um general que se utilizou do seu renome enquanto militar para angariar poder político — poder esse que se mostrava cada vez mais (e novamente) compartilhado por menos indivíduos. Com o crescimento do poder e da influência dos *rhétores*, surge também um movimento contrário a eles e às suas habilidades linguísticas e persuasivas. A própria palavra *rhētōr* e outras usadas para se referir, com menor frequência, a esse grupo de cidadãos — como *dēmagōgós* (*δημαγωγός*, “demagogo”, “líder do povo”), *politeuómenos* (*πολιτευόμενος*, “homem do governo”, “orador público”), *sýmboulos* (*σύμβουλος*, “conselheiro”), *prostátēs tou dēmou* (*προστάτης τοῦ δήμου*, “chefe/protetor/defensor do povo”) — adquirem um tom pejorativo e os oradores passam a ser vistos com um certo nível de desconfiança (Worthington, 2007, p. 257; Hansen, 1987, p. 51).

Nas décadas seguintes e ao longo do século V a.C., a reputação militar enquanto melhor caminho para se alcançar renome e sucesso políticos em Atenas deu lugar à reputação retórica, no sentido de que o treinamento especializado em oratória se tornou um fator não só de destaque, mas sim essencial para adentrar o mundo político. Devido a esse novo contexto político-social ateniense, cidadãos não-aristocratas ambiciosos ganharam ainda mais possibilidades de ascenderem socialmente — em especial por meio do ensino de oratória ofertado, mediante pagamento, por professores de retórica tais quais Górgias e Isócrates a partir das últimas décadas do século IV a.C. Conseqüentemente, a manutenção dessa reputação e posição de influência se tornou a prioridade principal dos *rhétores*, cujos discursos na

⁶⁸ Areópago (*Áreios págos*, “Colina de Ares”) se refere à colina à noroeste da acrópole ateniense, onde o Conselho do Areópago (a princípio chamado simplesmente de *boulé*, “conselho”) se reunia. Inicialmente, participação do conselho era restrita a membros da aristocracia de Atenas. Antes ou mesmo durante o tempo de Sólon, o conselho passou a ser composto por ex-arcontes e posteriormente, após as reformas do próprio Sólon e de Efialtes (vide acima) e ao longo do resto do período clássico, era responsável por julgar casos religiosos e de maior seriedade, como assassinatos, lesões corporais e incêndios criminosos (Arist. *Ath. Pol.* 3.4, 8.4, 25, 27.1, 57; Cornell; Rhodes, 2012). Vide também MacDowell (1963, esp. cap. 4) e Hansen (1987, p. 117-124).

⁶⁹ Vide n. 6 acima.

Assembleia agora tinham muito mais a ver com suas agendas políticas pessoais do que qualquer motivação genuína em prol do povo e da *pólis* (Worthington, 2007, p. 258).⁷⁰

3.3. A ORATÓRIA ATENIENSE EM TRÊS GÊNEROS

Quando nos colocamos a discutir a oratória ateniense, faz-se necessário — e um tanto indispensável — que recorramos a Aristóteles e ao seu clássico tratado sobre retórica para melhor entendermos as estruturas, as estratégias e os tipos de argumentos que estavam à disposição dos oradores do período clássico por meio de um autor que, embora não tenha sido ele mesmo um orador tal quais Demóstenes, Lísias ou Ésquines, viveu na mesma época em que a maioria dos discursos a que temos acesso hoje foram compostos e cuja proximidade histórica e espacial (juntamente com sua inteligência teórica) lhe lega certa autoridade. A *Retórica*⁷¹ — apesar do seu caráter prescritivista⁷² por meio do qual o filósofo busca distinguir, definir, categorizar e esquematizar tudo quanto possa ser dito sobre a arte da oratória na segunda metade do século IV a.C. —, nos serve como ponto de partida para pensarmos nos tipos de discursos que eram produzidos em Atenas na época e em suas características mais particulares (seus modos de composição, os agentes envolvidos, os locais onde vinham a ser apresentados oralmente, os assuntos de que mais comumente tratavam, os objetivos que buscavam assegurar etc.). Para tanto, Aristóteles estabelece logo no início do seu tratado sobre retórica a existência de três gêneros discursivos distintos em vigor na oratória ateniense clássica.

De sorte que é necessário que existam três gêneros de discursos retóricos: o deliberativo, o judicial e o epidítico. Numa deliberação temos tanto o conselho como a dissuasão; pois tanto os que aconselham em particular como os que falam em público fazem sempre uma destas duas coisas. Num processo judicial temos tanto a acusação como a defesa, pois é necessário que os que

⁷⁰ O caso específico de Demóstenes e sua atuação na Assembleia é discutido abaixo na seção 5.1.

⁷¹ Em grego, *Tékhñē rhētorikē* (*Téchñē rhētorikē*, “Arte retórica” ou “A arte da retórica”), ou mesmo *Peri rhētorikēs* (*Peri rhētorikēs*, “Sobre a retórica”), como Aristóteles se refere ao tratado na *Poética* (19.2).

⁷² Brauw (2007, p. 189-90 e n. 12) chama a atenção para o fato de que nem sempre — e, de fato, muito ocasionalmente — o *corpus* de discursos que nos chegaram completos corrobora as universalidades apresentadas pelos primeiros manuais de retórica, em especial no que tange à divisão das partes do discurso. Segundo o autor, poucos são os discursos datados do século V a.C. que apresentam uma estrutura em quatro partes (o que se alinha com o pensamento daqueles que sugerem o início da retórica enquanto uma disciplina somente no século seguinte), porém mesmo no século IV a.C. a quantidade de discursos que apresentam essas divisões é menor do que os que não apresentam. Em suma, a *Retórica* de Aristóteles mais se define como o guia de como futuros oradores (*i.e.*, alunos do filósofo na antiguidade) deveriam estruturar seus discursos do que como um manual impositivo de como nós, hoje, devemos ler e avaliar textos do passado.

pleiteiam façam uma destas coisas. No gênero epidítico temos tanto o elogio como a censura.⁷³

A partir dessa divisão e delimitação dos principais atributos de cada gênero, passamos então a explorar com maior detalhe o que cada um deles tinha de particular e de universal no mundo da oratória grega.

3.3.1. O discurso deliberativo (ou político)

Com o desenvolvimento das *póleis* gregas, o enfraquecimento das oligarquias, o fortalecimento e a difusão da democracia pela Grécia e, conseqüentemente, o envolvimento de uma maior parcela da população nas tomadas de decisões políticas — incluindo a ascensão dos *rhētores* em Atenas —, como temos discutido até aqui, vemos então um tipo de discurso tomando formas mais delineadas e ganhando maiores espaços e influência em meio à sociedade ateniense do período clássico. Embora seja somente na segunda metade do século IV a.C. que Aristóteles discorreria sobre as características mais específicas de cada tipo de discurso, fornecendo-nos assim denominações mais definitivas com as quais trabalhamos até os dias de hoje, os aspectos fundamentais que representam o discurso deliberativo (ou político, demegórico, exortativo) tal qual melhor conhecemos por meio dos textos de Demóstenes, em especial, já se mostravam presentes há muito tempo entrelaçados com os próprios alicerces da cultura e da sociedade gregas.

Desde o alvorecer da literatura grega, a capacidade de falar em público com eficiência e de desempenhar bem essa tarefa na frente de seus pares sempre foi fortemente apreciada e vista como essencial para aqueles em posições de liderança, como reis, políticos e até guerreiros. Na *Iliada*, por exemplo, Homero nos apresenta um certo ideal a ser seguido pelo herói iliádico — que deve se expressar bem por meio das palavras na mesma medida em que exhibe proeza em suas ações⁷⁴ —, além de incluir nos poemas diversas situações em que o poder

⁷³ Arist. *Rh.* 1358b6-13 (= 1.3.3, trad. M. A. Júnior, P. F. Alberto & A. do N. Pena, com leves alterações ortográficas): *ὥστ' ἐξ ἀνάγκης ἂν εἴη τρία γένη τῶν λόγων τῶν ῥητορικῶν, συμβουλευτικόν, δικανικόν, ἐπιδεικτικόν. συμβουλῆς δὲ τὸ μὲν προτροπή τὸ δὲ ἀποτροπή· ὅει γὰρ καὶ οἱ ἰδία συμβουλευόντες καὶ οἱ κοινῇ δημιουργοῦντες τούτων θάτερον ποιοῦσιν. δίκης δὲ τὸ μὲν κατηγορία τὸ δ' ἀπολογία· τούτων γὰρ ὀπιτερονοῦν ποιεῖν ἀνάγκη τοὺς ἀμφισβητοῦντας. ἐπιδεικτικὸν δὲ τὸ μὲν ἔπαινος τὸ δὲ ψόγος.*

⁷⁴ Hom. *Il.* 9.438-43 (trad. F. Lourenço, com alterações ortográficas), quando Fênix se dirige a Aquiles no episódio da embaixada: “Foi contigo que me mandou o velho cavaleiro Peleu / naquele dia em que da Ftia te mandou a Agamêmnon, / criança que nada sabias da guerra maligna / nem das assembleias, onde os homens se engrandecem. / Por isso ele me mandou, para que eu te ensinasse tudo, / como ser orador de discursos e fazedor de façanhas” (*σοὶ δὲ μ' ἔπεμπε γέρων ἱππηλάτα Πηλεὺς / ἤματι τῷ ὅτε σ' ἐκ Φθίης Ἀγαμέμνονι πέμπε / νήπιον οὐ πω εἰδόθ' ὁμοῖον πολέμοιο / οὐδ' ἀγορέων, ἵνα τ' ἄνδρες ἀριπρεπέες τελέθουσι. / τοῦνεκά με προέηκε διδασκέμεναι τάδε πάντα, / μύθων τε ῥητῆρ' ἔμεναι πρηκτῆρά τε ἔργων*). Vide Klooster (2018), que explora a fortuna crítica dessa fala

da retórica e da oratória é considerado um elemento crucial em conflitos verbais tanto entre mortais como entre deuses.⁷⁵

No âmbito histórico, em contrapartida ao da literatura, grandes líderes gregos tais quais Sólon, Temístocles e Péricles se perpetuaram na história como representantes da excelência em oratória. A partir de meados do século V a.C., no entanto, com o crescimento dos usos e funções da escrita passando então a contemplar a produção de textos em prosa, a primeira fase do desenvolvimento da oratória deliberativa no período clássico — segundo denominação de Usher (2007, p. 234) — se inicia. Essa fase seria marcada sobretudo por historiadores do século V a.C. (Tucídides e Xenofonte) que se interessavam pelos motivos que levaram a grandes decisões políticas na história recente da Grécia. A segunda fase, por sua vez, seria representada pelos oradores do século seguinte, em grande medida estimulados e influenciados pela escola de oratória de Isócrates.

Com a sua *História da Guerra do Peloponeso*, Tucídides inaugura o costume — posteriormente replicado por Xenofonte, Voltaire e Schiller, para citar alguns — de incluir trechos de discursos de figuras ilustres, ou mesmo os textos completos, em meio às narrativas dos acontecimentos de interesse histórico, na forma de discurso direto (Tsakmakis, 2017, p. 267). Entre alguns dos exemplos de discursos políticos mais notórios nesse clássico da historiografia grega estão os discursos dos embaixadores da Cócira enviados à Atenas para pedirem auxílio em seu conflito contra Corinto (1.32-36), cujos próprios embaixadores, por sua vez, discursam logo em seguida (1.37-43); os discursos de Péricles aos atenienses (1.141-44 e 2.60-4); e os discursos de Cléon (3.37-40) e Diódotos (3.41-8) acerca da condenação dos mitilênios à morte.

No entanto, por mais que um olhar sobre a relação dos gregos no fim do século V a.C. com essa longa tradição oral — que ainda exercia grande influência sobre toda a produção escrita da época — nos leve a possivelmente considerarmos uma leitura de Tucídides que lhe conceda o benefício da dúvida quanto à possível fidelidade dos discursos reproduzidos por ele

de Fênix em citações de autores antigos posteriores e seu uso na educação política ideal de (principalmente) jovens príncipes. Cf. Pownall (2006) sobre a educação moral da elite ateniense no período clássico, que, ao mesmo tempo que buscava se afastar das tradições aristocráticas centradas em Homero, se apostava e se inspirava nelas subrepticamente.

⁷⁵ Barker (2009, esp. p. 34-9), com base no uso da palavra *agoré* (*ἀγορή*, “assembleia”, “agora”) em Homero para designar locais e eventos, contabiliza na *Iliada* quatro assembleias de aqueus (*Il.* 1.54-395; 2.50-440; 9.10-78; 19.40-276), três assembleias divinas (*Il.* 8.2-40; 20.4-30; 24.33-119) e quatro assembleias troianas (*Il.* 2.788-808; 7.345-79; 8.489-542; 18.245-310). Já na *Odisseia*, ele encontra quatro assembleias em Ítaca (*Od.* 2.6-257; 16.342-408; 20.240-7; 24.421-64), duas assembleias de deuses (*Od.* 1.26-95; 5.3-42) e várias outras relatadas por Nestor (*Od.* 3.136-50), Demódoco (*Od.* 8.503-13) e Odisseu (*Od.* 9.171-7; 10.188-201; 12.319-24).

em relação aos que tenham sido de fato pronunciados na vida real,⁷⁶ os discursos que encontramos na *História da Guerra do Peloponeso* (em sua maioria discursos políticos), em verdade, apresentam características estruturais e estilísticas que condizem com as diretrizes e práticas retóricas que já eram ensinadas por professores de oratória em Atenas na segunda metade do século V a.C. (Tsakmakis, 2017, p. 268).

Segundo não só a definição posterior de Aristóteles acerca do gênero, mas principalmente os poucos exemplos a que temos acesso hoje, discursos deliberativos eram aqueles proferidos por membros do corpo político da cidade e que tratavam de assuntos de política tanto interna quanto externa (e.g., legislação, guerra e paz, alianças etc.). O local onde esses discursos ocorriam em Atenas, ao menos a partir do período clássico, era na *Ekklēsia* (Assembleia), onde representantes de todas as dez tribos da Ática ouviam o que os *rhētores* tinham a dizer e participavam ativamente na tomada de decisões. Devido à importância e à grande influência política que tanto a Assembleia como os tribunais exerciam na Atenas do período clássico, esperava-se compulsoriamente daqueles interessados em adentrar o espaço político da *pólis* que fossem instruídos na arte da oratória — mesmo que muitos deles acabassem não fazendo uso do seu direito de se dirigir ao Conselho dos Quinhentos e aos demais membros da Assembleia e se restringissem somente a exercer seu direito de voto.⁷⁷

Aqueles que decidissem se pronunciar e falar publicamente sobre assuntos de interesse do povo tinham como objetivo principal em seus discursos prever possíveis consequências, caso a Assembleia acatasse as medidas propostas — ou o contrário, caso a maioria fosse contrária às proposições —, e assegurar a seus ouvintes que o caminho recomendado era de fato o mais favorável aos interesses da *pólis* (Usher, 2007, p. 229). Para além de estratégias retóricas comuns a todos os tipos de discurso — que, em suma, visavam instigar certas emoções (*páthē*) nos ouvintes por meio de argumentos (*lógoi*) convincentes e um caráter (*ēthos*) confiável —, o discurso deliberativo tinha como característica, ainda, o estímulo de sentimentos de patriotismo, a fim de que aqueles presentes na Assembleia refletissem a respeito dos seus

⁷⁶ O próprio Tucídides faz ressalvas à fidelidade das suas versões dos discursos, como por exemplo em 1.22.1-2 (trad. M. da G. Kury, grifos nossos): “Quanto aos discursos pronunciados por diversas personalidades quando estavam prestes a desencadear a guerra ou quando já estavam engajados nela, foi difícil recordar com precisão rigorosa os que eu mesmo ouvi ou os que me foram transmitidos por várias fontes. Tais discursos, portanto, são reproduzidos com as palavras que, no meu entendimento, os diferentes oradores *deveriam ter usado*, considerando os respectivos assuntos e os sentimentos mais pertinentes à ocasião em que foram pronunciados, embora ao mesmo tempo eu tenha aderido tão estritamente quanto possível ao sentido geral do que havia sido dito” (καὶ ὅσα μὲν λόγῳ εἶπον ἕκαστοι ἢ μέλλοντες πολεμήσειν ἢ ἐν αὐτῷ ἤδη ὄντες, χαλεπὸν τὴν ἀκρίβειαν αὐτῆν τῶν λεχθέντων διαμνημονεῦσαι ἢν ἐμοὶ τε ἂν αὐτὸς ἤκουσα καὶ τοῖς ἄλλοθεν ποθεν ἐμοὶ ἀπαγγέλλουσιν· ὡς δ' ἂν ἐδόκουν ἐμοὶ ἕκαστοι περὶ τῶν αἰεὶ παρόντων τὰ δέοντα μάλιστα εἰπεῖν, ἐχομένῳ ὅτι ἐγγύτατα τῆς ζυμπάσης γνώμης τῶν ἀληθῶς λεχθέντων, οὕτως εἴρηται).

⁷⁷ Vide n. 6 acima.

deveres democráticos não só para com a sua própria *pólis*, como também para com seus aliados (p. 234).

Ao passo que os discursos deliberativos que encontramos em Tucídides e Xenofonte, por um lado, só foram transcritos posteriormente e não confirmam por si sós credibilidade histórica suficiente para que os encaremos como discursos que de fato tenham sido proferidos na Assembleia, os discursos deliberativos que compõem o *corpus* de Demóstenes, por outro lado, servem de exemplo para textos que foram preparados para tal — mesmo que talvez não tenham sido realmente apresentados ante a *Ekklēsia* e só tenham sido compostos como exercícios retóricos ou mesmo diretamente veiculados para a leitura. Seja porque só tenhamos acesso a discursos deliberativos do período clássico ateniense que sejam da autoria desse orador, seja justamente porque talvez nenhum outro representante da oratória ateniense tenha se equiparado a ele o suficiente para que seus discursos deliberativos também fossem preservados de igual ou similar maneira, Demóstenes é considerado o *rhētōr* ateniense por excelência. Desde seu discurso mais antigo a que temos acesso, *Sobre as Simorias* (Dem. 14) — em que o orador advoga contra provocações militares para com o rei da Pérsia e a favor de uma reforma do sistema de financiamento naval de Atenas — até sua empreitada política ao longo de duas décadas contra Felipe II e o crescimento do poderio macedônio — representada sobretudo pelas séries de discursos denominadas *Olínticas* (Dem. 1-3) e *Filípicas* (Dem. 4, 6, 9-10) —, Demóstenes conquistou renome como orador tanto nos tribunais quanto na Assembleia.

3.3.2. O discurso judicial (ou forense)

Antes de Aristóteles, manuais de oratória tinham por foco principal o ensino de técnicas retóricas — ou mesmo truques, artimanhas, artifícios, como diria o filósofo — que ajudassem aqueles interessados a melhor se prepararem para, em especial, se defender ou acusar em contextos judiciais.⁷⁸ Essa preocupação um tanto exclusiva para com discursos judiciais talvez

⁷⁸ Em sua crítica ao ensino de oratória focada no gênero judicial, Aristóteles (*Rh.* 1354b22-29 = 1.1.10, trad. M. A. Júnior, P. F. Alberto & A. do N. Pena, com leves alterações ortográficas) argumenta que, “embora o mesmo método convenha ao gênero deliberativo e ao judicial, e embora a oratória deliberativa seja mais nobre e mais útil ao Estado que a relativa a contratos, aqueles autores [*i.e.*, autores de manuais de retórica] nada têm a dizer sobre o primeiro gênero, mas todos se esforçam por elaborar a arte do discurso judicial, porque é menos útil dizer algo fora do assunto nos discursos deliberativos, e porque a oratória política é menos nociva que a judicial, por ser de interesse mais geral” (*διὰ γὰρ τοῦτο τῆς αὐτῆς οὐσῆς μεθόδου περὶ τὰ δημηγορικὰ καὶ δικανικά, καὶ καλλίονος καὶ πολιτικωτέρας τῆς δημηγορικῆς πραγματείας οὐσῆς ἢ τῆς περὶ τὰ συναλλάγματα, περὶ μὲν ἐκείνης οὐδὲν λέγουσι, περὶ δὲ τοῦ δικάζεσθαι πάντες πειρῶνται τεχνολογεῖν, ὅτι ἥττόν ἐστι πρὸ ἔργου τὰ ἔξω τοῦ πράγματος λέγειν ἐν τοῖς δημηγορικοῖς καὶ ἥττόν ἐστι κακοῦργον ἢ δημηγορία δικολογίας, ὅτι κοινότερον*).

se explique em conjunto com a própria narrativa sobre o surgimento da retórica.⁷⁹ Complementarmente, Cícero, no século I a.C., nos conta que Aristóteles, em sua *Synagōgē Tékhnōn* (*Συναγωγή Τεχνῶν*, “Coleção de Artes”),

por sua vez, reuniu num só lugar os antigos escritores de artes retóricas remontando desde o primeiro e inventor, Tísias, e registrou nominalmente os importantes preceitos de cada um com raro cuidado e clareza e expôs as explicações com exatidão. Mas foi tão superior aos próprios inventores pela doçura e brevidade do discurso que ninguém conhece os preceitos deles a partir dos livros deles próprios, mas todos os que querem compreender o que eles ensinam se voltam para ele como que para um explicador mais vantajoso.⁸⁰

Nenhum outro manual de retórica, seja a despeito ou não da existência desse compêndio aristotélico a que Cícero faz menção, sobreviveu para que pudéssemos avaliá-los independentemente. No entanto, com base nos tratados e testemunhos que foram preservados, não é inconcebível inferirmos que uma necessidade mais urgente por parte da população em aprender a falar bem publicamente, com o intuito imediato de se preparar para uma defesa ou acusação ante um tribunal, tenha naturalmente gerado uma demanda por manuais e professores de retórica especializados em discursos judiciais. Ademais, as chances de um indivíduo, em qualquer momento de sua vida, se encontrar implicado em processos judiciais — tanto públicos quanto privados — e, conseqüentemente, precisar se apresentar em frente a um júri eram muito maiores do que qualquer outra situação que requisitasse conhecimentos de oratória, uma vez que o envolvimento com discursos deliberativos e demonstrativos, por sua vez, se restringia àquela parcela da população ateniense que estava ativamente envolvida com a prática de falar bem em público: aqueles que participavam da política da cidade — *rhētores* na Assembleia e figuras públicas que viessem a pronunciar discursos fúnebres — ou a elite intelectual ateniense interessada em exercícios retórico-filosóficos, por exemplo.

Discursos judiciais, tanto na Grécia do período clássico como nos dias de hoje, ganhavam vida nos tribunais de júri — e as especificidades do público a quem o orador se dirigiria, do tipo de processo judicial em questão, do tempo que seria concedido a cada uma das partes para que apresentassem suas versões dos fatos e do local que serviria de palco para a

⁷⁹ Vide seção 3.2 e n. 65 acima.

⁸⁰ Cic. *Inv. rhet.* 2.6 (trad. K. Ilunga): *Ac veteres quidem scriptores artis usque a principe illo atque inventore Tisia repetitos unum in locum conduxit Aristoteles et nominatim cuiusque praecepta magna conquisita cura perspicue conscripsit atque enodata diligenter exposuit; ac tantum inventoribus ipsis suavitate et brevitare dicendi praestitit ut nemo illorum praecepta ex ipsorum libris cognoscat, sed omnes qui quod illi praecipiant velint intellegere ad hunc quasi ad quandam multo commodiorem explicatorem revertantur.*

acusação e a defesa eram todos fatores que moldavam a estrutura dos discursos e a estratégia por trás de quem os elaborava.

Primeiramente, o judiciário ateniense no período clássico tinha à sua disposição aproximadamente seis mil cidadãos⁸¹ atuando como dicastas (*dikastai*, palavra utilizada para se referir tanto para ao que hoje entendemos por “juiz” como por “jurado”)⁸² nos tribunais a cada ano (Ar. *Vesp.* 662).⁸³ Em um processo privado — *dikē* (*δίκη*), o qual somente a parte lesada ou seus familiares poderia mover contra uma ou mais pessoas que lhe tivessem causado algum mal⁸⁴ —, o número de membros do júri, a depender da quantia exigida pelo requerente como reparação, variava entre 201 e 401 dicastas (Arist. *Ath. Pol.* 53.3). Já em um processo público, por sua vez — *gráphē* (*γράφη*), que, diferentemente da *dikē*, poderia ser instaurada por qualquer cidadão interessado contra uma ou mais pessoas que tenham cometido crimes de caráter mais grave que pudessem configurar uma ofensa contra a *pólis* como um todo⁸⁵ —, o número mínimo

⁸¹ Apesar de ser a definição aristotélica de cidadania a que persista no pensamento comum sobre a Atenas do século IV a.C. — de que “um cidadão é definido simplesmente e acima de tudo como aquele que participa de julgamentos e do governo” (Arist. *Pol.* 3.1275a22-3: *πολίτης δ' ἀπλῶς οὐδενὶ τῶν ἄλλων ὀρίζεται μᾶλλον ἢ τῷ μετέχειν κρίσεως καὶ ἀρχῆς*) —, ela se mostra um tanto limitada, reducionista e voltada a um contexto de atuação demasiadamente específico quando a contrastamos com outras fontes antigas. Até meados do século V a.C., bastava ser filho de um pai ateniense para se constituir cidadania. A partir da Lei de Cidadania de Péricles (451-0 a.C.), no entanto, era permitida a participação na *pólis* somente àqueles filhos de pai e mãe atenienses (Arist. *Ath. Pol.* 26.3) — participação essa que, em contraste com a de Aristóteles, se estendia para além dos tribunais e da Assembleia e abarcava, por exemplo, o desempenho em atividades religiosas, das quais as mulheres eram parte integrante. Vide Patterson (2005, 2010) e Blok (2017) para uma (re)avaliação sobre a cidadania ateniense antiga.

⁸² Gagarin (2020, p. 4, n. 10) discorre brevemente sobre a tradução da palavra grega para o inglês moderno (se *judge* ou *juror* — equivalentes a “juiz” e “jurado” em português). Segundo o autor, ambas as traduções, embora não abarquem completamente as atribuições de um *dikastés* ateniense, estão corretas. No entanto, ele dá preferência à tradução por *juror* (“jurado”), pois a ideia de um montante de “até quinhentos jurados” é mais razoável que a de “até quinhentos juizes”. Ademais, embora a literatura específica em língua portuguesa já aparente ser mais inclinada a essa tradução, a palavra “jurado” em português — “membro da sociedade que participa, no Tribunal do Júri, dos julgamentos dos crimes dolosos contra a vida” e que “decide se o réu é culpado, ou inocente, com base nas respostas aos quesitos formulados pelo juiz presidente que, então, profere a sentença”, (Tribunal De Justiça do Estado de Minas Gerais, 2023) — parece de fato abarcar as atribuições mais similares às de um *dikastés* ateniense.

⁸³ O fato de a única fonte antiga que faça menção a esse número ser uma comédia de Aristófanes exige um certo grau de desconfiança no que tange à sua credibilidade e fiabilidade quanto à quantidade verdadeira de dicastas na época. Em contrapartida, a eficiência das piadas das comédias apresentadas nas Grandes Dionisiacas, cuja plateia era majoritariamente formada pela elite grega que participava do mundo político e administrativo da cidade, dependia de um grau de verossimilhança com a realidade, mesmo que a piada fosse hiperbólica.

⁸⁴ *Dikē*, de maneira geral, podia significar “costume”, “norma”, “justiça”, “direito” etc. (DPG). No contexto jurídico, podia ainda se referir a qualquer tipo de acusação legal. Em um sentido (semi-)técnico, era empregada para se referir a processos privados, muitas vezes acompanhada do tipo de crime cometido pelo acusado (Todd, 1993, p. 370-1) — e.g., *dikē pseudomartyriōn* (*δίκη ψευδομαρτυριῶν*), “processo referente a falso testemunho”, acusação que o orador em Dem. 47 tece contra Evergo e Mnesibulo. No que tange à *dikē* em outros contextos, vide Gagarin (1973, 1974, para uma leitura do termo em Hesíodo que não carregava consigo ainda nenhum sentido moral de justiça) e Dickie (1978, que defende a existência de passagens na épica grega em que a palavra *dikē* carrega consigo um sentido de justiça).

⁸⁵ *Gráphē* é o nome genérico utilizado para designar todo processo que pudesse ser iniciado por qualquer cidadão, independente do seu vínculo com a(s) parte(s) diretamente afetada(s) pelo acusado. Devido ao caráter mais sério das questões trazidas a júri por meio das *gráphai*, as penas e os valores estipulados para reparação em caso de condenação eram relativamente altas. Paralelamente, o risco de se iniciar uma *gráphē* também era grande, uma vez que, para se evitar o uso desse tipo de processo para fins políticos ou como meio de ganhar dinheiro, os

de dicastas era de 501 (Arist. *Ath. Pol.* 68.1; Rhodes, 1981, p. 728-9). No mais, não só a quantidade de membros do júri era algo a se levar em consideração por parte do orador (ou do logógrafo) no momento da elaboração dos argumentos, como também a gama de indivíduos de diferentes estratos sociais que serviam como dicastas nos tribunais. Uma vez que o júri ateniense era visto como um reflexo ou uma extensão da própria comunidade — uma representação institucional que abarcava todas as classes sociais —, os oradores também haviam de estar preparados para se ligar com um público razoavelmente heterogêneo (Todd, 1993, p. 82-91; Cooper, 2007, p. 207).

O tempo destinado a cada litigante também dependia do tipo de processo em pauta. Nos tribunais atenienses, utilizava-se para contabilizar o tempo de fala de cada parte e garantir a isonomia entre acusação e defesa um dispositivo chamado *klepsýdra* (κλεψύδρα, “filtro de água” ou “relógio de água”). Para processos privados (*dikai*) cujo valor de reparação ultrapassasse cinco mil dracmas, cada litigante tinha direito a dez *khóes* (χόες, aproximadamente trinta minutos) para seu discurso principal e três *khóes* (mais ou menos nove minutos) para a réplica; para processos cujo valor era menor que cinco mil dramas, sete e dois *khóes* eram conferidos a cada orador (Arist. *Ath. Pol.* 67.2).⁸⁶ Já em processos públicos (*gráphai*), devido à gravidade dos casos que eram trazidos à júri por meio desse método, um terço de um dia (por volta de três horas e meia) era destinado para cada discurso. Graças à extensão e à duração a que cada fala podia chegar, não era incomum o uso de *synégoroi* (συνήγοροι, aqueles “que falam ou advogam por, que defendem”), um espécie de “co-orador” que dividia o tempo de fala com o litigante principal a fim de, em especial, evitar a fadiga tanto dos oradores quanto dos membros do júri (Cooper, 2007, p. 209).⁸⁷

Por fim, a arquitetura dos tribunais em Atenas também influenciava a maneira como os oradores precisavam se portar e se pronunciar ante tamanho número de espectadores. Os

requerentes derrotados precisavam garantir ao menos vinte por cento dos votos a seu favor; do contrário, corriam o risco de serem multados ou sofrerem outras penalidades mais graves (Todd, 1993, p. 371 e 378). De maneira similar, a palavra também podia vir acompanhada de um genitivo singular para caracterizar o tipo de ação em questão — e.g., *gráphē hýbreōs* (γράφη ὑβρεως, “processo referente ao crime de *hýbris* [excesso, insolência, violência, ultraje, injúria]”).

⁸⁶ Vide Rhodes (1981, p. 719-23) para comentários sobre os fragmentos que restaram dessa seção e as diferentes tentativas de reconstrução da passagem. Devido ao caráter fragmentário do texto, muitos editores não as incluem junto ao resto da obra e, conseqüentemente, essa explicação sobre a clepsidra e as medidas de tempo para cada tipo de processo não constam em todas as traduções.

⁸⁷ Para identificação e classificação de discursos forenses que são contribuições de oradores auxiliares (*synégoroi*), vide Blass (1887-98); Lavency (1964), que subdivide o *corpus* de discursos forenses em quatro categorias: 1) aqueles proferidos em um tribunal pelo próprio litigante (ou seu *kýrios*, seu representante legal), 2) aqueles proferidos de fato por um *synégoros*, 3) aqueles proferidos por um logógrafo enquanto o litigante principal e 4) aqueles proferidos por um logógrafo enquanto *synégoros*; e Rubinstein (2000), para uma descrição mais completa da prática de *synégoria* nos tribunais atenienses.

tribunais eram espaços semiabertos, onde eram admitidos somente os membros do júri e aqueles diretamente envolvidos nos processos (Cooper, 2007, p. 209). No entanto, não havia nada que impedisse que *periestēkótes* (*περιεστηκότες*, “transeuntes” ou “observadores externos”) comparecessem aos tribunais para assistir aos processos — seja por interesse nas questões em pauta ou pela oportunidade de prestigiar os oradores em ação para fins educacionais, mesmo que à distância (Hall, 1995, p. 44). Não obstante, tanto a plateia principal (os jurados em sua função cívica) quanto a adjacente (os transeuntes) não se limitavam ao papel de espectadores passivos. Todo e qualquer orador corria o risco de ter seu discurso interrompido por um *thórybos* (*θύρυβος*, “burburinho”, “clamor”, “barulho” e até mesmo “vaia”) por parte dos que o ouviam, tanto como meio de concordar com o que estava sendo dito quanto como método de mostrar descontentamento com os argumentos ou a versão dos fatos apresentada (Hall, 1995, p. 41). Dito isso, era de se esperar que um orador experiente soubesse projetar sua voz de maneira suficientemente clara e pujante para ser ouvido e compreendido pela maior dos membros votantes, além de ser capaz de contornar quaisquer intromissões ou distrações que pudessem surgir como resposta dos espectadores.

Para além das circunstâncias externas ao discurso que os oradores tinham de levar em consideração antes de subirem à tribuna, a preparação do próprio discurso era o aspecto de maior importância. A cultura política ateniense da época impunha a noção de que um bom orador era aquele que era capaz de não só falar bem e expor seus argumentos de maneira coesa, organizada e convincente, como também, ainda, de fazê-lo de improviso — *impromptu*, sem preparação prévia, de maneira extemporânea. No entanto, a existência do próprio *corpus* de discursos escritos a que temos acesso hoje já nos prova que essa “regra” não era cumprida; o que era seguido à risca, porém, era o comprometimento em passar a impressão de que tais discursos não haviam sido compostos previamente.

Como exposto anteriormente, ao contrário de políticos, professores de retórica, sofistas e filósofos — que estudavam oratória, se preparavam e treinavam para falar publicamente e ganhavam suas vidas ou discursando na Assembleia e em eventos públicos e privados ou ensinando a terceiros a discursar —, todos os demais habitantes da Ática estavam sujeitos, em qualquer momento da vida, a se verem implicados em litígios, estivessem eles preparados para isso ou não. Essa falta de preparo de boa parte dos indivíduos que optassem por processar alguém ou que acabassem sendo levados à justiça abriu espaço para a ascensão dos logógrafos — isto é, *logógráphoi*: *logo-* (discurso) e *-gráphoi* (escritores).⁸⁸ Esses escritores podiam tanto

⁸⁸ Tópico a ser discutido com maiores detalhes no cap. 4 abaixo.

escrever discursos para si mesmos — talvez por se encontrarem no início da carreira ou por se sentirem mais à vontade com um texto já completamente elaborado antes do dia do julgamento — ou para terceiros. Por uma quantia em dinheiro que muito provavelmente não era baixa, oradores experientes (como Demóstenes, por exemplo) forneciam aos seus clientes discursos inteiros, devidamente compostos para o processo judicial em questão, seja para acusação ou defesa, para que fossem decorados e proferidos nos tribunais. Dessa maneira, discursos elaborados com antecedência precisavam ser escritos de maneira apropriada — no caso de discursos judiciais, em linguagem própria e semelhante àquela de oradores extemporâneos, para que não houvesse risco de que o orador fosse acusado de ter preparado seus argumentos anteriormente e, assim, perdesse credibilidade ante os jurados — e, ainda mais importante, exigiam de quem os fossem apresentar habilidade o suficiente para decorar textos extensos⁸⁹ e declamá-los de maneira convincente: tanto no sentido de persuadir os jurados por meio da qualidade dos argumentos e do modo como eram expostos como também no sentido de convencê-los de sua habilidade em discursar extemporaneamente e na arte da oratória.

Argumentos (*lógoi*), provas — *e.g.*, depoimentos de testemunhas (*mártures*), declarações extraídas sob tortura (*básanoi*), documentos (*syngraphai*)⁹⁰ — e mesmo uma versão considerada incontestável dos fatos (*i.e.*, a narrativa, *diégēsis*) não bastavam para que um orador saísse vitorioso do tribunal. Dito isso, e levando-se em consideração as partes do discurso apresentadas acima, o limite de tempo à disposição de cada parte e as circunstâncias exteriores que poderiam prejudicar até mesmo um orador experiente, era imprescindível que todo e qualquer discurso — principalmente aqueles proferidos em tribunais de júri, onde por vezes até a vida das partes envolvidas estava em jogo — apelasse às emoções (*páthē*) dos jurados a fim de garantir sucesso.⁹¹ A parte do discurso onde mais frequentemente encontramos declarações de cunho emotivo é na introdução (*prooímion*) dos discursos. Esse fato muito provavelmente se explica pela própria estrutura dos processos judiciais atenienses: os oradores tinham tempo limitado para expor suas versões dos acontecimentos e muitas vezes somente uma única chance (ou seja, uma única oportunidade de fala) para convencer os jurados de sua inocência ou da culpa de seu adversário. Para tanto, o início do discurso se torna essencial para captar a atenção dos espectadores e estabelecer um estado de espírito propício nos membros do

⁸⁹ Aristófanes (*Eq.* 347-9) faz piada com a dificuldade de se memorizar discursos para ser proferidos em tribunais e brinca com a vergonha que o orador passaria caso se esquecesse de algo. *Cf.* Alcíd. *Soph.* 18.

⁹⁰ Vide n. 55 acima, sobre as provas inartísticas — ou não técnicas, extrínsecas — segundo Aristóteles.

⁹¹ Vide n. 56 acima.

júri logo de início a fim de que, mais adiante, a resposta dos dicastas à narrativa e aos argumentos apresentados seja positiva (Cooper, 2007, p. 208-9).

Em suma, a “crítica de Aristóteles⁹² parece ter sido direcionada ao fato de que a oratória forense permitia maior margem para que o praticante falasse sobre assuntos fora da questão principal e empregasse artimanhas retóricas”. Como podemos notar em discursos forenses da época, “tais apelos e argumentos emocionais eram absolutamente essenciais, pois permitiam ao litigante não apenas atrair e focar a atenção dos dicastas, mas também incitar a imaginação deles e lhes definir juridicamente o real problema em questão” (Cooper, 2007, p. 215).

3.3.3. O discurso demonstrativo (ou epidítico)

Tal como vimos nos casos dos gêneros deliberativo e judicial, o gênero epidítico tem suas raízes fincadas em tempos muito anteriores ao de Aristóteles e de sua *Retórica*. Antes de ser atrelada mais enfaticamente ao gênero epidítico (*epideiktikós*) aristotélico na segunda metade do século IV a.C., porém ainda relacionada a contextos mais específicos à prática da oratória, a palavra *epídeixis* (*ἐπίδειξις*) se referia a qualquer texto escrito cujo intuito era o de ser apresentado formalmente em ambientes privados — em oposição aos tribunais e à Assembleia, a que nos referimos como lugares públicos —, como por exemplo aulas, palestras ou exercícios retórico-filosóficos de caráter propagandístico e ostentoso, comumente usufruídos por sofistas, professores de oratória e filósofos (Thomas, 2003, p. 173). No entanto, a partir do que encontramos nos dicionários de grego antigo — *epídeixis* enquanto “ação de mostrar-se”, “exibição”, “ostentação”, “exposição”, “exibição oratória”, “discurso público”, “leitura pública”, “declamação pública” “discurso solene”, “exemplo”, “prova” (*DGP; LSJ; Bailly, 2020*) —, podemos notar que suas principais acepções não se limitavam a um gênero discursivo somente, mas a toda a oratória clássica ateniense, uma vez que os aspectos oral e performático estavam intrinsecamente conectados a todo e qualquer tipo de discurso.

Apesar de as classificações aristotélicas acabarem restringindo a possibilidade de um entendimento mais amplo da prática da oratória ateniense por meio de seu viés prescritivista — isto é, se nos basearmos somente no filósofo e não levarmos em consideração os discursos aos quais de fato temos acesso hoje, uma vez que essas categorias ignoram “a flexibilidade e a fluidez entre as formas literárias nas tradições vivas” (Carey, 2007, p. 236) —, elas ainda assim

⁹² A crítica de Aristóteles a discursos judiciais; vide n. 78 acima.

servem como um ponto de partida essencial para entendermos os textos com os quais trabalhamos.

Dando continuidade à sua divisão da retórica em três gêneros (Arist. *Rh.* 1358b6-13 = 1.3.3), Aristóteles discorre sobre o tempo e a finalidade de cada um deles. Ao passo que o tempo do orador deliberativo é o futuro (pois ao exortar ou dissuadir seus pares ele os aconselha quanto a eventos vindouros) e o do orador forense é o passado (pois ele acusa ou defende com base naquilo que já aconteceu), o tempo presente é o mais importante para o orador de discursos epidíticos, visto que ele tece elogios e censuras, tanto ao lembrar seu público de acontecimentos passados como ao conjecturar acerca do futuro, com base nas qualidades atuais daqueles de quem ele fala (Arist. *Rh.* 1358b13-20 = 1.3.4). Quanto à finalidade de cada um — isto é, o propósito almejado pelo orador com cada tipo de discurso —, o filósofo atribui ao discurso deliberativo o fim conveniente e o fim prejudicial (“pois o que aconselha recomenda-o como o melhor, e o que desaconselha dissuade-o como o pior”);⁹³ ao judicial, o justo e o injusto; e ao epidítico, o belo e o feio (Arist. *Rh.* 1358b20-9 = 1.3.5).

Assim como salienta Carey (2007, p. 237-8), essas limitações que surgem em consequência das definições de cada gênero discursivo nos indicam que Aristóteles, tal como fizera ao contrastar discursos deliberativos e judiciais,⁹⁴ parece rebaixar a importância do gênero epidítico pelo fato de tais discursos, ao contrário dos outros dois, não apresentarem um resultado prático imediato (*e.g.*, ter ou não seus argumentos acatados pela Assembleia, ganhar ou perder um caso no tribunal).⁹⁵ Isso acaba por impingir ao discurso epidítico uma condição de certa ambiguidade, na medida em que sua prática se ligava intimamente à da escrita. No entanto, “ausência de um contexto urgente ou de resultado imediato não significa ausência de objetivos práticos”, como bem podemos ver no caso de discursos fúnebres e retórico-filosóficos, que cumprem seus deveres e propósitos cívico e educacional, respectivamente, a médio e longo prazo (p. 237). Ademais, visto que o surgimento desse gênero discursivo estava atrelado ao desenvolvimento e disseminação da escrita em prosa — desenvolvimento este por sua vez possibilitado graças aos trabalhos dos logógrafos jônicos (*i.e.*, escritores de textos em

⁹³ Arist. *Rh.* 1358b22-4 (= 1.3.5, trad. M. A. Júnior, P. F. Alberto & A. do N. Pena): *ὁ μὲν γὰρ προτρέπων ὡς βέλτιον συμβουλεύει, ὁ δὲ ἀποτρέπων ὡς χείρονος ἀποτρέπει.*

⁹⁴ Vide seção 3.2 acima.

⁹⁵ Aristóteles parece ecoar, mesmo que indiretamente, as opiniões de outras personalidades atenienses envolvidas com o ensino e a prática da oratória, como por exemplo Isócrates. *Cf.* Isoc. 5.25: “Aliás, não me passa despercebido o quão diferentes, no que tange à persuasão, são os discursos feitos para serem proferidos [*i.e.*, discursos deliberativos e judiciais] em relação ao que são feitos para serem lidos [*i.e.*, discursos epidíticos], e que todos concebem que os primeiros tratam de assuntos importantes e urgentes, enquanto os segundos são escritos para apresentações e para obter lucro” (*καίτοι μ’ οὐ λέληθεν ὅσον διαφέρουσι τῶν λόγων εἰς τὸ πείθειν οἱ λεγόμενοι τῶν ἀναγιγνωσκομένων, οὐδ’ ὅτι πάντες ὑπειλήφασιν τοὺς μὲν περὶ σπουδαίων πραγμάτων καὶ κατεπειγόντων ῥητορεύεσθαι, τοὺς δὲ πρὸς ἐπίδειξιν καὶ πρὸς ἐργολαβίαν γεγραφθαι*).

prosa em geral; vide seção 4.1), ao crescimento dos usos da escrita técnica e à adesão a essa nova tecnologia pelos professores e estudantes de retórica —, atrelava-se também a esse gênero as insinuações de falta de credibilidade comumente ainda associadas à escrita durante o período clássico,⁹⁶ principalmente devido ao fato de que discursos de cunho deliberativo e judicial eram tanto capazes de existir enquanto tais sem o auxílio da escrita como também tinham espaços próprios designados para suas declamações. “No caso da oratória deliberativa e judicial”, portanto, “o impacto da época dos sofistas talvez sistematize, mas não cria a forma de arte. A oratória como exibição, porém, deve sua existência ao novo reconhecimento do pleno potencial da prosa” (p. 238).

No século V a.C., concomitante ao crescimento da prosa em posição de rivalidade à poesia, surgem também novos espaços e oportunidades para *performances* de textos em prosa de caráter epidítico: funerais coletivos para apresentação de discursos fúnebres em honra de soldados mortos em batalha; ambientes privados para demonstrações de discursos retórico-filosóficos (mediante pagamento por parte dos ouvintes); e até mesmo festivais atléticos pan-helênicos, cuja ocasião, apesar de não contar com concursos de declamação de textos em prosa ou prêmios, muitos aproveitavam para divulgar e promover suas habilidades retóricas (no caso de sofistas e professores de retórica em geral) ou seus trabalhos historiográficos, como por exemplo Heródoto e suas *Histórias*⁹⁷ (Carey, 2007, 238-9). Por volta do fim do século V a.C., tais oportunidades para a divulgação e circulação de textos epidíticos aumentaram exponencialmente com o início do comércio de livros em Atenas.⁹⁸

Não muito diferente de oradores discursando na Assembleia ou em tribunais, o orador de discursos epidíticos também tinha por objetivo primário a persuasão daqueles que o ouviam e, tal qual o mundo político e jurídico da Atenas clássica, o terreno em que ele se encontrava era também altamente competitivo, onde a demonstração de habilidades retóricas por meio de discursos fúnebres e exercícios retórico-filosóficos de igual maneira confluía com o ideal ateniense do bom orador público almejado por qualquer *rhétōr*, logógrafo, político ou estudante de retórica. Esse aspecto competitivo, propagandístico e um tanto ostentoso da oratória epidítica — além de seus trespasses no que tange aos limites impostos pelas classificações e

⁹⁶ Cf. Alcidas e Aristóteles sobre os usos da escrita na prática da oratória nas seções 2.3.2.3 acima e 4.1 abaixo.

⁹⁷ Vide seção 2.3.2.1 acima.

⁹⁸ Knox (1985) comenta sobre a relação entre o desenvolvimento da escrita, o crescimento e difusão do letramento e o início de uma cultura da leitura na Grécia antiga. Apesar de não termos evidência arqueológica de nenhum livro produzido antes do início do período helenístico, o autor discorre (p. 7-8) acerca de representações artísticas e literárias do fim do século V a.C. e início do século IV a.C. de livros (*i.e.*, rolos de pergaminhos similares aos que sabemos terem sido comuns no Egito Ptolomaico alguns séculos depois). Cf. Pl. *Ap.* 26d-e, em que Sócrates comenta que era possível comprar livros (*βιβλία, bibliá*) de Anaxágoras por uma dracma ou menos.

definições dos gêneros discursivos e suas sobreposições e correlações com discursos deliberativos e judiciais — pode ser visto em discursos fictícios como o *Elogio a Helena* — tanto o de Isócrates (Isoc. 10) como o de Górgias, ambos os quais apresentam características comuns a um *enkōmion* (ἐγκώμιον, “encômio”, “elogio”, “discurso laudatório”) e a uma *apologíā* (ἀπολογία, “defesa”, “discurso de defesa”) —, a *Defesa de Palamedes*, de Górgias, e o *Odisseu*, de Alcidas (outro possível discípulo de Górgias, assim como Isócrates, tal qual nos contam fontes antigas), em que o herói da *Odisseia* acusa Palamedes de traição durante o cerco de Troia e que pode ser lido como uma possível “resposta” ao discurso georgiano supracitado (Carey, 2007, p. 240).

Se, por um lado, ainda, esses discursos fictícios remontam a figuras do passado mítico grego a fim de os usarem como quadro branco para divulgarem a si mesmos e a seus serviços, sofistas como Antifonte, por outro lado, exploram temas mais presentes — e.g., acusações fictícias de assassinato em suas *Tetralogias* — para apresentarem, por meio de discursos modelos, suas habilidades retóricas à parcela da população ateniense composta por possíveis futuros alunos. Nesses casos, portanto, as estratégias de persuasão do orador diferem daquelas empregadas em discursos deliberativos e judiciais na medida em que, assim como no caso dos discursos fúnebres, tais discursos não têm por objetivo convencer seus ouvintes acerca de uma verdade que visa a um resultado imediato, mas sim testar, provar e divulgar diferentes técnicas de persuasão (Carey, 2007, p. 246).

Devido a essa falta de resultado concreto imediato, enfim, esse gênero discursivo traz consigo propósitos que tendiam também ao entretenimento. À medida que expressões linguísticas passam a fazer mais e mais uso de textos em prosa, ocupando assim diferentes espaços cívicos e realizando funções religiosas da *pólis* que anteriormente eram dominados pela poesia, o gênero epidítico naturalmente assumiu controle sobre eles. O *epitáphios lógos* (ἐπιτάφιος λόγος, “discurso fúnebre”), por um lado, pode ser encarado como um gênero discursivo em prosa que carrega consigo atribuições e características que remontam aos trenos (*thēnoi*, poemas de lamentação pelos mortos, de consolação dos vivos)⁹⁹ e mesmo à noção

⁹⁹ O substantivo *thrēnos* (θρήνος, “pranto”, “lamento”, “canto fúnebre”, “canto de dor”) e o verbo *thēnéō* (θρηνέω, “lamentar-se”, “chorar”, “gemit”, “entoar canto de dor”) são duas palavras utilizadas para se referir a cantos/poemas de luto — comumente entoados por mulheres, porém não restrito a elas. Esse tipo de poema fazia parte do que Ragusa (2013, p. 12-3) chama de mélica (*i.e.*, lírica) grega antiga, um gênero poético que abarcava “composições destinadas à *performance* cantada em coro ou solo, com acompanhamento da lira — no caso da modalidade oral, junto a outros instrumentos; daí, repare-se, o termo ‘lírica’ (*lyriké*), na acepção grega” — e que teve seu auge entre os anos de 620 e 446 a.C., com poetas como Safo, Simônides, Píndaro, Anacreonte e Alcman. Mais sobre a mélica grega antiga, vide Swift (2010, caps. 1 e 2), Budelmann (2009); sobre trenos, mais especificamente, vide Carey (2009, p. 21, 30-1) e Swift (2010, cap. 7).

homérica de *kléos áphthiton* (κλέος ἄφθιτον, “glória imperecível”, “renome eterno”).¹⁰⁰ Os *enkōmia* (ἐγκώμια, “encômios”), por outro lado, se apresentam como sucessores em prosa de versos exortativos e laudatórios que encontramos em *epiníkia* (ἐπινίκια, “odes de vitória”) compostas em honra a atletas triunfantes (Carey, 2007, p. 246-7).

3.4. CONCLUSÕES PARCIAIS

Em complemento às discussões mais gerais sobre oralidade, escrita e letramento apresentadas no capítulo anterior, neste capítulo buscamos explorar o desenvolvimento da oratória e da retórica na Grécia do período clássico a fim de melhor compreendermos o início da atuação dos chamados sofistas no século V a.C., o ensino da oratória e retórica sobretudo em meio à elite ateniense da época e a própria ascensão dos *rhētores* no mundo político de Atenas. Para além de uma síntese sobre as origens da retórica e do ensino da arte da oratória na antiguidade grega, fez-se necessário destrincharmos as classificações e definições aristotélicas dos gêneros discursivos (*i.e.*, gêneros deliberativo, judicial e demonstrativo) para que pudéssemos investigar mais profundamente como esses tipos de discurso eram concebidos, encarados, avaliados e contrastados uns com os outros pelos próprios antigos (*e.g.*, Isócrates, Platão, Alcidas e Aristóteles). Concluído esse exame sócio-histórico-cultural por trás da oratória clássica ateniense, percorreremos a seguir, portanto, as possíveis trajetórias trilhadas por esses textos no passado e avaliaremos em que medida a oralidade e a *performance* se entremeavam com o processo de composição, transmissão e recepção desses discursos.

¹⁰⁰ Por noção homérica de *kléos áphthiton* me refiro à leitura de Nagy sobre o uso da palavra *kléos* (“glória”, “renome”) na poesia grega antiga “para se referir à poesia ou música que glorifica os heróis do longínquo passado heroico”, assim como os deuses (Nagy, 2013, 1§2, 4). Uma vez que, “na cultura musical [*song culture*] da Grécia antiga, *kléos* era o principal meio de se comunicar o conceito de herói” (1§7), poemas épicos como a *Iliada* e a *Odisseia* servem de veículo para se eternizar os feitos de heróis como Aquiles e Odisseu, no caso dessas duas epopeias em específico. Vide Hom. *Il.* 9.410-6 (trad. F. Lourenço, com alterações ortográficas): “Na verdade me disse minha mãe, Tétis dos pés prateados, / que um dual destino me leva até o termo da morte: / se eu aqui ficar a combater em torno da cidade de Troia, / perece o meu regresso, mas terei um renome imorredouro; / porém se eu regressar a casa, para a amada terra pátria, / perece o meu renome glorioso, mas terei uma vida longa, e o termo da morte não virá depressa ao meu encontro” (μήτηρ γάρ τέ μέ φησι θεὰ Θέτις ἀργυρόπεζα / διχθαδίας κήρας φερέμεν θανάτοιο τέλος δέ. / εἰ μὲν κ' αὔθι μένων Τρώων πόλιν ἀμφιμάχωμαι, / ὄλετο μὲν μοι νόστος, ἀτὰρ κλέος ἄφθιτον ἔσται· / εἰ δέ κεν οἴκαδ' ἴκωμι φίλην ἐς πατρίδα γαῖαν, / ὄλετό μοι κλέος ἐσθλόν, ἐπὶ δηρὸν δέ μοι αἰὼν / ἔσσειται, οὐδέ κέ μ' ὄκα τέλος θανάτοιο κιχείη). No caso de Aquiles, que, confrontado com duas opções antitéticas, deve escolher uma, a volta segura para casa (*nóstos*) e, conseqüentemente, a possibilidade de uma vida longa não lhe trariam glória; somente a abdicação do *nóstos*, para permanecer em Troia lutando e morrer então jovem, lhe conferiria o “renome imorredouro” (*kléos áphthiton*). Segundo essa leitura, é a sua escolha por *kléos* em vez de *nóstos* que possibilita a existência do poema *Iliada*, o qual, por sua vez, é o que assegura o caráter imperecível (*áphthiton*) da sua glória, do seu renome. Paralelamente, o *kléos* de Odisseu não é alcançado por meio da sua contribuição à Guerra de Troia, mas sim pelo seu sucesso em assegurar o seu *nóstos* em ambos os sentidos da palavra, ao conquistar a sua “volta para casa” e, por conseguinte, se tornar o herói de “uma música sobre a volta para casa” (Nagy, 2013, 9§13-4).

4. SOBRE A LOGOGRAFIA, OU A ESCRITA DE DISCURSOS

4.1. AS REFLEXÕES DOS ANTIGOS ACERCA DA ESCRITA

Quando falamos de logografia na Grécia do período clássico, estamos nos referindo em especial à escrita (*graphía*) de discursos (*lógoi*) — sobretudo de discursos judiciais, porém não restrita a eles —, uma atividade lucrativa realizada por escritores profissionais de discursos (*i.e.*, logógrafos, tais quais Lísias e Demóstenes, por exemplo) mediante pagamento. No entanto, tanto *logographía* quanto *logográphos*, em seus sentidos primários, eram palavras usadas para se referir, respectivamente, à escrita e aos autores de textos em prosa, em oposição à escrita e aos autores de poesia.¹⁰¹ Tucídides, escrevendo sua *História da Guerra do Peloponeso* na segunda metade do século V a.C., faz uso da palavra *logográphos* em referência a Heródoto e a outros autores que abriram as portas para a escrita historiográfica em prosa na Grécia.¹⁰² Já em Heródoto, é *logopoiós* (*λογοποιός*, “prosador”, “historiador em prosa”, “compositor de discursos para outrem”, “fabulista”) a palavra empregada para se referir a escritores de narrativas em prosa¹⁰³ (Pearson; Hornblower, 1999, p. 882).

No que tange particularmente à oratória clássica ateniense, a escrita de discursos — no caso daqueles concebidos para serem apresentados na Assembleia ou em um tribunal — era vista com maus olhos e considerada incompatível com a imagem de um orador admirável e competente: um que era capaz de se expressar com primazia oralmente em público, de maneira improvisada. Ao passo que em obras datadas do século V a.C. as palavras *logográphos* e *logographía* apresentam uma conotação razoavelmente neutra, no século seguinte elas passam a ser utilizadas com ares jocosos, negativos e pejorativos em se tratando de contextos políticos e judiciais. Fedro, no diálogo platônico de mesmo nome, por exemplo, relata a Sócrates sobre

¹⁰¹ Cf. Arist. *Rh.* 1388b21-2 (= 2.11.7): “E também aqueles cujos elogios e encômios são proferidos ou por poetas ou por logógrafos” (*καὶ ὧν ἔπαινοι καὶ ἐγκώμια λέγονται ἢ ὑπὸ ποιητῶν ἢ λογογράφων*).

¹⁰² Thuc. 1.21.1 (trad. M. da G. Kury): “À luz da evidência apresentada até agora, todavia, ninguém erraria se mantivesse o ponto de vista de que os fatos na antiguidade foram muito próximos de como os descrevi, não dando muito crédito, de um lado, às versões que os poetas cantaram, adornando e amplificando os seus temas, e de outro considerando que os logógrafos compuseram as suas obras mais com a intenção de agradar aos ouvidos que de dizer a verdade” (*ἐκ δὲ τῶν εἰρημένων τεκμηρίων ὁμῶς τοιαῦτα ἂν τις νομίζων μάλιστα ἂ διήλθον οὐχ ἀμαρτάνοι, καὶ οὔτε ὡς ποιηταὶ ὑμνήκασιν περὶ αὐτῶν ἐπὶ τὸ μείζον κοσμοῦντες μᾶλλον πιστεύων, οὔτε ὡς λογογράφοι ζυνέθεσαν ἐπὶ τὸ προσαγωγότερον τῆ ἀκροάσει ἢ ἀληθέστερον*).

¹⁰³ Hdt. 2.134 (trad. M. da G. Kury, com alterações lexicais e ortográficas): “Rodópis era trácia de nascimento, escrava de Ládmon filho de Hefestópolis, um sâmio, e companheiro de cativo de Esopo, o logógrafo” (*Ροδῶπις, γενεὴν μὲν ἀπὸ Θρηίκης, δούλη δὲ ἦν Ἰάδμονος τοῦ Ἡφαιστοπόλιος ἀνδρὸς Σαμίου, σύνδουλος δὲ Αἰσώπου τοῦ λογοποιῶ*); 2.143: “O logógrafo Hecateu esteve antes de mim em Tebas, onde traçou para si mesmo uma genealogia que vinculava sua linhagem a um deus na décima sexta geração de antepassados” (*πρότερον δὲ Ἐκαταίῳ τῷ λογοποιῶ ἐν Θήβησι γενεηλογήσαντι τε ἐωυτὸν καὶ ἀναδήσαντι τὴν πατριὴν ἐς ἑκκαίδεκατον θεὸν ἐποίησαν οἱ ἱεῖες τοῦ Διὸς οἷόν τι καὶ ἐμοὶ οὐ γενεηλογήσαντι ἐμειωτὸν*).

como um político ateniense havia insultado Lísias e o chamado de logógrafo.¹⁰⁴ Em *Contra Timarco*, Ésquines se refere em tom de ironia a Demóstenes como um “certo logógrafo”.¹⁰⁵ Demóstenes, em seu discurso *Sobre a Falsa Embaixada*, por sua vez, rebate Ésquines ao dizer que “logógrafo” e “sofista” são adjetivos que também lhe cabem.¹⁰⁶ Perto do fim do século IV a.C., pouco antes de sua morte, Demóstenes é indiciado pelo crime de traição (Din. 1) e seu trabalho como logógrafo, que lhe rendeu riquezas e possibilitou sua ascensão política em Atenas, é associado a fraudes e mentiras.¹⁰⁷

Uma vez que o ensino e estudo de arte da oratória crescera exponencialmente na segunda metade do século V a.C. — concomitante à disseminação da escrita, ao desenvolvimento dos seus usos e funções no mundo grego e ao seu grau de participação e influência na teoria e prática da oratória ateniense —, cresceu também o debate da elite intelectual da época acerca dos limites da palavra escrita no que tangia a demonstrações públicas de discursos deliberativos, judiciais e epidícticos. As opiniões de filósofos como Platão e Aristóteles já foram apresentadas com maior detalhe acima;¹⁰⁸ resta olharmos com mais atenção o que tinham a dizer, por exemplo, os sofistas e professores de retórica — sobre quem recaíam as acusações de praticar *logographía* e as consequências negativas de tal ofício.

O que veio a ficar conhecido como sofística foi o fenômeno cultural no período clássico grego em que indivíduos denominados sofistas (e.g., Protágoras de Abdera, Górgias de Leontinos e Pródico de Ceos) viajavam pela Grécia oferecendo instrução especializada nas mais diversas áreas, como matemática, geografia e, obviamente, retórica e oratória. A princípio, a palavra *sophistés* (*σοφιστής*, “sofista”) — provinda, por sua vez, de *sophía* (*σοφία*, “habilidade

¹⁰⁴ Pl. *Phdr.* 257c: “Recentemente, admirável Sócrates, um político o insultou com essa mesma injúria, além de, em meio a toda essa injúria, chamá-lo de logógrafo” (*καὶ γὰρ τις αὐτόν, ὃ θαυμάσιε, ἔναγχος τῶν πολιτικῶν τοῦτ' αὐτὸ λοιδορῶν ὠνειδίξει, καὶ διὰ πάσης τῆς λοιδορίας ἐκάλει λογογράφον*).

¹⁰⁵ Aeschin. 1.94: “Além disso, dizem que um certo logógrafo aí, que está maquinando a própria defesa, diz que eu me contradigo” (*καίτοι λογογράφος γέ τις φησίν, ὁ μηχανώμενος αὐτῷ τὴν ἀπολογία, ἐναντία με λέγειν ἐμαυτῷ*).

¹⁰⁶ Dem. 19.246: “Embora ele chame os outros de logógrafos e sofistas e tente ultrajá-los, ele mesmo se provará culpado de tais atos” (*λογογράφους τοίνυν καὶ σοφιστὰς καλῶν τοὺς ἄλλους καὶ ὑβρίζειν πειρώμενος, αὐτὸς ἐξελεγχθήσεται τούτοις ὧν ἔνοχος*).

¹⁰⁷ Din. 1.111: “Pois vocês perceberão que esse homem ficou famoso a partir do momento em que ele entrou na política; que, como compensação pelos seus serviços de logógrafo e advogado em processos legais em nome de Ctésipo, Fórmio e tantos outros, ele se tornou o homem mais rico da cidade; que, desconhecido e sem herdar nenhum renome familiar legado pelos seus antepassados, ele se tornou renomado, enquanto a cidade se encontrava em um estado indigno de si mesma e de seus antepassados. Portanto, votem de forma justa e honesta, desconsiderando as súplicas e os truques desse homem, e pensem em prol da cidade, e não de Demóstenes — pois esse é o dever de nobres jurados” (*εὐρήσετε γὰρ τοῦτον μὲν λαμπρὸν ἐξ οὗ προσελήλυθε πρὸς τὸ πολιτεύεσθαι γεγεννημένον, καὶ ἀντὶ μὲν λογογράφου καὶ μισθοῦ τὰς δίκας λέγοντος ὑπὲρ Κτησίππου καὶ Φορμίωνος καὶ ἐτέρων πολλῶν πλουσιώτατον ὄντα τῶν ἐν τῇ πόλει, ἀντὶ δ' ἀγνώτου καὶ οὐδεμίαν πατρικὴν δόξαν παρὰ τῶν προγόνων παρεληφότος ἔνδοξον γεγεννημένον, τὴν δὲ πόλιν οὐκ ἀξίως ἐαυτῆς οὐδὲ τῆς τῶν προγόνων δόξης διακειμένην. ἀφέντες οὖν τοὺς ἐλέους καὶ τοὺς φενακισμοὺς τοὺς τούτου τὴν ὀσίαν καὶ δικαίαν φέρετε ψῆφον, καὶ σκοπεῖτε τὸ τῇ πατρίδι συμφέρον, μὴ τὸ Δημοσθένει· τοῦτο γὰρ ἐστὶ καλῶν κάγαθῶν δικαστῶν ἔργον*).

¹⁰⁸ Vide seção 2.3.2.2.

manual”, “sabedoria prática”, “bom-senso”, “inteligência”, “discernimento”, “sabedoria”), de onde também temos o verbo *sophízō* (σοφίζω, “tornar sábio”, “instruir”) — compreendia as acepções mais genéricas de “sábio”, “filósofo”, “perito em uma arte”. A partir do fim do século V a.C., no entanto, ela passou a designar mais particularmente professores de ensinamentos especializados e adquire, ainda, uma conotação negativa em consequência da reação em certa medida conservadora da elite intelectual grega que associava o ensino sistemático de técnicas de persuasão ao charlatanismo, à impostura e à subversão dos valores morais e tradicionais da sociedade democrática. Apesar disso, entretanto, “as carreiras de grande sucesso daqueles mais célebres são testemunho de uma demanda considerável por seus serviços, especialmente no fornecimento de treinamento retórico para aspirantes a políticos” (Taylor, 1999, p. 1422).

Paralelamente aos representantes da filosofia clássica ateniense, Isócrates e Alcidas são duas figuras que se encontravam no cerne da discussão entre palavra falada e escrita no mundo da sofística e da oratória.¹⁰⁹ Buscando abrir espaço para a sua carreira como professor de oratória ao se distanciar de outros profissionais que também ensinavam a arte da eloquência, Isócrates escreve, por volta de 390 a.C., seu discurso *Contra os sofistas* (*Katà tōn sophistōn*, Isoc. 13). Nele, o orador alega que a má reputação dos sofistas provém do desapego para com a verdade (13.1);¹¹⁰ que eles garantem o alcance da felicidade caso decidam estudar com eles (13.3), mas são desonestos no que prometem (13.6);¹¹¹ que futuros alunos devem evitar não só tais professores de oratória, como também aqueles que oferecem treinamento na composição de discursos políticos (*politikoi logoi*) para serem proferidos na Assembleia (13.9); que “a habilidade de falar em público ou em qualquer outra ocupação é inata aos naturalmente bem dispostos e àqueles que são treinados por meio da experiência” (13.14);¹¹² que a educação formal (*paideusis*), mesmo capaz de equipar os naturalmente bem dispostos com as habilidades certas, sozinha “não transformaria aqueles de natureza inferior em bons oradores ou escritores

¹⁰⁹ Apesar de a *Suda* atribuir a Isócrates e Alcidas somente os adjetivos orador (*rhētōr*: *Suid. s. v. Ἰσοκράτης*, I 652) e filósofo (*philosophos*: *Suid. s. v. Ἀλκιδάμας*, A 1283) em suas breves biografias, a denominação de sofista cabe perfeitamente a ambos, ao menos no sentido de os dois terem ganhado a vida por meio do ensino de oratória. Sobre Isócrates enquanto filósofo, principalmente a partir do uso da palavra *philosophia* pelo orador para se referir ao seu próprio ofício, vide Timmerman (1998), Sullivan (2001), Muir (2005) e Livingstone (2007).

¹¹⁰ Isoc. 13.1: “Se todos aqueles que se pusessem a ensinar estivessem dispostos a falar a verdade, em vez de fazer promessas maiores que aquilo que pretendem cumprir, eles não teriam uma má reputação entre os cidadãos comuns” (*εἰ πάντες ἤθελον οἱ παιδεύειν ἐπιχειροῦντες ἀληθῆ λέγειν, καὶ μὴ μείζους ποιεῖσθαι τὰς ὑποσχέσεις ὧν ἔμελλον ἐπιτελεῖν, οὐκ ἂν κακῶς ἤκουον ὑπὸ τῶν ἰδιωτῶν*).

¹¹¹ Isoc. 13.6: “pois nada impede aqueles que se tornaram versados em outros assuntos de serem desonestos em seus compromissos” (*οὐδὲν γὰρ κωλύει τοὺς περὶ ἕτερα δεινοὺς γενομένους μὴ χρηστοὺς εἶναι περὶ τὰ συμβόλαια*).

¹¹² Isoc. 13.14: *αἱ μὲν γὰρ δυνάμεις καὶ τῶν λόγων καὶ τῶν ἄλλων ἔργων ἀπάντων ἐν τοῖς εὐφροσίν ἐγγίγνονται καὶ τοῖς περὶ τὰς ἐμπειρίας γεγυμνασμένοις*. Aqui temos um vislumbre do que foi discutido acima (seção 2.3.2.2) acerca da educação (formal, sobretudo na arte da oratória) como preparação para a vida política, almejada por muitos jovens, e dos métodos empregados pela elite aristocrática ateniense para restringir o acesso de outras camadas da sociedade a essa educação.

de discursos (*lógon poiētàs*), mas sim os conduziria em direção a essas qualidades e os tornaria mais sensatos em muitos assuntos”;¹¹³ e que, ao contrário também dos escritores de manuais de retórica (*tékhnai*) — cujos ensinamentos teóricos não ajudam ninguém na hora da prática, no momento de enfim discursar ante um tribunal (13.19-20) —, aqueles alunos que se dedicam à filosofia (*philosophoúntes*) devem aprender e praticar o uso das formas (*eidē*) dos discursos por meio de um professor modelo que se permita ser imitado (13.17-8): ou seja, os alunos de Isócrates aprendem a compor seus discursos ao estudar e imitar os discursos do próprio orador.

No fim das contas, com seu ataque aos professores de oratória e aos escritores de manuais de retórica — ambos sob a égide do termo sofista, já carregado de teor negativo, e sem citar os nomes de seus opositores e concorrentes —, Isócrates busca se separar tanto pragmaticamente quanto terminologicamente de outros indivíduos que prestam serviços voltados ao ensino da arte de falar bem em público. Para tanto, Isócrates delimita o campo de atuação daqueles que ele critica — reunindo todos em um único grupo e os denominando de *sophistai* — para, em contrapartida, explicar como sua atuação difere da deles e, conseqüentemente, se desassociar do título de *sophistēs*. Ademais, é digno de nota salientar como o vocabulário e o tom das invectivas empregados pelo orador, assim como sua defesa de um ensino que preze pela manutenção da verdade (*alētheia*, 13.1, 9), virtude (*aretē*, 13.6, 20-1), probidade (*dikaiosynē*, ou “sentimento de justiça”, 13.5, 21) e temperança (*sōphrosynē*, ou “sensatez”, “prudência”; 13.6, 20-1), se assemelham aos de um filósofo contemporâneo cujos ataques aos sofistas são bem conhecidos: Platão.¹¹⁴

¹¹³ Isoc. 13.15: *τοὺς δὲ καταδεεστέραν τὴν φύσιν ἔχοντας ἀγωνιστὰς μὲν ἀγαθοὺς ἢ λόγων ποιητὰς οὐκ ἂν ἀποτελέσειεν, αὐτοὺς δ' ἂν αὐτῶν προαγάγοι καὶ πρὸς πολλὰ φρονιμωτέρως διακεῖσθαι ποιήσειεν.*

¹¹⁴ De maneira similar, Isócrates implicitamente compara a sua decisão de não participar ativamente da vida pública ateniense — isto é, de renunciar ao *bēma* (*βῆμα*, “púlpito”, “tribuna” ou “tablado”: a plataforma por excelência sobre a qual orador discursava) — com a daqueles filósofos que, segundo ele, prezam essas qualidades em um futuro político ao mesmo tempo que se privam eles mesmos de participar do mundo político da *pólis*. Cf. Isoc. 13.14: “Se devo não só criticar os outros como também revelar minhas próprias intenções, creio que todas as pessoas sãs concordariam comigo que muitos dos que se dedicam à filosofia passam a vida como cidadãos comuns, ao passo que outros, sem nunca terem se associado a qualquer sofista, se tornam oradores e políticos habilidosos” (*εἰ δὲ δεῖ μὴ κατηγορεῖν τῶν ἄλλων ἀλλὰ καὶ τὴν ἑμᾶντοῦ δηλῶσαι διάνοιαν, ἠγοῦμαι πάντας ἂν μοι τοὺς εὖ φρονούντας συνειπεῖν ὅτι πολλοὶ μὲν τῶν φιλοσοφῶντων ἰδιῶται διετέλεσαν ὄντες, ἄλλοι δὲ τινες οὐδὲνὶ πώποτε συγγενόμενοι τῶν σοφιστῶν καὶ λέγειν καὶ πολιτεύεσθαι δεινοὶ γέγονασιν*). O motivo por trás da preferência de Isócrates por veicular suas opiniões políticas por meio de textos escritos seria sua voz fraca (Isoc. 5.81: “Pois eu, dentre todos os cidadãos, era o menos apto para exercer carreira política (me faltavam voz forte e audácia que me tornassem capaz de lidar com a turba, de ser corrompido e de admoestar aqueles que sobem sem parar à tribuna)”, *ἐγὼ γὰρ πρὸς μὲν τὸ πολιτεύεσθαι πάντων ἀφύεστατος ἐγενόμην τῶν πολιτῶν (οὔτε γὰρ φωνὴν ἔσχον ἰκανὴν οὔτε τόλμαν δυναμένην ὄχλῳ χρῆσθαι καὶ μολύνεσθαι καὶ λοιδορεῖσθαι τοῖς ἐπὶ τοῦ βήματος κλινδουμένοις)*; Isoc. *Ep.* 8.7: “Eu me absteve da carreira política e de falar em público, pois me faltavam voz forte e audácia”, *ἐγὼ τοῦ μὲν πολιτεύεσθαι καὶ ῥητορεύειν ἀπέστην· οὔτε γὰρ φωνὴν ἔσχον ἰκανὴν οὔτε τόλμαν*; e Isoc. 12.9: “e eu sei que a minha natureza é mais fraca e frágil do que deveria para essas questões práticas, nem ideal para discursos ou de todo útil, [...] pois eu não conheço nenhum outro cidadão que tenha nascido assim como eu, insuficiente em relação às duas qualidades que detêm maior autoridade no nosso meio: uma voz forte e audácia”, *τὴν δὲ φύσιν εἰδὼς πρὸς μὲν τὰς πράξεις ἄρρωστοτέραν καὶ μαλακωτέραν οὔσαν τοῦ δέοντος, πρὸς δὲ τοὺς λόγους οὔτε τελείαν οὔτε πανταχῆ*

Alcidamante, por sua vez, se encaixaria na segunda categoria de sofistas criticados por Isócrates: a de professores de retórica — ou, mais especificamente, a de professores de discursos políticos (*politikòì lógoi*). Como resposta ao discurso de Isócrates, Alcidamante põe em escrito sua própria opinião sobre o assunto, por meio do discurso *Sobre aqueles que escrevem discursos escritos, ou sobre os sofistas* (*Perì tòn tóte graptòùs lógous graphóntōn, è perì sophistōn*) — mais conhecido somente como *Sobre os sofistas*. Nele, Alcidamante tece uma acusação (*katēgoría*) contra os chamados sofistas que se vangloriam de praticar a escrita de discursos, não porque eles detenham uma habilidade de que o autor careça — seu próprio discurso por si só atesta sua proficiência na linguagem escrita —, mas porque o objetivo pessoal de Alcidamante se volta mais ao estudo e à prática da retórica e da filosofia (*Soph.* 1-2). Segundo ele, a escrita é de fácil acesso, ao passo que a prática da fala improvisada, a destreza no uso dos argumentos apropriados, o manejo das expectativas da audiência e o discernimento de dizer as palavras certas são qualidades que não advêm da instrução pelo acaso (*Soph.* 3).¹¹⁵ Alcidamante argumenta que a escrita antecipada de discursos permite ao orador revisar, comparar e pedir a opinião de outros sofistas sobre seus argumentos — algo que qualquer um, mesmo aqueles sem instrução alguma, pode fazer — e que a escrita em geral é mais fácil e trivial que a fala, uma vez que qualquer pessoa sensata sabe ser verdade que os que falam com destreza são capazes de escrever bem, mas não o contrário (*Soph.* 4-8). Ademais, em toda e qualquer ocasião em que políticos e homens da elite ateniense como um todo podem vir a se encontrar, a fala sempre se mostrará mais útil que a escrita (*Soph.* 9-11).

No entanto, a questão principal a que Alcidamante deseja chegar gira em torno da falta de apego para com a verdade (*alétheia*) de discursos escritos e da falta de espontaneidade (*tò autómaton*) de textos escritos em geral (*Soph.* 12) — em grande medida resultado da “precisão da composição das frases” que “não admite improvisos” (*αἱ γὰρ ἀκρίβειαι τῆς τῶν ὀνομάτων ἐξεργασίας οὐ παραδέχονται τοὺς αὐτοματισμούς*, *Soph.* 25). A maior prova disso pode ser encontrada justamente na escrita de discursos judiciais — pois logógrafos desse tipo de discurso sempre buscam imitar as expressões e o estilo dos oradores judiciais extemporâneos —, prática essa que, portanto, deve ser sumariamente rejeitada (*Soph.* 13-4). O que se segue a essa declaração é uma lista de desvantagens que a escrita antecipada de discursos oferece ao orador

χρησίμην, [...] οὕτω γὰρ ἐνδεῆς ἀμφοτέρων ἐγενόμην τῶν μεγίστην δύναμιν ἐχόντων παρ’ ἡμῖν, φωνῆς ἰκανῆς καὶ τόλμης, ὡς οὐκ οἶδ’ εἶ τις ἄλλος τῶν πολιτῶν). Para uma discussão acerca da retórica política por trás dessas afirmações, vide Too (1995, cap. 3) e Pownall (2006, p. 240-1).

¹¹⁵ Não é surpresa que as críticas de Alcidamante à escrita, tais quais as de seus contemporâneos Platão e Isócrates, também sejam permeadas por uma retórica profundamente ancorada em tentativas de restringir o acesso à instrução especializada e na manutenção social com que a elite ateniense tanto se preocupava na época. Vide Morgan (1999), Pownall (2006) e seção 2.3.2.2.

quando ele se deparar com situações adversas — que exigem agilidade de pensamento e perícia na fala improvisada — na hora de proferir seus textos ante membros da Assembleia ou um grupo de jurados, assim como uma lista de vantagens que a instrução na arte de falar bem em público pode em contrapartida oferecer (*Soph.* 15-28).

Alcidamante, ainda, não deixa de mencionar a ironia que advém da forma como o seu discurso está sendo veiculado: “não é ilógico denunciar a habilidade escrita enquanto aparenta fazer uso da mesma habilidade para compor seu discurso”?¹¹⁶ Prontamente, ele responde — agora com um tom acusativo mais brando — que seu ataque à escrita de discursos não significa que ele condene essa prática em sua totalidade, mas sim que ele a considera inferior à fala extemporânea; que sua decisão de expor suas opiniões sobre o assunto na forma da palavra escrita serve o propósito, por um lado, de provar seu argumento de que os que falam bem são capazes de escrever bem (mas não o contrário) e, por outro, de legar suas memórias à posteridade por meio da escrita (*Soph.* 29-32).¹¹⁷

Por fim, Alcidamante salienta que suas críticas à escrita — que permite ao orador bastante tempo para preparar e compor seu discurso — não implicam uma defesa da fala despropositada e sem reflexão. Muito pelo contrário: o orador deve sim refletir sobre suas ideias e delinear uma organização prévia de como seus argumentos serão apresentados no momento de sua fala. A elaboração verbal do discurso, no entanto, não deve ser preparada com antecedência e sim deixada a cargo do improviso (*Soph.* 33).

Com base principalmente nesses dois discursos, van Hook (1919, p. 89) constata a animosidade entre Isócrates e Alcidamante. Consoantemente, apesar de Alcidamante também não citar nome algum, boa parte das suas críticas condizem com a prática de Isócrates de veicular seus discursos por meios escritos em vez de proferi-los ele mesmo verbalmente ante a Assembleia ou um tribunal. De maneira análoga a seu rival, no entanto, Alcidamante também critica seus opositores ao mesmo tempo em que exalta seu próprio método de ensino, a fim de angariar alunos para si (Edwards, 2007, p. 47). A diferença entre os dois se dá justamente no tom das invectivas de Alcidamante direcionadas às práticas com as quais discordava: muito

¹¹⁶ Alcid. *Soph.* 29: ἄλογόν ἐστι κατηγορεῖν μὲν τῆς γραφικῆς δυνάμεως, αὐτὸν δὲ διὰ ταύτης φαίνεσθαι τὰς ἐπιδείξεις ποιούμενον.

¹¹⁷ Cf. Thuc. 1.22.4 (trad. M. da G. Kury, com alterações ortográficas): “Pode acontecer que a ausência do fabuloso em minha narrativa pareça menos agradável ao ouvido, mas quem quer que deseje ter uma ideia clara tanto dos eventos ocorridos quanto daqueles que algum dia voltarão a ocorrer em circunstâncias idênticas ou semelhantes em consequência de seu conteúdo humano, julgará a minha história útil e isto me bastará. Na verdade, ela foi feita para ser um patrimônio sempre útil, e não uma composição a ser ouvida apenas no momento da competição por algum prêmio” (καὶ ἐς μὲν ἀκρόασιν ἴσως τὸ μὴ μυθῶδες αὐτῶν ἀτερπέστερον φανεῖται· ὅσοι δὲ βουλήσονται τῶν τε γενομένων τὸ σαφές σκοπεῖν καὶ τῶν μελλόντων ποτὲ αὖθις κατὰ τὸ ἀνθρώπινον τοιούτων καὶ παραπλησίων ἔσεσθαι, ὠφέλιμα κρίνειν αὐτὰ ἀρκούντως ἔξει. κτῆμά τε ἐς αἰεὶ μᾶλλον ἢ ἀγώνισμα ἐς τὸ παραχρῆμα ἀκούειν ζύγκεται).

provavelmente por não querer se opor com tanta vivacidade a essa nova tendência que aparentava não ser somente algo passageiro (Edwards, 2007, p. 49), Alcidas passa de uma censura aparentemente absoluta da escrita a uma breve classificação das instâncias mais apropriadas à fala improvisada e à escrita antecipada.

É sobretudo à escrita de discursos judiciais que Alcidas volta suas críticas em *Sobre os sofistas*, uma prática que ele considera inadequada ao ambiente dos tribunais atenienses e insuficiente para suprir as qualidades esperadas de um bom orador tanto do lado da acusação como da defesa em um processo judicial. No que tange ao gênero deliberativo, só nos resta supor que sua opinião provavelmente não poderia ser tão diferente, especialmente se levarmos em consideração a divisão aristotélica das expressões linguísticas apropriadas a cada gênero discursivo — somente a título de exemplificação e sem afirmarmos qualquer relação ideológica entre os pensamentos dos dois autores, a fim de evitarmos possíveis anacronismos.

Segundo Aristóteles (*Rh.* 1413b3-1414a29 = 3.12.1-6), o estilo de debate (*léxis agōnistikḗ*) é próprio de discursos deliberativos e judiciais — ou seja, discursos idealizados (*i.e.*, escritos previamente) com vistas a enunciações públicas (*hypokriseis*), seja na Assembleia ou em um tribunal. Já o estilo escrito (*léxis graphikḗ*) melhor se alinha ao gênero demonstrativo — ou seja, a discursos destinados sobretudo à leitura (*anagnōsis*).¹¹⁸ Essa dicotomia *hypókrisis/anagnōsis* concebida pelo filósofo se vincula, ainda, ao grau de precisão (*akríbeia*) de cada tipo de discurso. Ao passo que “o estilo escrito é o mais preciso” (*ἔστι δὲ λέξις γραφικῆ μὲν ἢ ἀκριβεστάτη*, *Rh.* 1413b8-9 = 3.12.2), o estilo de debate é, em oposição, menos preciso linguisticamente justamente por ser destinado a pronunciações públicas. Assíndetos (*asýndeta*, *i.e.*, ausência de conjunções coordenativas entre palavras, sintagmas ou orações) e repetições constantes, por exemplo, são características apropriadas na fala e, por conseguinte, em discursos destinados a apresentações públicas orais. Quando encontrados em textos escritos, tais

¹¹⁸ É importante delimitar e definir o que se entendia por leitura à época do período clássico grego, a fim de não cometermos possíveis anacronismos e retroativamente impormos a uma sociedade antiga uma prática de leitura especificamente nossa (*i.e.*, uma leitura sobretudo individual e silenciosa de textos escritos que, na maioria esmagadora dos casos, apresentam hoje uma linguagem muito mais distanciada da palavra falada do que um dia fora na Grécia antiga, principalmente se levarmos em consideração o tempo de exposição da nossa sociedade atual, em comparação à dos gregos do século IV a.C., à escrita enquanto tecnologia). Contrário à ideia de que a prática da leitura silenciosa antes da época de Santo Agostinho (354-430 d.C.) era inexistente ou desconhecida (Balogh, 1927a, 1927b), Knox (1968) conclui que, embora não se tratasse de uma prática comum e amplamente utilizada, já no período clássico os gregos faziam uso da leitura silenciosa (os exemplos dos quais ele faz uso para ilustrar sua hipótese, porém, são todos de textos curtos, como cartas e oráculos). Grivilov (1997), complementarmente, se utiliza da psicologia moderna para melhor entender a reação “adversa” de Agostinho à leitura silenciosa e nos fornece uma lista de passagens de fontes antigas, tanto gregas quanto romanas, que aludem à leitura silenciosa. Vide também Johnson (2000) para uma “sociologia da leitura na antiguidade” e um debate acerca do quão central a leitura em voz alta era para os antigos e McCutcheon (2015) para um panorama das divergências de opiniões de estudiosos quanto à prática da leitura na antiguidade.

características não cumprem seus propósitos performativos e passam a percepção de um texto ou de uma argumentação simples, tola, ingênua (*Rh.* 1413b17-23 = 3.12.2-3). Em suma, quanto maiores a necessidade e o grau de participação do aspecto performático na transmissão de um discurso, menos exata a linguagem haveria de ser — pois essa falta de precisão é compensada por meio de elementos extra e paralinguísticos (Vatri, 2017, p. 20). Por esse motivo o gênero epidítico, cujo objetivo primário é ser lido em voz alta a pequenos grupos de expectadores/interlocutores em ambientes privados, apresenta uma linguagem mais precisa, seguido de perto pelo gênero judicial (*Rh.* 1413b15-18 = 3.12.5).

É importante salientar que as “definições aristotélicas pertencem a um período posterior e mais orientado textualmente, em que os gêneros discursivos haviam se cristalizado e enunciações orais tinham conotações ligeiramente diferentes” (Thomas, 2003, p. 173). Um exemplo disso talvez se dê justamente na concepção de discursos epidíticos que, por um lado, os reserva a leituras em menor escala em comparação a discursos deliberativos e judiciais e, por outro, aparenta excluir — ou desconsidera em certa medida — os *epitáphioi lógoi* (discursos fúnebres), os quais, mesmo se assemelhando mais a textos de louvor ou censura e a exercícios retórico-filosóficos do que a discursos políticos ou forenses, também dependiam fortemente de oradores com vozes imponentes e eram destinados a apresentações em ocasiões públicas ante grandes audiências. No entanto, suas considerações acerca da linguagem apropriada de cada gênero discursivo ainda se provam de grande valor quando postas lado a lado com as de um autor, como Alcidas, anterior a esse período de aparente engessamento teórico-terminológico no que tange à oratória ateniense.

4.2. O PROCESSO DE COMPOSIÇÃO, TRANSMISSÃO E RECEPÇÃO DE DISCURSOS

Aliadas, enfim, às nossas análises das discussões levantadas pelos próprios autores antigos acerca dos usos, funções e contribuições da escrita em meio à prática da oratória no período clássico, é também útil à nossa pesquisa — e ao projeto de tradução no cerne desta dissertação — entendermos, por um lado, a gama de possibilidades que permeia o processo de composição, transmissão e recepção de discursos deliberativos, judiciais e demonstrativos e, por outro, a relação que os textos escritos a que temos acesso hoje tinham com a oralidade e a *performance* no passado. O diagrama abaixo (fig. 1) serve de ilustração para melhor compreendermos os caminhos percorridos por textos sobretudo datados do século IV a.C., mas que também pode ser utilizado para se discutir o movimento empreendido por obras mais antigas, como, por exemplo, as epopeias homéricas.

De início, Vatri (2017) faz uso de uma definição antropológica de texto para se debruçar sobre as classificações usadas para categorizar as obras antigas com as quais trabalhamos. Segundo a perspectiva antropológica por ele adotada, textos “são feitos para serem removíveis do fluxo da conversa, para que possam ser repetidos, citados e comentados — são formas de linguagem, ou seja, formas que, tanto escritas quanto orais, obedecem a uma espécie de existência independente e privilegiada” (Barber, 2007, p. 3).

Com base nessa perspectiva, podemos então dizer que “fatores socioculturais desempenham um papel muito mais crucial que propriedades formais” na definição e delimitação de gêneros textuais, uma vez que qualquer “fragmento de linguagem deve primeiramente ser reconhecido como uma entidade autônoma para então ser qualificado como um ‘texto’, e tal reconhecimento pode (mas não precisa) ser induzido pela forma ou meio em que tal material linguístico é apresentado”. No fundo, basta que a percepção social aceite que um dado conjunto de enunciados é imbuído de “textualidade” para que sua forma e estrutura sejam fixadas — isto é, a percepção social é suficientemente forte para ativar um processo de “textualização” de um conjunto de enunciados. À vista dessa definição de texto em um sentido antropológico, todo e qualquer texto configura um ato de comunicação, que “tem início com a produção de um texto (uma composição oral ou escrita, ou uma composição em *performance*) e se conclui toda vez que um texto é recebido por ouvintes ou leitores”. Todas essas “instâncias de recepção textual”, por sua vez, “podem ser encaradas como eventos comunicativos” (Vatri, 2017, p. 24) — isto é, eventos de fala, que por definição são “atividades sociais culturalmente reconhecíveis em que a linguagem desempenha um papel específico, por vezes até mesmo especializado” (Levinson, 1983, p. 279).

Dito isso, conseguimos perceber como a identificação e definição de um dado tipo de texto — e, por conseguinte, o seu contraste com outros tipos textuais e sua oposição a eles — é muito mais extrínseco do que intrínseco. De que modo e com que finalidade um texto é utilizado pelos falantes de uma língua e como ele é recebido e avaliado pelos seus interlocutores (seja por meio da fala ou da escrita) são características muito mais significantes do que suas propriedades formais — *e.g.*, se é escrito ou falado, se emprega linguagem formal ou informal, se é curto ou longo, se é veiculado por tal meio de comunicação etc. — e de como ele é posterior e retroativamente classificado a partir dessas mesmas propriedades observáveis.

No caso da oratória clássica ateniense, as classificações e definições mais abrangentes de Aristóteles no seu tratado sobre retórica nos revelam um idealismo e prescritivismo da parte do filósofo, no que tange à prática da oratória da qual ele mesmo não participava ativamente, que muitas vezes não condizia perfeita ou completamente com a realidade (*e.g.*, a características

do gênero epidítico, principalmente em relação ao *epitáphios lógos* e suas discrepâncias em relação a outros discursos demonstrativos). Obviamente, Aristóteles não surge repentinamente com suas considerações e, a partir delas e somente delas, passamos a encarar a oratória do período clássico grego exclusivamente através de um viés aristotélico. Por mais que, como já discutimos, a *Retórica* e seu autor tenham angariado fama e autoridade no assunto ao longo dos séculos, notamos que a identificação dessas propriedades formais de diferentes discursos, além de suas denominações e classificações, tem início por volta de um século antes da escrita do tratado em questão e apresenta grandes semelhanças terminológicas e conceituais com o pensamento aristotélico. Exemplos disso se dão em figuras tais quais Córax e Tísias de Siracusa, como bem vimos na história do desenvolvimento da retórica enquanto uma disciplina, e em textos datados da segunda metade do século V a.C. e primeira do século IV a.c. de autores como Platão, Isócrates e Alcidas.

Portanto, uma vez que tais definições não bastam para pensarmos em que medida a escrita, a oralidade e a *performance* se entrelaçavam com o processo de composição, transmissão e recepção de discursos da oratória clássica ateniense, faz-se necessário extrapolar as barreiras terminológicas dos próprios autores antigos, usadas para delimitar o campo de atuação e as características de cada gênero discursivo, ao aliá-las ao que sabemos sobre o desenvolvimento dos usos e funções da escrita na Grécia antiga, as ocasiões de *performance* dos tipos de discurso e a relação que os oradores tinham com seus ouvintes/leitores por intermédio dos textos escritos que sobreviveram até os dias de hoje. Com isso em mente, Vatri (2017) elabora o diagrama abaixo (fig. 1) com o intuito de ilustrar as conexões subjacentes que os textos escritos a que temos acesso hoje tinham com a oralidade e a *performance* — conexões essas que a primeira vista não são tão aparentes quanto o eram para aqueles que, na Atenas do período clássico, tinham contato direto com esses textos.

De três maneiras um dado texto podia vir a se originar em Atenas durante o período clássico: 1) por meio de uma composição oral privada, quando um poeta (um bardo, um aedo) compõe sua obra longe dos olhos e ouvidos do público; 2) por meio de uma composição oral pública, *i.e.*, uma composição em *performance*, em que o artista improvisa seu poema à medida em que o apresenta aos seus espectadores; ou 3) por meio de uma composição escrita — que, obviamente, não tem como se dar de maneira síncrona ante uma plateia e, portanto, só pode ser elaborada em contexto privado. Ambos os tipos de composição oral (pública e privada) podem encontrar seu termo após findada sua *performance* oral — ou seja, quando esse ato comunicativo é concluído definitivamente ao ser recebido por um grupo de ouvintes. Caso deem um passo além em direção a um estado com maiores possibilidades de serem preservadas e

difundidas, essas composições podem vir a ser escritas tanto por meio de um ditado (*i.e.*, quando o autor dita o texto para um terceiro, que o põe em escrito) ou de uma transcrição direta (em que o próprio autor da composição oral a põe na forma escrita). Tanto o ditado quanto a transcrição originam um texto escrito por excelência, que, por sua vez, é o produto final também de uma composição escrita.

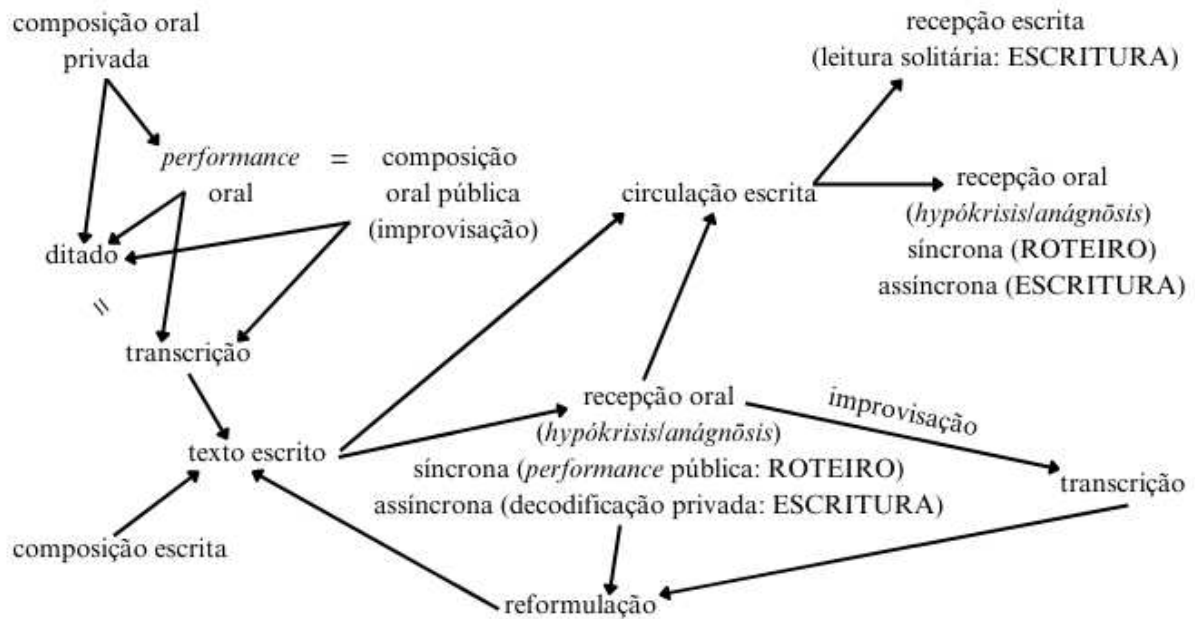


Figura 1: Possíveis caminhos na trajetória de textos escritos na Atenas do século IV a.C., desde sua gênese até sua recepção (Vatri, 2017, p. 39, tradução nossa).

A partir do texto escrito, no entanto, uma gama de possibilidades se abre em termos de transmissão e recepção, uma vez que as maneiras por meio das quais os ouvintes ou leitores poderiam vir a entrar em contato com esse texto escrito eram variadas. Depois de estabelecido o texto em forma escrita, ele poderia começar a circular imediatamente tanto na forma de um livro (*i.e.*, rolo de pergaminho;¹¹⁹ a fase da circulação escrita, segundo o diagrama cima) como por meio de recepções orais. Tais recepções orais, como já vimos anteriormente por meio de Alcídamante e Aristóteles, poderiam, ainda, ser de dois tipos: 1) uma recepção síncrona, em que o orador — ou um representante seu — realiza uma enunciação pública (*hypókrisis*) do texto escrito, servindo esse texto somente de roteiro a ser previamente lido em particular, memorizado e apresentado oralmente (*e.g.*, discursos deliberativos na Assembleia e judiciais

¹¹⁹ Vide seção 3.3.3 e n. 98 acima para uma breve discussão e referências sobre o comércio de livros em Atenas durante o período clássico.

nos tribunais); ou 2) uma recepção assíncrona, em que o orador — ou um representante, de igual maneira¹²⁰ — faz uma leitura (*anágnōsis*) em voz alta para um grupo menor de ouvintes (e.g., discursos demonstrativos em simpósios ou funerais). É digno de nota que a leitura, embora implique a presença do texto escrito em mãos, não anula a possibilidade (ou até mesmo a necessidade) de preparação prévia do orador, a fim de otimizar a sua enunciação e ter sucesso em alcançar os resultados esperados com tal texto.

Após sua recepção oral, seja ela síncrona ou assíncrona, o texto tal qual fora concebido pode seguir diretamente para a fase da circulação escrita. Essa circulação escrita oferece aos futuros interlocutores, caso adquiram o texto mediante compra ou empréstimo, duas possibilidades: lê-lo individualmente, como uma escritura (uma leitura solitária mais próxima da que praticamos hoje),¹²¹ ou ouvi-lo por meio de uma recepção oral (*hypókrisis* de um roteiro de *performance* ou *anágnōsis* de uma escritura) tal qual descrita acima. No caso de decisão por parte do autor de não disponibilizar o texto para circulação escrita no estado que ele se apresentava antes de uma primeira recepção oral, o texto pode ainda passar por um processo de reformulação. Tal reformulação pode se mostrar necessária caso o orador venha a improvisar no momento da apresentação — acarretando, portanto, alterações no corpo do texto e exigindo algum grau de reescrita — ou caso julgue o texto insuficientemente finalizado para ser distribuído. O primeiro caminho implica uma transcrição do novo texto (parcial ou completamente, com acréscimos ou cortes de partes do texto provenientes da improvisação), o que gera um processo de reformulação do texto original em uma nova versão do texto escrito. O segundo caminho parte direto do texto como roteiro ou escritura, que é reformulado e transformado em uma nova versão do texto. Nada impede, aliás, que esse processo se repita

¹²⁰ Por representante, entende-se qualquer terceiro que, não sendo o autor do texto, deve ou se dispõe a apresentá-lo oralmente ou a lê-lo em voz alta nas respectivas ocasiões para as quais o texto escrito foi originalmente concebido. Um discurso deliberativo (político) — quando de fato escrito previamente, algo que, com base nos *corpora* de discursos que chegaram até nós, não era uma prática tão comum em comparação à escrita antecipada de outros gêneros discursivos da oratória —, por exemplo, muito provavelmente só era apresentado ante a Assembleia pelo próprio autor. Um discurso judicial (forense), por outro lado, abria espaço para muitos representantes (*synégoroi*; vide seção 3.3.2 e n. 87 acima) os apresentarem os discursos no lugar do autor original, em grande parte devido ao ofício da *logographia*, em que os clientes envolvidos em processos legais com pouca experiência ou confiança na própria habilidade oratória encomendavam discursos prontos, que eram então memorizados e apresentados nos tribunais. Um discurso demonstrativo (epidítico), por fim, poderia tanto ser lido pelo próprio autor como por um amigo ou conhecido — no *Fedro* de Platão, por exemplo, o discurso *Sobre o amor*, que Platão atribui ao orador e logógrafo Lísias, é apresentado a Sócrates pelo próprio Fedro; já o outro *Sobre o amor* (Dem. 61), que faz parte do *corpus* demostênico e é traduzido nesta presente dissertação, não é lido e nem mesmo foi (aparentemente) escrito originalmente para ser apresentado pelo próprio autor, ao menos segundo o que podemos ler no próêmio do discurso (Dem. 61.1-2). Vide seção 5.1.2 para a leitura da passagem ou a própria tradução em anexo.

¹²¹ Vide n. 118 acima.

uma, duas, três vezes antes de o texto ser fixado definitivamente e enfim encaminhado para a circulação escrita — ou até mesmo ser descartado.

O principal objetivo do diagrama acima, vale a pena reiterar, é ilustrar os possíveis percursos empreendidos por textos datados do século IV a.C., e não por todo e qualquer texto proveniente da antiguidade grega. No entanto, com algumas adaptações ele poderia ser usado retroativamente para se pensar na trajetória textual de textos mais antigos. O caso da poesia arcaica é um ponto em questão. Uma vez que não há como ter certeza absoluta quanto ao grau de influência e participação da escrita na composição da poesia grega antiga, a trajetória textual de quase todos os gêneros poéticos gregos — desde a épica até as poesias monódica e coral, pelo menos — poderia ser lida pelas lentes do diagrama a partir de uma mescla das composições orais pública e privada como seu ponto de partida. As poesias dramática e cômica, por sua vez, têm seu alicerce na própria prática da escrita, dado que seus textos escritos serviam como roteiros de *performance* não para o próprio autor, mas sobretudo para terceiros (*i.e.*, os atores, que podiam ou não contar com o tragediógrafo em seu meio). Obviamente o autor precisaria levar em consideração as dimensões orais e performáticas/performativas do texto no momento de sua composição, o que nos apontaria para um ponto de partida misto para esses gêneros poéticos, entre composição oral privada e composição escrita.

Os gêneros discursivos da oratória, por fim, têm trajetórias também variadas em se considerando o diagrama. Todo discurso poderia vir a ser composto a partir de qualquer uma das três maneiras ilustradas acima: 1) por meio de uma composição oral pública — ou a *performance* oral por excelência, talvez o método mais apropriado (em teoria) e o mais almejado (idealisticamente falando) pela elite política grega, que esperava que os oradores chegassem à Assembleia ou aos tribunais e proferissem seus discursos de maneira improvisada, sem preparação formal prévia, apoiando-se inteira e exclusivamente em suas habilidades oratórias e retóricas; 2) por meio de uma composição oral privada — em que os oradores comporiam e memorizariam previamente seus discursos em sua totalidade (ou quase totalidade, se considerarmos possíveis espaços destinados à improvisação), elaborando a estrutura estilística, linguística e argumentativa de seus textos sem o auxílio da escrita, para então subir à tribuna e recitá-los assim como os haviam concebido;¹²² e 3) por meio da composição escrita

¹²² Podemos, com um certo grau de liberdade interpretativa, associar a composição oral privada, segundo o diagrama de Vatri, ao que Alcidas sugere em um dos parágrafos finais de *Sobre os sofistas*: um planejamento prévio das ideias e da macroestrutura do discurso, mas não uma elaboração mais minuciosa da sua expressão linguística (*Soph.* 33: “Mas certamente convém acreditar que nós não estamos recomendando falar de maneira aleatória quando damos preferência à habilidade de falar sem preparação prévia em vez da escrita. Nós julgamos necessário que os oradores disponham das ideias e da estrutura [do discurso] com antecedência, mas que falem sem preparação prévia na hora de expressar suas palavras — pois a precisão do discurso escrito não oferece tanta

— em que os oradores escreveriam discursos completos, já antecipando possíveis argumentos do adversário e forjando trechos que mimetizariam momentos de fala improvisada, a fim de mascarar a escrita antecipada, e os memorizariam completos (ou o próprio autor ou seu cliente, a depender da situação) antes de os apresentarem em público.

Dado que todos os discursos a que temos acesso hoje são, obviamente, textos escritos, é seguro supormos que a grande maioria deles (senão todos) tenha se originado já na forma escrita. A alternativa mais provável a essa hipótese seria a possibilidade de discursos improvisados na Assembleia ou em um tribunal serem, posteriormente, transcritos ou ditados pelo autor e colocados em circulação escrita, seja para servirem como folhetins políticos ou propaganda das habilidades retóricas dos oradores.

4.3. CONCLUSÕES PARCIAIS

O panorama apresentado neste capítulo — acerca das origens da *logographía* (ou escrita de discursos) na Grécia do período clássico, da formação de pontos de vistas sobre a escrita e a recepção apropriadas a cada um dos três tipos de discurso (nomeadamente segundo Alcidamante e Aristóteles) e dos movimentos empreendidos pela oralidade, escrita e *performance*, além de suas relações entre si, no que tange ao processo de composição, transmissão e recepção de discursos que remontam sobretudo ao século IV a.C. — serviu o propósito fundamental de contextualizarmos em um nível ainda mais aprofundado os meios pelos quais os discursos a que hoje temos acesso vinham a ser produzidos na antiguidade. Para além de avaliarmos o que os autores antigos e o próprio *corpus* de discursos têm a nos dizer sobre cada gênero de discurso, fez-se também necessário o uso de perspectivas modernas (Vatri, 2017) para melhor compreendermos a trajetória desses discursos, desde sua gênese até sua fixação em texto escrito. Portanto, após uma breve introdução à vida de Demóstenes e aos dois discursos centrais a esta dissertação, seremos então capazes de elucidar mais detalhada e objetivamente o projeto de tradução desses discursos: um projeto que busca pôr à prova e experimentar as possibilidades de se verter esses textos gregos para o português brasileiro em se considerando principalmente, à luz do que vimos discutindo até então, seus aspectos de oralidade e *performance*.

ajuda assim em comparação ao que a expressão de discursos improvisados tem de conveniente”, *Ἀλλὰ μὴν οὐδ’ ὡς εἰκῆ λέγειν παρακελευόμεθα, τὴν αὐτοσχεδιαστικὴν δύναμιν τῆς γραφικῆς προτιμῶντες, ἄξιόν ἐστι πιστεύειν. τοῖς μὲν γὰρ ἐνθυμήμασι καὶ τῇ τάξει μετὰ προνοίας ἠγούμεθα δεῖν χρῆσθαι τοὺς ῥήτορας, περὶ δὲ τὴν τῶν ὀνομάτων δῆλωσιν αὐτοσχεδιάζειν· οὐ γὰρ τοσαύτην ὠφέλειαν αἱ τῶν γραπτῶν λόγων ἀκρίβειαι παραδιδόασιν, ὅσην εὐκαιρίαν αἱ τῶν ἐκ τοῦ παραχρήμα λεγομένων δηλώσεις ἔχουσιν).*

5. DEMÓSTENES E ORATÓRIA EM TRADUÇÃO

5.1. DEMÓSTENES: VIDA E OBRA

Assim como discutimos brevemente na introdução desta dissertação, a manipulação de textos antigos nos exige a capacidade de balancearmos nossa leitura entre o ceticismo e a confiança para com os autores com que trabalhamos. Para falarmos das biografias de figuras ilustres do mundo antigo, faz-se necessário lermos e analisarmos toda e qualquer informação que encontremos acerca de suas vidas, muitas frequentemente dispersas em várias fontes e de caráter fragmentário, tendo em mente que cada texto que consultamos teve seu próprio contexto de composição, transmissão e recepção no passado. Cada um desses contextos, dada a distância temporal que nos separa dos antigos, nunca será plena e perfeitamente compreendido por nós hoje. O que nos resta é trabalhar com o que há à nossa disposição — sempre cientes das lacunas que, por um lado, nos abrem margens para suposições e questionamentos e que, por outro, simplesmente não podem ser preenchidas com base no número limitado de fontes que sobreviveram até nós.

O caso de Demóstenes — apesar da abundância de informações que temos a seu respeito, em comparação a outras figuras antigas — não é exceção. Afim de montarmos um panorama minimamente completo acerca de sua vida pessoal, desde seu nascimento até sua morte, é preciso que colemos o maior número possível de menções à sua pessoa, feitas tanto pelo próprio orador quanto por terceiros, e as conectemos, contrastemos e complementemos com o que sabemos acerca do contexto histórico e sociocultural a que pertencem. Entretanto, para além de textos que remontam à época em que viveu Demóstenes (século IV a.C.) e que não tratam exclusivamente de sua biografia, mas contribuem imensamente para ela, temos à disposição textos escritos por historiadores antigos que já realizaram esse mesmo trabalho e escreveram obras cujo intuito primário é apresentar a vida do orador.

São duas as principais biografias sobre Demóstenes às quais temos acesso hoje: uma escrita por Plutarco (Plu. *Dem.*) — em que o historiador apresenta e contrasta as vidas de Demóstenes e de Cícero e que faz parte do seu projeto de *Vidas Paralelas* (*Bíoi Παράλληλοι*, *Bíoi Parállēloi*) — e outra também atribuída a Plutarco, porém consensualmente encarada como espúria.¹²³ Esta última nos diz o seguinte acerca da criação de Demóstenes e do início do seu envolvimento com o estudo formal de oratória:

¹²³ Essa biografia, bem mais sucinta que a primeira, em algum momento durante o processo de edição dos escritos de Plutarco, ainda na antiguidade, foi incluída em meio às *Obras Morais* (Plut. *Mor.*) do historiador, juntamente

Demóstenes, filho de Demóstenes e Cleobule, filha de Guilão, membro do demo de Peânia, depois de perder o pai aos sete anos de idade, viveu ao longo desse período de orfandade ao lado de sua irmã de cinco anos sob os cuidados da mãe. Alguns dizem que estudou com Isócrates, mas, segundo a maioria das pessoas, foi aluno de Iseu de Cálcis, discípulo de Isócrates que vivia em Atenas. Procurou emular Tucídides e o filósofo Platão, com o qual alguns afirmam que ele havia previamente estudado. Segundo Hegésias de Magnésia, ele implorou ao seu tutor para que pudesse ouvir Calístrato, filho de Empedo, do demo de Afídna, um orador notável que fora comandante de cavalaria e havia dedicado um altar a Hermes Agoreu e que estava prestes a proferir um discurso ao povo — e, após ouvi-lo, se apaixonou pela oratória. Demóstenes ouviu seus discursos por pouco tempo, enquanto Calístrato residiu em Atenas. Mas depois que um fugiu para a Trácia e o outro atingiu a maioridade, ele então se aproximou de Isócrates e Platão; em seguida, recebeu Iseu em sua casa e pelo período de quatro anos trabalhou com afinco imitando seus discursos. Segundo Ctesíbio em seu tratado *Sobre a Filosofia*, depois de adquirir os discursos de Zeto de Anfípolis por meio de Cálias de Siracusa e os de Alcídante por meio de Cáricles de Caristo, ele se dedicou a eles.¹²⁴

De maneira resumida, somos informados aqui acerca dos principais acontecimentos que servem de alicerce à figura ilustre de Demóstenes tal qual a conhecemos: a morte de seu pai, suas possíveis conexões com outras personalidades notáveis da época e a gênese do seu interesse por oratória. O falecimento de seu pai, enquanto Demóstenes ainda era menor de idade, talvez possa ser encarado como o ponto de virada na vida do orador. Uma vez que a herança não poderia ser administrada nem pela mãe e nem pelo primogênito menor de idade, a fortuna de Demóstenes (pai) ficou sob a tutela de três guardiões até que Demóstenes (filho) completasse dezoito anos. Ao receber uma quantia ínfima da fortuna que seu pai havia conquistado em vida,¹²⁵ Demóstenes entrou com vários processos contra seus guardiões a fim

com biografias dos outros nove oradores áticos. Esse conjunto de biografias foi nomeado *Vida dos dez oradores* (*Vitae decem oratorum*, [Plut.] *X orat.*). Sobre a estrutura narrativa dessas biografias, com especial atenção à de Demóstenes, e a metodologia empregada pelo historiador — ou possíveis historiadores, dadas as numerosas inconsistências de informações presentes no texto —, vide Pitcher (2005).

¹²⁴ [Plut.] *X orat.* 844a-c: *Δημοσθένης Δημοσθένους καὶ Κλεοβούλης τῆς Γύλωνος θυγατρὸς, τῶν δὲ δήμων Παιανιεύς, καταλειφθεὶς ὑπὸ τοῦ πατρὸς ἐτῶν ἑπτὰ μετ' ἀδελφῆς πενταέτιδος τὸν μὲν τῆς ὀρφανίας χρόνον παρὰ τῆ μητρὶ διήγε, σχολάζων Ἰσοκράτει ὡς τινες ἔφασαν, ὡς δ' οἱ πλεῖστοι Ἰσαίῳ τῷ Χαλκιδεῖ, ὃς ἦν Ἰσοκράτους μαθητῆς, διάγοντι ἐν Ἀθήναις, ζῆλῶν Θουκυδίδην καὶ Πλάτωνα τὸν φιλόσοφον, ᾧ τινες εἶπον προηγουμένως αὐτὸν σχολάζαι. ὡς δ' Ἠγησίας ὁ Μάγνης φησὶν, ἐδεήθη τοῦ παιδαγωγοῦ, ἵνα Καλλιστράτου Ἐμπέδου Ἀφιδναίου, ῥήτορος δοκίμου καὶ ἱππαρχήσαντος καὶ ἀναθέντος τὸν βωμὸν τῷ Ἑρμῇ τῷ ἀγοραίῳ, μέλλοντος ἐν τῷ δήμῳ λέγειν, ἀκούσῃ· ἀκούσας δ' ἐραστῆς ἐγένετο τῶν λόγων. καὶ τούτου μὲν ἐπ' ὀλίγον ἤκουσεν, ἕως ἐπεδήμει. ἐπειδὴ δ' ὁ μὲν ἔφυγεν εἰς Θράκην ὁ δ' ἐγγόνει ἐξ ἐφήβων, τηνικαῦτα παρέβαλεν Ἰσοκράτει καὶ Πλάτωνι· εἶτα καὶ Ἰσαίον ἀναλαβὼν εἰς τὴν οἰκίαν τετραετῆ χρόνον αὐτὸν διεπόνθησε, μιμούμενος αὐτοῦ τοὺς λόγους. ὡς δὲ Κτησίβιος φησὶν ἐν τῷ περὶ Φιλοσοφίας, διὰ Καλλίου τοῦ Συρακουσίου πορίσας τοὺς Ζήθου τοῦ Ἀμφιπολίτου λόγους, διὰ δὲ Χαρικλέους τοῦ Καρυστίου τοὺς Ἀλκιδάμαντος, διέλαβεν αὐτούς.*

¹²⁵ Plutarco nos diz que “Demóstenes, portanto, o pai do orador Demóstenes, era um homem de bem e de boa reputação, como escreve Teopompo, e tinha o apelido de ‘fabricante de facas’, porque ele possuía uma grande oficina, onde vários escravos operários trabalhavam nas forjas” (Plu. *Dem.* 4.1, trad. P. V. Pedroso, com alterações

de recuperar sua herança. [Plutarco] — assim doravante denominado(s) o(s) autor(es) dessas biografias dos dez oradores áticos — resume essa questão da seguinte maneira:

Depois de atingir a maioridade, e tendo recebido menos do que devia dos seus guardiões, ele os levou a julgamento por arbitragem durante o arcontado de Timócrates.¹²⁶ Eram três: Áfobo, Terípides e Demofonte (ou Dêmeas) — o último, que era irmão de sua mãe, foi quem ele acusou com maior ênfase, reivindicando em cada um dos processos uma reparação na quantia de dez talentos.¹²⁷

Os próprios escritos de Demóstenes corroboram algumas dessas informações e nos evidenciam problemas factuais no relato de [Plutarco]. Dado que seu interesse por oratória aparentemente já se mostrava presente em sua vida desde a tenra infância, Demóstenes dedicou vários anos da sua vida, após atingir a maioridade, aperfeiçoando suas habilidades em oratória e retórica e se envolvendo em batalhas judiciais contra seus três guardiões — das quais cinco discursos (Dem. 27-31) sobreviveram em meio ao seu *corpus*. Somente a partir dos títulos dos três primeiros (*Contra Áfobo I, II e III*) já podemos inferir que o principal alvo de suas acusações foi Áfobo, e não Demofonte, como afirma [Plutarco]. Ambos eram sobrinhos de seu pai e primos do orador, ao passo que o terceiro, Terípides, não era um membro da família, mas um amigo de infância (Dem. 27.4).

Demóstenes saiu vitorioso logo com o seu primeiro discurso, porém lhe foi necessário dar entrada em vários outros processos para poder recuperar todo o dinheiro que lhe era devido.

lexicais e ortográficas: *Δημοσθένης ὁ πατήρ Δημοσθένους ἦν μὲν τῶν καλῶν καὶ ἀγαθῶν ἀνδρῶν, ὡς ἴστορεῖ Θεόπομπος, ἐπεκαλεῖτο δὲ μαχαιροποιός ἐργαστήριον ἔχων μέγα καὶ δούλους τεχνίτας τοὺς τοῦτο πράττοντας*). A razão pela qual Demóstenes não estudou com Isócrates, aliás, aparentemente tem relação com seus guardiões. Ainda segundo Plutarco, Demóstenes “teve Iseu como professor de oratória, embora Isócrates já tivesse sua escola para isso, seja porque — como alguns dizem — não tivesse os meios, por ser órfão, de pagar a taxa que Isócrates exigia, de dez minas, seja porque preferisse o estilo de Iseu pela sua eficácia e adaptabilidade na hora da necessidade” (Plu. Dem. 5.4: *ἐχρήσατο δὲ Ἰσαίῳ πρὸς τὸν λόγον ὑφηγητῆ, καίπερ Ἰσοκράτους τότε σχολάζοντος, εἶτε, ὡς τινες λέγουσι, τὸν ὀρισμένον μισθὸν Ἰσοκράτει τελέσαι μὴ δυνάμενος, τὰς δέκα μνᾶς, διὰ τὴν ὀρφανίαν, εἶτε μᾶλλον τοῦ Ἰσαίου τὸν λόγον ὡς δραστήριον καὶ πανοῦργον ἐπὶ τὴν χρεῖαν ἀποδεχόμενος*).

¹²⁶ *I.e.*, 364-3 a.C. Considerando que não existe consenso quanto à idade exata que cada jovem tinha no momento de sua *dokimasía* (*δοκιμασία*, quando uma pessoa chegava à maioridade e era oficialmente registrada como membro do seu demo), supõe-se que Demóstenes tinha vinte anos quando proferiu seu primeiro discurso contra seus guardiões (*cf.* Dem. 30.15, em que Demóstenes diz ter feito o pedido por arbitragem durante o arcontado de Polizelo — 366 a.C. — logo após passar pela sua *dokimasía* e, dois anos depois, durante o arcontado de Timócrates — 364 a.C. —, ter entrado com o processo de Dem. 27). Seguindo essas datas e supondo-se que a *dokimasía* acontecia aos dezoito anos de idade, seu nascimento teria se dado em 384 a.C. MacDowell (2009, p. 18-9), no entanto, argumenta que Demóstenes ainda deveria ter dezessete anos no momento de sua *dokimasía* em 364 a.C., pois, segundo o orador, ele passou dez anos sob os cuidados dos seus guardiões (Dem. 27.6) após a morte de seu pai quando ele tinha sete anos de idade (Dem. 27.4).

¹²⁷ [Plut.] *X orat.* 844c-d: *τελειωθείς δέ, ἐλάττω παρὰ τῶν ἐπιτρόπων παραλαβὼν, ἔκρινεν αὐτοὺς ἐπιτροπῆς ἐπὶ Τιμοκράτους ἄρχοντος, τρεῖς ὄντας, Ἄφοβον Θηριππίδην Δημοφῶντα ἢ Δημέαν καὶ μάλιστα τοῦτου κατηγορήσεν ἀδελφοῦ τῆς μητρὸς ὄντος, δέκα τάλαντα τίμημα ἐκάστη τῶν δικῶν ἐπιγραψάμενος*.

Seu sucesso enquanto orador nos tribunais acabou por lhe render uma boa reputação em meio à elite ateniense da época, o que lhe possibilitou construir para si uma distinta carreira enquanto logógrafo. Tal qual afirma Dinarco,¹²⁸ seu enriquecimento como um escritor profissional e prolífico de discursos ao longo da vida está em concordância com o que sabemos acerca do tipo de clientes com que Demóstenes trabalhou. Um exemplo contundente é o banqueiro Fórmio, para o qual Demóstenes escreveu o vitorioso discurso *Para Fórmio* (Dem. 36) e cujo processo envolvia a disputa por uma quantia de vinte talentos¹²⁹ (Gagarin, 2008, p. 1-2). Segundo Apolodoro ([Dem.] 45.5-6),¹³⁰ ainda, a caracterização de Fórmio por Demóstenes foi tão bem recebida pelos jurados que eles nem sequer deixaram que Apolodoro apresentasse sua defesa.¹³¹

A partir da década de 350 a.C., Demóstenes passa a se dedicar à construção da sua figura política de opositor ateniense principal ante o poderio crescente do rei Filipe II da Macedônia. Por meio de seus discursos deliberativos, dirigidos à Assembleia, Demóstenes buscou convencer os cidadãos atenienses a voltarem sua atenção à ameaça estrangeira iminente e a investirem na esfera militar de Atenas, além de angariar mais forças aliadas e apoiar cidades vizinhas ou próximas do exército de Filipe com vistas a se imporem ante a expansão macedônia. Seus principais conjuntos de discursos desse período são as *Olínticas* (Dem. 1-3) e as *Filípicas* (Dem. 4, 6, 9, 10). Na primeira série de apelos à Assembleia, todos do ano de 349 a.C., Demóstenes busca convencer o povo de Atenas a enviar apoio militar à cidade de Olinto com urgência, além de uma comitiva de embaixadores atenienses à Tessália. No fim das contas, as propostas de Demóstenes não foram adotadas com rapidez suficiente e Olinto capitulou em 348 a.C. após ser sitiada e invadida pelo exército de Filipe (Trevett, 2011, p. 27-30).

Com os quatro discursos que compõem as *Filípicas*, mais precisamente, Demóstenes sela sua imagem como opositor do rei macedônio. Uma vez que Atenas já se encontrava em guerra contra a Macedônia desde que Felipe tomara Anfípolis em 357 a.C., Demóstenes, com a *Primeira Filípica* (Dem. 4), busca atenuar qualquer fagulha de desespero por parte dos

¹²⁸ Vide seção 4.1 acima.

¹²⁹ Uma vez que Fórmio era estrangeiro e não dominava a língua grega ou a arte da oratória com competência suficiente para se defender em um tribunal ([Dem.] 45.30, Dem. 36.1), o discurso em questão foi escrito por Demóstenes e proferido ante os jurados por um amigo do banqueiro — possivelmente pelo próprio Demóstenes, como Dinarco nos dá a entender em Din. 1.111, embora não haja consenso entre estudiosos.

¹³⁰ Sete dos discursos que compõem o *corpus* demostênico ([Dem.] 45, 46, 49, 50, 52, 53 e 59) foram proferidos, e muito provavelmente também escritos, por Apolodoro, filho de Pasião.

¹³¹ [Dem.] 45.6: “Por se tratar de uma contra-acusação e não fazer parte do processo principal, ele teve vantagem ao falar antes de mim e, depois de ler esses documentos e falar tantas outras mentiras (que ele achou que fossem favorecê-lo), ele teve tamanho impacto nos jurados que eles não quiseram ouvir nenhuma palavra nossa sequer” (*προλαβὼν δέ μου ὥστε πρότερος λέγειν διὰ τὸ παραγραφὴν εἶναι καὶ μὴ εὐθυδικία εἰσιέναι, καὶ ταῦτ’ ἀναγνοῦς καὶ τᾶλλ’ ὡς αὐτῷ συμφέρειν ἤγειτο ψευσάμενος, οὕτω διέθηκε τοὺς δικαστάς, ὥστε φωνὴν μηδ’ ἠντινοῦν ἐθέλειν ἀκοῦειν ἡμῶν*).

atenienses ante a aparente força militar de Filipe II e urge que a cidade se equipe de trirremes, soldados atenienses e até mesmo mercenários para se opor ao avanço do exército inimigo vindo do norte. Na *Segunda Filípica* (Dem. 6), Demóstenes acusa Filipe de quebrar a Paz de Filócrates, que havia sido acordada em 346 a.C., e de maquirar a destruição de todo o mundo grego — sendo Atenas o último baluarte impedindo que esse plano de concretize —, além de chamar a atenção do povo ateniense para as recentes aproximações diplomáticas entre Filipe e cidades aliadas à Esparta, inimiga de longa data de Atenas. Na *Terceira Filípica* (Dem. 9), Demóstenes adota um tom ainda mais peremptório em suas acusações — tanto contra as ações de Filipe quanto contra a ineficiência das respostas de Atenas, sobretudo em consequência da aparente influência de políticos atenienses mancomunados com Filipe — e em sua caracterização do macedônio. O orador se mostra agora bem mais preocupado não só com a segurança de Atenas, mas também com a de outras cidades gregas — no momento da apresentação do discurso, mais especificamente, com Bizâncio e Quersoneso, às quais Demóstenes propõe o envio de forças militares com o intuito de impedir maiores avanços do exército inimigo em direção à Atenas. Essa alteração de foco de preocupação, ainda, se alia à argumentação de Demóstenes agora voltada à criação de uma imagem de união pan-helenista, em oposição à figura de Filipe enquanto um estrangeiro, um não-grego — um *bárbaros* (*βάρβαρος*).¹³² No último discurso diretamente relacionado à ameaça macedônia (a *Quarta Filípica*, Dem. 10), enfim, Demóstenes urge mais um vez que os atenienses acordem para a realidade e se movimentem contra Filipe. Desta vez, no entanto, diante da possibilidade de que Artaxerxes III unisse forças com Atenas para enfrentar o exército de Filipe, Demóstenes busca persuadir os membros da Assembleia a deixarem de lado sua aversão de longa data contra os persas e a votarem a favor de lhes enviar uma comitiva de embaixadores para assegurar essa aliança.

No fim das contas, as reações dos atenienses não foram compatíveis com o grau de urgência das palavras de Demóstenes ao longo de quase uma década, ao ponto de Atenas e Macedônia retomarem, desde a Paz de Filócrates em 346 a.C., suas ações militares uma contra a outra em 340-39 a.C. (MacDowell, 2009, p. 366). Eventualmente — após Filipe conseguir

¹³² Dem. 9.31 (trad. I. B. B. da Fonseca: “A respeito de Filipe, porém, e do que ele faz atualmente, não têm essa atitude, embora ele não seja grego e nada tenha em comum com os gregos, mas nem mesmo seja um bárbaro de um lugar que valha a pena mencionar, mas sim um miserável da Macedônia, de onde nem um escravo sério era possível comprar, um só que fosse” (*ἀλλ’ οὐχ ὑπὲρ Φιλίππου καὶ ὄν ἐκεῖνος πράττει νῦν, οὐχ οὕτως ἔχουσιν, οὐ μόνον οὐχ Ἕλληνας ὄντος οὐδὲ προσήκοντος οὐδὲν τοῖς Ἕλλησιν, ἀλλ’ οὐδὲ βαρβάρου ἐντεῦθεν ὅθεν καλὸν εἰπεῖν, ἀλλ’ ὀλέθρου Μακεδόνας, ὅθεν οὐδ’ ἀνδράποδον σπουδαῖον οὐδὲν ἦν πρότερον πρῖασθαι*).

exercer sua influência sobre a Liga Anfictiônica¹³³ e avançar com seu exército ainda mais ao sul em direção à Grécia Central, angariando para si diversas vitórias sobre as forças de oposição —, um tratado de paz foi acordado em 338-7 a.C. em uma reunião em Corinto entre Macedônia e Atenas, ao lado de outras cidades-estados gregas envolvidas na guerra. Esse tratado, por conseguinte, deu origem ao que hoje chamamos de Liga de Corinto, uma organização cuja liderança foi concedida a Filipe e que, apesar de que Atenas e as demais cidades que a compunham tivessem representantes no conselho da Liga e continuassem a ter autoridade sobre seus próprios assuntos políticos e econômicos, todas elas agora se encontravam indubitavelmente sob o domínio e influência dos macedônios (MacDowell, 2009, p. 377-8).

O impacto desses acontecimentos na vida política do orador foi grande, especialmente após o assassinato de Filipe II e a ascensão de Alexandre, o Grande, ao trono macedônio e ao comando da Liga de Corinto. Mesmo após a capitulação de Tebas em 335 a.C. — cujos assassinato dos homens e escravização de mulheres e crianças “de uma das cidades mais proeminentes da Grécia causou tamanho choque que levou as outras à submissão” (MacDowell, 2009, p. 379) —, Demóstenes continuou a se opor ao poderio macedônio de maneira relativamente ativa e aberta,¹³⁴ porém sem a mesma vivacidade com que o fizera com Filipe.¹³⁵

Em 330 a.C., Demóstenes profere o que é considerado por muitos como seu *magnum opus*: o discurso *Sobre a coroa* (Dem. 18). Após Ctesifão propor que o povo laureasse Demóstenes (pela terceira vez) com uma coroa de ouro pelos seus serviços prestados em prol da cidade de Atenas, Ésquines, antes que a Assembleia tivesse a oportunidade de votar a proposta do aliado de Demóstenes, entra com uma *graphè paranómōn* (γραφὴ παρανόμων, uma acusação de inconstitucionalidade),¹³⁶ alegando que a moção era contrária às leis da cidade.

¹³³ Tratava-se de uma Liga composta por doze povos que residiam em volta — daí o nome, derivado de *amphiktiones* (ἀμφικτίονες, aqueles que vivem ao redor de uma região, que são vizinhos) — dos santuários de Démeter, em Termópilas, e de Apolo, em Delfos, na região central da Grécia (Larsen; Rhodes, 2012, p. 73). Para maiores detalhes sobre a participação e influência de Felipe II na Liga, acusações de recebimento de propinas entre Ésquines e Demóstenes e como Felipe se aproveitou de toda a situação para marchar em direção à Grécia central e tomar a cidade de Elateia, vide MacDowell (2009, p. 368-72).

¹³⁴ Ao menos se considerarmos o discurso *Sobre o tratado com Alexandre* (Dem. 17) como autêntico. Vide MacDowell (2009, p. 379-81) para uma análise dos diferentes argumentos acerca dessa discussão.

¹³⁵ Worthington (2007, p. 262-3) chama a atenção para o fato de que os primeiros discursos deliberativos de Demóstenes não atingiram os resultados práticos (e políticos) almejados pelo orador. Foi somente quando ele voltou sua atenção a Felipe II, e posteriormente a Alexandre, que Demóstenes alcançou um nível de sucesso que lhe rendeu maior influência política em Atenas. Segundo o autor, foi graças ao relativo sucesso da sua agenda anti-Macedônia que forças militares foram acionadas para enfrentar o exército de Felipe, acarretando, assim, a ruína de Atenas e a implementação da hegemonia macedônia na Grécia. É certo que Demóstenes em certa medida julgou mal a situação. No entanto, se sua insistência em antagonizar Felipe II foi realmente motivada por intenções patrióticas e um desejo de proteger a soberania ateniense — e não por uma agenda política própria, visto que o sucesso e destaque na vida política ateniense que ele havia alcançado eram frutos do seu foco em Filipe como inimigo da Grécia —, talvez nunca saibamos seguramente.

¹³⁶ Vide seção 5.1.1 abaixo.

Apesar de a acusação ser oficialmente contra Ctesifão, Ésquines dedica a maior parte do seu discurso (*Contra Ctesifão*, Aeschin. 3) a enumerar os motivos de Demóstenes não merecer receber tamanha honraria. Uma vez que, claramente, o alvo principal de Ésquines não era de fato Ctesifão, é Demóstenes quem acaba se pronunciando com maior destaque no processo. Em Dem. 18, portanto, o orador aproveita para fazer uma revisão de toda a sua carreira política com o intuito de defender a ela, às suas escolhas políticas, estratégicas, orçamentárias e diplomáticas em relação à Filipe II e, em suma, a si mesmo das acusações de Ésquines (MacDowell, 2009, p. 382-3). O resultado não poderia lhe ter sido mais favorável: os jurados não só votaram a favor de Demóstenes, como Ésquines também falhou em conseguir o mínimo de um quinto dos votos exigidos de todo requerente que entrasse com uma acusação pública (*i.e.*, *graphê*),¹³⁷ de modo que sua carreira política em Atenas chegou ao fim e o restante de sua vida foi dedicada ao ensino de retórica em Rodes e na Jônia (Plu. *Dem.* 24.2; [Plu.] *X orat.* 840c, 846a).

Em 322 a.C., após a morte de Alexandre, Antípatro — um dos generais do rei macedônio que pouco tempo depois viria a se declarar regente supremo do império de Alexandre — derrotou as forças atenienses e de seus aliados na Batalha de Cranão, na região da Tessália, e acabou por instaurar um regime oligárquico em Atenas no lugar do sistema democrático vigente. Demóstenes e demais opositores, como por exemplo o orador Hipérides, fugiram da cidade e eventualmente foram condenados à morte *in absentia* (MacDowell, 2009, p. 423-4). Segundo as biografias de Demóstenes preservadas no *corpus* de Plutarco, o orador se refugiou no templo de Posêidon em Caláuria (atual ilha de Poros) e, ao ser encontrado por Árquias e alguns soldados trácios que o levariam de volta para Antípatro, cometeu suicídio por envenenamento (Plu. *Dem.* 24.2; [Plu.] *X orat.* 846f-847b).

5.1.1. Introdução a *Contra Andrócio* (Dem. 22)

Como discutido brevemente na introdução desta dissertação, Andrócio foi um proeminente político ateniense durante o século IV a.C. sobre o qual se diz ter estudado retórica e oratória com Isócrates e que se sabe ser o autor de uma *Átis* (um relato historiográfico sobre a região ática), da qual somente fragmentos chegaram até nós. Após ao menos duas décadas de participação ativa na política e administração pública de Atenas, Andrócio se tornou alvo de uma *graphê paranómōn* em 355-4 a.C., em um processo iniciado por dois adversários políticos seus: Euctemão e Diodoro.

¹³⁷ Vide n. 85 acima.

Na posição de logógrafo, Demóstenes escreveu o discurso em questão (*Contra Andrócio*, Dem. 22) para ser proferido no tribunal por outro político ateniense e cliente seu: Diodoro. Tal qual Euctemão, Diodoro também fora vítima das ações nefastas de Andrócio (Dem. 22.2) e o seu discurso tem início como que *in media res*, ao que nos parece, muito provavelmente dando continuidade direta à fala de Euctemão e se utilizando do discurso anterior como introdução ao seu. Diodoro, por sua vez, diz que apresentará argumentos complementares aos de Euctemão, que entrara com uma ação pública contra Andrócio por propor na Assembleia um decreto inconstitucional e que chamara Diodoro para servir como *synégoros*¹³⁸ em sua acusação, mas que, segundo o orador, negligenciou alguns pontos importantes acerca do caráter e ações passados de Andrócio:

Muitas das coisas sobre sua vida pessoal deixarei de lado por enquanto; quanto aos delitos sobre os quais os senhores votarão daqui a pouco, no entanto, assim como aqueles referentes aos prejuízos causados por esse sujeito contra vocês, que não foram poucos quando exercia suas funções públicas em nome do povo — questões essas que Euctemão me pareceu negligenciar, mas que é melhor os senhores ouvirem —, tudo isso me esforçarei para expor de maneira breve.¹³⁹

Na primeira metade do discurso, Diodoro organiza a acusação principal do processo em três partes, ao apresentar três motivos que ratificam a ilegalidade do decreto proposto por Andrócio de oferecer um prêmio ao Conselho daquele ano pelos serviços prestados. O primeiro (22.5-7) motivo é o fato de o Conselho não ter submetido uma proposição prévia (*proboúleuma*) à Assembleia; em vez disso, o epístata — isto é, o presidente do Conselho — “fez o requerimento, o povo votou, e foi aprovado” (22.5, *ταῦτ’ ἐπήρετο, φησίν, ὁ ἐπιστάτης, διεχειροτόνησεν ὁ δῆμος, ἔδοξεν*), tal qual, Andrócio argumentaria, já fora feito no passado. O segundo motivo (22.8-20) se baseia na falha do Conselho daquele ano, que se julgou merecedor de receber tal gratificação e do qual Andrócio fizera parte, em mandar construir trirremes para compor a frota naval de Atenas. Segundo o orador, “a lei não permite que o conselho entre com esse pedido caso não construa trirremes” (Dem. 22.8, *ὁ νόμος, φησίν, οὐκ ἔᾶ τὴν βουλὴν αἰτῆσαι τὴν δωρεάν, ἐὰν μὴ ποιήσῃται τὰς τριήρεις*). Por último (22.21-4, 29-34), Diodoro argumenta que Andrócio não tem autorização legal para discursar na Assembleia, tampouco para propor decretos à votação pelo povo, pelo fato de ele ter se prostituído no passado (o que lhe impediria

¹³⁸ Vide seção 3.3.2 e n. 87 acima.

¹³⁹ Dem. 22.3: *καὶ περὶ μὲν τῶν ἰδίων ἔχων ἔτι πολλὰ λέγειν ἔασω· περὶ δ’ ὧν οἴσετε τὴν ψῆφον νυνὶ καὶ περὶ ὧν οὗτος δημοσίᾳ πεπολιτευμένος οὐκ ὀλίγ’ ὑμᾶς ἔβλαψεν, ἃ μοι παραλιπεῖν Εὐκτῆμων ἐδόκει, βέλτιον δ’ ὑμᾶς ἀκοῦσαι, ταῦτα διεξελθεῖν ἐν βραχείᾳ πειράσομαι.*

de usufruir os seus direitos de cidadão,¹⁴⁰ segundo uma lei de prostituição supostamente atribuída a Sólon) e por dever dinheiro ao tesouro público da cidade — uma dívida que Andrócio herdou, “pois o pai dele deve dinheiro ao Tesouro e ainda não pagou” (Dem. 22.33, *ὀφληκότης αὐτοῦ τοῦ πατρὸς τῶ δημοσίου χρήματα καὶ οὐκ ἐκτετεικότης*).

Para além da acusação principal e dos argumentos auxiliares que esclarecem a gama de ilegalidades que rodeiam a figura de Andrócio e sua proposta de premiação, a segunda parte do discurso é dedicada a explorar outros acontecimentos da vida do acusado que ajudem o orador a ilustrar para os jurados o caráter ignóbil de Andrócio. Após discorrer brevemente sobre as vantagens em condenar Andrócio e as desvantagens em inocentá-lo (22.35-7), Diodoro aconselha os jurados a não darem ouvidos a eventuais amigos do acusado que venham ao tribunal para tentar defendê-lo (22.38-41). Em seguida, Diodoro dedica boa parte do seu tempo de fala a expor a forma truculenta, irresponsável e ilegal com que Andrócio conduziu coletas de impostos sobre propriedade (*eisphorai*) nos últimos anos — desde sua tomada de controle sobre os Onze magistrados¹⁴¹ para aterrorizar e humilhar os cidadãos devedores até desvios do dinheiro coletado (22.42-68). Por fim, Diodoro acusa Andrócio, ainda, de impiedade contra os deuses ao derreter coroas de ouro — muitas delas presentes de cidades aliadas em agradecimento a apoios militares — para a fabricação de taças de libação para serem usadas em procissões religiosas (22.69-78). Essa última acusação não só serve o propósito de instigar revolta no sentimento de honra e patriotismo dos atenienses, como também é intensificada pela imagem de “um ladrão sem-vergonha, arrogante, soberbo e adequado para exercer qualquer função, menos funções governamentais em uma democracia” (Dem. 22.47, *καὶ γὰρ ἀναιδῆ καὶ*

¹⁴⁰ Caso um cidadão ateniense (essa lei não afetava metecos ou escravos) praticasse atos sexuais em troca de dinheiro e, posteriormente, em qualquer momento da sua vida, viesse a se tornar um arconte, ocupar cargos públicos — tanto administrativos como religiosos —, exercer as funções de um arauto ou embaixador ou proferir discursos ao Conselho ou à Assembleia, esse cidadão se tornaria imputável a uma ação pública por prostituição (*graphè hetairéseōs*; Aeschin. 1.19-20; MacDowell, 2000, esp. p. 20-7). Apesar de esses argumentos cumprirem o propósito de instigar os jurados a construir em suas mentes uma imagem negativa de Andrócio, a *atimia* (*ἀτιμία*, perda ou privação de direitos de cidadão), em termos práticos, que decorreria de uma *graphè* desse tipo não se aplica à figura de Andrócio nesse momento, pois ele nunca foi condenado — ou mesmo indiciado, ao que parece — por esses crimes e, conseqüentemente, nunca perdeu seu direito de discursar ante o Conselho ou a Assembleia e de propor decretos. Para mais discussões sobre leis atenienses e homossexualidade, vide Cohen (1987) e Hindley (1991).

¹⁴¹ *Hoi héndeka* (*οἱ ἔνδεκα*, “os Onze”) eram um grupo de oficiais encarregados das prisões e execuções em Atenas. Eram eles que cuidavam de casos de furto e roubo, por exemplo, e que presidiam os julgamentos desses crimes. No caso de crimes em flagrante cujo criminoso admitisse culpa, os Onze tinham permissão para executá-lo sem a necessidade de julgamento prévio (MacDowell, 2012a, p. 500). Eles eram também responsáveis pelos casos de *apographé* (*ἀπογραφή*, lit. “registro”, “lista”, “inventário”, “informação escrita”), em que qualquer cidadão que bem o desejasse (*ho boulómenos, ó boulόμενος*) podia fazer uma lista de patrimônios que eram devidos à cidade e que ainda não haviam sido entregues ao tesouro. No caso de vitória do requerente ao fim do processo, ele podia manter para si parte dos bens (MacDowell, 2012b, p. 803). Embora Diodoro não fale de maneira explícita, o orador deixa claro que as intenções por trás do excesso de comprometimento de Andrócio em cobrar os impostos sobre propriedade possivelmente não eram tão patrióticas quanto o acusado poderia alegar.

θρασὺν καὶ κλέπτῃν καὶ ὑπερήφανον καὶ πάντα μᾶλλον ἢ ἐν δημοκρατίᾳ πολιτεύεσθαι ἐπιτήδειον) com a qual o orador buscou pintar Andrócio ao relatar seu passado como prostituto.

5.1.2. Introdução a *Sobre o amor* (Dem. 61)

Sobre o amor (Dem. 61)¹⁴² e o *Discurso fúnebre* (Dem. 60) são os dois únicos discursos epidíticos a integrar o *corpus* demostênico. Sua obra completa, por sua vez, é composta por dezessete discursos deliberativos (1-17) — embora nem todos tenham sido proferidos ante a Assembleia —, quarenta e dois discursos judiciais (18-59), tanto públicos (*graphai*) quanto privados (*dikai*), e uma coleção variada de proêmios avulsos e cartas. Pelo fato de o conteúdo abordado no discurso e o estilo da escrita em Dem. 61 diferirem tanto dos demais textos de Demóstenes, ele é considerado espúrio pela grande maioria dos estudiosos.¹⁴³ Embora a data aproximada da sua composição, com base em referências do próprio texto, seja 350 ou 335 a.C., não se sabe quem poderia tê-lo escrito (Worthington, 2006a, p. 17).

O discurso, que apresenta semelhanças temáticas e estilísticas bastante contundentes com os de outros escritores do período clássico — como (supostamente) Lísias em seu discurso *Sobre o amor* no *Fedro* de Platão (Pl. *Phdr.* 230e–234c) e Isócrates no *Evágoras* (Isoc. 9), por exemplo (Worthington, 2006b, p. 38) —, trata de uma tentativa de seu autor, que escrevera o discurso e o entregara para outra pessoa ler, como somos informados na introdução do texto, de exortar um jovem ateniense chamado Epícrates a se envolver com o estudo de filosofia. Segundo o autor, Epícrates foi agraciado pela sorte divina no que tange à sua natureza física — sua aparência e compleição belas (61.8-9, 14, 39) —, mas o estudo da filosofia o faria ainda mais belo e nobre aos olhos dos demais, pois essa disciplina aprimoraria sua mente e o tornaria um cidadão de grande excelência, de maneira a guiá-lo em direção a uma carreira política de sucesso e participação na administração pública da cidade.

Ademais, como o próprio orador nos informa no início do discurso, o gênero de discursos sobre o amor (*erōtikós*, *ἐρωτικός*) era razoavelmente comum na época. No entanto, outros discursos dizem mais respeito ao relacionamento sexual entre o autor e o jovem a quem

¹⁴² O título original do discurso é *Erōtikós* (*Ερωτικός*). Comumente conhecido, em traduções, como “ensaio erótico” (*Erotic essay*, em inglês, e *Ensayo erótico*, em espanhol), “erótico” (*Erotico*, em italiano) ou simplesmente transliterado para o alfabeto latino (*Eroticos*, em francês), optou-se pelo presente título em português a fim de se evitar qualquer correlação anacrônica — no que toca, mais especificamente, ao ensaio enquanto gênero literário — que pudesse advir do título *Ensaio erótico*. Ademais, essa escolha também foi condicionada pela existência de referências, na literatura em língua portuguesa, a esse texto (e outros textos e passagens) como *Sobre o amor*.

¹⁴³ Para um panorama das opiniões de editores modernos sobre a questão, vide Worthington (2006b, p. 40, n. 5).

os elogios são direcionados.¹⁴⁴ Este que está prestes a ser lido a Epícrates e os demais presentes, no entanto, é diferente, pois

ninguém sequer chega a ter esperança de receber [de você, Epícrates,] qualquer coisa que lhe traga vergonha, tamanha é a autoridade que a sua prudência dispõe sobre aqueles que anseiam pelo que há de melhor e tamanho é o desencorajamento que ela causa naqueles que desejam ser mais ousados.¹⁴⁵

Ou seja, o autor desde discurso — na posição de *erastēs* (*ἐραστής*, “amante”, no sentido de aquele que ama, de maneira ativa, normalmente um homem mais jovem) e por meio dos seus elogios ao jovem e de sua exortação ao estudo de filosofia — busca expressar seu amor e admiração por Epícrates — por sua vez na posição de *erōmenos* (*ἐρώμενος*, “amado”, no sentido passivo, na maioria das vezes um jovem rapaz) —, sem solicitar em troca qualquer coisa que traria desonra ou vergonha ao jovem, mostrando-se mais do que satisfeito em renunciar a qualquer desejo sexual por Epícrates e em cultivar uma relação de companheirismo intelectual com ele (MacDowell, 2000, p. 15; 2009, p. 25).

A fim de atingir esse objetivo, o orador que está lendo o texto — muito provavelmente para um pequeno ou médio grupo de homens em um simpósio — primeiramente apresenta rapidamente a natureza do discurso e para quem ele é destinado (61.1-2). Em seguida, ele discorre sobre os objetivos e intenções do autor ao escrever esse texto (61.3-9), antes de se dedicar a uma série de elogios a Epícrates (61.10-32) — nomeadamente, à sua aparência física: seu rosto, sua pele, seus olhos, seus membros, sua fisionomia como um todo (61.10-3); ao seu caráter gentil e amigável em relação àqueles que lhe querem bem (61.14-6); à sua prudência e moderação na maneira como ele se relaciona com outros homens, sem se rebaixar a fazer nada de vergonhoso ou digno de censura (61.17-21): “tal como seria um filho da própria Excelência com Eros” (Dem. 61.21, *οἷος ἂν ἐξ Ἀρετῆς υἱὸς Ἔρωτι γένοιτο*); à sua coragem/virilidade, em especial no que tange às suas habilidades físicas como um atleta de sucesso em competições de desmante (61.22-9);¹⁴⁶ e à sua superioridade, de modo geral, quando comparado a outros jovens

¹⁴⁴ Dem. 61.1: “E vendo, por assim dizer, como a maioria das obras sobre o amor trazem sobretudo vergonha em vez de honra àqueles sobre os quais foram compostas, ele [*i.e.*, o autor] tomou precauções para que isso não acontecesse, e justamente por isso ele escreveu aquilo sobre o qual, segundo suas palavras, ele está convicto em seu pensamento: que um amante justo nunca faria nada de vergonhoso e nem mesmo exigiria algo do tipo” (*ὁρῶν δ’ ὡς ἔπος εἰπεῖν τὰ πλεῖστα τῶν ἐρωτικῶν συνταγμάτων αἰσχύνην μᾶλλον ἢ τιμὴν περιάπτοντα τούτοις περὶ ὧν ἐστὶ γεγραμμένα, τοῦθ’ ὅπως μὴ πείσεται πεφύλακται, καὶ ὅπερ καὶ πεπεισθαί φησι τῆ γνώμῃ, τοῦτο καὶ γέγραφεν, ὡς δίκαιος ἐραστής οὐτ’ ἂν ποιήσειεν οὐδὲν αἰσχρὸν οὐτ’ ἀξιώσειεν*).

¹⁴⁵ Dem. 61.20: *ἂ δ’ εἰς αἰσχύνην ἵκει, τούτων οὐδ’ εἰς ἐλπίδ’ οὐδεὶς ἔρχεται· τοσαύτην τοῖς μὲν τῶν βελτίστων ὀρεγομένοις ἐξουσίαν, τοῖς δ’ ἀποθρασύνεσθαι βουλομένοις ἀτολμίαν ἢ σὴ σωφροσύνη παρεσκεύακεν*.

¹⁴⁶ Dem. 61 é umas das principais fontes antigas sobre essa modalidade atlética. Segundo o texto, a competição de desmante (*τοῦ ἀποβαίνειν*, *τοῦ ἀποβαίνειν*) se restringia a cidadãos (metecos e escravos não podiam participar,

da sua faixa etária e a homens que no passado foram agraciados pelos deuses (61.30-2). Segue-se a essa profusão de elogios uma breve recapitulação das intenções e objetivos do autor com aquela empreitada (61.33-6), antes de o orador dar início à parte central do discurso — uma longa exortação a Epícrates para que o jovem estude filosofia, a fim de que ele se torne um membro responsável da sociedade ateniense (61.36-55) — e enfim concluir sua apresentação sem mais delongas (61.56-7).

Apesar das compreensíveis suspeitas que circundam a autenticidade desse discurso, MacDowell (2009, p. 28-9) argumenta a favor da autoria de Demóstenes. Segundo o autor, o estilo de escrita do discurso seria previsivelmente diferente do estilo de outros textos do orador, principalmente por se tratar do único discurso em todo o *corpus* demostênico que fora escrito para uma *performance* privada, em comparação aos outros cinquenta e nove (dezessete deliberativos, quarenta e dois judiciais e o *Discurso fúnebre*) que foram compostos com o intuito de serem apresentados publicamente.¹⁴⁷ Não só isso, mas o próprio orador em *Sobre o amor* afirma no início do texto que a linguagem desse tipo de discurso há de ser diferente da dos demais.¹⁴⁸

5.2. SOBRE TRADUZIR A ORATÓRIA ANTIGA

Uma vez percorrida, ainda que de maneira breve e resumida, toda a história por trás da reintrodução da escrita no mundo grego, do desenvolvimento dos usos e funções da leitura e da escrita nos períodos arcaico e clássico, do começo da produção de textos em prosa, do surgimento da retórica enquanto disciplina e da prática da oratória no século IV a.C. — esta,

nem mesmo em funções auxiliares). Nela, um condutor e um desmontador subiam em uma quadriga (*hárma*, ἄρμα, um tipo de carruagem de duas rodas puxada por quatro cavalos) e apostavam corrida. Em determinado momento, o desmontador (*apobátēs*, ἀποβάτης) pulava da quadriga em movimento, corria por uma determinada distância (em traje de batalha completo) e depois subia novamente na carruagem. O orador em *Sobre o amor* nos dá a entender que Epícrates, após voltar a bordo da sua quadriga em uma célebre corrida, toma as rédeas e, sozinho, é capaz de evitar um acidente com outra carruagem. Se isso implica a ausência de um condutor, ou se o jovem assumiu o controle dos cavalos no lugar da sua dupla, não há como saber com certeza. Vide Crowther (1991) e Shear (2021, esp. Apêndice 3) para uma discussão mais aprofundada do discurso em contraste com outras fontes antigas.

¹⁴⁷ Vide seção 4.2 acima para uma distinção entre *performances* públicas e privadas no que tange à oratória clássica ateniense.

¹⁴⁸ Dem. 61.2: “E tudo isso ele escreveu de modo que se pudesse colocar na forma de um livro, pois é apropriado aos discursos em estilo coloquial serem escritos de modo simples e semelhante àqueles que alguém profere de improviso [*i.e.*, discursos deliberativos e judiciais; vide Alcíd. *Soph.*, Arist. *Rh.* e seção 4.1 acima], enquanto convém aos outros tipos de discursos, que são produzidos para durarem bastante tempo, serem compostos de modo poético e mais elevado — uma vez que os primeiros são persuasivos e os segundos, demonstrativos” (πάντα δὲ ταῦτα γέγραπται τὸν τρόπον ὃν τις ἂν εἰς βιβλίον καταθεῖτο. τοῖς μὲν γὰρ λεκτικοῖς τῶν λόγων ἀπλῶς καὶ ὁμοίως οἷς ἂν ἐκ τοῦ παραχρημά τις εἶποι πρέπει γεγράφθαι, τοῖς δ' εἰς τὸν πλείω χρόνον τεθησομένοις ποιητικῶς καὶ περιττῶς ἀρμόττει συγχεῖσθαι· τοὺς μὲν γὰρ πιθανούς, τοὺς δ' ἐπιδεικτικούς εἶναι προσήκει).

completamente imbuída de oralidade e “performatividade” próprias —, faz-se necessário discutirmos de que modo todo esse arcabouço teórico e contextual pode nos auxiliar, hoje, a pensar a tradução atual em línguas modernas de tais textos escritos em grego antigo mais de dois mil anos atrás. Mais especificamente, ainda, passamos a uma reflexão acerca da forma por meio da qual podemos otimizar em língua portuguesa tais características de oralidade e *performance* em textos antigos que somente sobreviveram ao tempo em forma escrita e que, desde então, são consumidos principalmente por meio da leitura individual e silenciosa — sejam eles em tradução ou mesmo na língua original.

Em se tratando de textos poéticos antigos em verso, não raro encontramos traduções que se dedicam a explorar aspectos orais e performativos/performáticos¹⁴⁹ de obras épicas, líricas, elegíacas, trágicas e cômicas, por exemplo. Embora o meio de comunicação desses poemas em tradução ainda se baseie sobretudo na escrita, cujo intuito principal está sempre intrínseca e inevitavelmente conectado a uma recepção por meio da leitura individual e silenciosa, tradutores não deixam de regularmente voltar seus olhos e ouvidos ao ritmo, à cadência, à harmonia nas escolhas de palavras, às possíveis equivalências métricas entre as duas línguas com que trabalham, às aliterações e assonâncias tanto nos textos de partida quanto nos de chegada etc. no momento de efetuarem seus trabalhos — tudo isso a fim de verterem tais poemas em línguas modernas, quase sempre de forma escrita, evidenciando algo da musicalidade que permeava todo o processo de composição, transmissão e recepção desses textos na antiguidade.

Quando falamos de textos gregos em prosa, por outro lado, a prática tradutória parece se desviar abruptamente dessas instâncias e focar (ou coincidir) na aparente tecnicidade à qual é mormente atrelado o surgimento da escrita em prosa na Grécia antiga.¹⁵⁰ Como discutido anteriormente, a teoria oral de Parry-Lord na primeira metade do século passado resgatou nos

¹⁴⁹ Quando me refiro a “aspectos performativos”, tenho em mente o conceito de “enunciado performativo” usado na linguística, filosofia da linguagem e na teoria de atos de fala. Segundo Austin (1962), para além de simples enunciados que somente descrevem e/ou constatarem algo — e, conseqüentemente, que são sempre categorizados como verdadeiros ou falsos —, enunciados performativos são manifestações linguísticas que são por si só a ação (ou parte integrante dela) a que o enunciado se vincula (e.g., o “Aceito” proferido pelos noivos em um casamento). No que tange à poesia grega antiga, o caráter performativo a que me refiro se encontra sobretudo vinculado aos contextos religiosos, cerimoniais e ritualísticos de *performance* nos quais esses poemas se inseriam (e.g., *hyménaioi*, himeneus ou cantos de casamentos/núpcias que eram entoados pelos próprios convidados durante a procissão da noiva ao quarto nupcial). Por “aspecto performático”, por outro lado, refiro-me a tudo que diz respeito, em instâncias mais abrangentes, à *performance*, ao espetáculo, a apresentações ante um público. Uma vez que o escopo dessa dissertação gira em torno da oratória — que, diferentemente de outras manifestações linguísticas/literárias da Grécia antiga, não aparenta fazer tanto uso de enunciados performativos quanto a poesia dos períodos arcaico e clássico, talvez justamente por não se encontrar incluída em contextos de *performance* de cunho mais religioso, cerimonial ou ritualístico —, a palavra utilizada neste trabalho para se descrever essa dimensão dos discursos antigos é, portanto, sempre “performático(a)”.

¹⁵⁰ Vide n. 16 e 40 acima.

estudos homéricos — e conseqüentemente nos estudos clássicos em geral — um olhar sobre as características musicais e performativas/performáticas que por séculos foram deixadas de lado e até mesmo esquecidas em prol de leituras puramente literárias de poemas gregos antigos.¹⁵¹ No entanto, tal resgate se mostra em maior parte preocupado com a literatura grega em verso. Talvez pelo fato de não apresentarem formal e explicitamente características ditas poéticas — isto é, uso sistemático de métrica, de ritmo musical ou até mesmo de acompanhamentos instrumentais durante ocasionais *performances* públicas em seus contextos originais —, pode-se dizer que textos historiográficos, filosóficos e da oratória ateniense como um todo tenham sofrido com esse processo de “desperformatização” em maior grau, na medida em que hoje não são recebidos (ao menos não imediata ou automaticamente) pelos seus leitores sob perspectivas que atentem a, prezem ou levem em consideração suas características originais de oralidade e *performance*.

Entretanto, como temos explorado ao longo desta dissertação, o mundo grego no século IV a.C. ainda se caracterizava de maneira significativa enquanto uma sociedade predominantemente oral, em que a prática da oratória e os textos que a representam eram parte integrante de uma tradição oral de longa data que não fora suprimida com a ascensão de novas tecnologias (*e.g.*, a escrita) e das eventuais conseqüências advindas delas (*e.g.*, a produção de textos em prosa). Para além de certas similitudes no que tange a temas, finalidades e ocasiões de *performance* entre tipos de discursos e formas poéticas mais antigas (*e.g.*, discursos fúnebres e cantos trenódicos, discursos laudatórios e peãs/epinícios), a prática da oratória no período clássico se mostrava ainda cabalmente dependente da natureza oral e performática na qual toda e qualquer manifestação linguística mais elaborada naquela época — cada uma à sua medida — se apoiava. Apesar da grande contribuição e influência da escrita no processo de composição, transmissão e recepção da oratória clássica ateniense, podemos ver com clareza como se esperava que os *rhétores* fossem *performers* competentes quando se punham a discursar ante a Assembleia ou um tribunal — mesmo (ou especialmente, quando nos lembramos do que Alcidas e Aristóteles tinham a dizer sobre o assunto) quando seus discursos eram escritos com antecedência.

No que tange à tradução de discursos antigos em línguas modernas — e no contexto da nossa discussão aqui, claro, em português brasileiro —, toda a pesquisa empreendida sobre oralidade e *performance* na oratória clássica ateniense não pode ser transplantada através do tempo, espaço e barreiras linguísticas, a fim de ser aproveitada, espelhada ou mimetizada em

¹⁵¹ Vide seções 2.2.1 e 2.2.2 acima.

traduções em línguas vernáculas, sem ressalvas de cunho metodológico e pragmático. Antes de mais nada, a própria força motriz que impulsionou a produção desses textos na antiguidade não é a mesmo (e nem sequer se assemelha à) que nos leva a traduzi-los hoje. Ao passo que a maioria das obras literárias escritas nos dias de hoje, em línguas vernáculas, é traduzida com objetivos similares aos de seus textos originais — isto é, de ser veiculada em meio a públicos possivelmente parecidos e lida por grupos de leitores razoavelmente semelhantes, porém falantes de línguas distintas, é claro —, traduções de discursos antigos que busquem prezar pelos aspectos de oralidade e *performance* dos textos originais, por outro lado, sofrem direta e impreterivelmente as consequências advindas das lacunas espaço-temporais que separam o texto de partida do texto de chegada.

Enquanto discursos deliberativos, judiciais e epidíticos eram originalmente escritos para serem apresentados ante pequenas e grandes audiências, em contextos públicos ou privados de *performance*, cujas declamações em voz alta (sejam por meio da memorização ou da leitura) se faziam indispensáveis, tais consequências provenientes dessas lacunas espaço-temporais se tornam evidentes quando percebemos, por exemplo, que suas traduções hoje em dia não cumpririam o mesmo papel político-social e nem mesmo seriam compostas seguindo objetivos minimamente semelhantes. Embora não seja impossível conceber a possibilidade de discursos antigos serem declamados em tradução — de maneira análoga a tragédias e comédias antigas que são traduzidas, montadas e encenadas em palcos modernos —, a diferença entre a oratória e o drama se dá justamente na medida em que esses discursos não vêm a ter suas *performances* naturalmente replicadas em espaços de apresentação modernos da mesma maneira que peças teatrais o são. Uma explicação para tal, mesmo que um tanto superficial, é o fato de o teatro enquanto espaço de *performance* não se ancorar tão fortemente, em sua totalidade, a circunstâncias sócio-histórico-culturais específicas da mesma maneira que a Assembleia e os tribunais atenienses o eram. Mesmo que destituídas de, sobretudo, suas funções performativas, religiosas e sociais, tragédias e comédias ainda assim operam de maneira orgânica quando traduzidas e encenadas em palcos contemporâneos. Visto que discursos antigos, por outro lado, não se encaixariam em espaços tipicamente políticos e judiciais nos dias de hoje — tomemos, em contexto brasileiro, o Congresso Nacional, tribunais de justiça e fóruns públicos como exemplos —, resta-lhes serem transplantados a espaços tipicamente teatrais caso queiram ser *performados*.

Nesse cenário hipotético, o deslocamento espaço-temporal adquiriria, então, ainda mais uma camada de complexidade em seu processo de tradução. No entanto, visto que o objetivo primário das traduções aqui propostas, não obstante, se encontra em conformidade com a

prática tradutória mais habitual em se tratando desses tipos de textos (*i.e.*, o de fornecer traduções para leituras individuais e silenciosas, por parte de eventuais interessados que venham a entrar em contato, a princípio, com esta dissertação), as traduções de *Contra Andrócio* e *Sobre o amor*, em consonância com a presente pesquisa, buscam explorar a oralidade e a *performance* desses discursos também por meio da tradução escrita que virá a ser recebida (*i.e.*, lida) de maneira individual e silenciosa. Desta forma, os aspectos de oralidade e *performance* sobre os quais tanto vimos discutindo até então perpassam a escrita tradutória de maneira similar ao processo de composição original desses textos: tais aspectos são levados em consideração ao longo de seu processo de composição escrita (*i.e.*, tradução) a fim de que a tradução enquanto produto final (idealmente) não encontre possíveis empecilhos ou estranhamentos por parte dos leitores no momento de sua recepção. Obviamente, vale ressaltar que a dissertação em si também serve o propósito de adequar e guiar (em certa medida) as expectativas dos leitores quanto às traduções que estão prestes a ler, sobretudo no que tange a um preparo prévio de recepção de um projeto de tradução específico como este. Logo, a diferença mais notória e palpável entre os textos de chegada e os textos de partida que são apresentados nesta dissertação — em um nível conceitual — se dá na falta de prospectividade de *performances* futuras dos textos aqui traduzidos.

Com tudo isso em mente, portanto, resta destrincharmos o projeto de tradução específico para ambos os discursos de Demóstenes proposto aqui e avaliarmos as estratégias empregadas ao longo do processo tradutório, cujo intuito sempre seguiu as linhas de se adequar às lacunas mencionadas acima, sem ignorá-las, e as utilizarmos a nosso favor.

5.2.1. Justificativas e propósitos primários

A princípio, a escolha dos discursos foi tomada com base em dois fatores: inexistência de traduções em português e tamanho dos textos. Após decidido que Demóstenes seria o autor a ser estudado nessa dissertação, um levantamento dos discursos do orador até então em português — não somente em português brasileiro — foi realizado, a fim de se constatar quais ainda não haviam sido traduzidos.¹⁵² Em seguida, foram descartados discursos demasiado extensos que se mostravam inviáveis de serem traduzidos no tempo limitado de um programa

¹⁵² Esse levantamento — de traduções de discursos de Demóstenes publicadas em livros, periódicos ou revistas ou disponibilizadas em repositórios de monografias, dissertações e teses — foi feito por volta de janeiro de 2021, durante o período de preparação do projeto de dissertação apresentado na inscrição para a seleção de mestrado do Pós-Lit da UFMG daquele ano.

de mestrado. Optamos, assim, pela tradução de dois discursos (razoavelmente) curtos, porém de gêneros discursivos distintos — neste caso, um discurso judicial e um demonstrativo —, para que pudéssemos explorar, tanto na pesquisa propriamente dita como no processo tradutório, variadas estratégias de leitura, análise e tradução com base em suas diferenças, semelhanças e contrastes. Tal pretensão se baseou sobretudo nos escritos de Alcidas e Aristóteles, já discutidos anteriormente aqui, sobre a linguagem apropriada a cada tipo de discurso — de um lado, discursos concebidos para apresentações públicas (*hypokriseis*; textos deliberativos e judiciais), e, de outro, discursos destinados à leitura (*anagnōsis*; textos demonstrativos) — e nos estudos de Alessandro Vatri (2017) sobre o processo de composição, transmissão e recepção de discursos pertencentes à oratória ateniense durante o período clássico. Por fim, o critério de desempate entre as opções de textos que se encaixassem nesse sistema metodológico se deu com base em preferências pessoais em relação aos discursos em potencial.

Uma vez definido que os dois discursos a serem traduzidos seriam *Contra Andrócio* (Dem. 22, um discurso judicial destinado a *hypokrisis*) e *Sobre o amor* (Dem. 61, um discurso demonstrativo destinado à *anagnōsis*), a tradução de ambos os textos foi influenciada pela pesquisa cujo resultado é esta dissertação, ao mesmo tempo em que a própria pesquisa, a organização dos capítulos e a escrita científica foram guiadas e alimentadas pelas idealizações almejadas pelo projeto de tradução. Em suma, o desejo de se otimizar em língua portuguesa os aspectos de oralidade e *performance* desses dois discursos — cada um à sua maneira e segundo suas especificidades discursivas, em especial a partir da leitura de autores antigos e de pesquisas contemporâneas sobre o assunto — ensejou um aprofundamento investigativo sobre a oratória clássica ateniense por meio de um viés acadêmico específico que levasse tais aspectos em consideração. Em contrapartida, os achados foram pouco a pouco influenciando, modificando e aperfeiçoando o próprio projeto de tradução e acabaram ocasionando, por conseguinte, alterações em versões posteriores dos textos em português. Ao longo desse processo complexo e duplo — e hipoteticamente interminável, se não fossem as restrições temporais exteriores à tradução e à pesquisa — de prática-teoria e teoria-prática, chegamos enfim ao resultado ambicionado: uma dissertação sobre oralidade e *performance* na oratória clássica ateniense, ao lado de uma reflexão acerca do fazer tradutório, dado que tal pesquisa serve também de alicerce à prática de se verter em língua portuguesa, no século XXI, discursos originalmente escritos em grego antigo mais de dois mil anos atrás.

5.2.2. Objetivos e estratégias específicos

Com base na pesquisa sobre a oratória clássica ateniense e as particularidades de cada tipo de discurso, o projeto de tradução moldado a cada um dos textos buscou se espelhar no que sabemos sobre o próprio processo de composição pelo qual esses dois discursos devem ter passado na antiguidade. Uma vez que discursos em geral eram comumente elaborados com antecedência em relação às suas futuras ocasiões de *performance*, eles eram escritos previamente seguindo critérios estilísticos, argumentativos e organizacionais que condissessem com as expectativas dos futuros espectadores/leitores desses textos. Sabemos, a partir de Alcidamante e Aristóteles, que cada discurso tinha suas próprias peculiaridades no que tangia aos seus métodos de escrita e às suas posteriores *performances* em público — peculiaridades essas que, no processo tradutório, foram exploradas na medida em que se adequavam à realidade específica do texto de chegada. Discursos judiciais, por exemplo, eram escritos segundo regras ou normas que visassem a mimetizar a fala improvisada que se esperava de oradores experientes (*i.e.*, oradores genuinamente extemporâneos), de modo a mascarar, no momento da declamação do texto em um tribunal, a reflexão e a escrita antecipadas. Transplantadas essas características à tradução em português brasileiro, buscou-se na medida do possível emular o que poderia ser considerado uma fala improvisada caso tal texto viesse a ser proferido em um ambiente, aqui e agora, equivalente ou minimamente semelhante ao que foram os tribunais na Atenas do período clássico.

A primeira decisão tomada na construção de uma linguagem que prezasse por um certo tom de oralidade foi a de se distanciar de uma linguagem extremamente formal — e até mesmo um tanto arcaica — em português. Como forma de se traduzir os pronomes gregos *σύ* (*σύ*, “tu”) e *ὑμεῖς* (*ὑμεῖς*, “vós”), em todas as suas declinações, e verbos na segunda pessoa do singular e do plural, optou-se pelo emprego dos pronomes de tratamento “você” e “vocês” e, conseqüentemente, pela conjugação em terceira pessoa do singular e do plural, em vez de se empregar os equivalentes linguísticos (mais puramente gramaticais) “tu” e “vós” e verbos conjugados na segunda pessoa do singular e do plural em língua portuguesa. Usemos uma passagem de *Contra Andrócio* como ilustração:

χωρὶς δὲ τούτων ἔμοιγε δοκοῦσιν αἴρεσιν ὑμῖν οἱ τοιοῦτοι λόγοι διδόναι, πότερ' οἴεσθε δεῖν προφάσεις καὶ λόγους ἀκούειν τῶν ἀδικούντων ὑμᾶς ἢ ναῦς κεκτῆσθαι. εἰ μὲν γὰρ τούτου ταῦτ' ἀποδέξεσθε, ἔσται δῆλον ἀπάσαις ταῖς βουλαῖς ὅτι δεῖ πρόφασιν πιθανὴν ἐξευρεῖν πρὸς ὑμᾶς, οὐχὶ τριήρεις

ποιήσασθαι· ἐκ δὲ τούτου τὰ μὲν χρήματ' ἀναλωθήσεται, ναῦς δ' οὐχ ἔξετε ὑμεῖς (Dem. 22.19).

Fora essas questões, argumentos como esses parecem, a meu ver, lhes oferecer uma escolha: ou **vocês decidem** se precisam ficar ouvindo as desculpas e os argumentos de criminosos ou se precisam adquirir naus. Pois se **os senhores aceitarem** os argumentos desse sujeito, ficará evidente a todos os futuros conselhos que só é preciso achar uma desculpa convincente em vez de mandar construir trirremes. Em consequência disso, o dinheiro será gasto, e **vocês não terão** naus.

Visto que não raro, em traduções em português de textos da antiguidade clássica, vemos as segundas pessoas do singular e do plural da língua grega sendo traduzidas pelos seus equivalentes diretos em língua portuguesa — o que acarretaria, em vez das formas verbais marcadas na passagem acima, as construções “(vós) decidis/decidi”, “(vós) aceitardes” e “(vós) não tereis” —, a preferência ao longo de toda a tradução de ambos os discursos foi pelo emprego de formas verbais mais próximas daquelas utilizadas pela maioria dos falantes de língua portuguesa no Brasil.

No âmbito das traduções, um possível contraste entre os dois discursos, a partir do que se esperava das linguagens de cada um deles no momento de suas *performances* no passado, poderia ser produzido com a utilização dos pronomes “você” e “vocês” (e de suas conjugações em terceira pessoa) em *Contra Andrócio* — por se tratar de um discurso judicial que deveria ser escrito de maneira a mimetizar uma linguagem mais próxima da oralidade, memorizado e então declamado sem auxílio do texto escrito — e dos pronomes “tu” e “vós” (e de suas respectivas conjugações) em *Sobre o amor* — justamente por se esperar que sua linguagem se aproximasse mais daquela de livros escritos e sua apresentação em público fosse por meio da leitura em voz alta do texto escrito. Ao passo que as segundas pessoas do singular e do plural em português brasileiro evocam um certo grau de formalidade, hermetismo e até mesmo elitismo linguístico — comumente encontrado em textos cuja composição e veiculação se dão sobretudo por meio da linguagem escrita, em comparação a outros textos cuja recepção, mesmo que originalmente produzidos por meio da escrita, se dá sobretudo por meio da linguagem falada —, o emprego dos pronomes “tu” e “vós”, em tese, seria mais “apropriado” em discursos epidícticos que judiciais. No entanto, mesmo nessas conjunturas hipotéticas, o uso das segundas pessoas no português de *Sobre o amor* ainda assim se encontraria em descompasso com a naturalidade da linguagem tão almejada neste projeto de tradução. Isso se daria justamente porque, caso o texto em português venha a ser lido em voz alta, assim como teria sido o caso nos simpósios do período clássico grego, tais construções linguísticas de igual maneira gerariam

ruídos de compreensão em meio a falantes de uma língua que cada vez mais se distanciam do emprego orgânico de conjugações em segunda pessoa. Vide exemplo de *Sobre o amor* abaixo:

τὰ μὲν γὰρ ὑπάρχοντά σοι ἀγαθὰ διελθὼν, ἄμα σέ τε ζηλωτὸν καὶ ἑμαυτὸν οὐκ ἀνόητον ἐπιδείξειν ἐλπίζω, εἶ σε τοιοῦτον ὄντ' ἀγαπῶ· συμβουλεύσας δ' ἂ μάλιστα κατεπείγει, νομίζω τῆς μὲν εὐνοίας τῆς ἐμῆς δεῖγμα, τῆς δὲ κοινῆς φιλίας ἀφορμὴν ἀμφοτέροις εἰσοίσειν (Dem. 61.6).

Por meio de uma exposição do estado atual das **suas** boas qualidades, espero poder ao mesmo tempo mostrar que **você** é digno de inveja e que eu mesmo não sou desprovido de razão se quero o bem de **alguém como você**; já por meio de uma recomendação sobre o que há de mais urgente, creio que eu deva introduzir uma amostra da minha simpatia por você e da origem da nossa amizade em comum.

De maneira análoga à solução tradutória discutida acima, outro pronome de tratamento também foi utilizado na tradução — sobretudo na de *Contra Andrócio* — como alternativa ao uso de “você” e “vocês”: o “senhor”. Não raro encontramos em discursos destinados à *kypókrisis* (*i.e.*, discursos demonstrativos e judiciais) vocativos cujo propósito primário gira em torno da tarefa de chamar a atenção dos seus ouvintes ao longo da apresentação do discurso e engajá-los na discussão e argumentação propostas pelo orador, como por exemplo ὃ ἄνδρες δικασταί (*ô ándres dikastai*, lit. “ó jurados” ou “ó homens do júri”) ou ὃ ἄνδρες Ἀθηναῖοι (*ô ándres Athēnaioi*, lit. “ó homens atenienses”). Tais frases foram vertidas em português como “senhores jurados” e “senhores atenienses”, respectivamente. O emprego desse pronome de tratamento serve a dois propósitos ao longo das traduções: 1) o de balancear a necessidade mais tangente de se incluir, junto aos verbos conjugados nas terceiras pessoas do singular e do plural, os pronomes “você” e “vocês” — necessidade essa que advém do objetivo de se evitar possíveis ambiguidades na leitura; e 2) o de suscitar nos leitores a percepção, na fala do orador em língua portuguesa, de um tom mais solene, cortês e deferente, que fora (em parte e hipoteticamente) perdido na abdicação dos pronomes “tu” e, sobretudo, “vós” em prol dos equivalentes mais coloquiais (ou simplesmente menos formais) “você” e “vocês”.

A utilização do pronome de tratamento “senhor”, no entanto, não seguiu parâmetros completamente arbitrários ao longo de ambas as traduções como uma mera alternativa ao uso demasiado do “você”. Apesar de se fazer presente com maior frequência em *Contra Andrócio* do que em *Sobre o amor* — devido às constantes alocações por parte do orador aos seus ouvintes —, buscou-se sopesar a periodicidade de cada pronome a depender do grupo de espectadores a que se referia o orador: se um mais específico (*i.e.*, os próprios jurados) ou se

um mais geral (*i.e.*, o corpo de cidadãos atenienses como um todo, que se estendia desde os membros do júri presentes até o restante da população ateniense). Por se tratar de um discurso judicial, portanto, em que o orador precisa acima de tudo se dirigir aos membros do júri a fim de persuadi-los a seu favor e de maneira contrária a seu adversário, não é de se estranhar que a maior parte das alocações sejam direcionadas aos próprios jurados. Dessa forma, destinar o uso exclusivo de “senhor(es)” ao primeiro grupo de espectadores e de “você(s)” ao segundo acarretaria uma saturação do primeiro em comparação ao segundo. A solução proposta se deu por meio de um balanceamento dos dois pronomes nas primeiras ocorrências e de um uso exclusivo de “vocês” para se referir à população ateniense como um todo — ou pelo menos a uma parcela da população que não se restringisse ao seletivo grupo de jurados e englobasse mais cidadãos do que aqueles presentes.

Um exemplo desse recurso pode ser visto no trecho abaixo. Após listar uma série de eventos históricos em que a mera existência e o uso de trirremes não só foram fatores vantajosos, como também benéficos e indispensáveis aos sucessos atenienses do passado (Dem. 22.13-6), Diodoro ataca mais uma vez Andrócio por ter promulgado um decreto inconstitucional — ilegal justamente porque a construção de trirremes seria um pré-requisito — (Dem. 22.17-8) e se volta aos seus espectadores, a fim de que os jurados entendam a gravidade de uma possível conjuntura em que Andrócio sairia impune depois de ter cometido tais crimes:

εἰ μὲν γὰρ τούτου ταῦτ' ἀποδέξεσθε, ἔσται δῆλον ἀπάσαις ταῖς βουλαῖς ὅτι δεῖ πρόφασιν πιθανὴν ἐξευρεῖν πρὸς ὑμᾶς, οὐχὶ τριήρεις ποιήσασθαι· ἐκ δὲ τούτου τὰ μὲν χρήματ' ἀναλωθήσεται, ναῦς δ' οὐχ ἔξετε ὑμεῖς (Dem. 22.19).

Pois se **os senhores aceitarem** os argumentos desse sujeito, ficará evidente a todos os futuros conselhos que só é preciso achar uma desculpa convincente em vez de mandar construir trirremes. Em consequência disso, o dinheiro será gasto, e **vocês não terão** naus.

De início, Diodoro argumenta acerca dos malefícios que recairão sobre o Conselho dos Quinhentos caso os jurados presentes não deem ouvidos às suas palavras e acatem os argumentos de Andrócio (“Pois se os senhores aceitarem os argumentos desse sujeito”, *εἰ μὲν γὰρ τούτου ταῦτ' ἀποδέξεσθε*), abrindo precedentes, portanto, para que futuros conselhos façam o mesmo que ele fizera: proponham gratificações a seus membros, mesmo que tenham falhado em suprir a frota naval ateniense com novas trirremes. Uma das graves consequências desse cenário é um futuro em que o dinheiro público será gasto em vão e a cidade como um todo —

logo, não só os membros do júri, como todos os cidadãos de Atenas — se verá sem novos navios para compor as suas defesas (“Em consequência disso, o dinheiro será gasto, e vocês não terão naus”, *ἐκ δὲ τούτου τὰ μὲν χρήματ’ ἀναλωθήσεται, ναῦς δ’ οὐχ ἔξετε ὑμεῖς*).

Saindo um pouco do âmbito lexical das traduções e adentrando o nível sintático, algo de grande importância no que toca à futura percepção dos leitores sobre uma tradução cujo intuito é explorar aspectos de oralidade e *performance* em língua portuguesa é a reflexão e atenção prévias do tradutor quanto ao ritmo do texto. Oradores tinham (e sempre têm) à sua disposição diversos artifícios paralinguísticos (*e.g.*, inflexão, altura, entonação e velocidade da voz, prosódia) e extralinguísticos (*e.g.*, gestos, postura, aparência, expressões faciais e corporais, movimentos variados) que serviam ao propósito de auxiliar a declamação dos seus discursos e complementar a argumentação na medida em que, por exemplo, guiavam os olhares dos jurados ao apontar para o réu em discursos de acusação, captavam a atenção dos espectadores em trechos de maior importância ao enfatizarem determinada frase ou palavra, faziam-se ouvir por todos os presentes ao projetarem suas vozes com imponência, repeliam votos a seu favor caso não fizessem jus até mesmo aos mais bem escritos discursos na hora de declamá-los — e assim por diante. Tais recursos, no entanto, não estão disponíveis ao texto escrito que será lido silenciosamente e individualmente. O que nos resta é explorar, por meio da linguagem, somente as possibilidades de se veicular essas dimensões paralinguísticas e extralinguísticas no plano da escrita, a fim de que o futuro leitor seja conduzido, da maneira mais ativa e consciente possível por parte do tradutor, em direção a um entendimento do texto — ou melhor, a uma resposta afetiva ao que será lido.

Para se alcançar esse objetivo nas presentes traduções, buscou-se aproveitar o máximo possível de sinais de pontuação como condutores auxiliares de leitura. Em se tratando de discursos que, muito frequentemente, nos apresentam orações longas e carregadas sintática e semanticamente — em cujos fios argumentativos podemos facilmente nos perder, no caso de uma leitura desatenta, mas que são na mesma medida facilmente manejados por bons oradores que se utilizam da cadência, entonação e prosódia de suas falas com vistas à melhor transmissão de informação possível no momento de suas *performances* —, fez-se necessário “incrementarmos” a carga linguística do texto a fim de suprimos essas lacunas deixadas pela falta de uma dimensão puramente performática. Uma questão elementar é a ocorrência de apostos extensos, que, na fala, podem ser marcados verbalmente por uma série de estratégias, mas que, na tradução escrita, foram contornados sobretudo com o auxílio de travessões. Nos exemplos abaixo, os travessões servem, visual e sintaticamente, de ponte entre as duas partes da oração principal na leitura da passagem:

[...] τοῖς δ' ὥσπερ σὺ διακειμένοις, καὶ μήτε παντάπασιν ἀνηκόοις οὖσιν ὄσαι δὴ χρεῖται δι' ἔρωτος χωρὶς αἰσχύνης ἠϋξήθησαν, καὶ μετὰ τῆς ἀκριβεστάτης εὐλαβείας τὸν ἄλλον χρόνον βεβιωκόσιν, οὐδ' ὑποψίαν ἔχειν εὐλογον ὡς ἂν τι πράξειαν αἰσχρόν (Dem. 61.5).

[...] já para aqueles, como você — **que se encontram bem dispostos, que não são inteiramente ignorantes das vantagens que surgem por meio do amor sem qualquer tipo de vergonha, que vivem toda a vida segundo o mais rigoroso temor aos deuses** —, talvez não seja nem mesmo plausível suspeitar que façam algo vergonhoso.

αἰτιασάμενος γάρ με ἃ καὶ λέγειν ἂν ὀκνήσειέ τις, εἰ μὴ τύχοι προσόμοιος ὄν τούτῳ, τὸν πατέρ' ὡς ἀπέκτον' ἐγὼ τὸν ἔμαντοῦ, καὶ κατασκευάσας ἀσεβείας γραφήν, οὐκ ἐπ' ἐμέ, ἀλλ' ἐπὶ τὸν θεῖόν μου, **γράφας ἀσεβεῖν ἐμοὶ συνιόντ' εἰς ταὐτὸ ὡς πεποικῶτι ταῦτα**, εἰς ἀγῶνα κατέστησεν, ὃν εἰ συνέβη τόθ' ἀλῶναι, τίς ἂν ἀθλιώτερ' ἐμοῦ πεπονθῶς ἦν ὑπὸ τούτου; τίς γὰρ ἂν ἢ φίλος ἢ ξένος εἰς ταὐτό ποτ' ἔλθειν ἠθέλησεν ἐμοί; τίς δ' ἂν εἶασε πόλις που παρ' ἑαυτῇ γενέσθαι τὸν τὸ τοιοῦτ' ἀσέβημα δοκοῦντ' εἰργάσθαι; οὐκ ἔστιν οὐδεμία (Dem. 22.2).

Depois de me acusar — **uma acusação que qualquer um hesitaria até mesmo em mencionar, a não ser que calhasse de ser da mesma laia** — do assassinato do meu próprio pai e depois de maquinar um processo de impiedade não contra mim, mas contra o meu tio — **acusando-o de impiedade, junto a mim, quando eu supostamente cometi esse crime** —, ele então o levou à justiça. Se tivesse sido condenado, quem teria sofrido maior miséria por causa dele do que eu? Pois que amigo ou estranho se disporia a me socorrer? E que cidade teria permitido que um suspeito de praticar tal impiedade se aproximasse? Nenhuma sequer.

De maneira similar, e para além de servir somente de amparo à organização estrutural do texto escrito, marcadores gráficos como travessões podem potencializar e enriquecer o caráter emotivo que o autor esperava instigar — e que muito provavelmente os oradores exploravam com eficiência no momento de suas *performances* — em seus ouvintes. Em um discurso judicial, por exemplo, cujos resultados após as votações podiam acarretar das mais brandas às mais graves consequências na vida dos envolvidos, a capacidade de incitar determinadas emoções, seja a seu favor ou contra seu adversário, era primordial na prática do ofício dos oradores. Na passagem abaixo, uma possível exaltação por parte do orador na introdução de *Contra Andrócio*, quando Diodoro narra de forma breve os crimes cometidos pelo acusado, pode ser realçada ao nos valermos de recursos sintáticos e gráficos. Obviamente, e uma vez que o único elemento do universo que circundou esse processo legal contra Andrócio que sobreviveu até nós é justamente um texto escrito, tal exaltação é impossível de ser

confirmada em um sentido factual, mas sua existência se torna palpável a partir de uma leitura — e consequente tradução — engajada e criativa dos textos com os quais trabalhamos:

οὗτος μὲν γ' εἰς χρήματα καὶ τὸ παρ' ὑμῶν ἀδίκως ἐκπεσεῖν ἐπεβουλεύθη· ἐμὲ δ' οὐδ' ἂν ἐδέξατο τῶν ὄντων ἀνθρώπων οὐδὲ εἷς, εἰ τὰ κατασκευασθένθ' ὑπὸ τούτου παρ' ὑμῖν ἐπιστεύθη (Dem. 22.1).

Enquanto meu amigo era vítima de um plano contra os seus bens, para ser — **contrário a vontade de vocês!** — deposto injustamente, nem um dos homens aqui presentes sequer teria me acolhido caso tivessem acreditado nas maquinações desse sujeito contra vocês.

Aliando, enfim, uma facilitação da leitura de passagens extensas com vários apostos, de um lado, e uma certa otimização da dimensão emocional do texto, por outro, o realce e a ênfase na tradução de passagens como essa abaixo podem contribuir para a fluidez da narrativa e a construção imagética que ela busca impulsionar. Em *Sobre o amor*, em meio à série de elogios feitos à figura de Epícrates, o orador narra um momento memorável da vida atlética do jovem rapaz — uma competição da qual ele fez parte na modalidade de desmonte — a fim de ilustrar com uma certa ostentação a coragem/virilidade (*andreía*) que Epícrates possui:

φερομένου γὰρ ἐναντίου μὲν σοι τοῦ τῶν ἀντιπάλων ἄρματος, ἀπάντων δ' ἀνυπόστατον οἰομένων εἶναι τὴν τῶν ἵππων δύναμιν, ὄρων αὐτῶν ἐνίους καὶ μηδενὸς δεινοῦ παρόντος ὑπερηγωνιακότας, οὐχ ὅπως ἐξεπλάγης ἢ κατεδειλίασας, ἀλλὰ τῇ μὲν ἀνδρείᾳ καὶ τῆς τοῦ ζεύγους ὀρμῆς κρείττων ἐγένου, τῷ δὲ τάχει καὶ τοῦς διητυχηκότας τῶν ἀνταγωνιστῶν παρηήθεις (Dem. 61.28).

Pois quando a quadriga dos seus adversários estava vindo a todo vapor para cima de você, quadriga cuja força dos cavalos todos pensavam ser avassaladora, você — **vendo que alguns desses mesmos adversários, embora não houvesse nenhum perigo iminente, estavam extremamente ansiosos** — não se atordoou ou ficou paralisado de medo, mas sim, graças à sua coragem, recobrou o ímpeto da sua dupla com a sua força e, graças à sua velocidade, ultrapassou até mesmo os adversários que não tiveram problemas.

Outro fator importante no campo das manifestações paralinguísticas e extralinguísticas que podemos entrever por meio do texto escrito é o uso de pronomes demonstrativos como marcadores espaciais — ou marcadores dêiticos, que podem ser definidos como elementos linguísticos que atuam na relação entre a língua e seu contexto específico de enunciação (Levinson, 1983, p. 54). O pronome *hoûtos* (*οὗτος*, “este” ou “aquele”), por exemplo, é utilizado

com bastante frequência em textos da oratória clássica ateniense. Em discursos judiciais, em especial, ele e seus derivados são usados (*i.e.*, pelos oradores) para se referirem a seus adversários, que se encontravam presentes no julgamento e às vistas de todo o júri.¹⁵³ No trecho de *Contra Andrócio* abaixo, Diodoro, dando continuidade à sua narrativa sobre o processo de impiedade com o qual Andrócio havia entrado contra ele anteriormente, se refere a seu adversário como *toũton* (*τοῦτον*, ou seja, *οὗτος* no acusativo singular masculino) duas vezes. Dado que somente sejamos capazes de entender a que ou a quem tal pronome se refere com base no contexto geral do discurso — com quase absoluta certeza Andrócio, visto que não há nenhuma outra informação que nos indique o contrário —, podemos igualmente supor que, para os espectadores originais do texto em grego (*i.e.*, as centenas de jurados presentes no tribunal), um contexto adicional e imediato poderia acompanhar a fala do orador na forma de um gesto com a mão. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que o orador enunciava tal pronome ele também poderia apontar para a pessoa a quem ele se refere — no caso abaixo, ao acusado da vez, Andrócio, a fim de que todos os presentes soubessem com contra quem são as acusações e que se criasse uma relação direta entre o (suposto) crime, tal qual relatado na fala do orador, e o (suposto) criminoso, presente no tribunal à frente de todos, na mente dos jurados:

ἐγὼ τοίνυν ταῦτα μὲν οὐ παρὰ μικρὸν ἀγωνιζόμενος παρ' ὑμῖν ἀπελυσάμην, ἀλλ' ὥστε τὸ πέμπτον μέρος μὴ λαβεῖν **τούτον** τῶν ψήφων· **τούτον** δὲ μεθ' ὑμῶν πειράσομαι καὶ νῦν καὶ τὸν ἄλλον ἅπαντ' ἀμύνεσθαι χρόνον (Dem. 22.3).

Com efeito, quando contestei essas acusações no tribunal, não foi por pouco que obtive minha absolvição, mas sim com folga, pois **esse sujeito** não conseguiu nem sequer um quinto dos votos — e será com a ajuda dos senhores que eu me esforçarei para me defender, tanto hoje como no futuro, **desse homem**.

Como é de se imaginar, o discurso escrito, completamente destituído de suas dimensões orais e performáticas originais a partir do momento em que é preservado por meio da escrita, nos transmite somente os vestígios textuais do que foi ou poderia ter sido sua declamação e sua *performance* ao vivo. Dessa forma, torna-se uma escolha de tradução decidir pelo avivamento desse fantasma por meio de suplementos linguísticos que complementem o entendimento do texto e a imagem criada por ele. Com isso em mente, ao longo da tradução e à medida em que se julgasse necessário, o nome de Andrócio foi inserido na tradução em passagens que

¹⁵³ Sobre o uso desse e de outros pronomes demonstrativos na literatura grega antiga (em especial no drama clássico), vide Bakker (2010).

originalmente seu nome não era mencionado, mas somente aludido por meio de pronomes, como *hoũtos* ou *σύ* (σύ, “você”). Na passagem abaixo, por exemplo, esse acréscimo foi feito com o intuito de evitar qualquer dúvida ou ambiguidade acerca de a quem esse *σύ* (em evidência) podia se referir, sobretudo porque o nome de Andrócio aparecera pela última vez dez parágrafos antes (Dem. 22.53) e, nesse ínterim, outros nomes masculinos haviam sido mencionados:

ὁ μὲν γὰρ τὸ προστεταγμένον, οἶμαι, διεπράττετο, σὺ δὲ τῆ σαυτοῦ προπετεία καὶ θρασύτητι λαβὼν ἐξουσίαν πόλλ' ἀνηλωκότας εἰς τὴν πόλιν ἀνθρώπους καὶ σοῦ βελτίους καὶ ἐκ βελτιόνων ψευδέσι καὶ χαλεποῖς ὀνειδέσιν ᾧου δεῖν περιβάλλειν (Dem. 22.63).

Pois ele, creio eu, só estava fazendo o que lhe mandaram fazer, enquanto **você, Andrócio**, uma vez no poder e por meio da sua própria precipitação e intrepidez, achou que era necessário envolver homens que muito investiram na cidade e que são melhores e vêm de melhores famílias que você com mentiras e ultrajes difíceis de suportar.

De maneira similar, reunindo tanto o nome de Andrócio quanto o uso de travessões para criar pontos de foco e ênfase na leitura, a passagem abaixo foi vertida em português brasileiro da seguinte maneira:

οὐ μὴν ἀλλ' εἰ τοῦτο τοιοῦτ' ἐστὶν τὰ μάλιστα, ὁ νόμος δὲ λέγει τάναντία, οὐχ, ὅτι πολλάκις ἡμάρτηται δήπου πρότερον, διὰ τοῦτ' ἐπεξαμαρτητέον ἐστὶ καὶ νῦν, ἀλλὰ τοῦναντίον ἀρκτέον, ὡς ὁ νόμος κελεύει, τὰ τοιαῦτα ποιεῖν ἀναγκάζειν **ἀπὸ σοῦ πρώτου** (Dem. 22.6).

No entanto, se esse tiver sido mesmo o caso, mesmo que a lei diga o contrário, que não seja porque já se cometeu esse erro repetidas vezes no passado que ele seja cometido novamente agora, mas, pelo contrário, que se comece, tal como prevê a lei, a obrigar que esses procedimentos sejam cumpridos — **a começar por você, Andrócio.**

Um último fator de considerável interesse em nossa discussão sobre as traduções de ambos os discursos é a escolha por trás do emprego, em português brasileiro, de certas formas verbais. Os casos do futuro do presente e do pretérito mais-que-perfeito talvez sejam os exemplos mais corriqueiros e pertinentes no que tange à dualidade entre o oral e o falado no português falado no Brasil. Ao passo que comumente damos preferência ao uso de suas formas compostas, com verbos auxiliares, na linguagem falada e mais coloquial (e.g., “vou fazer” em vez de “farei”, “ela tinha chegado” em vez de “ela chegara” etc.), o emprego de sua forma

sintética, embora longe de ser considerado arcaico ou descolado da realidade do falante brasileiro (tal qual o uso do “vós” e dos verbos na segunda pessoa do plural) se faz mais presente em linguagem escrita e mais formal.

Quando trazemos esse questionamento para a prática tradutória — e à tradução de textos da antiguidade clássica, mais especificamente —, faz-se necessário irmos além da mera equivalência linguística entre o grego antigo e o português brasileiro e explorarmos a gama de possibilidades linguísticas à nossa disposição. Na passagem abaixo de *Sobre o amor*, na parte final de uma longa exortação a Epícrates para que o jovem rapaz enverede pelos estudos filosóficos (Dem. 61.36-55), o orador do discurso chama atenção ao fato de que as ações do jovem sempre serão objeto de escrutínio por parte dos demais membros da sociedade — inclusive do próprio orador, que o conhece bem e sempre o enalteceu:

ἐν οἷς ἅμα κρίνων αὐτὸς **κριθήσεσθαι** προσδόκα παρὰ πᾶσιν, κάμει τὸν οὕτως ἐγκωμιάσαντά σ' ἐτοίμως ἐν ἀγῶνι **γενήσεσθαι** τῆς σῆς δοκιμασίας (Dem. 61.53).

Ao mesmo tempo em que você toma suas decisões acerca dessas questões, saiba que **você** mesmo **será** também **juogado** por todos os demais, e que eu, quem prontamente sempre elogiou a sua pessoa, também **farei parte** dessa sua examinação.

Ambos os verbos que figuram no futuro no trecho acima — *κριθήσεσθαι* (*krithēsesthai*) e *γενήσεσθαι* (*genēsesthai*) — são traduzidos em português pelos seus equivalentes diretos: “(você) será julgado” e “farei parte”. No entanto, essa não é a única possibilidade à nossa disposição; tanto a forma verbal passiva “será julgado” como a forma verbal ativa “farei” podem ser respectivamente vertidos em português brasileiro mais coloquial e mais próximo da realidade da língua falada no dia a dia como “vai ser julgado” e “vou fazer”. No entanto, o motivo por trás da preferência pelas primeiras formas verbais, ao invés das segundas, se mantém alinhado a um dos pilares do presente projeto de tradução: prezar por uma otimização das características orais e performativas dos textos originais em língua portuguesa, mas sem se esquecer do equilíbrio entre a dicotomia falado-escrito pela qual perpassa a própria oralidade do discurso. Mesmo que o emprego da forma composta do futuro em português brasileiro esteja mais inclinado em direção à linguagem falada e/ou coloquial, isso não implica que a forma sintética do futuro, mais comumente encontrada em atos de fala escritos e/ou mais formais, não adentre também esse espaço — e vice-versa.

O segundo exemplo abaixo nos apresenta uma perspectiva diferente no que tange a esse equilíbrio almejado na tradução em português brasileiro. Em *Contra Andrócio*, antes de o orador entrar em maiores detalhes sobre a forma truculenta, irresponsável e ilegal com que Andrócio conduziu coletas de impostos sobre propriedade (*eisphorai*) nos anos anteriores (Dem. 22.48-68), Diodoro adverte os presentes jurados acerca dos possíveis argumentos insinceros e das estratégias traiçoeiras que o acusado usará em sua defesa (22.42-7) e faz uso de uma fórmula retórica bastante utilizada por oradores para encerrarem um assunto e passarem para o seguinte:

καὶ περὶ τούτων μὲν, ὄν τρόπον ὑμᾶς ἀπαγαγὼν ἀπὸ τοῦ νόμου παρακρούεσθαι **ζητήσῃ**, καὶ ἂν πρὸς ταῦθ' ὑμᾶς μνημονεύοντας μὴ ἐπιτρέπειν προσήκει, πολλὰ λέγειν ἔχων ἔτι, καὶ ταῦθ' ἰκάν' εἶναι νομίζων, **ἔάσω** (Dem. 22.46).

E ainda que eu tenha muito para falar — sobre a maneira com que ele **buscará** desviá-los da lei para tentar enganá-los e sobre as respostas das quais convêm que vocês se lembrem para não cederem aos argumentos dele —, **vou deixar** tudo isso **para depois**, já que considero esses argumentos suficientes.

Aqui, o orador opta por arrematar sua fala nessa seção do discurso ao dizer que, apesar de ter muito mais à sua disposição para falar sobre as artimanhas de Andrócio, ele as deixará para outro momento. Ambos os verbos conjugados no futuro nessa passagem — *ζητήσῃ* (*zētēsei*) e *ἔάσω* (*eásō*) — são vertidos em português também no futuro do presente, porém um em sua forma sintética (“buscará”) e o outro com o auxílio do verbo “ir” (“vou deixar para depois”).

O motivo por trás dessa alternância no uso de diferentes formas verbais do futuro em português brasileiro é o mesmo que guiou a decisão de se alternar o emprego dos pronomes de tratamento “você(s)” e “senhor(es)” ao longo da tradução de ambos os discursos, tal qual explicitado acima: para evitar um texto enfadonho e por demais artificial caso decidíssemos utilizar somente uma das formas à nossa disposição, a título de se prezar por uma equivalência linguística inflexível entre as duas línguas em questão. Em ambas as traduções presentes nesta dissertação, deu-se preferência à forma do futuro sintético em orações que aludissem a um futuro mais distante e/ou hipotético (“sobre a maneira com que ele buscará desviá-los da lei para tentar enganá-los”, ὄν τρόπον ὑμᾶς ἀπαγαγὼν ἀπὸ τοῦ νόμου παρακρούεσθαι *ζητήσῃ*), ao passo que o futuro composto foi mais utilizado em passagens que se referissem sobretudo a um tempo futuro mais próximo ou imediato (“vou deixar tudo isso para depois, já que considero esses argumentos suficientes”, καὶ ταῦθ' ἰκάν' εἶναι νομίζων, *ἔάσω*). Dessa maneira, foi

possível manter um equilíbrio ao longo do texto entre o coloquial e o formal, o escrito e o falado — justamente a fim de que trouxéssemos ao texto escrito em português a dinâmica entre essas dicotomias que se mostra presente nos discursos originais em grego, sobretudo por se tratar de textos originalmente compostos (escritos) para serem apresentados (“performados”) oralmente ante pequenas, médias e grandes plateias na Atenas do período clássico.

5.3. CONCLUSÕES PARCIAIS

Após termos percorrido, nos capítulos anteriores, sobre as origens da retórica e sobre o ensino e prática da oratória na Atenas dos séculos V e IV a.C., assim como sobre os diferentes gêneros discursivos que compunham a oratória clássica ateniense e a atuação de Demóstenes como um prolífico logógrafo, pudemos enfim compreender como a vida pessoal e política desse orador tão renomado se entremeia com os textos que integram seu *corpus* de discursos. Com *Contra Andrócio*, o mais antigo discurso judicial dentre os textos de Demóstenes que chegaram até nós, temos um pequeno vislumbre de como figuras políticas se utilizavam do sistema judiciário ateniense para se promover politicamente e atacar seus rivais. Já com *Sobre o amor*, somos levados para dentro do mundo de uma parcela ainda menor de discursos provindos do período clássico (*i.e.*, discursos epidícticos), sendo o presente texto um representante único desse tipo de reflexão retórico-filosófica (*i.e.*, discursos sobre o amor). Ambos os textos, cada um com suas peculiaridades e especificidades técnicas, temáticas e argumentativas, requisitaram e estimularam estratégias diferentes, porém análogas, no que tange à leitura, à análise textual e literária e, por fim, à tradução — tanto na prática quanto na teoria. Findado este capítulo, portanto, esperamos que o projeto de tradução como um todo e os objetivos específicos às traduções de *Contra Andrócio* e *Sobre o amor* tenham sido devidamente esclarecidos e exemplificados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de conclusão, talvez seja proveitoso retomarmos as epígrafes escolhidas para introduzir a presente dissertação. Henri Meschonnic, um dos teóricos franceses mais expoentes na área dos estudos de tradução, se preocupava muito mais com o traduzir (*i.e.*, o processo) do que com a tradução em si (*i.e.*, o mero resultado deste processo; Boulanger, 2011, p. 22). Um de seus interesses era sobretudo a questão da oralidade na linguagem, que, segundo ele, nada tem a ver com o som da língua propriamente dita, uma vez que ela, a oralidade, perpassa tanto a fala como a escrita e ultrapassa o nível da prosódia e se instala justamente no nível do discurso. O oral, portanto, não é o oposto do escrito, pois é a palavra falada que se opõe à palavra escrita — ambas atravessadas pelo que há de oral numa língua. “Não há mais o escrito e o oral, mas o escrito, o falado e o oral. O oral como primazia do ritmo e do contínuo no modo de significar” (Meschonnic, 2000, p. 70).

Boa parte dos nossos objetos de estudo na área de estudos clássicos — e a grande maioria deles, em se tratando mais especificamente da oratória — giram em torno e dependem da palavra escrita para que sejam preservados, transmitidos e acessados com o passar dos séculos. A oralidade dos discursos provenientes da oratória clássica ateniense, tanto no sentido mais generalizado da palavra (*i.e.*, aquele que se vincula às dimensões orais e performáticas dos discursos em seus contextos originais de *performance* e recepção na antiguidade, o qual viemos utilizando ao longo desta dissertação) como no sentido meschonniciano acima, confluem um com o outro quando traduzimos tais textos para línguas modernas. Da mesma forma que o que há de oral numa língua perpassa tanto o ritmo da palavra falada como o da palavra escrita, a oralidade de discursos como *Contra Andrócio* e *Sobre o amor* se mantém conservada por meio de resquícios linguísticos que aludem a essas dimensões orais e performáticas originais, assim como por meio do ritmo do discurso que é inerente a todo e qualquer texto — independente da língua, do seu meio de veiculação, de se é escrito ou falado e/ou se é um texto original ou não. O texto traduzido, logo, há de ter seu próprio ritmo, sempre em certa medida atrelado ao ritmo do texto original e dependente dele — porém, não obstante, sempre autônomo, novo e original graças ao seu contexto linguístico, cultural, histórico e social distinto.

Contudo, na medida em que o texto original é para o tradutor “o outro pura e simplesmente, cujas palavras ele é chamado ou contratado para verter ao próprio, à própria língua”, o tradutor é alinhado “no grupo de todos aqueles que, como cantores de ópera, pianistas de concerto, atores ou maestros, desempenham uma atividade artística pós-criativa”, dos quais o tradutor literário, entretanto, se diferencia “por não aparecer, ao contrário deles, sob o holofote

do público, permanecendo ao invés disso geralmente oculto” (Ette, 2018, p. 103). Sua escrita tradutória, portanto, se mostra um ato de criação secundário e dependente, no sentido de que sua autonomia, inovação e originalidade advêm de um outro texto, inspirando-se nele e moldando-se segundo suas regras. Assim, quando nos concentramos em discutir uma característica tão específica desses textos como a oralidade (*i.e.*, a dimensão oral da oratória), torna-se conseqüentemente inevitável que o “oral como primazia do ritmo” seja levado em consideração quando nos dispomos a otimizar em língua portuguesa, por meio da tradução, tais aspectos de oralidade e *performance* por meio do ritmo e da prosódia da palavra escrita — mesmo e ainda que sua recepção se dê sobretudo de forma individual e silenciosa, ao contrário das manifestações públicas de declamação na Assembleia, nos tribunais e nos simpósios durante os séculos V e IV a.C. em Atenas. “A escrita”, podemos concluir, “é feita disso: da invenção de uma oralidade” (Meschonnic, 2011, p. 88) — e a escrita tradutória, obviamente, não se desvia dessa regra.

Para além de estimular tal reflexão sobre o traduzir — e, mais especificamente, sobre a tradução da oratória nos dias atuais —, a pesquisa empreendida ao longo da escrita dessa dissertação foi erigida com base nesses critérios particulares do projeto de tradução e a fim de se adequar a eles e justificá-los. Desse modo, uma investigação sobre oralidade e *performance* na oratória clássica ateniense serviu ao propósito de alicerçar o mais exaustivamente possível a compreensão acerca do contexto de composição, transmissão e recepção desses textos na antiguidade. Desde discussões sobre a (re)introdução da escrita no mundo grego e a adaptação da escrita fenícia na forma do alfabeto grego, passando pelo desenvolvimento gradativo dos usos e funções dessa nova tecnologia (*i.e.*, a escrita) à medida que as *póleis* se instauravam durante os períodos arcaico e clássico e pelo papel e a influência da escrita em meio aos gêneros poéticos antigos e ao surgimento de textos em prosa, até um estudo mais pormenorizado sobre o contexto em que se inseriam os discursos da oratória clássica, sobre as distinções entre os tipos de discursos e as opiniões de autores antigos acerca das propriedades de cada um e, enfim, sobre o processo de composição, transmissão e recepção desses textos — toda essa trajetória investigativa abriu o caminho para uma reflexão abrangente sobre como *Contra Andrócio* e *Sobre o amor* vieram a se realizar, a qual, por sua vez, permitiu uma reflexão igualmente consciente sobre como suas respectivas traduções viriam a ser realizadas.

No mais, esperamos que esta dissertação seja uma contribuição à pesquisa brasileira em estudos clássicos e que ela fomente não só novos debates sobre a oratória clássica ateniense e sobre oralidade e *performance* no que tange a textos da antiguidade greco-romana, como também incentive mais traduções inéditas de discursos antigos em língua portuguesa.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7.1. FONTES ANTIGAS

AESCHINES. **Speeches**. Translated by C. D. Adams. Loeb Classical Library 106. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1919.

ARISTOTLE. **Atheniensium Respublica**. Edited by Sir F. G. Kenyon. Oxford: Clarendon Press, 1920.

_____. **Politica**. Edited by W. D. Ross. Oxford: Clarendon Press, 1957.

_____. **De arte poetica liber**. Edited by R. Kassel. Oxford: Clarendon Press, 1965.

_____. **Ars rhetorica**. Edited by R. Kassel. Berlin, New York: de Gruyter, 1976.

CAESAR, G. Julius. **Commentarii Rerum in Gallia Gestarum VII**. A. Hirti Commentarius VIII. Edited by T. R. Holmes. Oxford: Clarendon Press, 1914.

CICERO. **De Inventione. De Optimo Genere Oratorum. Topica**. Translated by H. M. Hubbell. Loeb Classical Library 386. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1949.

DEMOSTHENES. **Orationes**. Volume II, Part 1: Orationes XX-XXVI. Edited by S. H. Butcher. Oxford: Clarendon Press, 1903.

_____. **Orations, Volume III**. Orations 21-26: Against Meidias. Against Androton. Against Aristocrates. Against Timocrates. Against Aristogeiton 1 and 2. Translated by J. H. Vince. Loeb Classical Library 299. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1935.

_____. **Orations, Volume V**. Orations 41-49: Private Cases. Translated by A. T. Murray. Loeb Classical Library 346. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1939.

_____. **Orations, Volume VII**. Orations 60-61: Funeral Speech. Erotic Essay. Exordia. Letters. Translated by N. W. DeWitt & N. J. DeWitt. Loeb Classical Library 374. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1949.

DIOGENES LAERTIUS. **Lives of Eminent Philosophers**. Translated by R. D. Hicks. Volume I. Loeb Classical Library 184. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1925.

HERODOTUS. **The Persian Wars, Volume I**: Books 1-2. Translated by A. D. Godley. Loeb Classical Library 117. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1920.

HOMER. **Opera**. Volume I: Iliad, Books I-XII. Edited by D. B. Munro & T. W. Allen. 3rd ed. Oxford: Clarendon Press, 1920.

ISOCRATE. **Discours**. Tome I: Contre Euthynous. Contre Callimakhos. Contre Lokhitès. Sur l'attelage. Trapézitique. Eginétique. A Démonicos. Contre les Sophistes. Hélène. Busiris. Édité par É. Brémond & G. Mathieu. Paris: Les Belles Lettres, 1963.

ISOCRATES. **To Demonicus. To Nicocles. Nicocles or the Cyprians. Panegyricus. To Philip. Archidamus**. Translated by G. Norlin. Volume I. Loeb Classical Library 209. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1928.

_____. **On the Peace. Areopagiticus. Against the Sophists. Antidosis. Panathenaicus**. Translated by G. Norlin. Volume II. Loeb Classical Library 229. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1929.

_____. **Evagoras. Helen. Busiris. Plataicus. Concerning the Team of Horses. Trapeziticus. Against Callimachus. Aegineticus. Against Lochites. Against Euthynus. Letters**. Translated by L. van Hook. Volume III. Loeb Classical Library 373. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1945.

LUCIAN. **How to Write History. The Dipsads. Saturnalia. Herodotus or Aetion. Zeuxis or Antiochus. A Slip of the Tongue in Greeting. Apology for the "Salaried Posts in Great Houses." Harmonides. A Conversation with Hesiod. The Scythian or The Consul. Hermotimus**. Translated by K. Kilburn. Volume VI. Loeb Classical Library 430. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1959.

LYCURGUS; DINARCHUS; DEMADES; HYPERIDES. **Minor Attic Orators, Volume II**. Translated by J. O. Burt. Loeb Classical Library 395. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1954.

PLATO. **Opera**. Vol. 2: Tetralogiae III-IV. Edited by J. Burnet. Oxford: Oxford University Press, 1901.

_____. **Opera**. Vol. 3: Tetralogia V-VIII. Edited by J. Burnet. Oxford: Oxford University Press, 1903.

PLUTARCH. **Lives**. Volume VII - Demosthenes and Cicero. Alexander and Caesar. Translated by B. Perrin. Loeb Classical Library 99. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1919.

_____. **Moralia, Volume X.** Translated by H. N. Fowler. Loeb Classical Library 321. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1936.

THUCYDIDES. **Historiae.** Volume I: Books I-IV. Edited by H. S. Jones & J. E. Powell. 2nd ed. Oxford: Oxford University Press, 1942.

XENOPHON. **Opera Omnia.** Volume V: Opuscula. Edited by E. C. Marchant. Oxford: Clarendon Press, 1920.

7.2. LÉXICOS, INSCRIÇÕES E FRAGMENTOS ANTIGOS

ADLER, Ada. (ed.). **Suidae Lexicon.** Pars I (A – Γ). München & Leipzig: Ed. Stereotypa, 2001.

BLASS, Friedrich. (ed.). **Die attische Beredsamkeit I: Von Gorgias bis zu Lysias.** Leipzig: B. G. Teubner, 1887.

_____. (ed.). **Die attische Beredsamkeit II: Isokrates und Isaios.** Leipzig: B. G. Teubner, 1892a.

_____. (ed.). **Antiphontis Orationes et fragmenta, adiunctis Gorgiae, Antisthenis, Alcidamantis, declamationibus.** Leipzig: B. G. Teubner, 1892b.

_____. (ed.). **Die attische Beredsamkeit III.1: Demosthenes.** Leipzig: B. G. Teubner, 1893.

_____. (ed.). **Die attische Beredsamkeit III.2: Demosthenes' Genossen und Gegner.** Leipzig: B. G. Teubner, 1898.

DELAMARRE, Jules. (ed.). **Inscriptiones Graecae XII,7.** Inscriptiones Amorgi et insularum vicinarum. Berlin, 1908.

DINDORF, Wilhelm. (ed.). **Harpocratonis Lexicon in decem oratores Atticos.** Oxonii: E Typographeo Academico, 1853.

JACOBY, Felix. **Die Fragmente der griechischen Historiker (FGrH).** Dritter Teil, Geschichte von Staedten und Voelkern (Horographie und Ethnographie) – B, Autoren ueber einzelne Staedte (Laender) [Nr. 297 – 607]. Leiden: Brill, 1954a.

_____. **Die Fragmente der griechischen Historiker (FGrH).** Dritter Teil, Geschichte von Staedten und Voelkern (Horographie und Ethnographie) – b (Supplement), A

Commentary on the Ancient Historians of Athens (Nos. 323a – 334) – Volume I, Text. Leiden, Brill: 1954b.

_____. **Die Fragmente der griechischen Historiker (FGrH)**. Dritter Teil, Geschichte von Staedten und Voelkern (Horographie und Ethnographie) – b (Supplement), A Commentary on the Ancient Historians of Athens (Nos. 323a – 334) – Volume II, Notes – Addenda – Corrigenda – Index. Leiden, Brill: 1954c.

_____. **Die Fragmente der griechischen Historiker (FGrH)**. Dritter Teil, Geschichte von Staedten und Voelkern (Horographie und Ethnographie) – b, Kommentar zu Nr. 297 – 607. Text – Noten. Leiden, Brill: 1955.

JEFFERY, Lilian H. **The Local Scripts of Archaic Greece: A Study of the Origin of the Greek Alphabet and its Development from the Eighth to the Fifth Centuries B.C.** Edited by M. Robertson, J. Boardman, J. Coulton & D. Kurtz. Revised edition with supplement by A. W. Jonhston. Oxford: Clarendon Press, 1961.

KIRCHNER, Johannes. (ed.). **Inscriptiones Graecae II et III: Inscriptiones Atticae Euclidis anno posteriores**, 2nd ed., Parts I-III. Berlin, 1913-1940.

RADT, Stefan. (ed.). **Tragicorum Graecorum Fragmenta (TrGF)**. Vol. 4: Sophocles. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1999.

7.3. TRADUÇÕES DE TEXTOS ANTIGOS

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986.

_____. **Política**. Tradução: Antônio C. Amaral, Carlos Gomes. Edição Bilingue. Lisboa: Editora Vega, 1998.

_____. **Retórica**. Tradução e notas: Manuel A. Júnior, Paulo F. Alberto & Abel do N. Pena. 2ª ed. Obras Completas de Aristóteles, Volume VIII, Tomo I. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, 2005.

ARISTOTLE. **On Rhetoric**. A Theory of Civic Discourse. Translated with introduction, notes, and appendices by George A. Kennedy. 2nd ed. New York / Oxford: Oxford University Press, 2007.

CÉSAR, C. Júlio. **Comentários (de Bello Gallico)**. São Paulo: Livraria Cultura, 1941.

DEMÓSTENES. **As Três Filípicas / Oração sobre as Questões da Quersoneso**. Introdução, tradução, seleção e notas de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Livros Cotovia, 2005.

ILUNGA, Kabengele. **O Da Invenção, de Marco Túlio Cícero**: Tradução e Introdução. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 165. 2009.

LICURGO. **Oração Contra Leócrates**. Tradução do grego, introdução e notas: J. A. Segurado e Campos. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

PLATÃO. **Górgias ou A Oratória**. Tradução, apresentação e notas: Jaime Bruna. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

_____. **Fedro ou Da Beleza**. Tradução e notas: Pinharanda Gomes. 6ª ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2006.

_____. **Górgias**. Introdução, tradução do grego e notas: Manuel de O. Pulquério. 7ª ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

PLATO. **Plato in Twelve Volumes**. Vol. 3. Translated by W. R.M. Lamb. Cambridge, MA: Harvard University Press / London: William Heinemann Ltd., 1967.

_____. **Gorgias**. Translated by Walter Hamilton and Chris Emlyn-Jones. Introduction, commentary and notes by Chris Emlyn-Jones. London: Penguin Classics, 2004.

PLATON. **Œuvres Complètes**. Traduction nouvelle et notes par Léon Robin. Librairie Gallimard, 1950.

PLUTARCO. **Vidas dos homens ilustres**. Trad. Padre Vicente Pedroso. São Paulo: Editora das Américas S. A. - Edameris, 1963.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. 3ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987.

7.4. DICIONÁRIOS

BAILLY, M. A. **Dictionnaire Grec-Français**. Paris: Hachette, 2020.

FARIA, Ernesto. **Dicionário Escolar Latino-Português**. 3ª ed. Ministério da Educação e da Cultura, Departamento Nacional de Educação, Campanha Nacional de Material de Ensino, 1962.

GAFFIOT, Félix. **Dictionnaire Latin-Français**. Paris: Hachette, 2016.

GLARE, P. G. W. **Oxford Latin Dictionary**. 2nd ed. Oxford: Oxford University Press, 2012.

HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Anthony; EIDINOW, Esther. (eds.). **The Oxford Classical Dictionary**. 4th ed. Oxford: Oxford University Press, 2012.

LIDDELL, Henry G.; SCOTT, Robert; JONES, Henry S. **A Greek-English Lexicon**. With a Revised Supplement. Oxford: Clarendon Press, 1853.

MALHADAS, Daisi; DEZOTTI, Maria C. C.; NEVES, Maria H. de M. **Dicionário Grego-Português**. 2. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial / Araçoiaba da Serra, SP: Editora Mnema, 2022.

7.5. BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

ARAÚJO, Carolina. **Da Arte**: uma leitura do Górgias de Platão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

AUSTIN, John L. **How to Do Things with Words**. Oxford: Clarendon Press, 1962.

BAKKER, Egbert J. Pragmatics: Speech and Text. In. _____. (ed.). **A Companion to the Ancient Greek Language**. Chichester/Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2010.

BALOGH, Josef. IV. „Voces Paginarum“. **Philologus**, vol. 82, n. 1-4, 1927a. p. 84-109.

_____. IX. „Voces Paginarum“. **Philologus**, vol. 82, n. 1-4, 1927b. p. 204-242.

BARBANTANI, Silvia. Lyric in the Hellenistic period and beyond. In. BUDELMANN, Felix. (ed.). **The Cambridge Companion to Greek Lyric**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 297-318.

BARBER, Karin. **The Anthropology of Texts, Persons and Publics**. Oral and written culture in Africa and beyond. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

BARKER, Elton T. E. **Entering the Agon**: Dissent and Authority in Homer, Historiography and Tragedy. Oxford: Oxford University Press, 2009.

BENVENISTE, Émile. **Le vocabulaire des institutions indo-européennes**. 2. Pouvoir, droit, religion. Sommaires, tableau et index établis par Jean Lallot. Paris: Les Éditions de Minuit, 1969.

BLOK, Josine. **Citizenship in Classical Athens**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

BOLMARCICH, Sarah. Assembly. In. GAGARIN, Michael. (ed.). **The Oxford Encyclopedia of Ancient Greece & Rome**. Volume I. Oxford: Oxford University Press, 2010a. p. 283-5.

_____. Council. In. GAGARIN, Michael. (ed.). **The Oxford Encyclopedia of Ancient Greece & Rome**. Volume I. Oxford: Oxford University Press, 2010b. p. 308-10.

BOULANGER, Pier-Pascale. Introduction. In. MESCHONNIC, Henri. **Ethics and Politics of Translating**. Translated and edited by Pier-Pascale Boulanger. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011. p. 11-32.

BRAUW, Michael de. The Parts of the Speech. In. WORTHINGTON, Ian. (ed.). **A Companion to Greek Rhetoric**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007. p. 187-202.

BRENNAN, Chris. Thrasyllus. **The Hellenistic Astrology Website**, mar. 2014. Disponível em: <https://www.hellenisticastronomy.com/astrologers/thrasyllus/>. Acesso em: 26 de julho de 2023.

BRONEER, Oscar. Excavations on the North Slope of the Acropolis, 1937. **Hisperia: The Journal of the American School of Classical Studies at Athens**, vol. 7, v. 2, 1938. p. 161-263.

BUDELMANN, Felix. Introducing Greek Lyric. In. _____. (ed.). **The Cambridge Companion to Greek Lyric**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 1-18.

CAREY, Christopher. Epideictic Oratory. In. WORTHINGTON, Ian. (ed.). **A Companion to Greek Rhetoric**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007. p. 236-52.

_____. Genre, occasion and performance. In. BUDELMANN, Felix. (ed.). **The Cambridge Companion to Greek Lyric**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 21-38.

CHADWICK, John. **The Decipherment of Linear B**. Second edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1970.

_____. **Linear B and Related Scripts**. London: British Museum Publications Ltd, 1987.

COHEN, David. **Law, Society and Homosexuality in Classical Athens**. Past & Present, n. 117, 1987. p. 3-21.

COLE, Thomas. **The Origins of Rhetoric in Ancient Greece**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1991.

CORNELL, Tim; RHODES, Peter J. Areopagus. In. HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Anthony; EIDINOW, Esther. (eds.). **The Oxford Classical Dictionary**. 4th ed. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 146.

CROWTHER, Nigel B. The Apobates Reconsidered (Demosthenes lxi 23-9). **The Journal of Hellenic Studies**, vol. 111, 1991. p. 174-6.

CSAPO, Eric; SLATER, William J. **The Context of Ancient Drama**. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 1994.

DICKIE, Matthew W. Dike as a Moral Term in Homer and Hesiod. **Classical Philology**, vol. 73, n. 2, 1978. p. 91–101.

EDWARDS, Michael. Alcidamas. In. WORTHINGTON, Ian. (ed.). **A Companion to Greek Rhetoric**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007. p. 47-57.

ETTE, Ottmar. **EscreverEntreMundos: literaturas sem morada fixa (SaberSobreViver II)**. Tradução de Rosani Umbach, Dionei Mathias e Teruco Arimoto Spengler. Curitiba: Editora UFPR, 2018.

FINKELBERG, Margalit. Elitist Orality and the Triviality of Writing. In. COOPER, C. (ed.). **Politics and Orality (Orality and Literacy in Ancient Greece, vol. 6)**. Leiden: Brill, 2006. p. 293-305.

FORD, Andrew. From Letters to Literature: Reading the “Song Culture” of Classical Greece. In. YUNIS, Harvey. (ed.). **Written Texts and the Rise of Literate Culture in Ancient Greece**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 15-37.

FORSDYKE, Sara. **Exile, Ostracism, and Democracy**. The Politics of Expulsion in Ancient Greece. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2005.

GAGARIN, Michael. *Dikē in the Works and Days*. **Classical Philology**, vol. 68, n. 2, 1973. p. 81-94.

_____. *Dikē in Archaic Greek Thought*. **Classical Philology**, vol. 69, n. 3, 1974. p. 186–197.

_____. *Background and Origins: Oratory and Rhetoric before the Sophists*. In. WORTHINGTON, Ian. (ed.). **A Companion to Greek Rhetoric**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007. p. 27-36.

_____. *Introduction to Demosthenes*. In. DEMOSTHENES. **Demosthenes, Speeches 20-22. Translated** with introduction and notes by Edward M. Harris. Austin: University of Texas Press, 2008. p. 1-5.

_____. **Democratic Law in Classical Athens**. Austin: University of Texas Press, 2020.

GRAVILOV, Aleksandr K. *Techniques of Reading in Classical Antiquity*. **The Classical Quarterly**, vol. 47, n. 1, 1997. p. 56-73.

HADJIMICHAEL, Theodora A. **The Emergence of the Lyric Canon**. Oxford: Oxford University Press, 2019.

HALL, Edith. *Lawcourt Dramas: The Power of Performance in Greek Forensic Oratory*. **Bulletin of the Institute of Classical Studies**, vol. 40, 1995. p. 39-58.

HANSEN, Mogens H. **The Athenian Assembly in the Age of Demosthenes**. Oxford: Blackwell, 1987.

HARDING, Phillip. *Androtion's Political Career*. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, v. 25, n. 2, 1976. p. 186-200.

HARRIS, Edward M. *Introduction*. In. DEMOSTHENES. **Speeches 20-22**. Translated with introduction and notes by Edward M. Harris. Austin: University of Texas Press, 2008. p. 167-70.

HARRIS, William V. **Ancient Literacy**. Cambridge, London: Harvard University Press, 1989.

HARVEY, Anthony E. *The Classification of Greek Lyric Poetry*. **The Classical Quarterly**, vol. 5, n. 3-4, 1955. p. 157-75.

HAVELOCK, E. A. **Preface to Plato**. Cambridge: Belknap Press, Harvard University Press, 1963.

_____. **The Literate Revolution in Greece and its Cultural Consequences**. Princeton: Princeton University Press, 1982.

HINDLEY, Clifford. **Law, Society and Homosexuality in Classical Athens**. Past & Present, n. 133, 1991. p. 167-83.

HOOKE, LaRue van. **Alcidamas versus Isocrates: The Spoken versus the Written Word**. The Classical Weekly, vol. 12, n. 12, 1919. p. 89-94.

JEFFERY, Lilian H.; MORPURGO-DAVIES, Anna. ΠΟΙΝΙΚΑΣΤΑΣ and ΠΟΙΝΙΚΑΖΕΝ: BM, 4-2. 1, A New Archaic Inscription from Crete. **Kadmos**, vol. 9, n. 2, 1970. p. 118-154.

JOHNSON, William A. Toward a Sociology of Reading in Classical Antiquity. **American Journal of Philology**, vol. 121, 2000. p. 593-627.

JONES, Arnold H. M.; RHODES, P. J. Liturgy. In. HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Anthony. (eds.). **The Oxford Classical Dictionary**. 3rd ed. Oxford: Oxford University Press, 1999. p. 875.

KAHN, Charles H. Writing Philosophy: Prose and Poetry from Thales to Plato. In. YUNIS, Harvey. (ed.). **Written Texts and the Rise of Literate Culture in Ancient Greece**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 139-61.

KENNEDY, George A. Introduction. In. ARISTOTLE. **On Rhetoric**. A Theory of Civic Discourse. Translated with introductions, notes, and appendices by George A. Kennedy. 2nd ed. New York / Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 1-25.

KLOOSTER, Jacqueline. A Speaker of Words and Doer of Deeds: The Reception of Phoenix' Educational Ideal. In. KLOOSTER, Jacqueline; BERG, Baukje van den. (eds.) **Homer and the Good Ruler in Antiquity and Beyond**. Leiden: Brill, 2018. p. 65-85.

KNOX, Bernard M. W. Silent Reading in Antiquity. **Greek, Roman & Byzantine Studies**, vol. 9, 1968. p. 421-35.

_____. Books and readers in the Greek world. From the beginnings to Alexandria. In. EASTERLING, Patricia E.; KNOX, Bernard M. W. (eds.). **The Cambridge**

History of Classical Literature. Vol. 1: Greek Literature. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 1-16.

KUGELMEIER, Christoph. **Reflexe früher und zeitgenössischer Lyrik in der alten attischen Komödie.** Stuttgart / Leipzig: Teubner, 1996.

LARSEN, Jakob A. O. **Representative Government in Greek and Roman History.** 2nd printing. Berkley and Los Angeles: University of California Press, 1966.

LARSEN, Jakob A. O. Larsen; RHODES, Peter J. Amphictiony. In. HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Anthony; EIDINOW, Esther. (eds.). **The Oxford Classical Dictionary.** 4th ed. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 73.

LAVENCY, Marius. **Aspects de la logographie judiciaire attique.** Louvain: Bureaux de recueil, Bibliothèque de l'Université, 1964.

_____. The Written Plea of the Logographer. In. CARAWAN, Edwin. (ed.). **Oxford Readings in The Attic Orators.** Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 3-26.

LEVINSON, Stephen C. **Pragmatics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LIVINGSTONE, Niall. **Writing Politics: Isocrates' Rhetoric of Philosophy.** *Rhetorica: A Journal of the History of Rhetoric*, vol. 25, n. 1, 2007. p. 15-34.

MACDOWELL, Douglas M. **Athenian Homicide Law in the Age of the Orators.** Manchester: Manchester University Press, 1963.

_____. Athenian Laws about Homosexuality. **Revue internationale des droits de l'antiquité**, vol. 47, 2000. p. 13-27.

_____. **Demosthenes, the Orator.** Oxford: Oxford University Press, 2009.

_____. Eleven. In. HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Anthony; EIDINOW, Esther. (eds.). **The Oxford Classical Dictionary.** 4th ed. Oxford: Oxford University Press, 2012a. p. 500.

_____. Law and procedure, Athenian. In. HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Anthony; EIDINOW, Esther. (eds.). **The Oxford Classical Dictionary.** 4th ed. Oxford: Oxford University Press, 2012b. p. 802-4.

MCCUTCHEON, R. W. Silent Reading in Antiquity and the Future History of the Book. **Book History**, vol. 18, 2015. p. 1-32.

MESCHONNIC, Henri. **Crisis del signo: política del ritmo y teoría del lenguaje = Crise du signe: politique du rythme et théorie du langage**. Edición bilingüe, traducido del francés por Guillermo Piña-Contreras. Santo Domingo: Comisión Permanente de la Feria del Libro, 2000.

_____. **Ethics and Politics of Translating**. Translated and edited by Pier-Pascale Boulanger. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011.

MOMIGLIANO, Arnaldo. The Historians of the Classical World and Their Audiences. **The American Scholar**, vol. 47, n. 2, 1978. p. 193-204.

MORGAN, T. J. Literate Education in Classical Athens. **The Classical Quarterly**, vol. 49, n. 1, 1999. p. 46-61.

MUIR, James R. Is our history of educational philosophy mostly wrong? The case of Isocrates. **Theory and Research in Education**, vol. 3, n. 2, 2005. p. 165-95.

NAGY, Gregory. **Homeric Questions**. Austin: University of Texas Press, 1996.

_____. **The Ancient Greek Hero in 24 Hours**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2013. Disponível em: <https://chs.harvard.edu/book/nagy-gregory-the-ancient-greek-hero-in-24-hours/>. Acesso em: 16 de maio de 2023.

OBER, Josiah. **Democracy and Knowledge**. Innovation and Learning in Classical Athens. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2008.

_____. **The Rise and Fall of Classical Greece**. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2015.

ONG, Walter J. **Orality and Literacy**. The Technologizing of the Word. London, New York: Routledge, 1982.

_____. Writing Is a Technology that Restructures Thought. In. BAUMANN, Gerd. (ed.). **The Written Word**. New York: Oxford University Press, 1986. p. 23-50.

PATTERSON, Cynthia. Athenian Citizenship Law. In. GAGARIN, Michael; COHEN, David. (eds.). **The Cambridge Companion to Ancient Greek Law**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 267-89.

_____. Citizenship, Greek. In. GAGARIN, Michael. (ed.). **The Oxford Encyclopedia of Ancient Greece & Rome**. Volume I. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 146-7.

PEARSON, Lionel; HORNBLOWER, Simon. Logographers. In. HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Anthony. (eds.). **The Oxford Classical Dictionary**. 3rd ed. Oxford: Oxford University Press, 1999. p. 882.

PITCHER, Luke V. Narrative Technique in “The Lives of the Ten Orators”. **The Classical Quarterly**, vol. 55, n. 1, 2005. p. 217-34.

POWNALL, Frances. From Orality to Literacy: The Moral Education of the Elite in Fourth-Century Athens. In. COOPER, C. (ed.). **Politics and Orality** (Orality and Literacy in Ancient Greece, vol. 6). Leiden: Brill, 2006. p. 235-49.

QUINN, Josephine. **In Search of the Phoenicians**. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2018.

RHODES, Peter J. **The Athenian Boule**. Oxford: Clarendon Press, 1972.

_____. **A Commentary on the Aristotelian Athenaion Politeia**. Oxford: Clarendon Press, 1981.

RHODES, Peter J.; LEWISS, David M. **The Decrees of the Greek States**. Oxford: Clarendon Press, 1997.

ROCHA, Sandra L. R. da. Interferências da tradução de Heródoto e Tucídides: percepções sobre a escrita na Grécia. In. _____. (ed.). **Cinco ensaios sobre a antiguidade**. São Paulo: Annablume, 2012. p. 67-87.

RUBINSTEIN, Lene. **Litigation and Cooperation: Supporting Speakers in the Courts of Classical Athens**. Stuttgart: Franz Steiner, 2000.

SCHIAPPA, Edward. **The Beginnings of Rhetorical Theory in Classical Greece**. New Haven: Yale University Press, 1999.

SCODEL, Ruth. **An Introduction to Greek Tragedy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

SHEAR, Julia L. **Serving Athena: The Festival of the Panathenaia and the Construction of Athenian Identities**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

SULLIVAN, Robert G. Eidos/idea in Isocrates. **Philosophy & Rhetoric**, vol. 34, n. 1, 2001. p. 79-92.

SWIFT, Laura A. **The Hidden Chorus: Echoes of Genre in Tragic Lyric**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

TAYLOR, Christopher C. W. Sophists. In. HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Anthony. (eds.). **The Oxford Classical Dictionary**. 3rd ed. Oxford: Oxford University Press, 1999. p. 1422.

THOMAS, Rosalind. **Oral Tradition and Written Record in Classical Athens**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

_____. **Literacy and Orality in Ancient Greece**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

_____. Prose Performance Texts: Epideixis and Written Publication in the Late Fifth and Early Fourth Centuries. In. YUNIS, Harvey. (ed.). **Written Texts and the Rise of Literate Culture in Ancient Greece**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 161-88.

TIMMERMAN, David M. Isocrates' Competing Conceptualization of Philosophy. **Philosophy & Rhetoric**, vol. 31, n. 2, 1998. p. 145-59.

TODD, Stephen C. **The Shape of Athenian Law**. Oxford: Clarendon Press, 1993.

TOO, Yun L. **The Rhetoric of Identity in Isocrates: Text, Power, Pedagogy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

TOOMER, G. J. Claudius Thrasylus, Tiberius. In. HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Anthony; EIDINOW, Esther. (eds.). **The Oxford Classical Dictionary**. 4th ed. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 329.

TREVETT, Jeremy. Introduction to Demosthenes 1-3. In. DEMOSTHENES. **Speeches, 1-17**. Translated with introduction and notes by Jeremy Trevett. Austin: University of Texas Press, 2011. p. 27-30.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Jurados**. Belo Horizonte, MG: Brasil. Disponível em: <https://www.tjmg.jus.br/portal-tjmg/servicos/jurados.htm>. Acesso em: 20 de abril de 2023.

TRIDIMAS, George. Conflict, democracy and voter choice: a public choice analysis of the Athenian ostracism. **Public Choice**, vol. 169, 2016. p. 137–159. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11127-016-0379-7>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2023.

TSAKMAKIS, Antonis. Speeches. In. BALOT, Ryan K.; FORSDYKE, Sara; FOSTER, Edith. (eds.). **The Oxford Handbook of Thucydides**. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 267-81.

TYRELL, W. B. **The Suda's Life of Sophocles (Sigma 815)**: Translation and Commentary with Sources. *Electronic Antiquity*, vol. 9, n. 1, 2006.

USHER, Stephen. Symbolic Oratory. In. WORTHINGTON, Ian. (ed.). **A Companion to Greek Rhetoric**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007. p. 220-35.

VATRI, Alessandro. **Orality and Performance in Classical Attic Prose**. A Linguistic Approach. Oxford: Oxford University Press, 2017.

VENTRIS, Michael; CHADWICK, John. Evidence for Greek Dialect in the Mycenaean Archives. **The Journal of Hellenic Studies**, vol. 73, 1953. p. 84-103.

_____. **Documents in Mycenaean Greek**. Three Hundred Selected Tablets from Knossos, Pylos and Mycenae with Commentary and Vocabulary. Cambridge: Cambridge University Press, 1959.

WORTHINGTON, Ian. The Erotic Essay and the Prologues. In. DEMOSTHENES. **Speeches 60 and 61, Prologues, Letters**. Translated with introduction and notes by Ian Worthington. Austin: University of Texas Press, 2006a. p. 16-7.

_____. Introduction. In. DEMOSTHENES. **Speeches 60 and 61, Prologues, Letters**. Translated with introduction and notes by Ian Worthington. Austin: University of Texas Press, 2006b. p. 38-40.

_____. Rhetoric and Politics in Classical Greece. Rise of the Rhētores. In. _____ (ed.). **A Companion to Greek Rhetoric**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007. p. 255-71.

WILSON, Peter J. Chorēgia. In. HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Anthony. (eds.). **The Oxford Classical Dictionary**. 3rd ed. Oxford: Oxford University Press, 1999. p. 323-4.

TRADUÇÕES ESPELHADAS (GREGO E PORTUGUÊS)

XXII

KAT' ANAPOTIΩNOS

Ὅπερ Εὐκτήμων, ὃ ἄνδρες δικασταί, παθὼν ὑπ' Ἀνδροτίωνος κακῶς, ἅμα τῇ τε πόλει βοηθεῖν οἶεται δεῖν καὶ δίκην ὑπὲρ αὐτοῦ λαβεῖν, τοῦτο κἀγὼ πειράσομαι ποιεῖν, ἐὰν ἄρ' οἴός τ' ᾖ. συμβέβηκε δὲ πολλὰ καὶ δεινὰ καὶ παρὰ πάντας τοὺς νόμους Εὐκτήμονος ὑβρισμένου ἐλάττω ταῦτ' εἶναι τῶν ἐμοὶ γεγενημένων δι' Ἀνδροτίωνος πραγμάτων. οὗτος μὲν γ' εἰς χρήματα καὶ τὸ παρ' ὑμῶν ἀδίκως ἐκπεσεῖν ἐπεβουλευθή· ἐμὲ δ' οὐδ' ἂν ἐδέξατο τῶν ὄντων ἀνθρώπων οὐδὲ εἶς, εἰ τὰ κατασκευασθένθ' ὑπὸ τούτου παρ' ὑμῖν ἐπιστεύθη. [2] αἰτιασάμενος γάρ με ἂ καὶ λέγειν ἂν ὀκνήσειέ τις, εἰ μὴ τύχοι προσόμοιος ὢν τούτῳ, τὸν πατέρ' ὡς ἀπέκτον' ἐγὼ τὸν ἐμαυτοῦ, καὶ κατασκευάσας ἀσεβείας γραφήν, οὐκ ἐπ' ἐμέ, ἀλλ' ἐπὶ τὸν θεῖόν μου, γράψας ἀσεβεῖν ἐμοὶ συνιόντ' εἰς ταῦτὸ ὡς πεπονηκότι ταῦτα, εἰς ἀγῶνα κατέστησεν, ὃν εἰ συνέβη τόθ' ἀλῶναι, τίς ἂν ἀθλιώτερ' ἐμοῦ πεπονθῶς ἦν ὑπὸ τούτου; τίς γὰρ ἂν ἦ φίλος ἢ ξένος εἰς ταῦτό ποτ' ἐλθεῖν ἠθέλησεν ἐμοί; τίς δ' ἂν εἶασε πόλις που παρ' ἑαυτῇ γενέσθαι τὸν τὸ τοιοῦτ' ἀσέβημα δοκοῦντ' εἰργάσθαι; οὐκ ἔστιν οὐδεμία. [3] ἐγὼ τοίνυν ταῦτα μὲν οὐ παρὰ μικρὸν ἀγωνιζόμενος παρ' ὑμῖν ἀπελυσάμην, ἀλλ' ὥστε τὸ πέμπτον μέρος μὴ

XXII

CONTRA ANDRÓCIO

Assim como Euctemão, senhores jurados, que sofreu nas mãos de Andrócio e julga ser necessário salvar a cidade e ser indenizado, também vou tentar fazer o mesmo, se eu for capaz. Euctemão concorda comigo: mesmo tendo sofrido inúmeros ultrajes terríveis, contra toda e qualquer lei, o que ele sofreu ainda assim não se iguala ao que me foi causado pelas ações de Andrócio. Enquanto meu amigo era vítima de um plano contra os seus bens, para ser — contrário a vontade de vocês! — deposto injustamente, nem um dos homens aqui presentes sequer teria me acolhido caso tivessem acreditado nas maquinações desse sujeito contra vocês. [2] Depois de me acusar — uma acusação que qualquer um hesitaria até mesmo em mencionar, a não ser que calhasse de ser da mesma laia — do assassinato do meu próprio pai e depois de maquinar um processo de impiedade não contra mim, mas contra o meu tio — acusando-o de impiedade, junto a mim, quando eu supostamente cometi esse crime —, ele então o levou à justiça. Se tivesse sido condenado, quem teria sofrido maior miséria por causa dele do que eu? Pois que amigo ou estranho se disporia a me socorrer? E que cidade teria permitido que um suspeito de praticar tal impiedade se aproximasse? Nenhuma sequer. [3] Com efeito, quando contestei essas acusações no tribunal, não foi por pouco que obtive minha absolvição, mas sim com folga, pois esse sujeito não conseguiu nem sequer um quinto dos votos — e será com a ajuda dos senhores que eu me esforçarei para me defender, tanto hoje como no futuro, desse homem. Muitas das coisas

λαβεῖν τούτον τῶν ψήφων· τοῦτον δὲ μεθ' ὑμῶν πειράσομαι καὶ νῦν καὶ τὸν ἄλλον ἅπαντ' ἀμύνεσθαι χρόνον. καὶ περὶ μὲν τῶν ἰδίων ἔχων ἔτι πολλὰ λέγειν ἐάσω· περὶ δ' ὧν οἴσετε τὴν ψῆφον νυνὶ καὶ περὶ ὧν οὗτος δημοσίᾳ πεπολιτευμένος οὐκ ὀλίγ' ὑμᾶς ἔβλαψεν, ἃ μοι παραλιπεῖν Εὐκτῆμων ἐδόκει, βέλτιον δ' ὑμᾶς ἀκοῦσαι, ταῦτα διεξελεῖν ἐν βραχέσι πειράσομαι. [4] ἐγὼ γὰρ εἰ μὲν ἐώρων τιν' ἀπλῆν τούτῳ περὶ ὧν φεύγει πρὸς ὑμᾶς οὔσαν ἀπολογίαν, οὐκ ἂν ἐποιούμην περὶ αὐτῶν μνείαν οὐδεμίαν. νῦν δ' οἶδα σαφῶς ὅτι οὗτος ἀπλοῦν μὲν οὐδὲ δίκαιον οὐδὲν ἂν εἰπεῖν ἔχοι, ἐξαπατᾷν δ' ὑμᾶς πειράσεται πλάττων καὶ παράγων πρὸς ἕκαστα τούτων κακούργους λόγους. ἔστι γάρ, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, τεχνίτης τοῦ λέγειν καὶ πάντα τὸν βίον ἐσχόλακεν ἐνὶ τούτῳ. ὑπὲρ οὖν τοῦ μὴ παρακρουσθέντας ὑμᾶς ἐναντία μὲν τοῖς ὁμωμοσμένοις πεισθῆναι ψηφίσασθαι, ἀφεῖναι δὲ τοῦτον ὃν ὑμῖν πολλῶν ἔνεκ' ἄξιον κολάσαι, προσέχετε τὸν νοῦν οἷς ἐρῶ, ἵν' ἀκούσαντες ἐμοῦ πρὸς ἕκαστον τῶν ὑπὸ τούτου ῥηθησομένων ἔχηθ' ὑπολαμβάνειν ἃ δεῖ.

[5] Ἦστι γὰρ εἷς μὲν ὃν οἶεται τεχνικῶς ἔχειν αὐτῷ λόγος περὶ τοῦ ἀπροβουλεύτου. νόμος ἐστί, φησίν, ἐὰν ἀξίως ἢ βουλή δοκῆ βουλευῆσαι δωρεᾶς, διδόναι τὸν δῆμον τὴν δωρεὰν αὐτῇ. ταῦτ' ἐπήρετο, φησίν, ὁ ἐπιστάτης, διεχειροτόνησεν ὁ δῆμος, ἔδοξεν. οὐδὲν δεῖ, φησί, προβουλεύματος ἐνταῦθα· κατὰ γὰρ νόμον ἦν τὰ γινόμενα. ἐγὼ δ' αὐτὸ

sobre sua vida pessoal deixarei de lado por enquanto. Quanto aos delitos sobre os quais os senhores votarão daqui a pouco, no entanto, assim como aqueles referentes aos prejuízos causados por esse sujeito contra vocês, que não foram poucos quando exercia suas funções públicas em nome do povo — questões essas que Euctemão me pareceu negligenciar, mas que é melhor os senhores ouvirem —, tudo isso me esforçarei para expor de maneira breve. [4] Pois se eu visse um discurso simples de defesa, nesse tribunal, de alguém sendo processado sob tais acusações, eu não faria nenhuma menção a elas. Mas agora eu tenho certeza de que ele não tem nada simples nem honesto para falar: o que ele tentará fazer é enganar os senhores, forjando argumentos perversos para cada uma das acusações e os desviando da verdade. Pois ele é, senhores atenienses, um perito nesses assuntos e dedicou toda a sua vida a fazer isso. Portanto, para que os senhores, levados pelo caminho errado, não sejam persuadidos a votar de modo contrário aos juramentos que prestaram, e que nem absolvam esse homem, que merece ser punido por vocês por muitos motivos, peço que dediquem toda sua atenção ao que vou dizer, a fim de que, terminada a minha fala, os senhores tenham as informações necessárias para contestar tudo aquilo que será dito por ele.

[5] Pois um dos argumentos dele, que ele imagina ser perspicaz, é sobre a falta da proposição preliminar. “Existe uma lei”, diz ele, “que diz que, se o conselho se julgar merecedor de um prêmio, a assembleia concederá o prêmio. O epístata fez o requerimento, a assembleia votou, e foi aprovado. Nesse caso, não há necessidade de nenhum decreto prévio do conselho, pois tudo ocorreu conforme a lei.” Mas eu penso exatamente o contrário, e também creio que essa será a opinião dos senhores: nesses casos

τουναντίον οἶομαι, νομίζω δὲ καὶ ὑμῖν συνδόξειν, περὶ τούτων τὰ προβουλευμάτων ἐκφέρειν μόνων, περὶ ὧν κελεύουσιν οἱ νόμοι, ἐπεὶ περὶ ὧν γε μὴ κεῖνται νόμοι οὐδὲ γράφειν τὴν ἀρχὴν προσήκει οὐδὲ ἐν δήπου. [6] φησὶ τοίνυν τοῦτον ἀπάσας τὸν τρόπον εἰληφέναι τὰς βουλὰς, ὅσαι πάποτε ἔχουσι παρ' ὑμῶν δωρεάν, καὶ οὐδεμιᾶ γεγενῆσθαι προβούλευμα πάποτε. ἐγὼ δ' οἶμαι μὲν οὐχὶ λέγειν αὐτὸν ἀλήθειαν, μάλλον δ' οἶδα σαφῶς· οὐ μὴν ἀλλ' εἰ τοῦτο τοιοῦτ' ἐστὶν τὰ μάλιστα, ὁ νόμος δὲ λέγει τὰναντία, οὐχ, ὅτι πολλάκις ἡμάρτηται δήπου πρότερον, διὰ τοῦτ' ἐπεξαρτητέον ἐστὶ καὶ νῦν, ἀλλὰ τουναντίον ἀρκτέον, ὡς ὁ νόμος κελεύει, τὰ τοιαῦτα ποιεῖν ἀναγκάζειν ἀπὸ σοῦ πρώτου. [7] σὺ δὴ μὴ λέγ' ὡς γέγονε τοῦτο πολλάκις, ἀλλ' ὡς οὕτω προσήκει γίνεσθαι. οὐ γὰρ εἴ τι πάποτε μὴ κατὰ τοὺς νόμους ἐπράχθη, σὺ δὲ τοῦτ' ἐμιμήσω, διὰ τοῦτ' ἀποφύγοις ἂν δικαίως, ἀλλὰ πολλῶ μάλλον ἀλίσκοιο· ὥσπερ γὰρ εἴ τις ἐκείνων προήλω, σὺ τὰδ' οὐκ ἂν ἔγραψας, οὕτως ἂν σὺ νῦν δίκην δῶς, ἄλλος οὐ γράψει.

[8] Περὶ τοίνυν τοῦ νόμου τοῦ διαρρήδην οὐκ ἐῶντος ἐξεῖναι μὴ ποιησαμένη τῇ βουλῇ τὰς τριήρεις αἰτῆσαι τὴν δωρεάν, ἄξιόν ἐστιν ἀκοῦσαι τὴν ἀπολογίαὴν ἣν ποιήσεται, καὶ θεωρῆσαι τὴν ἀναίδειαν τοῦ τρόπου δι' ὧν ἐγχειρεῖ λέγειν. ὁ νόμος, φησὶν, οὐκ ἐᾷ τὴν βουλήν αἰτῆσαι τὴν δωρεάν, ἐὰν μὴ ποιήσεται τὰς τριήρεις· ὁμολογῶ. δοῦναι δὲ οὐδαμοῦ, φησὶ, κωλύει τὸν δῆμον. ἐγὼ δὴ εἰ

os decretos devem ser emitidos somente quando se referirem a questões previstas pela lei, pois quando as leis não preveem tais questões, o certo a se fazer é não propor um decreto para início de conversa, nem um sequer. [6] Ele diria, portanto, que todos os conselhos, todos os que já tenham recebido prêmios, tiveram êxito dessa maneira, e que em nenhum deles um decreto prévio foi aprovado. Porém, eu acredito que ele não está falando a verdade — ou melhor, tenho certeza. No entanto, se esse tiver sido mesmo o caso, mesmo que a lei diga o contrário, que não seja porque já se cometeu esse erro repetidas vezes no passado que ele seja cometido novamente agora, mas, pelo contrário, que se comece, tal como prevê a lei, a obrigar que esses procedimentos sejam cumpridos — a começar por você, Andrócio. [7] Então não diga que isso já aconteceu várias vezes; diga que a maneira correta é tal. Pois caso no passado isso não tenha sido realizado conforme as leis, e caso você tenha feito igual, não é justo que você seja absolvido — muito pelo contrário, haveria muito mais motivos para condená-lo. Se alguém tivesse sido condenado antes, você então não teria feito esse requerimento; de igual maneira, se você for punido agora, outros não farão o mesmo.

[8] Com efeito, em relação à lei que expressamente proíbe um conselho que não tenha construído trirremes de entrar com pedido de premiação, vale a pena ouvir a defesa que ele apresentará e observar seu caráter sem vergonha por meio de suas palavras. “A lei,” diz ele, “não permite que o conselho entre com esse pedido caso não construa trirremes” — e com isso eu concordo. “Mas de modo algum ela proíbe a Assembleia de oferecer tal prêmio. Agora, se eu ofereci o prêmio em resposta ao pedido do

μὲν ἔδωκ' αἰτούση, παρὰ τὸν νόμον εἴρηκα· εἰ δὲ μὴ πεποιήμαι μνεῖαν περὶ τῶν νεῶν ἐν ὄλῳ τῷ ψηφίσματι, ἀλλ' ἕτερ' ἄττα λέγω δι' ἃ τὴν βουλὴν στεφανῶ, πῶς παρὰ τὸν νόμον εἴρηκα; [9] ἔστι δὴ πρὸς ταῦτ' οὐ χαλεπὸν τὰ δίκαι' ὑμῖν ἀντειπεῖν, ὅτι πρῶτον μὲν οἱ προεδρεύοντες τῆς βουλῆς καὶ ὁ ταῦτ' ἐπιψηφίζων ἐπιστάτης ἡρώτων καὶ διαχειροτονίαν ἐδίδοσαν, ὅτῳ δοκεῖ δωρεὰς ἀξίως ἢ βουλή βεβουλευκέναι καὶ ὅτῳ μὴ· καίτοι τοὺς γε μὴ αἰτοῦντας μηδὲ λαβεῖν ἀξιοῦντας τὴν ἀρχὴν οὐδ' ἐπερωτᾶν προσῆκεν. [10] πρὸς τοίνυν τούτοις ἔστιν ἃ Μειδίου κατηγοροῦντος τῆς βουλῆς καὶ ἄλλων τινῶν, ἀναπηδῶντες οἱ βουλευταὶ ἐδέοντο μὴ σφᾶς ἀφελέσθαι τὴν δωρεάν. καὶ ταῦτ' οὐ παρ' ἐμοῦ δεῖ πυθέσθαι τοὺς δικάζοντας ὑμᾶς, ἀλλ' αὐτοὶ παρόντες ἴστ' ἐν τῷ δήμῳ γενόμενα. ὥσθ' ὅταν μὲν μὴ φῆ τὴν βουλὴν αἰτεῖν, ταῦθ' ὑπολαμβάνετε· ὅτι δ' οὐδὲ τὸν δῆμον ἐᾷ διδόναι μὴ ποιησαμένη τὰς ναῦς ὁ νόμος, καὶ τοῦτ' ἐπιδείξω. [11] διὰ ταῦτα γάρ, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, τοῦτον ἔχει τὸν τρόπον ὁ νόμος, μὴ ἐξεῖναι τῇ βουλῇ μὴ ποιησαμένη τὰς τριήρεις αἰτῆσαι τὴν δωρεάν, ἵνα μηδὲ πεισθῆναι μηδ' ἐξαπατηθῆναι γένοιτ' ἐπὶ τῷ δήμῳ. οὐ γὰρ ὤετο δεῖν ὁ τιθεὶς τὸν νόμον ἐπὶ τῇ τῶν λεγόντων δυνάμει τὸ πρᾶγμα καταστήσαι, ἀλλ' ὁ δίκαιον ἦν εὔρεῖν ἅμα καὶ συμφέρον τῷ δήμῳ, νόμῳ τετάχθαι. τὰς τριήρεις οὐ πεποιήσαι; μὴ τοίνυν αἶτει τὴν δωρεάν. ὅπου

conselho, eu direi que isso é ilegal; no entanto, se eu não fiz menção aos navios em parte alguma do decreto, mas sim a outros assuntos dignos de recompensa, como vou dizer que isso é ilegal?" [9] Diante disso, não é difícil encontrar na justiça a resposta correta, pois, primeiramente, tanto os presidentes das sessões quanto o epístata, que submeteu o decreto para votação, perguntam aos presentes e lhes pedem que levantem as mãos: "Quem acha que o conselho merece um prêmio e quem acha que não?" Entretanto, aqueles que não entram com pedido ou mesmo não se consideram merecedores de receber um prêmio nem sequer deveriam estar fazendo tal pergunta para início de conversa. [10] Para além dessas questões, temos as acusações feitas por Mídias e vários outros contra o conselho, que fez os membros se levantarem para pedir que não berrassem o prêmio. Mas os senhores do júri não precisam que eu lhes fale sobre isso, pois vocês estavam presentes e viram o que aconteceu. Quando ele falar que o conselho não entrou com o pedido, deem a ele a seguinte resposta: a lei não permite nem mesmo a Assembleia de conceder um prêmio sem que navios tenham sido construídos, tal qual vou demonstrar a seguir. [11] É por causa disso, senhores atenienses, que a lei se expressa de tal maneira, não permitindo o conselho que não tenha construído trirremes de pedir um prêmio, a fim de que o povo não venha a ser persuadido ou enganado. Pois o homem que instituiu essa lei não imaginava que essa questão ficaria a cargo da habilidade dos oradores, mas sim que tudo aquilo reconhecido como justo e benéfico ao povo fosse decretado lei. As trirremes não foram construídas? Não peçam um prêmio. E

δ' αἰτεῖν οὐκ ἔα, πῶς οὐ σφόδρα γε δοῦναι κωλύει;

[12] Ἄξιον τοίνυν, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, κάκεῖνο ἐξετάσαι, τί δήποτε, ἂν τᾶλλα πάνθ' ἢ βουλή καλῶς βουλευέση καὶ μηδεὶς ἔχη μηδὲν ἐγκαλέσαι, τὰς δὲ τριήρεις μὴ ποιήσεται, τὴν δωρεὰν οὐκ ἔξεστι λαβεῖν. εὐρήσετε γὰρ τοῦτο τὸ ἰσχυρὸν ὑπὲρ τοῦ δήμου κείμενον. οἶμαι γὰρ ἂν μηδέν' ἀντειπεῖν ὡς οὐχ, ὅσα πῶποτε τῇ πόλει γέγονεν ἢ νῦν ἔστιν ἀγάθ' ἢ θάτερα, ἵνα μηδὲν εἴπω φλαῦρον, ἐκ τῆς τῶν τριήρων τὰ μὲν κτήσεως, τὰ δ' ἀπουσίας γέγονεν. [13] οἷον πολλὰ μὲν ἂν τις ἔχοι λέγειν καὶ παλαιὰ καὶ καινά· ἃ δ' οὖν πᾶσι μάλιστα ἀκοῦσαι γνώριμα, τοῦτο μὲν, εἰ βούλεσθε, οἱ τὰ προπύλαια καὶ τὸν παρθενῶν οἰκοδομήσαντες ἐκεῖνοι καὶ τᾶλλ' ἀπὸ τῶν βαρβάρων ἱερὰ κοσμήσαντες, ἐφ' οἷς φιλοτιμούμεθα πάντες εἰκότως, ἴστε δήπου τοῦτ' ἀκοῆ, ὅτι τὴν πόλιν ἐκλιπόντες καὶ κατακλεισθέντες εἰς Σαλαμίνα, ἐκ τοῦ τριήρεις ἔχειν πάντα μὲν τὰ σφέτερ' αὐτῶν καὶ τὴν πόλιν τῇ ναυμαχίᾳ νικήσαντες ἔσωσαν, πολλῶν δὲ καὶ μεγάλων ἀγαθῶν τοῖς ἄλλοις Ἑλλησι κατέστησαν αἴτιοι, ὧν οὐδ' ὁ χρόνος τὴν μνήμην ἀφελέσθαι δύναται. [14] εἶεν· ἀλλ' ἐκεῖνα μὲν ἀρχαῖα καὶ παλαιά· ἀλλ' ἃ πάντες ἐωράκατε, ἴσθ' ὅτι πρόην Εὐβοεῦσιν ἡμερῶν τριῶν ἐβοηθήσατε, καὶ Θηβαίους ὑποσπόνδους ἀπεπέμψατε. ἄρ' οὖν ταῦτ' ἐπράξατ' ἂν οὕτως ὀξέως, εἰ μὴ ναῦς εἴχετε καινὰς ἐν αἷς ἐβοηθήσατε; ἀλλ'

quando a lei não permite entrar com o pedido, como que ela também não proíbe veementemente de se conceder o prêmio?

[12] Convém, portanto, senhores atenienses, examinar ainda outra questão: o porquê de ser impossível entrar com pedido de um prêmio, mesmo que o conselho tenha deliberado todos os demais casos com êxito e ninguém tenha mais acusações para fazer, mas mesmo assim não tenha construído trirremes. Vocês perceberão que essa lei decisiva foi instituída em favor do povo. Penso que ninguém se oporia a ela, justamente devido às coisas boas que já recaíram sobre a cidade até agora em razão da construção das trirremes ou devido às coisas ruins — para evitar falar sobre algo desagradável — que aconteceram em razão da falta delas. [13] Por exemplo, qualquer um poderia ter muitas histórias para contar, tanto mais antigas quanto recentes, mas entre aquelas mais conhecidas por todos de tanto ouvirem falar, tem aquela história, se vocês preferirem, dos homens que construíram os propileus e o Partenon e que decoraram outros templos com espólios tirados dos bárbaros, dos quais todos nós naturalmente nos vangloriamos. Vocês com certeza já ouviram essa história e sabem que, depois de abandonarem a cidade e ficarem presos em Salamina, foi por terem trirremes que eles conseguiram salvar todas as suas posses e a própria cidade depois de vencerem a batalha naval, além de serem responsáveis por fornecer aos demais gregos muitos benefícios, cujas memórias nem o tempo é capaz de destruir. [14] Bom, mas essas coisas já são antigas e obsoletas, e todos vocês também têm conhecimento disso tudo: vocês sabem que recentemente vocês socorreram o povo de Eubeia em apenas três dias e mandaram os tebanos de volta para casa após a trégua. Vocês realmente teriam realizado esses feitos com tanta rapidez se não tivessem navios novos para ajudá-los? Não teriam tido

οὐκ ἂν ἠδύνασθε. ἄλλα πόλλ' ἔχοι τις ἂν εἰπεῖν ἂ τῆ πόλει γέγονεν ἐκ τοῦ ταύτας κατεσκευάσθαι καλῶς ἀγαθά. [15] εἶεν· ἐκ δὲ τοῦ κακῶς πόσα δεινά; τὰ μὲν πόλλ' ἐάσω· ἀλλ' ἐπὶ τοῦ Δεκελεικοῦ πολέμου (τῶν γὰρ ἀρχαίων ἔν, ὃ πάντες ἐμοῦ μᾶλλον ἐπίστασθε, ὑπομνήσω) πολλῶν καὶ δεινῶν ἀτυχημάτων συμβάντων τῆ πόλει, οὐ πρότερον τῷ πολέμῳ παρέστησαν, πρὶν τὸ ναυτικὸν αὐτῶν ἀπώλετο. καὶ τί δεῖ τὰ παλαιὰ λέγειν; τὸν τελευταῖον γὰρ ἴστε, τὸν πρὸς Λακεδαιμονίους πόλεμον, ὅτε μὲν ναῦς οὐκ ἐδοκεῖτ' ἀποστεῖλαι δυνήσεσθαι, πῶς διέκειθ' ἡ πόλις. ἴστ' ὀρόβους ὄντας ὠνίους. ἐπειδὴ δ' ἀπεστείλατε, εἰρήνης ἐτύχεθ' ὁποίας τινὸς ἐβούλεσθε. [16] ὥστε δικαίως, ὃ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, τηλικαύτην ἐχουσῶν ῥοπήν ἐφ' ἐκάτερα τῶν τριήρων, τοῦτον ὄρον τεθείκατε τῆ βουλῆ, πότερ' αὐτὴν δεῖ λαβεῖν τὴν δωρεάν ἢ οὔ. εἰ γὰρ πάντα τᾶλλα διοικήσειε καλῶς, δι' ὧν δὲ τό τ' ἐξ ἀρχῆς ταῦτ' ἐκτησάμεθα καὶ νῦν σφύζομεν, ταύτας μὴ ποιήσαιτο, τὰς τριήρεις λέγω, οὐδὲν ἐκείνων ὄφελος· τὴν γὰρ τῶν ὄλων σωτηρίαν πρῶτον ὑπάρχειν δεῖ παρεσκευασμένην τῷ δήμῳ. οὗτος τοίνυν εἰς τοῦτ' ἐλήλυθε τοῦ νομίζειν αὐτῷ καὶ λέγειν καὶ γράφειν ἐξεῖναι πᾶν ὃ τι ἂν βούληται, ὥστε βεβουλευκυίας μὲν τᾶλλ' ὄν τρόπον ὑμεῖς ἀκούετε τῆς βουλῆς, οὐ πεποιημένης δὲ τὰς τριήρεις, γέγραφεν δοῦναι τὴν δωρεάν.

[17] Καὶ ταῦτα μὲν ὡς οὐ παρὰ τὸν νόμον ἐστίν, οὔτ' ἂν οὗτος ἔχοι λέγειν οὔθ' ὑμεῖς

sucesso. Mas qualquer um poderia falar sobre os muitos benefícios que recaíram sobre a cidade em decorrência de manter a frota bem equipada. [15] Bom, e quantos males uma frota mal equipada não causou? Vou deixar muitos exemplos de lado, mas durante a Guerra da Decélia (só vou lembrá-los de um único incidente dessa história antiga, que todos aqui conhecem melhor do que eu), depois de a nossa cidade sofrer muitas adversidades terríveis, eles não sucumbiram até que sua frota fosse completamente destruída. E por que é preciso falar dessas histórias antigas? Pois durante a última guerra contra os lacedemônios, quando ninguém esperava que vocês fossem ser capazes de despachar as naus, vocês sabem bem em que estado a cidade se encontrava. Vocês sabem que até grãos de ervilhaca estavam à venda. Mas quando despacharam a frota, vocês acabaram conseguindo o tipo de paz que vocês queriam. [16] Pelo fato, senhores atenienses, de as trirremes terem tido tal peso em ambas as situações, vocês corretamente impuseram esse requisito ao conselho como forma de determinar se ele deve ou não receber um prêmio. Pois se o conselho conduziu todos os outros assuntos corretamente, mas não as construiu — as trirremes, digo, que desde sempre são o que nos possibilita resguardar nossos assuntos e mantê-los a salvo —, então não houve vantagem em fazer tudo corretamente, pois a segurança de todos deve acima de tudo advir da disposição do povo para tal. Esse sujeito, portanto, chegou ao nível de achar que lhe era permitido fazer qualquer discurso e propor qualquer decreto que ele desejasse, de modo que ele propôs um decreto para oferecer um prêmio ao conselho, mesmo que os senhores tenham deliberado os demais assuntos da maneira que estão ouvindo e ele não tenha construído nenhuma trirreme.

[17] Ele não seria capaz de negar que esse decreto é uma violação da lei e nem vocês

πεισθείητ' ἄν· ἀκούω δ' αὐτὸν τοιοῦτον ἐρεῖν τιν' ἐν ὑμῖν λόγον, ὡς οὐχ ἡ βουλή γέγονεν αἰτία τοῦ μὴ πεποιῆσθαι τὰς ναῦς, ἀλλ' ὁ τῶν τριηροποιῶν ταμίας ἀποδρὰς ὄχετ' ἔχων πένθ' ἡμιτάλαντα, καὶ τὸ πρᾶγμα ἀτύχημα συμβέβηκεν. ἐγὼ δὲ πρῶτον μὲν αὐτὸ τοῦτο θαυμάζω, εἰ στεφανοῦν ἐπὶ τοῖς ἡτυχημένοις ἡξίου τὴν βουλήν· τῶν κατορθουμένων γὰρ ἔγωγ' ἡγούμην ἔργων τὰς τοιαύτας ὀρίσθαι τιμάς· ἔπειτα δὲ κάκειν' ἔτι βούλομαι φράσαι πρὸς ὑμᾶς. [18] οὐ φημι δίκαιον εἶναι περὶ ἀμφοῖν λέγειν, καὶ ὡς οὐ παρὰ τὸν νόμον ἡ δωρεὰ δέδοται, καὶ ὡς οὐ διὰ τὴν βουλήν οὐκ εἰσὶν αἱ τριήρεις. εἰ μὲν γὰρ δίδοναι καὶ μὴ ποιησαμένη προσήκει, τί τοῦτο δεῖ λέγειν, δι' ὄντινα δήποτ' οὐ πεποιήνται; εἰ δ' οὐκ ἔξεστι, τί μᾶλλον, ἂν διὰ τὸν δεῖν ἢ τὸν δεῖν' ἐπιδείξῃ μὴ πεποιημένας, ἐκείνη προσήκει λαβεῖν; [19] χωρὶς δὲ τούτων ἔμοιγε δοκοῦσιν αἴρεσιν ὑμῖν οἱ τοιοῦτοι λόγοι δίδοναι, πότερ' οἴεσθε δεῖν προφάσεις καὶ λόγους ἀκούειν τῶν ἀδικούντων ὑμᾶς ἢ ναῦς κεκτῆσθαι. εἰ μὲν γὰρ τούτου ταῦτ' ἀποδέξεσθε, ἔσται δῆλον ἀπάσαις ταῖς βουλαῖς ὅτι δεῖ πρόφασιν πιθανὴν ἐξευρεῖν πρὸς ὑμᾶς, οὐχὶ τριήρεις ποιήσασθαι· ἐκ δὲ τούτου τὰ μὲν χρήματ' ἀναλωθήσεται, ναῦς δ' οὐχ ἔξετε ὑμεῖς. [20] ἐὰν δ', ὡς ὁ νόμος λέγει καὶ δεῖ τοὺς ὁμομοκότας, πικρῶς καὶ ἀπλῶς τὰς μὲν προφάσεις ἀνέλητε, φανῆτε δ' ἀφηρημένοι τὴν δωρεὰν ὅτι τὰς ναῦς οὐ πεποιήνται, πάντες, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι,

seriam convencidos disso — mas eu fiquei sabendo que ele vai fazer uso de um argumento desse tipo em frente aos senhores: que o conselho não é responsável por não ter construído as naus, mas que o administrador dos fundos para construção de trirremes foi embora, fugindo com dois talentos e meio, e que isso foi uma infelicidade. Primeiramente, eu fico pasmo de ele achar que o conselho deve ganhar uma coroa por infortúnios, porque eu mesmo acreditava que tais honras eram concedidas em decorrência de trabalhos bem-feitos. Agora, eu quero expor ainda os seguintes argumentos para vocês. [18] Eu digo que não é justo usar ambos os argumentos: que o prêmio não foi concedido em violação às leis e que não foi culpa do conselho o fato de não termos trirremes. Pois se convinha conceder um prêmio mesmo sem o conselho ter mandado construir trirremes, por que que é preciso usar esse argumento, um motivo qualquer para elas não terem sido construídas? Se não é permitido, por que convinha ao conselho receber um prêmio se ele expõe abertamente que elas não foram construídas por causa de fulano e sicrano? [19] Fora essas questões, argumentos como esses parecem, a meu ver, lhes oferecer uma escolha: ou vocês decidem se precisam ficar ouvindo as desculpas e os argumentos de criminosos ou se precisam adquirir naus. Pois se os senhores aceitarem os argumentos desse sujeito, ficará evidente a todos os futuros conselhos que só é preciso achar uma desculpa convincente em vez de mandar construir trirremes. Em consequência disso, o dinheiro será gasto, e vocês não terão naus. [20] Mas se, tal qual diz a lei e seus juramentos requerem, vocês simplesmente e com indignação rejeitassem essas desculpas e deixassem claro que vocês barraram o prêmio por eles não terem mandado construir as

πεπονημένας ὑμῖν παραδώσουσι τὰς τριήρεις, πάντα τᾶλλα παρ' ὑμῖν ἑορακότες ἀσθενέστερα τοῦ νόμου γεγεννημένα. ὅτι τοίνυν οὐδ' αἴτιος ἄλλος οὐδεὶς ἀνθρώπων ἐστὶ τοῦ μὴ πεποιῆσθαι τὰς ναῦς, τοῦτο σαφῶς ὑμῖν ἐπιδείξω· ἀνελοῦσα γὰρ ἡ βουλή τὸν νόμον, τοῦτον ἐχειροτόνησεν αὐτή.

[21] Ἔτι τοίνυν ἐπιχειρεῖ λέγειν περὶ τοῦ τῆς ἐταιρήσεως νόμου, ὡς ὑβρίζομεν ἡμεῖς καὶ βλασφημίας οὐχὶ προσηκούσας κατ' αὐτοῦ ποιούμεθα. καὶ φησὶ δεῖν ἡμᾶς, εἴπερ ἐπιστεύομεν εἶναι ταῦτ' ἀληθῆ, πρὸς τοὺς θεσμοθέτας ἀπαντᾶν, ἵν' ἐκεῖ περὶ χιλίων ἐκινδυνεύομεν, εἰ καταψευδόμενοι ταῦτ' ἐφαινόμεθα· νῦν δὲ φενακίζειν αἰτίας καὶ λοιδορίας κενὰς ποιουμένους, καὶ ἐνοχλεῖν οὐ δικασταῖς τούτων οὐσιν ὑμῖν. [22] ἐγὼ δ' οἶμαι δεῖν ὑμᾶς πρῶτον μὲν ἐκεῖνο λογίζεσθαι παρ' ὑμῖν αὐτοῖς, ὅτι πάμπολυ λοιδορία τε καὶ αἰτία κεχωρισμένον ἐστὶν ἐλέγχου. αἰτία μὲν γάρ ἐστιν, ὅταν τις ψιλῶ χρησάμενος λόγῳ μὴ παράσχηται πίστιν ὧν λέγει, ἔλεγχος δέ, ὅταν ὧν ἂν εἴπη τις καὶ τὰληθὲς ὁμοῦ δείξῃ. ἔστι τοίνυν ἀνάγκη τοὺς ἐλέγχοντας ἢ τεκμήρια δεικνύναι δι' ὧν ἐμφανιοῦσι τὸ πιστὸν ὑμῖν, ἢ τὰ εἰκότα φράζειν, ἢ μάρτυρας παρέχεσθαι· οὐ γὰρ οἷόν τ' ἐνίων αὐτόπτας ἐστὶ καταστῆσαι, ἀλλ' ἐὰν ἐπιδεικνύῃ τις τι τούτων, ἰκανὸν νομίζετ' ἔλεγχον ἔχειν ὑμεῖς εἰκότως τῆς ἀληθείας ἐκάστοτε. [23] ἡμεῖς τοίνυν οὐκ ἐκ λόγων εἰκότων οὐδὲ τεκμηρίων, ἀλλὰ παρ' οὗ μάλιστα δίκην ἔστι λαβεῖν τούτῳ, ταῦτ'

naus, então todos os futuros conselhos, senhores atenienses, mandarão construir trirremes quando eles notarem que, para vocês, todas as outras coisas são menos importantes que a lei. Portanto, eu lhes mostrarei com clareza que nenhum outro homem é responsável por não terem mandado construir as naus, pois o próprio conselho violou as leis ao eleger esse homem.

[21] Com certeza ele tentará falar sobre a lei de prostituição, sobre como nós estamos insultando a sua pessoa e produzindo calúnias descabidas em relação a ele. Ele também vai falar que, se realmente acreditássemos que seus argumentos são verdadeiros, nós deveríamos nos apresentar diante dos tesmotetas, para que corrêssemos o risco de uma multa de mil dracmas caso estivéssemos falando mentiras, mas que agora estamos enganando vocês com acusações e injúrias vazias e incomodando vocês que não estão aqui para julgar essas questões. [22] Mas eu penso ser necessário que vocês primeiramente levem a seguinte questão em consideração em seus próprios julgamentos: que tanto injúrias quanto denúncias são completamente diferentes de provas. Pois uma denúncia é quando alguém, servindo-se de um discurso raso, não oferece confiança sobre o que fala, ao passo que prova é quando alguém faz uma declaração e ao mesmo tempo mostra que ela é verdade. É necessário, portanto, que aqueles que querem provar algo apresentem provas que revelem a vocês que eles são dignos de confiança ou tragam argumentos plausíveis ou ofereçam testemunhas. Em alguns casos não é possível trazer testemunhas oculares, mas se alguém apresentar qualquer um desses tipos de provas, reconheçam que em cada uma das circunstâncias vocês têm provas suficientes da verdade. [23] Com certeza nós vamos explicar isso, não com base em argumentos plausíveis nem em provas, mas sim com base em alguém que está em posição de ser punido

ἐπιδείκνυμεν, ἄνδρα παρεσχηκότα γραμματεῖον, ἐν ᾧ τὰ τούτῳ βεβιωμέν' ἔνεστιν, ὃς αὐτὸν ὑπεύθυνον ποιήσας μαρτυρεῖ ταῦτα. ὥσθ' ὅταν μὲν λοιδορίαν ταῦτα καὶ αἰτίαν εἶναι φῆ, ὑπολαμβάνεθ' ὡς ταῦτα μὲν ἐστὶν ἔλεγχος, ἃ δ' οὗτος ποιεῖ, ταῦτα λοιδορία καὶ αἰτία· ὅταν δ' ὅτι πρὸς τοὺς θεσμοθέτας προσῆκεν ἐπαγγέλλειν ἡμῖν, ἐκεῖνο ὑπολαμβάνετε, ὅτι καὶ τοῦτο ποιήσομεν καὶ νῦν προσηκόντως περὶ τοῦ νόμου λέγομεν. [24] εἰ μὲν γὰρ ἄλλον τιν' ἀγῶν' ἀγωνιζομένου σου ταῦτα κατηγοροῦμεν, δικαίως ἂν ἠγανάκτει· εἰ δ' ὁ μὲν νῦν ἐνεστηκῶς ἀγῶν ἐστὶ παρανόμων, οἱ νόμοι δ' οὐκ ἔωσι λέγειν οὐδὲ τὰ ἔννομα τοὺς οὕτω βεβιωκότας, ἡμεῖς δ' ἐπιδείκνυμεν οὐ μόνον εἰρηκὸτ' αὐτὸν παράνομα, ἀλλὰ καὶ βεβιωκότα παρανόμως, πῶς οὐχὶ προσήκει λέγειν περὶ τούτου τοῦ νόμου, δι' οὗ ταῦτ' ἐλέγχεται;

[25] Καὶ μὴν κάκεῖνό γε δεῖ μαθεῖν ὑμᾶς, ὅτι τοὺς νόμους ὁ τιθεὶς τούτους Σόλων καὶ τῶν ἄλλων τοὺς πολλούς, οὐδὲν ὅμοιος ὦν τούτῳ νομοθέτης, οὐχ ἐνὶ ἔδωκε τρόπῳ περὶ τῶν ἀδικημάτων ἐκάστων λαμβάνειν δίκην τοῖς βουλομένοις παρὰ τῶν ἀδικούντων, ἀλλὰ πολλαχῶς. ἦδει γάρ, οἶμαι, τοῦθ' ὅτι τοὺς ἐν τῇ πόλει γενέσθαι πάντας ὁμοίως, ἢ δεινούς ἢ θρασεῖς ἢ μετρίους, οὐκ ἂν εἴη. εἰ μὲν οὖν, ὡς τοῖς μετρίοις δίκην ἐξαρκεσει λαβεῖν, οὕτω τοὺς νόμους θήσει, μετ' ἀδείας ἔσεσθαι πολλοὺς πονηροὺς ἠγεῖτο· εἰ δ' ὡς τοῖς θρασεῖσιν καὶ δυνατοῖς λέγειν, τοὺς

por esse sujeito — alguém que nos forneceu um documento contendo os acontecimentos da vida dele e que tomou responsabilidade pelo que irá testemunhar. Dessa maneira, quando ele disser que essas acusações não passam de injúrias e denúncias, concebam que elas na verdade são provas, ao passo que as coisas que ele faz não passam elas mesmas de injúrias e denúncias — e quando ele diz que nós deveríamos ter trazido essa questão diante dos tesmotetas, concebam o seguinte: nós também vamos lidar com isso, mas agora nós estamos falando de forma apropriada sobre a lei. [24] Pois se nós estivéssemos trazendo essas acusações contra você enquanto você estivesse sendo julgado em alguma outra disputa, com toda a razão você se indignaria; mas, agora, se a disputa estabelece ilegalidade, se as leis não permitem que homens que tenham levado a vida de tal maneira que falem sobre questões legais e se nós apresentamos provas de que ele não só proclamou ilegalidades como também viveu de forma ilegal, como não convém falar sobre essa lei por meio da qual suas ações estão sendo postas à prova?

[25] Além do mais, vocês hão de certamente notar que Sólon — aquele que instituiu essas e muitas outras leis e que era um nomoteta muito diferente desse sujeito — forneceu para aqueles que o quisessem não só um, mas vários meios de se punir qualquer tipo de injustiça provinda de criminosos. Pois ele sabia, creio eu, que não seria possível que todos os homens na cidade nascessem igualmente habilidosos, destemidos ou moderados. Se fosse, portanto, para que ele instituísse leis dessa maneira, a fim de satisfazer o desejo dos moderados de buscar por justiça, ele então chegou à conclusão de que muitos homens vis sairiam impunes; se fosse, por outro lado, para satisfazer o desejo dos habilidosos e destemidos de falarem, então os cidadãos simples não teriam poder suficiente para buscar por justiça da mesma

ιδιώτας οὐ δυνήσεσθαι τὸν αὐτὸν τούτοις τρόπον λαμβάνειν δίκην. [26] δεῖν δ' ὤφειτο μηδέν' ἀποστερεῖσθαι τοῦ δίκης τυχεῖν, ὡς ἕκαστος δύναται. πῶς οὖν ἔσται τοῦτο; ἐὰν πολλὰς ὁδοὺς δῶ διὰ τῶν νόμων ἐπὶ τοὺς ἡδικοτάτας οἶον τῆς κλοπῆς. ἔρρωσαι καὶ σαυτῷ πιστεύεις· ἄπαγε· ἐν χιλίαις δ' ὁ κίνδυνος. ἀσθενέστερος εἶ· τοῖς ἄρχουσιν ἐφηγοῦ· τοῦτο ποιήσουσιν ἐκεῖνοι. φοβεῖ καὶ τοῦτο· γράφου. [27] καταμέμφει σεαυτὸν καὶ πένης ὧν οὐκ ἂν ἔχοις χιλίας ἐκτεῖσαι· δικάζου κλοπῆς πρὸς διαιτητὴν καὶ οὐ κινδυνεύσεις. τούτων οὐδέν ἐστι ταῦτό. τῆς ἀσεβείας κατὰ ταῦτ' ἔστιν ἀπάγειν, γράφεσθαι, δικάζεσθαι πρὸς Εὐμόλπιδας, φράζειν πρὸς τὸν βασιλέα. περὶ τῶν ἄλλων ἀπάντων τὸν αὐτὸν τρόπον σχεδόν. [28] εἰ δὴ τις ὡς μὲν οὐχὶ κακοῦργός ἐστι μὴ λέγοι, ἢ ὡς οὐκ ἀσεβής, ἢ ὅ τι δήποτ' εἴη δι' ὃ κρίνοιτο, διὰ ταῦτα δ' ἐκφεύγειν ἀξιοίη, εἰ μὲν ἀπηγμένους εἴη, διότι πρὸς διαιτητὴν ἐξῆν αὐτῷ λαχεῖν ἢ γράφεσθαι χρῆν, εἰ δὲ πρὸς διαιτητῆ φεύγοι, ὅτι χρῆν σ' ἀπάγειν, ἴν' ἐκινδύνευες περὶ χιλιῶν, γέλως ἂν εἴη δήπουθεν. οὐ γὰρ τὸν γε μηδέν πεπονηκότα δεῖ περὶ τοῦ τρόπου ὄντινα χρῆ διδόναι δίκην ἀντιλέγειν, ἀλλ' ὡς οὐ πεποίηκεν ἐπιδεικνύσαι. [29] τὸν αὐτὸν δὴ τρόπον, Ἄνδροτίων, καὶ σὺ, μὴ διὰ ταῦτ' οἴου σοι προσήκειν μὴ δοῦναι δίκην εἰ γράφεις ἡταιρηκῶς, ὅτι καὶ πρὸς τοὺς θεσμοθέτας ἔσθ' ἡμῖν ἐπαγγελία· ἀλλ' ἢ δεῖξον οὐ πεπονηκότα ταῦτα σεαυτὸν, ἢ δίκην ὑπεχ' ὧν

maneira que os moderados. [26] E ele acreditava que nenhum homem devesse ser privado da oportunidade de obter justiça, da maneira como cada um conseguisse. Como, portanto, isso se dará? Caso ele ofereça vários caminhos legais para se opor aos criminosos, como em casos de roubo. Você é forte e acredita em si mesmo? Prenda-o; o risco é de mil dracmas. Você é mais fraco que ele? Leve os magistrados até ele e eles farão o resto. Também tem medo disso? Entre com uma ação pública contra ele. [27] Não confia em si mesmo e, sendo pobre, não teria mil dracmas para gastar? Mova uma ação privada diante de um juiz e não corra risco. Nenhum desses métodos é o mesmo que o outro. O esquema é o mesmo em caso de impiedade: você pode prendê-lo, entrar com uma ação pública, mover uma ação privada diante dos Eumólpidas, fazer uma denúncia diante do rei. O caminho é mais ou menos o mesmo para todos os outros processos. [28] Se alguém, então, em vez de se defender das acusações de roubo ou impiedade (ou qualquer que seja o motivo para ele estar sendo julgado), achar que merece ser absolvido, caso seja preso — seja porque o acusador deveria ter se apresentado diante do juiz ou entrado com uma ação pública; que o acusador deveria, caso ele estivesse sendo julgado por um juiz, tê-lo prendido e portanto corrido o risco de pagar mil dracmas —, com toda certeza seria objeto de riso. Pois inocentes não devem contestar o modo pelo qual estão sendo punidos, mas sim explicar como não cometeram tais crimes. [29] De igual maneira, Andrócio, não pense que lhe convém não ser punido caso você proponha decretos mesmo tendo se prostituído no passado, pois nós também entramos com uma intimação contra você diante dos tesmotetas. Em vez disso, prove você mesmo que não cometeu esses crimes ou sofra a pena pelos decretos que propôs, sendo o homem que é

γέγραφας τοιοῦτος ὢν· οὐ γὰρ ἔξεστί σοι. εἰ δέ σε μὴ πάντα, ὅσους οἱ νόμοι διδῶσι, τρόπους τιμωρούμεθα, χάριν ἡμῖν ὢν παραλείπομεν ἐκείνων ἔχε, μὴ διὰ ταῦτ' ἀξίου μηδένα τρόπον δοῦναι δίκην.

[30] Ἄξιον τοίνυν, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, καὶ τὸν θέντα τὸν νόμον ἐξετάσαι Σόλωνα, καὶ θεάσασθαι ὅσην πρόνοιαν ἐποιεῖτο ἐν ἅπασιν οἷς ἐτίθει νόμοις τῆς πολιτείας, καὶ ὅσα περὶ τούτου μᾶλλον ἐσπούδαζεν ἢ περὶ τοῦ πράγματος οὗ τιθείη τὸν νόμον. πολλαχόθεν μὲν οὖν ἂν τις ἴδοι τοῦτο, οὐχ ἥκιστα δ' ἐκ τούτου τοῦ νόμου, μήτε λέγειν μήτε γράφειν ἐξεῖναι τοῖς ἡταιρηκόσιν. ἑώρα γὰρ ἐκεῖνο, ὅτι τοῖς πολλοῖς ὑμῶν ἐξὸν λέγειν οὐ λέγετε, ὥστε τοῦτ' οὐδὲν ἡγεῖτο βαρὺ, καὶ πόλλ' ἂν εἶχεν, εἴ γε κολάζειν ἐβούλετο τούτους, χαλεπώτερα θεῖναι. [31] ἀλλ' οὐ τοῦτ' ἐσπούδασεν, ἀλλὰ ταῦτ' ἀπεῖπεν ὑπὲρ ὑμῶν καὶ τῆς πολιτείας. ἦδει γάρ, ἦδει τοῖς αἰσχροῦς βεβιωκόσιν ἀπασῶν οὔσαν ἐναντιωτάτην πολιτείαν ἐν ἣ πᾶσιν ἔξεστι λέγειν τὰ κείνων ὀνειδίη. ἔστι δ' αὕτη τίς; δημοκρατία. οὐκ οὐκ ἐνόμιζεν ἀσφαλές, εἴ ποτε συμβήσεται γενέσθαι συχνούς ἀνθρώπους κατὰ τοὺς αὐτοὺς χρόνους εἰπεῖν μὲν δεινούς καὶ θρασεῖς, τοιούτων δ' ὀνειδῶν καὶ κακῶν μεστούς· [32] πολλὰ γὰρ ἂν τὸν δῆμον ὑπ' αὐτῶν ὑπαχθέντ' ἐξαμαρτεῖν, κἀκείνους ἦτοι καταλῦσαι γ' ἂν πειρᾶσθαι τὸ παράπαν τὸν δῆμον (ἐν γὰρ ταῖς ὀλιγαρχίαις, οὐδ' ἂν ὧσιν ἔτ' Ἀνδροτιώνος τινες αἰσχίον βεβιωκότες, οὐκ ἔστι λέγειν κακῶς τοὺς

— pois você não tem permissão para isso. E se nós não punirmos você de todas as maneiras possíveis permitidas pelas leis, seja grato a nós pelo que deixamos passar, mas não pense que você não merece ser punido de forma alguma.

[30] Convém, portanto, senhores atenienses, examinarmos Sólon, que instituiu essa lei, assim como convém também observarmos o quanto de cuidado ele teve na elaboração de todas as leis da nossa constituição e o quanto mais de atenção ele deu a esse assunto do que ao feito que originaria a lei. Podemos enxergar isso em diversos casos, mas sobretudo nessa lei que proíbe prostitutos de discursarem e proporem decretos. Pois Sólon percebeu que muitos de vocês que têm o direito de falar não o fazem, tanto que ele não levou essa lei tão a sério; e, caso ele realmente quisesse punir esses homens, ele teria instituído penas muito mais severas. [31] Mas ele não deu tanta atenção a isso; ele impôs essas proibições em prol dos interesses de vocês e da constituição, pois ele sabia — e sabia bem — que a constituição, dentre todas a mais contrária a homens de vida vergonhosa, era o que permitia a todos falarem sobre seus ultrajes. E que constituição é essa? A democracia. Mas ele achava que seria perigoso se um dia acontecesse de surgir um grande número de homens, por um lado, habilidosos e destemidos, mas, por outro, cheios de ultrajes e vícios — [32] pois a comunidade, compelida por esses homens, cometeria muitos erros, e tais homens com absoluta certeza tentariam destruir a comunidade por completo (pois em oligarquias, ainda que existam homens com vidas ainda mais vergonhosas que a de Andrócio, não é possível falar mal de magistrados) ou induziriam o povo em direção à perversidade, a fim de que o povo se tornasse o mais parecido possível com eles. Desde o

ἄρχοντας) ἢ προάγειν ἂν ὡς πονηροτάτους εἶναι, ἴν' ὡς ὁμοιώτατοι σφίσιιν ὦσι. τὴν οὖν ἀρχὴν τοῖς τοιοῦτοις ἀπέιπε μὴ μετέχειν τοῦ συμβουλευεῖν, ἵνα μὴ φενακισθεῖς ὁ δῆμος ἐξαμάρτοι μηδέν. ὦν ὀλιγορήσας ὁ καλὸς κάγαθος οὗτος οὐ μόνον ᾤετο δεῖν λέγειν καὶ γράφειν οὐκ ἐξόν, ἀλλὰ καὶ παρὰ τοὺς νόμους ταῦτα ποιεῖν.

[33] Περὶ τοίνυν τοῦ νόμου καθ' ὃν, ὠφληκὸς αὐτοῦ τοῦ πατρὸς τῷ δημοσίῳ χρήματα καὶ οὐκ ἐκτετεικὸς, οὐκ ἔξεστι λέγειν οὐδὲ γράφειν τούτῳ, ταῦτα δίκαια λέγειν ἂν ἔχοιτ' εἰκότως, ἐὰν φῆ δεῖν ἡμᾶς ἐνδεικνύναι. τότε γὰρ τοῦτο ποιήσομεν, οὐ μὰ Δί' οὐχὶ νῦν, ἡνίκα δεῖ σ' ἐτέρων ὦν ἀδικεῖς δοῦναι λόγον, ἀλλ' ὅταν ἦ προσῆκον ἐκ τοῦ νόμου, καὶ νῦν δὲ δείκνυμεν οὐκ ἐῶντα γράφειν σε, οὐδ' ἂ τοῖς ἄλλοις ἔξεστι, τὸν νόμον. [34] ὡς οὖν οὐκ ὄφλεν ὁ πατήρ σου, τοῦτ' ἐπίδειξον, ἢ ὡς οὐκ ἀποδράς ἐξῆλθεν ἐκ τοῦ δεσμοτηρίου, ἀλλὰ τὰ χρήματ' ἐκτείσας. εἰ δὲ μὴ ταῦθ' ἔξεις δεικνύναι, οὐκ ἐξὸν γέγραφας· κληρονόμον γάρ σε καθίστησιν ὁ νόμος τῆς ἀτιμίας τῆς τοῦ πατρὸς, ὄντι δ' ἀτίμῳ σοι λέγειν οὐ προσῆκεν οὐδὲ γράφειν. καὶ περὶ μὲν τῶν νόμων, οὓς παρεγραψάμεθα, οἴμαι δεῖν ὑμᾶς, ἂν τι φενακίζεις ἐγχειρῆ καὶ παράγειν οὗτος, ταῦθ' ὑπολαμβάνειν, ἂ διεξελήλυθ' ἐγώ.

[35] Εἰσὶ δὲ καὶ περὶ τῶν ἄλλων αὐτῶ λόγοι πρὸς τὸ φενακίζειν ὑμᾶς εἴ μεμηχανημένοι, περὶ ὧν βέλτιον ὑμᾶς προακοῦσαι. ἔστι γὰρ εἷς αὐτῶ τοιοῦτος, μὴ

princípio, então, Sólon proibiu que homens como esses participassem das deliberações públicas, a fim de que a comunidade não fosse enganada e nem cometesse nenhum erro. Sem dar importância a essas questões, esse sujeito aqui, tão nobre e virtuoso, não só pensou ser necessário proferir discursos e propor decretos sem autorização, como também fez tudo isso infringindo as leis.

[33] Quanto à lei segundo a qual não lhe é permitido discursar nem propor decretos (pois o pai dele deve dinheiro ao Tesouro e ainda não pagou), vocês teriam uma resposta justa e razoável para lhe dar, caso ele dissesse que vocês deveriam tê-lo denunciado: nós faremos isso depois — não agora, por Zeus, pois você precisa nos contar sobre os outros crimes que você cometeu, mas sim quando for conveniente de acordo com a lei —; por ora, nós mostraremos que você propõe decretos sem autorização, que nem sequer são aqueles que outros cidadãos têm permissão para propor. [34] Portanto, prove que seu pai não continua devendo dinheiro ou que ele saiu da prisão não porque ele fugiu, mas sim porque ele pagou a dívida. E se você não conseguir provar isso, então você propôs um decreto sem autorização — pois a lei faz com que a perda de direitos do seu pai se estenda a você e não convém que você, privado de direitos, profira discursos ou proponha decretos. Quanto às leis que nós anexamos à ata de acusações, creio que os senhores devam responder, caso ele tente enganá-los ou desviar do assunto, com os argumentos aos quais me referi.

[35] E ele também tem argumentos contra outras acusações que foram muito bem fabricados para enganar os senhores, sobre os quais é melhor que os senhores ouçam com antecedência. Um dos argumentos dele é assim: “Não privem quinhentos de vocês

πεντακοσίους ὑμῶν αὐτῶν ἀφελέσθαι τὴν δωρεάν μηδ' ὄνειδει περιβαλεῖν· ἐκείνων ἀγών, οὐκ ἐμός. ἐγὼ δ' εἰ μὲν ἐμέλλετ' ἀφαιρήσεσθαι τούτους μόνον, ἄλλο δὲ μηδὲν ὠφελήσειν τὴν πόλιν, οὐδὲν ἂν ὑμᾶς σφόδρα σπουδάζειν ἤξιουν· εἰ δὲ τῷ τοῦτο ποιῆσαι πλείους ἢ μυρίους τοὺς ἄλλους πολίτας βελτίους εἶναι προτρέψετε, πόσῳ κάλλιον τοσοῦτους παρασκευάσαι χρηστοὺς ἢ πεντακοσίους ἀδίκως χαρίσασθαι; [36] ὡς δ' οὐδ' ἔστιν ἀπάσης τὸ πρᾶγμα τῆς βουλῆς, ἀλλὰ τινῶν, οἵπερ εἰσὶν αἴτιοι τῶν κακῶν, καὶ Ἀνδροτίωνος, ἔχω λέγειν. τῷ γὰρ ἔστιν ὄνειδος, εἰ σιωπῶντος αὐτοῦ καὶ μηδὲν γράφοντος, ἴσως δ' οὐδὲ τὰ πόλλ' εἰς τὸ βουλευτήριον εισιόντος, μὴ λάβοι ἢ βουλή τὸν στέφανον; οὐδενὶ δῆπουθεν, ἀλλὰ τοῦ γράφοντος καὶ πολιτευομένου καὶ πείθοντος ἂ βούλοιο τὴν βουλήν· διὰ γὰρ τούτους ἀνάξια τοῦ στεφανωθῆναι βεβούλευκεν. [37] οὐ μὴν ἀλλ' εἰ καὶ τὰ μάλιστα πάσης ἔσθ' ἀγὼν τῆς βουλῆς, ὅσῳ συμφέρει μᾶλλον ὑμῖν καταγνοῦσιν ἢ μὴ θεάσασθε. εἰ μὲν ἀπογνώσεσθε, ἐπὶ τοῖς λέγουσι τὸ βουλευτήριον ἔσται, ἐὰν δὲ καταγῶτε, ἐπὶ τοῖς ιδιώταις· ἑορακότες γὰρ οἱ πολλοὶ διὰ τὴν τῶν λεγόντων πονηρίαν τήνδ' ἀφηρημένην τὴν βουλήν τὸν στέφανον, οὐχὶ προήσονται τούτοις τὰς πράξεις, ἀλλὰ τὰ βέλτιστ' ἐροῦσιν αὐτοί. εἰ δὲ γενήσεται τοῦτο καὶ τῶν ἠθάδων καὶ συνεστηκότων ῥητόρων ἀπαλλαγῆσεσθε, ὄψεσθ', ὃ ἄνδρες Ἀθηναῖοι,

mesmos de um prêmio nem o envolvam em ultrajes; estou lutando por eles, não por mim mesmo.” Porém, caso os senhores somente tivessem a intenção de privá-los do prêmio, mas sem beneficiar a cidade de alguma outra maneira, eu pediria que os senhores não levassem essa questão tão a sério; mas se, ao fazerem isso, os senhores acabarem encorajando mais de dez mil outros cidadãos a serem infinitamente melhores, quão mais nobre não seria tornar tantos homens em homens honestos do que prestar um favor a quinhentos de maneira injusta? [36] Mas que essa questão não diz respeito a todo o Conselho, mas sim a alguns membros (justamente àqueles responsáveis por esses males) e também a Andrócio, eu estou em posição de falar. Quem é que é alvo de vexame caso ele fique em silêncio e não proponha o decreto? Caso talvez ele nem compareça ao tribunal e o Conselho não receba uma coroa? Certamente ninguém, mas somente no caso de alguém propor decretos e entrar para a política e persuadir o Conselho a deliberar segundo sua vontade — pois é por causa desses homens que as deliberações do Conselho não se provaram merecedoras de coroas. [37] No entanto, na hipótese de esse julgamento dizer respeito sobretudo a todo o Conselho, quão mais vantajoso não seria para os senhores condená-lo do que não contemplar a acusação. Se os senhores rejeitarem a ação, o tribunal cairá nas mãos dos oradores; se o condenarem, cairá nas mãos dos cidadãos comuns, pois quando a maioria deles perceber que foi por causa da perversidade dos oradores que o Conselho foi privado da coroa, eles não cederão a administração pública aos oradores, mas sim oferecerão eles mesmos seus melhores conselhos. E se isso acontecer e vocês se livrarem do habitual grupo de oradores, vocês verão, senhores atenienses, tudo funcionando assim como deve ser. Assim

πάνθ' ἃ προσήκει γινόμενα. ὥστ' εἰ μηδενὸς ἄλλου ἔνεκα, διὰ ταῦτα καταψηφιστέον.

[38] Ὁ τοίνυν ἕτερον δεῖ μὴ λαθεῖν ὑμᾶς, ἀκούσατε. ἴσως ἀναβήσεται καὶ συνερεῖ τῇ βουλῇ Φίλιππος καὶ Ἀντιγένης καὶ ὁ ἀντιγραφεὺς καὶ τινες ἄλλοι, οἵπερ ἐκεῖ δι' ἑαυτῶν εἶχον μετὰ τούτου τὸ βουλευτήριον καὶ τούτων τῶν κακῶν εἰσιν αἴτιοι. δεῖ δὴ πάντας ὑμᾶς γινώσκειν ὅτι τούτοις ἐστὶ μὲν ἢ πρόφασις τῆς συνηγορίας τῇ βουλῇ βοηθεῖν, τῇ δ' ἀληθείᾳ περὶ αὐτῶν ἀγωνιοῦνται καὶ τῶν εὐθυνῶν, ἃς αὐτοὺς προσήκει δοῦναι τῶν πεπραγμένων. [39] ἔχει γὰρ οὕτως. ἂν μὲν ἀπογνῶτε τὴν γραφὴν ταύτην, ἅπαντές εἰσιν ἀπηλλαγμένοι καὶ δίκην οὐδεὶς οὐδεμίαν μὴ δῶ· τίς γὰρ ἔτ' ἂν καταψηφίσαιτ' ἐκείνων, τὴν βουλήν ὑμῶν ἐστεφανωκότων, ἧς οὗτοι προέστασαν; ἐὰν δὲ καταγνῶτε, πρῶτον μὲν τὰ εὖορκ' ἔσεσθ' ἐψηφισμένοι, εἴτ' ἐπὶ ταῖς εὐθύναις ἕκαστον τούτων λαμβάνοντες ὃς μὲν ἂν ὑμῖν ἀδικεῖν δοκῆ, κολάσετε, ὃς δ' ἂν μὴ, τότε ἀφήσετε. μὴ οὖν ὡς ὑπὲρ τῆς βουλῆς λεγόντων καὶ τῶν πολλῶν ἀκούετε, ἀλλ' ὡς ὑπὲρ αὐτῶν παρακρουομένοις ὀργίζεσθε.

[40] Ἔτι τοίνυν Ἀρχίαν οἶμαι τὸν Χολαργέα (καὶ γὰρ οὗτος ἐβούλευε πέρυσιν) ὡς ἐπιεικῆ δεήσεσθαι καὶ συνερεῖν αὐτοῖς. ἐγὼ δ' οἶμαι δεῖν ὡδί πως ἀκούειν Ἀρχίου, ἐρωτᾶν αὐτὸν ταῦθ' ἃ κατηγορεῖται τῆς βουλῆς, πότερ' αὐτῷ δοκεῖ καλῶς ἔχειν ἢ κακῶς· κἂν μὲν φῆ καλῶς, μηκέτι τὸν νοῦν ὡς ἐπιεικεῖ προσέχειν, ἂν δὲ κακῶς, τί δὴ

sendo, se não por algum outro motivo, que o declarem culpado por esses crimes.

[38] Dito isso, escutem a essa outra questão que os senhores não devem ignorar. Talvez Felipe suba à tribuna e fale em favor do Conselho, assim como Antígenes, o escriturário e outros tantos: justamente aqueles que ao lado desse sujeito aqui tinham o Conselho em suas mãos e são os responsáveis por esses males. Todos vocês precisam entender que o pretexto deles para defenderem uns aos outros é o de salvar o Conselho, mas na realidade eles vão lutar para defenderem a si mesmos e a prestação de contas que eles precisam realizar depois de terminados os seus cargos. [39] Essa é a situação. Se os senhores recusarem essa ação pública, todos eles ficam livres e ninguém sofre nenhuma punição — pois quem ainda assim os declararia culpados depois de vocês terem coroado um Conselho presidido por eles? Mas se os condenarem, os senhores primeiramente terão votado conforme o juramento que prestaram; em segundo lugar, quando cada um deles chegar às prestações de contas, vocês penalizarão aquele que lhes parecer ter agido contra a lei e deixarão ir aquele que não tiver. Portanto, não deem ouvidos a eles como se eles estivessem falando em defesa do Conselho e de seus membros, mas se enfureçam por eles terem enganado vocês para ajudarem a si mesmos.

[40] Assim, acredito ainda que Arquias de Colargo (que foi membro do Conselho ano passado) pedirá para falar em favor deles enquanto um cidadão respeitável. Mas eu acho que vocês devem dar ouvidos a Arquias mais ou menos da seguinte maneira: perguntem a ele sobre as acusações que foram trazidas contra o Conselho, se elas lhe parecem merecidas ou não. Se ele disser que sim, não deem mais atenção ao que ele diz sobre ser um cidadão respeitável; se disser que não, perguntem o porquê de ele, naquele

ταῦτ' εἶα φάσκων ἐπεικῆς εἶναι, πάλιν αὐτὸν ἐρωτᾶτε. [41] κἄν μὲν ἀντιλέγειν φῆ, μηδένα δ' αὐτῷ πείθεσθαι, ἄτοπον δήπου νῦν λέγειν ὑπὲρ τῆς τὰ βέλτιστ' οὐχὶ πειθομένης ἑαυτῷ βουλῆς· ἂν δὲ σιωπᾶν, πῶς οὐκ ἀδικεῖ, εἰ, παρὸν ἐξαμαρτάνειν μέλλοντας ἀποτρέπειν, τοῦτο μὲν οὐκ ἐποίει, νῦν δὲ λέγειν τολμᾷ ὡς δεῖ τοὺς τοσαῦτα κάκ' εἰργασμένους στεφανῶσαι;

[42] Οἶμαι τοίνυν αὐτὸν οὐδ' ἐκείνων ἀφέξεσθαι τῶν λόγων, ὅτι ταῦτα πάντ' αὐτῷ διὰ τὰς εἰσπράξεις γέγονεν, ἅς ὑπὲρ ὑμῶν ὀλίγους εἰσπράξει φήσει πολλὰ χρήματ' ἀναιδῶς οὐ τιθέντας. καὶ κατηγορήσει τούτων, πρᾶγμα ῥάδιον, οἶμαι, [τῶν μὴ τιθέντων τὰς εἰσφοράς], καὶ φήσει πᾶσαν ἄδειαν ἔσεσθαι τοῦ μὴ τιθέναι τὰς εἰσφοράς, εἰ καταψηφιεῖσθ' αὐτοῦ. [43] ὑμεῖς δ', ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, πρῶτον μὲν ἐκεῖνο ἐνθυμεῖσθε, ὅτι οὐ περὶ τούτων δικάσειν ὁμωμόκατε, ἀλλ' εἰ κατὰ τοὺς νόμους τὸ ψήφισμ' εἶπεν, εἶθ' ὅτι πάνδεινόν ἐστι, κατηγορίαν ποιούμενον ὡς ἀδικουσί τινες τὴν πόλιν, αὐτὸν ἀξιοῦν ὧν ἀδικεῖ μειζόνων ὄντων μὴ δοῦναι δίκην· πολὺ γὰρ δήπου μειζόν ἐστ' ἀδίκημα γράφειν παρὰ τοὺς νόμους ἢ τὴν εἰσφορὰν μὴ τιθέναι. [44] ὅτι τοίνυν οὐδ' εἰ φανερῶς ἔμελλεν ἀλόγτος τούτου μηδεὶς εἰσοίσειν μηδ' ἐθελήσειν εἰσπράττειν, οὐδ' οὕτως ἀποψηφιστέον, ἐκ τῶνδε γνώσεσθε. ὑμῖν παρὰ τὰς εἰσφοράς τὰς ἀπὸ Ναυσινίκου, παρ' ἴσως τάλαντα τριακόσι' ἢ μικρῷ πλείω, ἔλλειμμα τέτταρα

momento, ter permitido que esses atos acontecessem se ele alega ser um cidadão respeitável. [41] E se ele disser que se opôs, mas que ninguém o ouviu, certamente é um tanto estranho que agora ele tenha belas palavras para falar sobre o Conselho que não lhe deu ouvidos; se ele ficar em silêncio, como que ele pode ser inocente se, quando teve a chance de dissuadir aqueles que estavam prestes a cometer um erro, ele não fez nada para detê-los e agora tem a audácia de falar que homens que fizeram tantos males devem ser coroados?

[42] Assim, acredito também que ele não vá se abster de usar os seguintes argumentos: que tudo isso aconteceu devido às cobranças de taxas efetuadas por ele, sobre as quais ele falará que, em prol de vocês, cobrou muito dinheiro de poucos homens que descaradamente não pagaram. Ele também vai acusá-los (uma tarefa fácil, eu diria) [de não terem pagado impostos sobre propriedade] e vai falar que haverá completa impunidade para quem não pagar impostos se os senhores o condenarem. [43] Os senhores, caros atenienses, em primeiro lugar reflitam sobre o seguinte: que não é sobre essa questão que vocês fizeram o juramento de julgar, mas sim para determinar se ele aprovou o decreto conforme ditam as leis ou não; que, ainda, é intolerável um homem que acusa outros de cometerem injustiças contra a cidade achar que mereça não ser punido pelos crimes ainda maiores que ele cometeu — pois certamente é muito mais ilegal propor um decreto contrário às leis do que não pagar impostos. [44] Assim, nem mesmo na hipótese de ninguém abertamente ter mais intenção de pagar impostos depois de esse sujeito ser preso, ou de ninguém querer mais cobrar tais pagamentos, ele deveria ser absolvido, como os senhores compreenderão a partir da minha exposição. Ao longo do período de coleta de impostos desde o arcontado de Nausínico (provavelmente trezentos talentos ou um pouco mais no

καὶ δέκ' ἐστὶ τάλαντα, ὧν ἐπτὰ οὗτος εἰσέπραξεν, ἐγὼ δὲ τίθημι ἅπαντα. ἐπὶ μὲν δὴ τοὺς ἐκόντας τιθέντας οὐ δεῖσθ' Ἀνδροτίωνος, ἐπὶ δὲ τοὺς ἐλλείποντας. [45] ἔστι τοίνυν ὑμῖν νυνὶ σκεπτέον, εἰ τοσοῦτου τιμᾶσθε τὴν πολιτείαν καὶ τοὺς κειμένους νόμους καὶ τὸ εὐορκεῖν· εἰ γὰρ ἀποψηφιεῖσθε τούτου φανερώς οὕτω παρὰ τοὺς νόμους εἰρηκότος, δόξετε πᾶσι τὰ χρήματα ταῦτ' ἀντὶ τῶν νόμων καὶ τῆς εὐορκίας ἡρῆσθαι. ἂ οὐδ' ἂν εἰ παρ' ἑαυτοῦ δοίη τις ὑμῖν, λαβεῖν ἄξιον, μὴ τί γ' ἐφ' ᾧ ἑτέρους εἰσπράττειν. [46] ὥσθ' ὅταν ταῦτα λέγη, μέμνησθε τῶν ὄρκων καὶ τὴν γραφὴν ἐνθυμεῖσθε, ὅτι νῦν οὐ περὶ πράξεως εἰσφορῶν ἐστίν, ἀλλ' εἰ δεῖ κυρίους εἶναι τοὺς νόμους. καὶ περὶ τούτων μὲν, ὃν τρόπον ὑμᾶς ἀπαγαγὼν ἀπὸ τοῦ νόμου παρακρούεσθαι ζητήσῃ, καὶ ἂ πρὸς ταῦθ' ὑμᾶς μνημονεύοντας μὴ ἐπιτρέπειν προσήκει, πολλὰ λέγειν ἔχων ἔτι, καὶ ταῦθ' ἰκάν' εἶναι νομίζων, ἐάσω.

[47] Βούλομαι δὲ καὶ τὰ πολιτεύματα ἐξετάσαι τοῦ καλοῦ κάγαθοῦ τούτου, δι' ὃν οὐκ ἔσθ' ὃ τι τῶν δεινοτάτων ἐλλίπων φανήσεται· καὶ γὰρ ἀναιδῆ καὶ θρασὺν καὶ κλέπτην καὶ ὑπερήφανον καὶ πάντα μᾶλλον ἢ ἐν δημοκρατία πολιτεύεσθαι ἐπιτήδειον ὄντ' αὐτὸν δεῖξω. καὶ πρῶτον μὲν, ἐφ' ᾧ μέγιστον φρονεῖ, τὴν τῶν χρημάτων εἰσπραξιν ἐξετάσωμεν αὐτοῦ, μὴ τῇ τούτου προσέχοντες ἀλαζονεῖα τὸν νοῦν, ἀλλὰ τὸ πρᾶγμα, οἷον γέγονε τῇ ἀληθείᾳ σκοποῦντες. [48] οὗτος Εὐκτῆμονα φήσας τὰς ὑμετέρας

total), estão faltando catorze talentos, dentre os quais sete foi esse homem aqui quem coletou, mas eu lhe dou crédito pela quantia toda. Os senhores certamente não precisam de Andrócio para lidar com aqueles que pagam voluntariamente, mas sim com os negligentes. [45] Os senhores agora precisam refletir se vocês estimam a constituição, as leis estabelecidas e a manutenção dos juramentos tanto quanto essa quantia de dinheiro; pois se os senhores o absolverem (ele que abertamente promoveu um decreto de maneira ilegal), todos acharão que vocês escolheram o dinheiro em vez das leis e dos juramentos — uma quantia de dinheiro que mesmo se fosse tirada do próprio bolso para lhes dar não seria digno aceitar, ainda mais se for dinheiro cobrado de outras pessoas. [46] Então, quando ele usar esses argumentos, lembrem-se dos juramentos e reflitam sobre essa ação pública, que neste momento não se trata da coleta dos impostos, e sim se as leis devem ter autoridade. E ainda que eu tenha muito para falar — sobre a maneira com que ele buscará desviá-los da lei para tentar enganá-los e sobre as respostas das quais convêm que vocês se lembrem para não cederem aos argumentos dele —, vou deixar tudo isso para depois, já que considero esses argumentos suficientes.

[47] Quero examinar ainda as medidas administrativas realizadas por esse sujeito tão nobre e virtuoso, as quais nos deixarão claro que ele não é do tipo que se abstém dos mais funestos atos — pois eu vou lhes mostrar que ele é um ladrão sem-vergonha, arrogante, soberbo e adequado para exercer qualquer função, menos funções governamentais em uma democracia. Examinemos primeiramente o que lhe mais traz orgulho: cobrar dinheiro. Não deem atenção à fanfarronice dele e analisem com cuidado sua conduta tal qual ela realmente se deu. [48] Depois de dizer que Euctemão estava se apropriando dos impostos de vocês e que ele

ἔχειν εἰσφοράς, καὶ τοῦτ' ἐξελέγξειν ἢ παρ' ἑαυτοῦ καταθήσειν ὑποσχόμενος, καταλύσας ψηφίσματι κληρωτὴν ἀρχὴν ἐπὶ τῇ προφάσει ταύτῃ, ἐπὶ τὴν εἰσπραξίν παρέδου. δημηγορίας δ' ἐπὶ τούτοις ποιούμενος, ὡς ἔστι τριῶν αἴρεσις, ἢ τὰ πομπεῖα κατακόπτειν, ἢ πάλιν εἰσφέρειν, ἢ τοὺς ὀφείλοντας εἰσπράττειν, [49] αἰρουμένων εἰκότως ὑμῶν τοὺς ὀφείλοντας εἰσπράττειν, ταῖς ὑποσχέσεσι κατέχων, καὶ διὰ τὸν καιρὸν ὃς ἦν τότε ἔχων ἐξουσίαν, τοῖς μὲν κειμένοις νόμοις περὶ τούτων οὐκ ᾔετο δεῖν χρῆσθαι, οὐδ', εἰ μὴ τούτους ἐνόμιζ' ἰκανοὺς, ἐτέρους τιθέναι, ψηφίσματα δ' εἶπεν ἐν ὑμῖν δεινὰ καὶ παράνομα, δι' ὧν ἠργολάβει καὶ πολλὰ τῶν ὑμετέρων κέκλοφε, τοὺς ἕνδεκα γράψας ἀκολουθεῖν μεθ' ἑαυτοῦ. [50] εἶτ' ἔχων τούτους ἦγ' ἐπὶ τὰς ὑμετέρας οἰκίας. καὶ τὸν μὲν Εὐκτῆμονα, ὃν εἰσπράζειν ἢ καταθήσειν αὐτὸς ἔφη τὰς εἰσφοράς, οὐδὲν εἶχεν ἐλέγχειν περὶ τούτων, ὑμᾶς δ' εἰσέπραττεν, ὥσπερ οὐ διὰ τὴν Εὐκτῆμονος ἔχθραν ἐπὶ ταῦτ' ἐλθὼν, ἀλλὰ διὰ τὴν ὑμετέραν. [51] καὶ μηδεὶς ὑπολαμβανέτω με λέγειν ὡς οὐ χρῆν εἰσπράττειν τοὺς ὀφείλοντας. χρῆν γάρ. ἀλλὰ πῶς; ὡς ὁ νόμος κελεύει· τῶν ἄλλων ἕνεκα· τοῦτο γὰρ ἐστὶ δημοτικόν. οὐ γὰρ τοσοῦτον, ὃ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, τοσοῦτων χρημάτων τοῦτον τὸν τρόπον εἰσπραχθέντων ὠφέλησθε, ὅσον ἐζημίωσθε τοιούτων ἐθῶν εἰς τὴν πολιτείαν εἰσαγομένων. εἰ γὰρ ἐθέλοιτ' ἐξετάσαι τίνας ἕνεκα μᾶλλον ἢ τις ἔλοιτο ἐν δημοκρατίᾳ ζῆν ἢ ἐν ὀλιγαρχίᾳ,

iria ou provar esse crime ou pagar os impostos com o próprio dinheiro caso perdesse o processo, esse sujeito aqui, por meio de um decreto e sob esse pretexto, depôs um magistrado eleito e se esgueirou até a posição de coleta de impostos. E ele fez vários discursos na Assembleia sobre essas questões, alegando que existiam somente três opções: ou derreter os vasos sagrados para fazer moedas, ou coletar impostos mais uma vez ou cobrar dos inadimplentes. [49] Quando vocês corretamente preferiram cobrar dos inadimplentes, ele — controlando vocês na base de promessas e se aproveitando da situação da época — não pensou que fosse necessário fazer uso das leis estabelecidas que versam sobre essas questões, ou mesmo instituir outras caso ele achasse as existentes inadequadas. Ele aprovou decretos absurdamente ilegais na presença de vocês, por meio dos quais ele instituiu que os Onze Magistrados lhe obedecessem, o que lhe permitiu lucrar em cima dos serviços prestados e roubar muitos de vocês. [50] Em seguida, ele se dirigiu às casas de vocês na companhia dos Onze. Quanto a Euctemão, de quem ele disse que cobraria os impostos ou pagaria ele mesmo do próprio bolso, ele não foi nem sequer capaz de provar que era culpado. Cobrar de vocês, ele foi capaz, como se não tivesse sido por causa do ódio por Euctemão e sim por causa de vocês que ele começou essa empreitada. [51] Mas que ninguém pense que eu estou falando que não devemos cobrar dos inadimplentes. Devemos sim. Mas como? Tal qual a lei ordena: em favor dos outros — porque isso é o que quer dizer ser democrático. Pois o pouco que vocês, senhores atenienses, obtiveram de vantagens, quando tão pouco dinheiro foi coletado daquela maneira, não se compara ao que vocês sofreram quando costumes como esses foram introduzidos na administração pública da cidade. Pois se vocês desejassem examinar os motivos pelos quais alguém

τοῦτ' ἂν εὖροιτε προχειρότατον, ὅτι πάντα πρᾶοτέρ' ἐστὶν ἐν δημοκρατία. [52] ὅτι μὲν τοίνυν τῆς ὅπου βούλεσθ' ὀλιγαρχίας οὗτος ἀσελγέστερος γέγονε, παραλείψω. ἀλλὰ παρ' ἡμῖν πότε πώποτε δεινότατ' ἐν τῇ πόλει γέγονεν; ἐπὶ τῶν τριάκοντα, πάντες ἂν εἶποιτε. τότε τοίνυν, ὡς ἔστιν ἀκούειν, οὐδεὶς ἔστιν ὅστις ἀπεστερεῖτο τοῦ σωθῆναι, ὅστις ἐαυτὸν οἴκοι κρύψειεν, ἀλλὰ τοῦτο κατηγοροῦμεν τῶν τριάκοντα, ὅτι τοὺς ἐκ τῆς ἀγορᾶς ἀδίκως ἀπῆγον. οὗτος τοίνυν τοσαύτην ὑπερβολὴν ἐποιήσατο τῆς αὐτοῦ βδελυρίας ὥστ' ἐν δημοκρατία πολιτευόμενος τὴν ἰδίαν οἰκίαν ἐκάστω δεσμοτήριον καθίστη, τοὺς ἔνδεκα ἄγων ἐπὶ τὰς οἰκίας. [53] καίτοι, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, τί οἴεσθε, ὅπότ' ἄνθρωπος πένης, ἢ καὶ πλούσιος, πολλὰ δ' ἀνηλωκῶς καὶ τιν' ἴσως τρόπον εἰκότως οὐκ εὐπορῶν ἀργυρίου, ἢ τέγος ὡς τοὺς γείτονας ὑπερβαῖνοι, ἢ ὑποδύοιθ' ὑπὸ κλίνην, ὑπὲρ τοῦ μὴ τὸ σῶμ' ἀλοὺς εἰς τὸ δεσμοτήριον ἔλκεσθαι, ἢ ἄλλ' ἀσχημονοίῃ, ἢ δούλων, οὐκ ἐλευθέρων ἐστὶν ἔργα, καὶ ταῦθ' ὑπὸ τῆς αὐτοῦ γυναικὸς ὀρθῶτο ποιῶν, ἢν ὡς ἐλεύθερος ἠγγυήσατο καὶ τῆς πόλεως πολίτης, ὁ δὲ τούτων αἴτιος Ἀνδροτίων εἶη, ὃν οὐδ' ὑπὲρ αὐτοῦ δίκην λαμβάνειν ἔῃ τὰ πεπραγμένα καὶ βεβιωμένα, μή τί γ' ὑπὲρ τῆς πόλεως; [54] καίτοι εἴ τις ἔροιτ' αὐτόν, τὰς εἰσφορὰς πότερον τὰ κτήματ' ἢ τὰ σώματ' ὀφείλει, τὰ κτήματα φήσειεν ἄν, εἴπερ ἀληθῆ λέγειν βούλοιο· ἀπὸ γὰρ τούτων εἰσφέρομεν. τίνοσ οὖν ἔνεκ'

preferiria viver em uma democracia que em uma oligarquia, vocês descobririam que a resposta é óbvia: tudo é mais tranquilo em uma democracia. [52] Além disso, o fato de esse homem ter se tornado mais descarado que qualquer oligarquia que vocês apontarem é algo que vou deixar para outra hora. Mas em que momento no passado aconteceram as maiores atrocidades na nossa cidade? Na época dos Trinta, é o que todos vocês falariam. Além do mais, naquela época, segundo dizem, não há quem tenha se visto privado da possibilidade de salvamento contanto que se escondesse em casa; nós, entretanto, acusamos os Trinta de mandarem prender pessoas injustamente na ágora. Esse sujeito aqui cometeu excessos ainda maiores que os deles com sua conduta repugnante, ao ponto de transformar os lares de cada um de vocês em uma prisão ao levar os Onze até suas casas — tudo isso enquanto era responsável pela administração pública em uma democracia. [53] No entanto, senhores atenienses, o que vocês acham quando um homem pobre — ou também um homem rico que tenha gastado muito e de algum modo, como é de se esperar, talvez não tenha mais tanto dinheiro — foge pelo telhado para chegar nos vizinhos? Ou quando se esconde debaixo da cama para evitar ser arrastado até a prisão? Ou quando se humilha de formas dignas de um escravo e não de um homem livre? Ou quando é visto fazendo essas coisas pela própria mulher, a qual ele recebeu como esposa quando era um homem livre e cidadão da cidade? E quando Andrócio é responsável por tudo isso, um homem cujos feitos ao longo da vida não permitem nem que ele obtenha reparação em prol de si mesmo, muito menos em prol da cidade? [54] No entanto, se perguntassem a ele se alguém é obrigado a pagar impostos ou sobre seus bens ou sobre suas próprias vidas, ele diria, caso realmente quisesse falar a verdade, “sobre seus bens” — pois é assim que nós pagamos

ἀφείς τὸ τὰ χωρία δημεύειν καὶ τὰς οἰκίας καὶ ταῦτ' ἀπογράφειν, ἔδεις καὶ ὕβριζες πολίτας ἀνθρώπους καὶ τοὺς τλαιπώρους μετοίκους, οἷς ὕβριστικώτερον ἢ τοῖς οἰκέταις τοῖς σαυτοῦ κέχρησαι; [55] καὶ μὴν εἰ ἐθέλοιτε σκέψασθαι τί δοῦλον ἢ ἐλεύθερον εἶναι διαφέρει, τοῦτο μέγιστον ἂν εὔροιτε, ὅτι τοῖς μὲν δούλοις τὸ σῶμα τῶν ἀδικημάτων ἀπάντων ὑπεύθυνόν ἐστι, τοῖς δ' ἐλεύθεροις, κἂν τὰ μέγιστ' ἀτυχῶσιν, τοῦτό γ' ἔνεστι σῶσαι· εἰς χρήματα γὰρ τὴν δίκην περὶ τῶν πλείστων παρὰ τούτων προσήκει λαμβάνειν. ὁ δὲ τοῦναντίον εἰς τὰ σώματα, ὥσπερ ἀνδραπόδοις, ἐποίησατο τὰς τιμωρίας. [56] οὕτω δ' αἰσχυρῶς καὶ πλεονεκτικῶς ἔσχε πρὸς ὑμᾶς ὥστε τὸν μὲν ἑαυτοῦ πατέρα ᾤετο δεῖν, δημοσίᾳ δεθέντ' ἐπὶ χρήμασιν ἐν τῷ δεσμοτηρίῳ, μήτ' ἀποδόντα ταῦτα μήτε κριθέντ' ἀποδρᾶναι, τῶν δ' ἄλλων πολιτῶν τὸν μὴ δυνάμενον τὰ ἑαυτοῦ θεῖναι οἴκοθεν εἰς τὸ δεσμοτήριον ἔλκεσθαι. εἴτ' ἐπὶ τούτοις, ὡς ὀτιοῦν ἐξὸν ἑαυτῷ ποιεῖν, Σινώπην προσηνεχύραζε καὶ Φανοστράτην, ἀνθρώπους πόρνας, οὐ μέντοι ὀφειλούσας εἰσφοράς. [57] καίτοι εἴ τιςιν ἄρα δοκοῦσιν ἐπιτήδεια ἐκεῖναι παθεῖν, ἀλλὰ τὸ πρᾶγμα γ' οὐκ ἐπιτήδειον γίνεσθαι, τηλικούτῳ τινας φρονεῖν διὰ καιρὸν ὥστε βαδίζειν ἐπ' οἰκίας καὶ σκεύη φέρειν μηδὲν ὀφειλόντων ἀνθρώπων. πολλὰ γὰρ ἂν τις ἴδοι πολλοὺς ἐπιτηδείους ὄντας πάσχειν καὶ πεπονθέναι. ἀλλ' οὐ ταῦτα λέγουσιν οἱ νόμοι οὐδὲ τὰ τῆς πολιτείας ἔθη, ἃ φυλακτέον ὑμῖν· ἀλλ' ἔνεστ'

impostos. Então por qual motivo você, depois de permitir o confisco de terras e casas e o registro desses bens no inventário da cidade, também aprisionou e tratou com violência cidadãos atenienses e metecos miseráveis, de quem você tirou proveito com ainda maior violência do que de seus próprios escravos? [55] E, além disso, caso queiram olhar com atenção o quão diferente um escravo é de um homem, vocês descobririam que a maior diferença é que o corpo dos escravos é responsável por todos os seus erros, enquanto o corpo dos homens livres, mesmo que eles sejam vítimas dos maiores infortúnios, é possível ao menos ser poupado, pois na maioria das vezes é por meio dos seus bens que convém obter reparação. Em vez disso, porém, foi em seus corpos, como se fossem cativos, que esse sujeito infligiu a punição. [56] Foi dessa forma vergonhosa e gananciosa que ele agiu perante vocês, de modo que ele achou que o próprio pai, que foi colocado na prisão em nome do povo por causa das suas dívidas, tinha o direito de escapar da prisão sem ter pagado o que devia e sem ter sido devidamente julgado, ao passo que qualquer outro cidadão que não pudesse pagar suas dívidas deveria ser arrastado para fora de casa e jogado na prisão. Então, como quem acha que pode fazer o que quiser, ele apreendeu Sinope e Fanostrate, duas prostitutas, que com certeza não deviam impostos. [57] No entanto, se alguns acreditam que essas mulheres merecem sofrer tal punição, com certeza também pensariam que o método empregado não é justo no caso de outras pessoas serem tão arrogantes em momentos propícios a ponto de marcharem até as casas de homens que não devem dinheiro e tomarem seus bens. Pois é muito fácil ver que muitos merecem e já mereceram tal punição, mas não é desses assuntos que nem as leis e nem mesmo os costumes da nossa comunidade tratam, aos quais vocês precisam estar atentos — nas leis

ἔλεος, συγγνώμη, πάνθ' ὅσα προσήκει τοῖς ἔλευθέροις. [58] ὧν οὗτος ἀπάντων εἰκότως οὐ μετέχει τῇ φύσει οὐδὲ τῇ παιδείᾳ· πολλὰ γὰρ ὕβρισται καὶ προπεπηλάκισται συνῶν οὐκ ἀγαπῶσιν αὐτὸν ἄνθρωποις, ἀλλὰ δοῦναι μισθὸν δυναμένοις· ὧν προσῆκέ σοι τὴν ὀργὴν οὐκ εἰς τῶν πολιτῶν τὸν τυχόντ' ἀφιέναι, οὐδ' εἰς τὰς ὁμοτέχνους πόρνας, ἀλλ' εἰς τὸν τοῦτον τὸν τρόπον σε θρέψαντα.

[59] Ταῦτα τοίνυν ὡς μὲν οὐ δεινὰ καὶ παρὰ πάντας τοὺς νόμους, οὐχ ἕξει λέγειν οὗτος· οὕτω δ' ἐστὶν ἀναιδῆς ὥστ' ἐν τῷ δήμῳ, προάγωνας αἰεὶ κατασκευάζων αὐτῷ τῆσδε τῆς γραφῆς, ἐτόλμα λέγειν ὡς ὑπὲρ ὑμῶν καὶ δι' ὑμᾶς ἐχθροὺς ἐφ' ἑαυτὸν εἴλκυσε καὶ νῦν ἐν τοῖς ἐσχάτοις ἐστὶ κινδύνοις. ἐγὼ δ' ὑμῖν, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, βούλομαι δεῖξαι τοῦτον οὔτε πεπονθότ' οὐδ' ὀτιοῦν κακὸν οὔτε μέλλοντα πάσχειν οὐδὲν δι' ὧν ὑπὲρ ὑμῶν ἔπραξε, διὰ μέντοι τὴν αὐτοῦ βδελυρίαν καὶ θεοισεχθρίαν πεπονθότα μὲν μέχρι τῆσδε τῆς ἡμέρας οὐδέν, πεισόμενον δ', ἂν τὰ δίκαια ποιῆθ' ὑμεῖς. [60] σκέψασθε γὰρ ὡδί. τί ποθ' ὑμῖν οὗτος ὑπέσχετο, καὶ τί ποιεῖν αὐτὸν ἐχειροτονήσαθ' ὑμεῖς; χρήματ' εἰσπράττειν. ἄλλο δὲ πρὸς τούτῳ τί ποιεῖν; οὐδὲ ἔν. φέρε δὴ καθ' ἕκαστον ὑπομνήσω τὴν εἰσπραξίν ὑμᾶς. οὗτος εἰσέπραξε Λεπτίνην τὸν ἐκ Κοίλης τέτταρας καὶ τριάκοντα δραχμάς, καὶ Θεόξενον τὸν Ἀλωπεκῆθεν δραχμὰς ἑβδομήκοντα καὶ μικρόν τι πρὸς, καὶ τὸν Εὐφῆρου Καλλικράτην καὶ τὸν Τελέστου

e nos costumes, aliás, podemos encontrar piedade, perdão e tudo quanto é próprio dos homens livres. [58] Naturalmente, Andrócio não compartilha dessas qualidades no que tange à sua natureza ou à sua instrução, pois muitas vezes ele já se entregou a excessos e foi violento na companhia não de homens que lhe querem bem, mas sim daqueles que pudessem pagar o soldo. Quanto a esses excessos, convinha que você descontasse essa raiva não em qualquer cidadão ou nas suas colegas de profissão, as prostitutas, mas sim naquele que o instruiu nesse caminho.

[59] Ele não vai ser capaz de falar que essas coisas são terríveis e contrárias a todas as leis — de modo que ele é tão descarado ao ponto de, na Assembleia, enquanto elaborava com antecedência sua defesa para essa ação pública, ter ousado falar que foi trabalhando em prol de vocês e graças a vocês que ele conquistou inimigos e que agora está em perigo extremo. Mas eu quero mostrar a vocês, senhores atenienses, que ele não sofreu qualquer mal e nem está prestes a sofrer mal algum devido ao que ele fez em prol de vocês — certamente até hoje ele não sofreu nenhum mal devido à sua conduta repugnante e à sua inimizade com os deuses, mas ele será punido se vocês fizerem o que é certo. [60] Considerem o seguinte: o quê que no passado ele já lhes prometeu e para fazer o quê que vocês o elegeram? Para coletar dinheiro. E tinha algo mais para se fazer? Nadinha. Vejam bem, vou lembrá-los de cada uma das cobranças. Ele cobrou trinta e quatro dracmas de Léptines de Coele, setenta e poucos dracmas de Teoxeno de Alópece, de Calícrates, filho de Éufero, e do filho mais novo de Telestes (cujo nome eu não me recordo). Dentre quase todos esses de que ele cobrou, enfim, para que eu não precise falar

νεανίσκον· οὐκ ἔχω γὰρ τοῦνομ' εἰπεῖν· σχεδὸν δὲ πάντας, οὓς εἰσέπραξεν, ἵνα μὴ καθ' ἕκαστον λέγω, οὐκ οἶδ' εἴ τιν' ὑπὲρ μνᾶν ὀφείλοντα. [61] πότερ' οὖν οἴεσθε τούτων ἕκαστον μισεῖν καὶ πολεμεῖν αὐτῶ δια τὴν εἰσφορὰν ταύτην, ἢ τὸν μὲν αὐτῶν, ὅτι πάντων ἀκουόντων ὑμῶν ἐν τῷ δήμῳ δοῦλον ἔφη καὶ ἐκ δούλων εἶναι, καὶ προσήκειν αὐτῶ τὸ ἕκτον μέρος εἰσφέρειν μετὰ τῶν μετοίκων, τῷ δὲ παῖδας ἐκ πόρνης εἶναι, τοῦ δὲ τὸν πατέρ' ἠταιρηκένας, τοῦ δὲ τὴν μητέρα πεπορνεῦσθαι, τὸν δ' ἀπογράφειν ὅσ' ὑφείλετ' ἐξ ἀρχῆς, τὸν δὲ τὸ δεῖνα, τὸν δ' ὁμοῦ ῥήτᾳ καὶ ἄρρητα κακά, ἐξῆς ἅπαντας; [62] ἐγὼ μὲν γὰρ οἶδ' ὅτι πάντες, εἰς οὓς ἐπαρώνησεν οὗτος, τὴν μὲν εἰσφορὰν ἕκαστος ἀναγκαῖον ἀνάλωμ' ὑπελάμβανεν εἶναι, τοιαῦτα δ' ἀτιμασθεῖς καὶ προπηλακισθεῖς χαλεπῶς ἐνήνοχεν. κάκεῖνο οἶδ', ὅτι χρήματ' εἰσπράττειν τοῦτον ἐχειροτονήσαθ' ὑμεῖς, οὐχὶ τὰς ἰδίας συμφορὰς ὀνειδίξειν καὶ προφέρειν ἑκάστῳ. εἴτε γὰρ ἦσαν ἀληθεῖς, οὐ σοὶ ῥητέαι (πολλὰ γὰρ ἡμῶν ἕκαστος οὐχ ὡς βούλεται πράττει)· εἴτε μὴ προσηκούσας κατεσκευάζεις, πῶς οὐχ ὀτιοῦν ἂν πάθοις δικαίως· [63] ἔτι τοίνυν ἐκ τοῦδ' ἀκριβέστερον γνώσεσθ' ὅτι μισεῖ τοῦτον ἕκαστος οὐ δια τὴν εἰσπραξιν, ἀλλ' ὑπὲρ ὧν ὑβρίσθη κάπαρωνήθη. Σάτυρος γὰρ ὁ τῶν νεωρίων ἐπιμελητῆς οὐχ ἑπτὰ τάλαντ' εἰσέπραξεν ὑμῖν, ἀλλὰ τέτταρα καὶ τριάκοντα τοὺς αὐτοὺς τούτους ἀνθρώπους, ἐξ ὧν παρέθηκε τὰ σκεύη ταῖς ἐκπλευσάσαις

de cada um, eu não sei dizer se algum devia mais de uma mina. [61] Portanto, vocês acham que ele é odiado ou atacado por cada um desses homens por causa desses impostos? Ou que ele é odiado porque, em meio à Assembleia com todos ouvindo, ele falou que um desses homens era um escravo e filho de escravos e convinha a ele pagar a sexta parte que nem os metecos, que a mãe dos filhos de um outro era uma prostituta, que o pai de outro se prostituía, que a mãe de um vivia de prostituição, que ele iria inventariar tudo o que um outro roubou desde o início da sua carreira, que um fez tal coisa, que outro cometeu crimes pensáveis e impensáveis, e daí por diante? [62] Pois eu sei que, embora todos aqueles que ele insultou enquanto bebia acreditem que os impostos são um custo necessário, ele não aguentou todas essas humilhações e vitupérios. Sei também o seguinte: que vocês o elegeram para cobrar dinheiro, não para repreender as pessoas pelos infortúnios pessoais de cada um e trazê-los a público. Se eram verdades, você não deveria tê-las mencionado (pois todos nós frequentemente passamos por situações indesejadas), e se você estava inventando mentiras que não tinham nada a ver com eles, como então que você não merece pagar de todo modo? [63] A partir disso, vocês reconhecerão com maior exatidão que cada um deles o odeia não por causa da cobrança, mas porque eles foram insultados e vítimas de sua bebedeira. Sátiro, por exemplo, o encarregado pelos estaleiros, não cobrou sete talentos, mas sim trinta e quatro talentos desses mesmos homens em nome de vocês, e com esse dinheiro forneceu equipamentos às naus que estavam prontas para zarpar. Sátiro afirma que ninguém se tornou seu inimigo

ναυσίν· καὶ οὐτ' ἐκεῖνος διὰ ταῦτ' οὐδέν' ἐχθρόν αὐτῷ φησὶν εἶναι, οὔτε τῶν εἰσπραχθέντων οὐδεὶς ἐκείνῳ πολεμεῖ. ὁ μὲν γὰρ τὸ προστεταγμένον, οἶμαι, διεπράττετο, σὺ δὲ τῆ σαυτοῦ προπετεία καὶ θρασύτητι λαβὼν ἐξουσίαν πόλλ' ἀνηλωκότας εἰς τὴν πόλιν ἀνθρώπους καὶ σοῦ βελτίους καὶ ἐκ βελτιόνων ψευδέσι καὶ χαλεποῖς ὀνειδέσιν ὄρου δεῖν περιβάλλειν. [64] εἶτα ταῦθ' οὔτοι πεισθῶσιν ὑπὲρ αὐτῶν σε ποιεῖν, καὶ τὰ τῆς σῆς ἀναισθησίας καὶ πονηρίας ἔργ' ἐφ' αὐτοὺς ἀναδέξωνται; ἀλλὰ μισεῖν δικαιοτέρον διὰ ταῦτά σ' ὀφείλουσιν ἢ σφύζειν. τὸν γὰρ ὑπὲρ πόλεως πράττοντά τι δεῖ τὸ τῆς πόλεως ἦθος μιμεῖσθαι, καὶ σφύζειν ὑμῖν τοὺς τοιούτους, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, προσήκει, καὶ μισεῖν τοὺς οἷόσπερ οὔτος. ὡς ἐκεῖνο εἰδόσι μὲν ἴσως, ὅμως δ' ἐρῶ· ὁποίους τινὰς ἂν φαίνεσθ' ἀγαπῶντες καὶ σφύζοντες, τούτοις ὅμοιοι δόξετ' εἶναι.

[65] Ὅτι τοίνυν ὅλως οὐδὲ τὴν εἰσπραξίν αὐτὴν ὑπὲρ ὑμῶν πεποιήται, καὶ τοῦτ' αὐτίκα δὴ μάλα ὑμῖν δῆλον ποιήσω. εἰ γὰρ τις ἔροιο αὐτὸν πότεροι αὐτῷ δοκοῦσιν ἀδικεῖν μᾶλλον τὴν πόλιν, οἱ γεωργοῦντες καὶ φειδόμενοι, διὰ παιδοτροφίας δὲ καὶ οἰκεῖ' ἀναλώματα καὶ λητουργίας ἐτέρας ἐλλειπούτες εἰσφοράν, ἢ οἱ τὰ τῶν ἐθελησάντων εἰσενεγκεῖν χρήματα καὶ τὰ παρὰ τῶν συμμάχων κλέπτοντες καὶ ἀπολλύντες, οὐκ ἂν εἰς τοῦτο τόλμης δῆπου, καίπερ ὢν ἀναιδής, ἔλθοι ὥστε φῆσαι τοὺς τὰ ἑαυτῶν μὴ εἰσφέροντας μᾶλλον ἀδικεῖν ἢ

por causa disso, e nenhum dos que foram cobrados está em pé de guerra contra ele. Pois ele, creio eu, só estava fazendo o que lhe mandaram fazer, enquanto você, Andrócio, uma vez no poder e por meio da sua própria precipitação e intrepidez, achou que era necessário envolver homens que muito investiram na cidade e que são melhores e vêm de melhores famílias que você com mentiras e ultrajes difíceis de suportar. [64] Mesmo depois disso eles deveriam acreditar que você fez isso em prol deles? E eles deveriam assumir as consequências da sua insensibilidade e perversidade? Seria ainda mais justo que eles odiassem você por causa de tudo isso em vez de protegê-lo. Pois aquele que age em prol da cidade deve reproduzir o caráter da cidade, e convém a vocês, senhores atenienses, proteger tais homens e sem sombra de dúvida odiar aqueles como Andrócio. Vocês provavelmente já sabem disso, mas vou falar mesmo assim: o tipo de homem que vocês acolhem e protegem é o tipo de homem com quem vocês se parecerão.

[65] Desse modo, também deixarei claro a vocês agora que ele de modo algum fez essa cobrança de impostos em prol de vocês, pois se alguém perguntasse a ele quem ele acha que faz o maior mal à cidade — se são os que cultivam a terra e os que tratam os outros com clemência, mas que, devido à necessidade de criar os filhos, às despesas da casa e a diferentes liturgias, têm negligenciado os impostos, ou se são os que roubam e acabam com o dinheiro dos que estão dispostos a pagar e com o dinheiro que vem dos nossos aliados —, ele com certeza não teria coragem suficiente de responder, embora ele mesmo seja descarado a ponto de dizer que os que não pagam os próprios impostos fazem mais mal à cidade do que os que subtraem o

τοὺς τὰ κοίν' ὑφαιρουμένους. [66] τίνος οὖν ἔνεκ', ὃ βδελυρέ, ἐτῶν ὄντων πλείονων ἢ τριάκοντ' ἀφ' οὗ σὺ πολιτεύει, καὶ ἐν τούτῳ τῷ χρόνῳ πολλῶν μὲν στρατηγῶν ἡδίκηκότων τὴν πόλιν, πολλῶν δὲ ῥητόρων, οἱ παρὰ τουτοισὶ κέκρινται, ὧν οἱ μὲν τεθναῖσιν ἐφ' οἷς ἡδίκουν, οἱ δ' ὑποχωρήσαντες φεύγουσιν, οὐδενὸς πάποτ' ἐξητάσθης κατήγορος οὐδ' ἀγανακτῶν ὄφθης ὑπὲρ ὧν ἡ πόλις πάσχει, οὕτως ὡν θρασὺς καὶ λέγειν δεινός, ἀλλ' ἐνταῦθ' ἐφάνης κηδεμῶν ὧν, οὗ σε πολλοὺς ἔδει κακῶς ποιῆσαι; [67] βούλεσθ', ὃ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, τὸ τούτων αἴτιον ἐγὼ ὑμῖν εἶπω; [ὅτι τούτων μὲν μετέχει ὧν ἀδικοῦσιν ὑμᾶς τινές, ἀπὸ δὲ τῶν εἰσπραττομένων ὑφαιρεῖται· δι' ἀπληστίαν δὲ τρόπων διχόθεν καρποῦται τὴν πόλιν. οὔτε γὰρ ῥᾶον πολλοῖς καὶ τὰ μικρ' ἀδικοῦσιν ἀπεχθάνεσθαι ἢ ὀλίγοις καὶ μεγάλα, οὔτε δημοτικώτερον δήπου τὰ τῶν πολλῶν ἀδικήμαθ' ὄραν, ἢ τὰ τῶν ὀλίγων. ἀλλὰ τοῦτ' αἴτιον οὐγὼ λέγω.] τῶν μὲν οἶδεν ἑαυτὸν ὄντα, τῶν ἀδικούντων, ὑμᾶς δ' οὐδενὸς ἀξίουσ ἡγήσατο· διὸ τοῦτον ἐχρήσατο τὸν τρόπον ὑμῖν. [68] εἰ γὰρ ἀνδραπόδων πόλις, ἀλλὰ μὴ τῶν ἄρχειν ἐτέρων ἀξιούντων ὠμολογεῖτ' εἶναι, οὐκ ἄν, ὃ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, τὰς ὕβρεις ἡνέσχεσθε τὰς τούτου, ἃς κατὰ τὴν ἀγορὰν ὕβριζεν ὁμοῦ μετοίκους, Ἀθηναίους, δεῶν, ἀπάγων, βοῶν ἐν ταῖς ἐκκλησίαις ἐπὶ τοῦ βήματος, δούλους καὶ ἐκ δούλων καλῶν

dinheiro público em benefício próprio. [66] Então por que motivo você, seu infame, depois de mais de trinta anos de trabalho no governo, e com tantos generais e políticos fazendo mal à cidade — os quais foram julgados aqui perante vocês: uns condenados à morte pelos crimes que cometeram, outros retirando-se da vida pública e fugindo —, por que você nunca se apresentou para acusar algum deles e nem nunca foi visto indignado com os males causados à cidade, já que você é um orador tão destemido e habilidoso, mas, em vez disso tudo, foi na verdade considerado na época o guardião de muitos daqueles com os quais você deveria ter agido com maldade? [67] Vocês querem, senhores atenienses, que eu lhes conte o motivo disso tudo? [É porque ele está envolvido nesses crimes que alguns cometem contra vocês; é porque ele subtrai em benefício próprio dinheiro que provém daqueles que foram cobrados; e é por causa do desejo insaciável dos seus costumes que ele colhe frutos da cidade de duas maneiras. Pois é mais difícil odiar a maioria que comete pequenos crimes do que odiar a minoria que comete grandes crimes, ao mesmo tempo que com certeza é menos democrático estar atento aos crimes da maioria do que aos crimes da minoria. Mas o motivo do qual estou falando é esse:]¹⁵⁴ ele sabe que ele faz parte desse grupo, do grupo dos criminosos, mas ele considerou vocês dignos de nada. Eis porque ele tirou proveito de vocês dessa maneira. [68] Pois se fosse reconhecido que essa cidade é uma cidade de escravos cativos em vez de uma cidade de homens que merecem comandar os outros, mesmo assim vocês, senhores atenienses, não teriam cedido aos excessos dele, excessos esses que ele cometia igualmente na ágora contra cidadãos e metecos: mandando algemá-los, prendê-los, gritando nas

¹⁵⁴ Esse parágrafo — em fonte reduzida e entre colchetes, e assim como o parágrafo 74 abaixo — seguiu a formatação do texto original em grego segundo a edição consultada (VINCE, 1935). O editor, compartilhando a opinião de outros editores, acredita que o manuscrito tenha sofrido interferência de outro discurso de Demóstenes, *Contra Timócrates* (Dem. 24.174, aqui, e Dem. 24.182, no parágrafo 74 abaixo).

ἑαυτοῦ βελτίους καὶ ἐκ βελτιόνων, ἐρωτῶν εἰ μάτην τὸ δεσμοτήριον ὠκοδομήθη. καταφαίην ἂν ἔγωγε, εἴ γ' ὁ πατήρ ὁ σὸς ὄχρετ' αὐτόθεν αὐταῖς πέδαις ἐξορχησάμενος Διονυσίων τῇ πομπῇ. ἄλλα δ' ὅσ' ὕβρικεν οὐδ' ἂν ἔχοι τις εἰπεῖν· τοσαῦτα τὸ πλήθος ἐστίν. ὧν ἀθρώων ἄξιον λαβόντας δίκην τήμερον παράδειγμα ποιῆσαι τοῖς ἄλλοις, ἵν' ὧσι μετριώτεροι.

[69] Ἀλλὰ νῆ Δία ταῦτα μὲν τοιοῦτός ἐστιν ἐν οἷς πεπολίτευται, ἄλλα δ' ἔσθ' ἃ καλῶς διώκηκεν. ἀλλὰ τᾶλλ' οὕτω προσελήλυθε πάντα πρὸς ὑμᾶς ὥσθ' ἥκιστ' ἐν οἷς ἀκηκόατ' ἄξιός ἐστι μισεῖσθαι. τί γὰρ βούλεσθ' εἶπω; τὰ πομπεῖ' ὡς ἐπεσκεύασε, καὶ τὴν τῶν στεφάνων καθαίρεσιν, ἢ τὴν τῶν φιαλῶν ποίησιν τὴν καλήν; ἀλλ' ἐπὶ τούτοις γε, εἰ μηδὲν ἄλλο ἀδικῶν ἔτυχεν τὴν πόλιν, τρίς, οὐχ ἅπαξ τεθνάναι δίκαιος ὧν φανεῖται· καὶ γὰρ ἱεροσυλία καὶ ἀσεβεία καὶ κλοπῇ καὶ πᾶσι τοῖς δεινοτάτοις ἐστὶν ἔνοχος. [70] τὰ μὲν οὖν πόλλ' ὧν λέγων ὑμᾶς ἐφενάκιζε παραλείψω· φήσας δ' ἀπορρεῖν τὰ φύλλα τῶν στεφάνων καὶ σαπρούς εἶναι διὰ τὸν χρόνον, ὥσπερ ἴων ἢ ρόδων ὄντας, ἀλλ' οὐ χρυσίου, συγχωνεύειν ἔπεισεν. κῶτ' ἐπὶ μὲν ταῖς εἰσφοραῖς τὸν δημόσιον παρεῖναι προσέγραψεν ὡς δὴ δίκαιος ὧν, ὧν ἕκαστος ἀντιγραφεὺς ἔμελλεν ἔσεσθαι τῶν εἰσνεγκόντων· ἐπὶ τοῖς στεφάνοις δ', οὐς κατέκοπτεν, οὐχὶ προσήγαγε ταὐτὸ δίκαιον τοῦτο, ἀλλ' αὐτὸς ῥήτωρ, χρυσοχόος, ταμίας,

Assembleias em cima da tribuna, chamando de escravos e filhos de escravos homens que são muito melhores e vêm de melhores famílias que ele, perguntando se a prisão foi construída em vão. Em resposta a essa última, eu mesmo diria que sim, principalmente se o pai dele saía de lá com os próprios grilhões para ir à procissão das Grandes Dionisiacas. Sobre outros tantos excessos que ele cometeu eu não teria como falar — são inúmeros. Vale a pena, depois de condená-lo, fazer disso um exemplo aos demais, a fim de que eles sejam mais moderados.

[69] “Ah, por Zeus, é assim que alguém como ele tem governado, mas em outros momentos ele trabalhou perfeitamente bem.” Muito pelo contrário: em todos os outros momentos da sua carreira política ele se comportou de tal maneira em relação a vocês que o pouco que vocês ouviram foi suficiente para que vocês o odiassem. Sobre mais o que vocês querem que eu fale? Sobre os vasos sagrados que ele “restaurou” e o derretimento das coroas? Ou sobre a perfeita fabricação de taças de libação? Exatamente por causa desses exemplos — mesmo se por acaso ele não tenha cometido nenhum outro crime contra a cidade — ficará evidente que ele merece morrer não só uma, mas três vezes, pois ele é culpado de pilhar templos, de impiedade, de fraude e de tudo o que há de mais terrível. [70] Não vou entrar em detalhes sobre as tantas palavras que ele sem dúvida alguma usava para enganá-los — só digo que depois de ele falar que as folhas das coroas estavam caindo e que estavam podres por causa do tempo, como se fossem folhas de violetas ou de rosas e não de ouro, ele os persuadiu a derretê-las. Em relação aos impostos sobre propriedade, ele também incluiu uma cláusula exigindo que um escravo público sempre estivesse presente, como se ele fosse um cidadão honesto — mesmo se cada um dos que haviam pagado os

ἀντιγραφεὺς γέγονεν. [71] καὶ μὴν εἰ μὲν ἅπαντ' ἠξίους, ὅσα πράττεις τῇ πόλει, σαυτῷ πιστεύειν, οὐκ ἂν ὁμοίως κλέπτῃς ὧν ἐφωρῶ· νῦν δ' ἐπὶ ταῖς εἰσφοραῖς ὁ δίκαιόν ἐσθ' ὀρίσας, μὴ σοὶ πιστεύειν, ἀλλὰ τοῖς ἐαυτῆς δούλοις τὴν πόλιν, ὅπότε ἄλλο τι πράττων καὶ χρήματα κινῶν ἱερά, ὧν ἓνι οὐδ' ἐπὶ τῆς ἡμετέρας γενεᾶς ἀνετέθη, μὴ προσγραψάμενος τὴν αὐτὴν φυλακὴν ἥνπερ περὶ τῶν εἰσφορῶν φαίνει, οὐκ εὐδηλον δι' ὁ τοῦτ' ἐποίησας; ἐγὼ μὲν οἶμαι. [72] καὶ μὴν, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, καὶ κατὰ παντὸς τοῦ χρόνου σκέψασθ' ὡς καλὰ καὶ ζηλώτ' ἐπιγράμματα τῆς πόλεως ἀνελὼν ὡς ἀσεβῆ καὶ δεινὰ ἀντεπέγραψεν. οἶμαι γὰρ ὑμᾶς ἅπαντας ὁρᾶν ὑπὸ τῶν στεφάνων ταῖς χοινικίσι κάτωθεν γεγραμμένα “οἱ σύμμαχοι τὸν δῆμον ἀνδραγαθίας εἵνεκα καὶ δικαιοσύνης,” ἢ “οἱ σύμμαχοι ἀριστεῖον τῇ Ἀθηναίᾳ,” ἢ κατὰ πόλεις “οἱ δεῖνες τὸν δῆμον, σωθέντες ὑπὸ τοῦ δήμου,” οἷον “Εὐβοεῖς ἐλευθερωθέντες ἐστεφάνωσαν τὸν δῆμον,” πάλιν “Κόνων ἀπὸ τῆς ναυμαχίας τῆς πρὸς Λακεδαιμονίους”· τοιαῦτα γὰρ ἦν τὰ τῶν στεφάνων ἐπιγράμματα. [73] ταῦτα μὲν τοίνυν, ἃ ζῆλον πολὺν εἶχε καὶ φιλοτιμίαν ὑμῖν, ἠφάνισται καθαιρεθέντων τῶν στεφάνων· ἐπὶ ταῖς φιάλαις δ' ἄς ἀντ' ἐκείνων ἐποίησας ὑμῖν ὁ πόρνος οὗτος, “Ἀνδροτίωνος ἐπιμελουμένου” ἐπιγράφεται· καὶ οὗ τὸ σῶμ' ἠταιρηκότος οὐκ ἐῶσιν οἱ νόμοι εἰς τὰ ἱερά εἰσιέναι, τούτου τοῦνομ' ἐν τοῖς ἱεροῖς ἐπὶ τῶν φιαλῶν

impostos já fizesse as vezes do próprio escrivão oficial. Já em relação às coroas que ele derreteu, ele não incluiu essa cláusula; em vez disso, ele próprio acabou fazendo as vezes de orador, de ourives, de guardião do tesouro e de escrivão oficial. [71] Além disso, se você achasse certo que tudo o que você fazia pela cidade devesse ser confiado a você, você não teria sido flagrado roubando. Agora, quanto aos impostos sobre propriedade, você estipulou que a cidade deveria conferir essas questões não a você, mas aos seus próprios escravos — que é o certo a se fazer. Mas quando você estava envolvido em outro assunto e lidando com objetos sagrados, alguns dos quais não foram erigidos durante a nossa geração, você não incluiu justamente essa cláusula de proteção que aparece no caso dos impostos. Depois de tudo isso, não é óbvio o motivo por trás de você ter feito o que fez? Eu acredito que sim. [72] E mais, examinem atentamente, senhores atenienses, o quão belas e invejáveis eram as inscrições que ele destruiu ao escrever impiedades e atrocidades no lugar delas. Pois eu acredito que todos vocês já tinham visto o que estava escrito na parte inferior dos suportes das coroas: “dos aliados ao povo ateniense, em virtude de sua virilidade e da retidão”, ou “dos aliados, um prêmio pela bravura para Atena”, ou de várias cidades “de tal cidade ao povo ateniense”, “dos que foram salvos pelo povo ateniense”, ou por exemplo “os eubeios libertos coroaram o povo ateniense”, ou ainda “de Cónon da batalha naval contra os lacedemônios” — essas eram as inscrições das coroas. [73] Portanto, todas essas inscrições, que trouxeram a vocês muita admiração e ambição, desvaneceram junto com as coroas que foram destruídas. Já em relação às taças de libação que ele mandou fazer para vocês no lugar das coroas, esse prostituto mandou inscrever “fabricadas sob a supervisão de Andrócio” — o homem cujo corpo era prostituído e ao qual as leis não

γεγραμμένον ἐστίν. ὁμοίον γε, οὐ γάρ; τοῦτο τοῖς προτέροις ἐπιγράμμασιν, ἢ φιλοτιμίαν ἴσην ἔχον ὑμῖν. [74] [τρία τοίνυν ἐκ τούτου τὰ δεινότατ' ἄν τις ἴδοι πεπραγμέν' αὐτοῖς. τὴν μὲν γὰρ θεὸν τοὺς στεφάνους σεσυλήκασιν· τῆς πόλεως δὲ τὸν ζῆλον ἠφανίκασι τὸν ἐκ τῶν ἔργων, ὧν ὑπόμημ' ἦσαν ὄντες οἱ στέφανοι· τοὺς δ' ἀναθέντας δόξαν οὐ μικρὰν ἀφήρηται, τὸ δοκεῖν ὧν ἂν εἴ πάθωσιν ἐθέλειν μεμνησθαι. καὶ τοιαῦτα καὶ τοσαῦτα τὸ πλῆθος κάκ' εἰργασμένοι, εἰς τοῦθ' ἅμ' ἀναισθησίας καὶ τόλμης προελήλυθασιν ὥστε μέμνηνται τούτων ὡς καλῶς αὐτοῖς διαφικημένων, ὥσθ' ὁ μὲν οἶεται δι' ἐκεῖνον ὑφ' ὑμῶν σωθήσεσθαι, ὁ δὲ παρακάθηται καὶ οὐ καταδύεται τοῖς πεπραγμένοις.] [75] οὕτω δ' οὐ μόνον εἰς χρήματ' ἀναιδής, ἀλλὰ καὶ σκαιός ἐστιν, ὥστ' οὐκ οἶδεν ἐκεῖνο, ὅτι στέφανοι μὲν εἰσιν ἀρετῆς σημεῖον, φιάλαι δὲ καὶ τὰ τοιαῦτα πλούτου, καὶ στέφανος μὲν ἅπας, κἂν μικρὸς ἦ, τὴν ἴσην φιλοτιμίαν ἔχει τῷ μεγάλῳ, ἐκπώματα δ' ἢ θυμιατήρια, ἂν μὲν ὑπερβάλλῃ τῷ πλήθει, πλούτου τινὰ δόξαν προσετρίψατο τοῖς κεκτημένοις, ἐὰν δ' ἐπὶ μικροῖς τις σεμνύνηται, τοσοῦτ' ἀπέχει τοῦ τιμῆς τινος διὰ ταῦτα τυχεῖν ὥστ' ἀπειρόκαλος πρὸς ἔδοξεν εἶναι. οὗτος τοίνυν ἀνελὼν τὰ τῆς δόξης κτήματα, τὰ τοῦ πλούτου πεποιήται μικρὰ καὶ οὐχ ὑμῶν ἄξια. [76] καὶ οὐδ' ἐκεῖν' εἶδεν, ὅτι πρὸς μὲν χρημάτων κτῆσιν οὐδεπώποθ' ὁ δῆμος ἐσπούδασε, πρὸς δὲ δόξης ὡς οὐδὲ πρὸς ἐν τῶν ἄλλων. τεκμήριον δέ· χρήματα γὰρ πλεῖστα τῶν Ἑλλήνων ποτὲ σχῶν ἅπανθ'

permitted entrada nos templos tem seu nome escrito nas taças de libação dentro dos templos. Exatamente a mesma coisa, não é mesmo? Essas palavras têm o mesmo significado das anteriores, ou ainda causam o mesmo sentimento de ambição. [74] [Portanto, a partir disso podemos perceber três dos mais terríveis crimes que foram cometidos por ele. Eles roubaram as coroas da deusa; acabaram com a admiração da cidade em consequência de suas ações, da qual as coroas serviam de recordação enquanto ainda existiam; e privaram aqueles que as haviam produzido de um prêmio considerável: do renome por desejarem se lembrar do bom tratamento que receberam de nós. Tendo cometido tão grande número de maldades, eles se tornaram insensíveis e arrogantes ao ponto de se referirem a isso tudo como se tivessem governado perfeitamente — ao ponto de um deles pensar que seria protegido por vocês em razão disso e de um outro se sentar ao lado dele e não morrer de vergonha pelas coisas que fez.] [75] Desse modo, Andrócio não só é uma vergonha quando se trata de dinheiro, como também é tão ignorante que não consegue nem mesmo entender o seguinte: que as coroas são um símbolo de excelência, enquanto taças de libação e coisas do tipo são um símbolo de riqueza; que toda coroa, por menor que seja, traz consigo tanta admiração quanto uma grande, enquanto taças e porta-incensos, quando excessivos, atribuíram a seus donos somente a aparência de riqueza, de modo que, caso a pessoa tenha se vangloriado com pouco, ela estava tão longe de conseguir algum tipo de honra que ela além disso deu a impressão de ter mau-gosto. Portanto, esse sujeito, ao destruir os bens da nossa fama, transformou esses objetos de riqueza em coisas ainda menores e indignas de vocês. [76] E ele também não entende o seguinte: que o povo em momento algum se importou com aquisições em nome do dinheiro e nem com aquisições em nome da fama acima de qualquer outra coisa. Eis a prova: quando o povo ateniense tinha muito mais dinheiro que qualquer outro povo grego,

ὕπερ φιλοτιμίας ἀνήλωσεν, εἰσφέρων δ' ἐκ τῶν ἰδίων οὐδένα πώποτε κίνδυνον ὑπὲρ δόξης ἐξέστη. ἀφ' ὧν κτήματ' ἀθάνατ' αὐτῶ περίεστι, τὰ μὲν τῶν ἔργων ἢ μνήμη, τὰ δὲ τῶν ἀναθημάτων τῶν ἐπ' ἐκείνοις σταθέντων τὸ κάλλος, προπύλαια ταῦτα, ὁ παρθενῶν, στοαί, νεώσοικοι, οὐκ ἀμφορίσκοι δύο οὐδὲ χρυσίδες τέτταρες ἢ τρεῖς, ἄγουσ' ἐκάστη μῶν, ἄς, ὅταν σοι δοκῇ, σὺ πάλιν γράψεις καταχωνεύειν. [77] οὐ γὰρ ἑαυτοὺς δεκατεύοντες, οὐδ' ἂ καταράσαιντ' ἂν οἱ ἐχθροὶ ποιοῦντες, διπλᾶς πράττοντες τὰς εἰσφοράς, ταῦτ' ἀνέθεσαν, οὐδ' οἷόςπερ σὺ χρώμενοι συμβούλοις ἐπολιτεύοντο, ἀλλὰ τοὺς ἐχθροὺς κρατοῦντες, καὶ ἂ πᾶς τις ἂν εὖ φρονῶν εὔξαιτο, τὴν πόλιν εἰς ὁμόνοιαν ἄγοντες, ἀθάνατον κλέος αὐτῶν λελοίπασι, τοὺς ἐπιτηδεύοντας οἷα σοὶ βεβίωται τῆς ἀγορᾶς εἴργοντες. [78] ὑμεῖς δ' εἰς τοῦτ', ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, προήχθητ' εὐηθείας καὶ ῥαθυμίας ὥστ' οὐδὲ τοιαῦτ' ἔχοντες παραδείγματα ταῦτα μιμεῖσθε, ἀλλ' Ἀνδροτίων ὑμῖν πομπείων ἐπισκευαστής, Ἀνδροτίων, ὧ γῆ καὶ θεοί. καὶ τοῦτ' ἀσέβημ' ἔλαττον τίνος ἠγεῖσθε; ἐγὼ μὲν γὰρ οἶομαι δεῖν τὸν εἰς ἱέρ' εἰσιόντα καὶ χερνίβων καὶ κανῶν ἀψόμενον, καὶ τῆς πρὸς τοὺς θεοὺς ἐπιμελείας προστάτην ἐσόμενον, οὐχὶ προειρημένον ἡμερῶν ἀριθμὸν ἀγνεύειν, ἀλλὰ τὸν βίον ἠγνευκέναι τοιούτων ἐπιτηδευμάτων οἷα τούτῳ βεβίωται.

ele gastou tudo em nome da busca de honrarias; quando ele pagou os impostos referentes às suas propriedades, ele não recuou em momento algum diante do perigo em prol da fama. Os bens eternos que são frutos disso sobreviverem por mais tempo que o próprio povo, tanto a memória desses feitos quanto a beleza dos monumentos erigidos em honra deles: o Propileu, o Partenon, as estoas, os estaleiros e não duas ânforas nem três ou quatro recipientes de ouro, pesando uma mina cada, as quais você, quando for do seu agrado, mais uma vez mandará derreter por meio de um decreto. [77] Pois não foi pagando eles mesmos a décima parte nem exigindo o pagamento dobrado dos impostos (isso é algo que só nossos inimigos desejariam) que eles erigiram esses monumentos; não foi também se envolvendo com conselheiros justamente da sua laia que eles governavam; foi prevalecendo sobre os inimigos e guiando a cidade em direção à união — algo que qualquer um que pensasse direito teria desejado — que eles deixaram como herança sua glória eterna, mantendo aqueles que seguem um estilo de vida tal qual vivido por você fora da Assembleia. [78] Mas vocês, senhores atenienses, foram guiados a tal ponto em direção à ingenuidade e ao desleixo que, apesar desses exemplos às vistas de todos, vocês não os reproduzem. No entanto, é Andrócio o responsável pelo reparo dos vasos sagrados — Andrócio, em nome da terra e dos deuses! Que impiedade vocês consideram maior que essa? Pois eu acredito que aquele que adentra templos e que entraria em contato com cestos sacrificiais e água para purificações e que seria o responsável pelo cuidado para com os deuses não deveria se manter puro por uma quantidade predeterminada de dias, mas sim se manter puro por toda a vida e longe de tipos que nem Andrócio.

LXI
ΕΡΩΤΙΚΟΣ

Ἄλλ' ἐπειδήπερ ἀκούειν βούλει τοῦ λόγου, δείξω σοι καὶ ἀναγνώσομαι. δεῖ δέ σε τὴν προαίρεσιν αὐτοῦ πρῶτον εἰδέναι. βούλεται μὲν γὰρ ὁ τὸν λόγον ποιῶν ἐπαινεῖν Ἐπικράτην, ὃν ᾤετο πολλῶν καὶ καλῶν κάγαθῶν ὄντων νέων ἐν τῇ πόλει χαριέστατον εἶναι, καὶ πλεόν τῇ συνέσει προέχειν ἢ τῷ κάλλει τῶν ἡλικιωτῶν. ὁρῶν δ' ὡς ἔπος εἰπεῖν τὰ πλεῖστα τῶν ἐρωτικῶν συνταγμάτων αἰσχύνην μᾶλλον ἢ τιμὴν περιάπτοντα τούτοις περὶ ὧν ἐστὶ γεγραμμένα, τοῦθ' ὅπως μὴ πείσεται πεφύλακται, καὶ ὅπερ καὶ πεπεισθαί φησι τῇ γνώμῃ, τοῦτο καὶ γέγραφεν, ὡς δίκαιος ἐραστής οὔτ' ἂν ποιήσειεν οὐδὲν αἰσχρὸν οὔτ' ἀξιόσειεν. [2] ὁ μὲν οὖν ὥσπερ εἰ μάλιστα ἂν ἐρωτικὸν λάβοις τοῦ λόγου, περὶ τοῦτ' ἔστιν: ὁ δ' ἄλλος λόγος τὰ μὲν αὐτὸν ἐπαινεῖ τὸν νεανίσκον, τὰ δ' αὐτῷ συμβουλεύει περὶ παιδείας τε καὶ προαιρέσεως τοῦ βίου. πάντα δὲ ταῦτα γέγραπται τὸν τρόπον ὃν τις ἂν εἰς βιβλίον καταθεῖτο. τοῖς μὲν γὰρ λεκτικοῖς τῶν λόγων ἀπλῶς καὶ ὁμοίως οἷς ἂν ἐκ τοῦ παραχρῆμά τις εἴποι πρέπει γεγράφθαι, τοῖς δ' εἰς τὸν πλείω χρόνον τεθησομένοις ποιητικῶς καὶ περιττῶς ἀρμόττει συγκεῖσθαι· τοὺς μὲν γὰρ πιθανούς, τοὺς δ' ἐπιδεικτικούς εἶναι προσήκει. ἴν' οὖν μὴ

LXI
SOBRE O AMOR

Bom, já que você deseja tanto ouvir esse discurso, vou apresentá-lo e lê-lo em voz alta a você. Mas primeiro você precisa saber qual é o seu intuito. Com efeito, o autor desse discurso deseja exaltar Epícrates, o qual ele considera, dentre tantos jovens belos e nobres nesta cidade, ser o mais encantador de todos e ultrapassar aqueles de sua faixa etária mais em sabedoria que em beleza. E vendo, por assim dizer, como a maioria das obras sobre o amor trazem sobretudo vergonha em vez de honra àqueles sobre os quais foram compostas, ele tomou precauções para que isso não acontecesse, e justamente por isso ele escreveu aquilo sobre o qual, segundo suas palavras, ele está convicto em seu pensamento: que um amante justo nunca faria nada de vergonhoso e nem mesmo exigiria algo do tipo. [2] Portanto, a parte que você pode considerar, de certa maneira, a mais erótica do discurso trata dessa questão; já o resto do discurso, por um lado, tece elogios a esse jovem rapaz e, por outro, lhe dá conselhos sobre sua educação e escolhas de vida. E tudo isso ele escreveu de modo que se pudesse colocar na forma de um livro, pois é apropriado aos discursos em estilo coloquial serem escritos de modo simples e semelhante àqueles que alguém profere de improviso, enquanto convém aos outros tipos de discursos, que são produzidos para durarem bastante tempo, serem compostos poeticamente e de modo mais elevado — uma vez que os primeiros são persuasivos e os segundos, demonstrativos. Portanto, para que

παρὰ τὸν λόγον σοι λέγω μηδ' ἄ γινώσκω περὶ τούτων αὐτὸς διεξίω, πρόσεχ' ὡς αὐτοῦ τοῦ λόγου ἤδη ἀκουσόμενος, ἐπειδὴ καὶ αὐτὸς ἦκει, ὃν ἐβουλήθη ἀκούειν, Ἐπικράτης.

[3] Ὅρων ἐνίους τῶν ἐρωμένων καὶ κάλλους μετεσχηκότων οὐδετέρᾳ τῶν εὐτυχιῶν τούτων ὀρθῶς χρωμένους, ἀλλ' ἐπὶ μὲν τῇ τῆς ὄψεως εὐπρεπείᾳ σεμννομένους, τὴν δὲ πρὸς τοὺς ἐραστὰς ὁμιλίαν δυσχεραίνοντας, καὶ τοσοῦτον διημαρτηκότας τοῦ τὰ βέλτιστα κρίνειν, ὥστε διὰ τοὺς λυμαινομένους τῷ πράγματι καὶ πρὸς τοὺς μετὰ σωφροσύνης πλησιάζειν ἀξιούοντας δυσκόλως διακειμένους, ἡγησάμην τοὺς μὲν τοιοῦτους οὐ μόνον αὐτοῖς ἀλυσιτελῶς ἔχειν, ἀλλὰ καὶ τοῖς ἄλλοις μοχθηρὰς συνηθείας ἐνεργάζεσθαι, [4] τοῖς δὲ καλῶς φρονοῦσιν οὐκ ἐπακολουθητέον εἶναι τῇ τούτων ἀπονοίᾳ, μάλιστα μὲν ἐνθυμουμένοις, ὅτι τῶν πραγμάτων οὔτε καλῶν οὔτ' αἰσχυρῶν ἀποτόμως ὄντων, ἀλλὰ παρὰ τοὺς χρωμένους τὸ πλεῖστον διαλλαπτόντων, ἄλογον μῖα γνώμη περὶ ἀμφοτέρων χρῆσθαι, ἐπειθ' ὅτι πάντων ἀτοπώτατόν ἐστιν, ζηλοῦν μὲν τοὺς πλείστους φίλους καὶ βεβαιοτάτους ἔχοντας, ἀποδοκιμάζειν δὲ τοὺς ἐραστὰς, ὃ μόνον ἴδιον ἔθνος οὐχ ἅπασιν ἀλλὰ τοῖς καλοῖς καὶ σώφροσιν οἰκειοῦσθαι πέφυκεν.

eu não lhe fale demais sobre o discurso e nem exponha minhas próprias opiniões sobre essas questões, e preste atenção, pois você já vai ouvir o discurso, visto que a pessoa que eu queria que o ouvisse, Epícrates, acaba de chegar.

[3] Tendo em vista que alguns dos que são amados e aqueles que têm sua cota de beleza não fazem uso de nenhum desses atributos corretamente — em vez disso se vangloriam da aparência nobre de suas compleições e mal toleram a companhia de seus amantes, além de falharem tão miseravelmente em julgar o que é certo que, por causa daqueles que corrompem essa relação, é certo que dificilmente se encontrem bem dispostos em relação aos que são sensatos e que concentem em se associarem a eles —, tendo isso em vista, cheguei à conclusão de que homens desse tipo não só são nocivos a si mesmos, como também produzem maus costumes nos outros, [4] ao passo que os sensatos não devem se inspirar na insensatez deles, principalmente se considerarmos que, em primeiro lugar — já que essas relações não são simplesmente ou nobres ou vergonhosas, mas na verdade diferem umas das outras na maioria das vezes a depender dos envolvidos —, entregar-se a uma só opinião sobre ambas as situações é ilógico e que, em segundo lugar, é a coisa mais estranha de todas procurar admirar aqueles que têm o maior número de amizades verdadeiras e ao mesmo tempo rejeitam seus amantes, os quais por si só são um grupo particular que não estreita laços de amizade com qualquer um, mas somente com os nobres e prudentes.

[5] Ἔτι δὲ τοῖς μὲν μηδεμίαν ποιοαύτην φιλίαν ἑορακόσιν καλῶς ἀποβᾶσαν, ἢ σφόδρα κατεγνωκόσιν αὐτῶν ὡς οὐκ ἂν δυνηθεῖεν σωφρόνως τοῖς ἐντυγχάνουσιν ὀμιλεῖν, ἴσως οὐκ ἄλογον ταύτην ἔχειν τὴν διάνοιαν· τοῖς δ' ὥσπερ σὺ διακειμένοις, καὶ μήτε παντάπασις ἀνηκόοις οὓσιν ὅσαι δὴ χρεῖται δι' ἔρωτος χωρὶς αἰσχύνης ηὔξηθησαν, καὶ μετὰ τῆς ἀκριβεστάτης εὐλαβείας τὸν ἄλλον χρόνον βεβιωκόσιν, οὐδ' ὑποψίαν ἔχειν εὐλογον ὡς ἂν τι πράξειαν αἰσχροῦ. [6] διὸ δὴ καὶ μᾶλλον ἐπήρθην τοῦτον γράψαι τὸν λόγον, ἡγούμενος δυοῖν τοῖν καλλίστοις οὐ διαμαρτήσεσθαι. τὰ μὲν γὰρ ὑπάρχοντά σοι ἀγαθὰ διελθῶν, ἅμα σέ τε ζηλωτὸν καὶ ἑμαυτὸν οὐκ ἀνόητον ἐπιδείξειν ἐλπίζω, εἴ σε τοιοῦτον ὄντ' ἀγαπῶ· συμβουλεύσας δ' ἂ μάλιστα κατεπεῖγει, νομίζω τῆς μὲν εὐνοίας τῆς ἐμῆς δεῖγμα, τῆς δὲ κοινῆς φιλίας ἀφορμὴν ἀμφοτέροις εἰσοίσειν.

[7] Καίτοι μ' οὐ λέληθεν, ὅτι χαλεπὸν μὲν ἐστὶν καὶ τὴν σὴν φύσιν ἀξίως τῶν ὑπαρχόντων διελεῖν, ἔτι δ' ἐπικινδυνότερον τὸ συμβουλεύειν μέλλονθ' αὐτὸν ὑπεύθυνον τῷ πεισθέντι καταστῆσαι. ἀλλὰ νομίζω τοῖς μὲν δικαίως ἐγκωμίων τυγχάνουσιν περιγενέσθαι τῆς τῶν ἐπαινούμενων δυνάμεως προσήκειν τῇ τῆς ἀληθείας ὑπερβολῇ, τῆς δὲ συμβουλῆς οὐ διαμαρτήσεσθαι, συνειδῶς ὅτι διὰ μὲν ἀνοήτων καὶ παντελῶς ὑπ' ἀκρασίας διεφθαρμένων οὐδὲ τῶν καθ' ὑπερβολὴν

[5] Além disso, para aqueles que nunca viram nenhuma amizade desse tipo dar certo ou que pensam veementemente que eles próprios não seriam capazes de estar na companhia, de maneira sensata, de conhecidos, talvez não seja ilógico refletir dessa maneira; já para aqueles, como você — que se encontram bem dispostos, que não são inteiramente ignorantes das vantagens que surgem por meio do amor sem qualquer tipo de vergonha, que vivem toda a vida segundo o mais rigoroso temor aos deuses —, talvez não seja nem mesmo plausível suspeitar que façam algo vergonhoso. [6] Justamente por causa disso, me senti ainda mais incitado a escrever este discurso, supondo que terei êxito em alcançar dois dos mais nobres objetivos. Por meio de uma exposição do estado atual das suas boas qualidades, espero poder ao mesmo tempo mostrar que você é digno de inveja e que eu mesmo não sou desprovido de razão se quero o bem de alguém como você; já por meio de uma recomendação sobre o que há de mais urgente, creio que eu deva introduzir uma amostra da minha simpatia por você e da origem da nossa amizade em comum.

[7] Entretanto, estou ciente de que também é difícil falar de modo digno sobre a natureza das suas boas qualidades e que é ainda mais arriscado oferecer conselhos, colocando a mim mesmo, assim, como responsável pelos que são persuadidos. Mas creio que seja importante que aqueles que merecidamente recebem elogios superem, em termos de capacidade, aqueles que lhes tecem elogios, por meio de superioridade da verdade — e eu terei êxito em meus conselhos, pois eu sei bem que nenhum conselho poderia ser emitido de maneira apropriada por idiotas, pelos que foram completamente arruinados pela intemperança, ou ainda por aqueles que foram devidamente aconselhados contra o excesso, e

ὀρθῶς βουλευθέντων οὐδὲν ἂν καλῶς ἐξενεχθείη, διὰ δὲ τῶν σωφρόνως καὶ καθαρῶς ζῆν αἰρουμένων οὐδὲ τὰ μετρίως ἐσκεμμένα διαμαρτάνεσθαι πέφυκεν.

[8] Τὰς μὲν οὖν ἐλπίδας ἔχων τοιαύτας ἐγχειρῶ τῷ λόγῳ· ἡγοῦμαι δὲ πάντας ἂν ὁμολογήσαι μοι, τοῖς τηλικούτοις μάλιστα κατεπείγειν κάλλος μὲν ἐπὶ τῆς ὄψεως, σωφροσύνην δ' ἐπὶ τῆς ψυχῆς, ἀνδρείαν δ' ἐπ' ἀμφοτέρων τούτων, χάριν δ' ἐπὶ τῶν λόγων διατελεῖν ἔχουσιν. ὧν τὰ μὲν τῆς φύσεως οὕτω καλῶς ἢ τύχη σοι παραδέδωκεν ὥστε περίβλεπτον καὶ θαυμαζόμενον διατελεῖν, τὰ δ' αὐτὸς παρὰ τὴν ἐπιμέλειαν εἰς τοῦτο προάγων ἦκεις ὥστε μηδὲν ἂν σοι τῶν εὖ φρονούντων ἐπιτιμῆσαι. [9] καίτοι τί χρὴ τὸν τῶν μεγίστων ἐπαίνων ἄξιον; οὐχ ὑπὸ μὲν τῶν θεῶν ἡγαπημένον φαίνεσθαι, παρὰ δὲ τοῖς ἀνθρώποις τὰ μὲν δι' αὐτόν, τὰ δὲ διὰ τὴν τύχην θαυμάζεσθαι; καθ' ὅλου μὲν τοίνυν τῶν ὑπαρχόντων σοι πρὸς ἀρετὴν ἴσως ὕστερον ἀρμόσει τὰ πλείω διελθεῖν· ἃ δ' ἐκάστου τούτων ἐγκώμι' εἰπεῖν ἔχω, ταῦτα δηλῶσαι πειράσομαι μετ' ἀληθείας.

[10] Ἄρξομαι δὲ πρῶτον ἐπαινεῖν, ὅπερ πρῶτον ἰδοῦσιν ἅπασιν ἔστι γνῶναί σου, τὸ κάλλος, καὶ τούτου τὸ χρῶμα, δι' οὗ καὶ τὰ μέλη καὶ ὅλον τὸ σῶμα φαίνεται. ὧ τίν' ἀρμόττουσαν εἰκόν' ἐνέγκω σκοπῶν οὐχ ὀρθῶ, ἀλλὰ παρίσταται μοι δεῖσθαι τῶν ἀναγνόντων τόνδε τὸν λόγον σὲ θεωρῆσαι καὶ ἰδεῖν, ἵνα συγγνώμης τύχω μηδὲν

que até mesmo conselhos pensados com prudência naturalmente têm êxito quando pronunciados pelos que escolheram viver uma vida moderada e íntegra.

[8] É com essas expectativas, portanto, que eu enfim adentro meu discurso. Acredito que todos concordariam comigo que é de grande importância que sobretudo jovens da sua idade sejam belos de aparência, sensatos de alma, viris em ambos esses aspectos e que consigam manter a graça em suas palavras. Dentre essas características, a sorte divina não só lhe conferiu dessa forma tão favorável essas qualidades naturais, a ponto de você sempre atrair olhares e admiração, como também você acaba elevando as suas demais qualidades a tal ponto que ninguém em bom juízo é capaz de condená-lo. [9] No entanto, que tipo de homem merece tamanhos elogios? Ele não deve ser claramente amado pelos deuses e, entre os homens, admirado tanto por causa de si mesmo como por sua sorte divina? Em suma, talvez seja mais apropriado falar sobre as suas muitas virtudes mais tarde — os elogios que tenho para fazer sobre cada uma dessas qualidades, porém, eu buscarei apresentar com sinceridade.

[10] Começarei, em primeiro lugar, exaltando justamente aquilo que possibilita a todos que o veem reconhecê-lo imediatamente: a sua beleza, assim como a cor da sua pele, por meio da qual tanto os seus membros como o seu corpo inteiro se destacam. Ao procurar pela imagem ideal que eu poderia trazer a título de comparação, não encontro nenhuma, mas me vem à cabeça a ideia de pedir àqueles que venham a ler esse discurso que o observem e o

ὅμοιον ἔχων εἶπεῖν. [11] τῷ γὰρ ἂν εἰκάσειέ τις, ὃ θνητὸν ὄν ἀθάνατον τοῖς ἰδοῦσιν ἐργάζεται πόθον, καὶ ὀρώμενον οὐκ ἀποπληροῖ, καὶ μεταστὰν μνημονεύεται, καὶ τὴν τῶν θεῶν ἀξίαν ἐπ' ἀνθρώπου φύσιν ἔχει, πρὸς μὲν τὴν εὐπρέπειαν ἀνθηρόν, πρὸς δὲ τὰς αἰτίας ἀνυπονόητον; ἀλλὰ μὴν οὐδὲ ταῦτ' ἔστιν αἰτιάσασθαι πρὸς τὴν σὴν ὄψιν, ἃ πολλοῖς ἄλλοις ἤδη συνέπεσε τῶν κάλλους μετασχόντων. [12] ἢ γὰρ δι' ἀρρυθμίαν τοῦ σχήματος ἅπασαν συνετάραξαν τὴν ὑπάρχουσαν εὐπρέπειαν, ἢ δι' ἀτύχημά τι καὶ τὰ καλῶς πεφυκότα συνδιέβαλον αὐτῷ. ὧν οὐδενὶ τὴν σὴν ὄψιν εὖροιμεν ἂν ἔνοχον γεγενημένην· οὕτω γὰρ σφόδρ' ἐφυλάξατο πάσας τὰς τοιαύτας κῆρας ὅστις ποτ' ἦν θεῶν ὁ τῆς σῆς ὄψεως προνοηθεῖς, ὥστε μηδὲν μέμψεως ἄξιον, τὰ δὲ πλεῖστα περίβλεπτά σου καταστήσαι. [13] καὶ μὲν δὴ καὶ τῶν ὀρωμένων ἐπιφανεστάτου μὲν ὄντος τοῦ προσώπου, τούτου δ' αὐτοῦ τῶν ὀμμάτων, ἔτι μᾶλλον ἐν τούτοις ἐπεδείξατο τὴν εὐνοίαν ἣν εἶχεν εἰς σὲ τὸ δαιμόνιον. οὐ γὰρ μόνον πρὸς τὸ τὰ κατεπείγονθ' ὄρᾱν αὐτάρκη παρέσχηται, ἀλλ' ἐνίων οὐδ' ἐκ τῶν πραττομένων γινωσκομένης τῆς ἀρετῆς, σοῦ διὰ τῶν τῆς ὄψεως σημείων τὰ κάλλιστα τῶν ἠθῶν ἐνεφάνισε, πρᾶον μὲν καὶ φιλόανθρωπον τοῖς ὀρώσιν, μεγαλοπρεπῆ δὲ καὶ σεμνὸν τοῖς ὀμιλοῦσιν, ἀνδρεῖον δὲ καὶ σῶφρονα πᾶσιν ἐπιδείξας.

vejam eles mesmos, a fim de que eu seja perdoado por não conseguir citar nenhum símile adequado. [11] Pois ao que nós poderíamos comparar um mortal que produz naqueles que o veem um desejo imortal, cuja visão nunca satisfaz, que ao sumir é lembrado, que mesmo humano tem uma natureza digna dos deuses, de uma aparência exuberante e reputação incontestável? Na verdade, nem mesmo as críticas que recaíram no passado sobre muitos outros que compartilham da sua beleza podem ser feitas em relação à sua compleição. [12] Pois foi ou uma fisionomia desproporcional que desestruturou por completo suas aparências ou alguma adversidade que desprestigiou suas belezas naturais. Sua aparência nunca seria vista sendo afetada por nenhuma das duas possibilidades — pois quem quer que tenha sido aquele entre os deuses que proporcionou a sua compleição manteve-se tão alerta contra todos esses tipos de defeitos que hoje você não merece censura alguma, além de a sua aparência ser a mais admirada de todas. [13] E, naturalmente, uma vez que o rosto é também a parte mais visível do seu semblante — e os olhos a parte mais visível do próprio rosto —, o nune exibiu ainda mais nos seus olhos a simpatia que ele tinha por você. Pois ele não só lhe forneceu o suficiente para poder enxergar o que há de mais urgente, como também, já que a excelência de alguns não é reconhecida a partir dos seus feitos, ele fez visível por meio das qualidades da sua compleição as partes mais nobres do seu caráter, demonstrando aos que o veem que você é gentil e benevolente, aos que convivem com você que você é magnífico e venerável, e a todos que você é viril e prudente.

[14] Ὁ καὶ μάλιστ' ἂν τις θαυμάσειεν· τῶν γὰρ ἄλλων ἐπὶ μὲν τῆς πραότητος ταπεινῶν, ἐπὶ δὲ τῆς σεμνότητος αὐθαδῶν ὑπολαμβανομένων, καὶ διὰ μὲν τὴν ἀνδρείαν θρασυτέρων, διὰ δὲ τὴν ἡσυχίαν ἀβελτέρων εἶναι δοκοῦντων, τοσαύτας ὑπεναντιώσεις πρὸς ἄλληλα λαβοῦσ' ἢ τύχη πρὸς τὸ δέον ἅπανθ' ὁμολογοῦμεν' ἀπέδωκεν, ὥσπερ εὐχὴν ἐπιτελοῦσα, ἢ παράδειγμα τοῖς ἄλλοις ὑποδείξει βουληθεῖσα, ἀλλ' οὐ θνητὴν, ὡς εἶθιστο, φύσιν συνιστᾶσα.

[15] Εἰ μὲν οὖν οἷόν τ' ἦν ἐφικέσθαι τῷ λόγῳ τοῦ κάλλους τοῦ σοῦ, ἢ τοῦτ' ἦν μόνον τῶν σῶν ἀξιέπαινον, οὐδὲν ἂν παραλιπεῖν ὠόμεθα δεῖν ἐπαινοῦντες τῶν προσόντων σοι· νῦν δὲ δέδοικα μὴ πρὸς τε τὰ λοιπὰ ἀπειρηκόσι χρῆσώμεθα τοῖς ἀκροαταῖς, καὶ περὶ τούτου μάτην τερθρευώμεθα. [16] πῶς γὰρ ἂν τις ὑπερβάλῃ τῷ λόγῳ τὴν σὴν ὄψιν, ἧς μηδ' ἂ τέχνη πεποιήται τῶν ἔργων τοῖς ἀρίστοις δημιουργοῖς δύναται ὑπερτεῖναι; καὶ θαυμαστὸν οὐδέν· τὰ μὲν γὰρ ἀκίνητον ἔχει τὴν θεωρίαν, ὥστ' ἄδηλον εἶναι τί ποτ' ἂν ψυχῆς μετασχόντα φανείη, σοῦ δὲ τὸ τῆς γνώμης ἦθος ἐν πᾶσιν οἷς ποιεῖς μεγάλην εὐπρέπειαν ἐπαυξάνει τῷ σώματι. περὶ μὲν οὖν τοῦ κάλλους πολλὰ παραλιπών, τοσαῦτ' ἐπαινέσαι ἔχω.

[17] Περὶ δὲ τῆς σωφροσύνης κάλλιστον μὲν τοῦτ' ἔχοιμ' ἂν εἰπεῖν, ὅτι τῆς ἡλικίας τῆς τοιαύτης εὐδιαβόλως ἐχούσης, σοὶ

[14] E o que causaria bastante admiração é o seguinte: embora outros homens sejam considerados vis por causa de sua amabilidade e arrogantes por causa de sua brio, além de aparentarem ser intrépidos devido à sua coragem e tolos devido à sua calma, a sorte divina, tomando qualidades tão opostas umas às outras, fez com que todas elas, conforme o necessário, se harmonizassem umas com as outras, como se ela estivesse realizando um pedido ou quisesse apresentar um modelo aos demais, mas produzindo, como é de costume, uma alma não mortal.

[15] Portanto, se fosse possível descrever sua beleza por meio de palavras ou se somente essa, dentre todas as suas qualidades, fosse digna de elogio, acreditaríamos que não seria necessário omitir elogios a nenhum dos seus atributos; mas, nas atuais condições, temo que nós abusaríamos dos nossos ouvintes com o resto do que temos a dizer e que também estaríamos mentindo em vão acerca dessa questão. [16] Pois como alguém poderia cometer exageros na descrição da sua compleição, sendo que nem obras de arte produzidas pelos mais hábeis artifices são capazes de superar tal beleza? Não é de se admirar: essas obras de arte são espetáculos imóveis, a ponto de não se ter certeza com o que elas se pareceriam caso compartilhassem de uma alma — mas, em tudo o que você faz, o caráter do seu pensamento valoriza a aparência esbelta do seu corpo. Omitindo, portanto, muitas outras qualidades acerca da sua beleza, eu me limito a esse tanto de elogios.

[17] Quanto à sua temperança, certamente eu ainda teria o mais belo dos argumentos para citar: que, embora seja fácil

μᾶλλον ἐπαινέσθαι συμβέβηκεν. οὐ γὰρ μόνον οὐδὲν ἐξαμαρτάνειν, ἀλλὰ καὶ φρονιμώτερον ἢ κατὰ τὴν ὥραν ζῆν προήρησαι. καὶ τούτου μέγιστον τεκμήριον ἢ πρὸς τοὺς ἀνθρώπους ὁμιλία· πολλῶν γὰρ ἐντυγχανόντων σοι καὶ παντοδαπὰς φύσεις ἔχόντων, ἔτι δὲ προσαγομένων ἀπάντων ἐπὶ τὰς ἑαυτῶν συνηθείας, οὕτω καλῶς προέστης τῶν τοιούτων ὥστε πάντας τὴν πρὸς σὲ φιλίαν ἠγαπηκότας ἔχειν. [18] ὁ σημεῖον τῶν ἐνδόξως καὶ φιλανθρώπως ζῆν προαιρουμένων ἐστίν. καίτοι τινὲς ηὐδοκίμησαν ἤδη τῶν τε συμβουλευσάντων ὡς οὐ χρὴ τὰς τῶν τυχόντων ὁμιλίας προσδέχεσθαι, καὶ τῶν πεισθέντων τούτοις· ἢ γὰρ πρὸς χάριν ὁμιλοῦντα τοῖς φαύλοις ἀναγκαῖον εἶναι διαβάλλεσθαι παρὰ τοῖς πολλοῖς, ἢ διευλαβούμενον τὰς τοιαύτας ἐπιπλήξεις ὑπ' αὐτῶν τῶν ἐντυγχανόντων δυσχεραίνεσθαι συμπίπτειν. [19] ἐγὼ δὲ διὰ τοῦτο καὶ μᾶλλον οἶμαί σε δεῖν ἐγκωμιάζειν, ὅτι τῶν ἄλλων ἐν τι τῶν ἀδυνάτων οἰομένων εἶναι τὸ τοῖς ἀπάντων τρόποις ἀρέσκειν, σὺ τοσοῦτο τούτων διήνεγκας ὥστε τῶν χαλεπῶν καὶ δυσκόλων ἀπάντων περιγεγενῆσθαι, τοῦ μὲν συνεξαμαρτάνειν τισὶν οὐδ' ὑποψίαν ἐνδοῦς τοῖς ἄλλοις, τῆς δὲ πρὸς αὐτοὺς δυσχερείας τῆ τῶν τρόπων εὐαρμοστίᾳ κρατήσας.

[20] Πρὸς τοίνυν τοὺς ἐραστάς, εἰ χρὴ καὶ περὶ τούτων εἰπεῖν, οὕτω καλῶς μοι

considerar jovens da sua idade de maneira negativa, ser elogiado lhe cai muito bem. Pois você tem se comprometido não só a não cometer erros, como também a viver sua vida com muito mais prudência do que é de se esperar daqueles na sua faixa etária. E a maior prova disso é a sua relação com outros homens; pois, embora muitos desses homens se aproximem de você e revelem as mais variadas naturezas e, ainda, embora todos eles o instiguem a se deitar com eles, você se encontra em um nível tão acima desse tipo de homem que todos se satisfazem com a sua amizade. [18] Esse é um sinal daqueles que se propõem a viver suas vidas de forma ilustre e gentil. Na verdade, dentre aqueles que aconselhavam contra a necessidade de se aceitar a companhia de qualquer um, assim como dentre aqueles que acataram tal conselho, alguns foram bem estimados no passado; pois se faz necessário ou fazer as vontades de homens imorais e ser atacado pela maioria ou, cuidando de evitar esse tipo de censura, acontecer de ser odiado por esses mesmos conhecidos. [19] Mas eu mesmo penso que você deveria ser exaltado ainda mais por causa disso, porque, embora outras pessoas achem que seja impossível agradar todos os tipos de homem, você foi tão além que se tornou melhor que todos os insuportáveis e rabugentos, não dando motivo algum para qualquer suspeita de estar cometendo erros ao lado deles e controlando seu desgosto em relação a eles por meio da afabilidade dos seus modos.

[20] Quanto aos seus amantes, aliás — se é que é necessário falarmos deles —, você

δοκεῖς καὶ σωφρόνως ὀμιλεῖν, ὥστε τῶν πλείστων οὐδ' ὄν ἄν προέλονται μετρίως ἐνεγκεῖν δυναμένων, σοὶ πᾶσιν καθ' ὑπερβολὴν ἀρέσκειν συμβέβηκεν. ὁ τῆς σῆς ἀρετῆς σημεῖον ἐναργέστατόν ἐστιν. ὧν μὲν γὰρ δίκαιον καὶ καλόν, οὐδεὶς ἄμοιρος αὐτῶν παρὰ σοῦ καθέστηκεν· ἃ δ' εἰς αἰσχύνην ἤκει, τούτων οὐδ' εἰς ἐλπίδ' οὐδεὶς ἔρχεται· τοσαύτην τοῖς μὲν τῶν βελτίστων ὀρεγομένοις ἐξουσίαν, τοῖς δ' ἀποθρασύνεσθαι βουλομένοις ἀτολμίαν ἢ σὴ σωφροσύνη παρεσκεύακεν. [21] ἔτι τοίνυν τῶν πλείστων ἐκ τῆς σιωπῆς, ὅταν ὧσι νέοι, τὴν τῆς σωφροσύνης δόξαν θηρωμένων, σὺ τοσοῦτον τῆ φύσει διενήνοχας ὥστ' ἐξ ὧν λέγεις καὶ ὀμιλεῖς τοῖς ἐντυγχάνουσι μηδὲν ἐλάττω τὴν περὶ σεαυτὸν εὐδοξίαν ἢ διὰ πάντα τὰ λοιπὰ πεποιῆσθαι· τοσαύτη πειθὴ καὶ χάρις καὶ ἐν οἷς σπουδάξεις ἐστὶ σου καὶ ἐν οἷς παίζεις· καὶ γὰρ εὐθήτης ἀναμαρτήτως, καὶ δεινὸς οὐ κακοήθως, καὶ φιλόανθρωπος ἐλευθερίως, καὶ τὸ σύνολον τοιοῦτος εἶ, οἷος ἄν ἐξ Ἀρετῆς υἱὸς Ἔρωτι γένοιτο.

[22] Τὴν τοίνυν ἀνδρείαν—οὐδὲ γὰρ τοῦτ' ἄξιόν ἐστι παραλιπεῖν, οὐχ ὡς οὐ πολλὴν ἐπίδοσιν ἐχούσης ἔτι τῆς σῆς φύσεως, καὶ τοῦ μέλλοντος χρόνου πλείους ἀφορμὰς παραδώσοντος λόγων τοῖς ἐπαινεῖν σε βουλομένοις, ἀλλ' ὡς καλλίστων ὄντων τῶν μετὰ ταύτης τῆς ἡλικίας ἐπαίνων, ἐν ἧ τὸ μηδὲν ἐξαμαρτάνειν τοῖς ἄλλοις εὐκτόν ἐστι—σοῦ

me parece se relacionar com eles de maneira tão nobre e temperante que, embora a maioria deles não seja nem capaz de tratar com moderação aqueles que eles tenham escolhido, é uma característica sua agradar a todos enormemente. Isso é o sinal mais evidente da sua excelência. Pois nenhum deles se vê sem sua parte de ações justas e nobres vindas de você; ninguém sequer chega a ter esperança de receber de você qualquer coisa que lhe traga vergonha, tamanha é a autoridade que a sua temperança produz sobre aqueles que anseiam pelo que há de melhor e tamanho é o desencorajamento que ela causa naqueles que desejam ser mais ousados. [21] Ademais, ainda que a maioria deles, quando são jovens, procure alcançar a boa reputação que advém da temperança por meio do silêncio, você os supera de tal maneira em termos de qualidades naturais que você produz uma boa reputação sobre si mesmo não menos a partir das coisas que você fala e das relações que você mantém com conhecidos do que por meio de todas as suas outras qualidades — tão grandes são o seu talento para persuasão e a sua graça, seja quando você está sério ou quando você está brincando. Pois você é ingênuo sem fazer o mal, inteligente sem ser maldoso, afável sem deixar de ser independente e, levando tudo em consideração, você é tal como seria um filho nascido da própria Excelência com Eros.

[22] Agora, quanto à sua coragem — pois ela também não merece ser deixada de lado, não porque a sua natureza ainda não tenha potencial para grandes desenvolvimentos ou porque o futuro não fornecerá mais pretextos para aqueles que desejem elogiá-lo por meio de discursos, mas sim porque elogios são muito mais nobres na sua idade, quando não cometer erros é o desejado pelos demais —, com certeza alguém

δ' ἐπὶ πολλῶν μὲν ἂν τις καὶ ἐτέρων τὴν ἀνδρείαν διέλθοι, μάλιστα δ' ἐπὶ τῆς ἀσκήσεως, ἧς καὶ πλείστοι γεγένηται μάρτυρες. [23] ἀνάγκη δ' ἴσως πρῶτον εἰπεῖν, ταύτην τὴν ἀγωνίαν ὡς καλῶς προείλου. τὸ γὰρ ὀρθῶς, ὅτι πρακτέον ἐστί, νέον ὄντα δοκιμάσαι, καὶ ψυχῆς ἀγαθῆς καὶ γνώμης φρονίμου κοινόν ἐστι σημεῖον· δι' ὧν οὐδέτερον παραλιπεῖν ἄξιον τὸν τῆς προαιρέσεως ἔπαινον.

Συνειδῶς τοίνυν τῶν μὲν ἄλλων ἀθλημάτων καὶ δούλους καὶ ξένους μετέχοντας, τοῦ δ' ἀποβαίνειν μόνοις μὲν τοῖς πολίταις ἐξουσίαν οὔσαν, ἐφιεμένους δὲ τοὺς βελτίστους, οὕτως ἐπὶ τοῦτον τὸν ἀγῶν' ὄρμησας. [24] ἔτι δὲ κρίνων τοὺς μὲν τὰ δρομικὰ γυμναζομένους οὐδὲν πρὸς ἀνδρείαν οὐδ' εὐψυχίαν ἐπιδιδόναι, τοὺς δὲ τὴν πυγμὴν καὶ τὰ τοιαῦτ' ἀσκήσαντας πρὸς τῷ σώματι καὶ τὴν γνώμην διαφθείρεσθαι, τὸ σεμνότατον καὶ κάλλιστον τῶν ἀγωνισμάτων καὶ μάλιστα πρὸς τὴν σεαυτοῦ φύσιν ἀρμόττον ἐξελέξω, τῇ μὲν συνηθείᾳ τῶν ὄπλων καὶ τῇ τῶν δρόμων φιλοπονίᾳ τοῖς ἐν τῷ πολέμῳ συμβαίνουσιν ὁμοιωμένον, τῇ δὲ μεγαλοπρεπείᾳ καὶ τῇ σεμνότητι τῆς παρασκευῆς πρὸς τὴν τῶν θεῶν δύναμιν εἰκασμένον, [25] πρὸς δὲ τούτοις ἡδίστην μὲν θέαν ἔχον, ἐκ πλείστων δὲ καὶ παντοδαπῶν συγκείμενον, μεγίστων δ' ἄθλων ἠξιωμένον· πρὸς γὰρ τοῖς τιθεμένοις τὸ γυμνασθῆναι καὶ μελετῆσαι τοιαῦτα, οὐ

narraria sobre a sua coragem em razão de muitas outras questões, principalmente em razão do seu exercícios físicos, dos quais muitas pessoas são testemunhas. [23] Mas talvez seja necessário que eu fale primeiro sobre como você escolheu essa modalidade de exercício físico. Pois, quando jovem, reconhecer corretamente o certo a se fazer é um sinal bem conhecido de uma alma nobre e de um juízo prudente; graças a ambas essas qualidades, não é justo deixarmos de elogiar escolhas em relação ao seu comportamento.

Portanto, ciente de que tanto escravos como estrangeiros podem participar de outros esportes e que a permissão para participar das competições de desmonte só é dada a cidadãos — modalidade cobiçada pelos melhores —, você então se lançou nessa competição. [24] E julgando, ainda, que aqueles que treinam para corridas não contribuem nem para a própria coragem nem para a magnanimidade, ao passo que aqueles que praticam a luta corpo-a-corpo e outros esportes afins destroem o corpo e a mente, você escolheu a mais nobre e venerável das competições atléticas e a mais condizente com a sua natureza, uma competição que, por meio da sua familiaridade com as armas e da sua dedicação às corridas, se compara aos triunfos da guerra; que, por meio da magnificência e da dignidade dos equipamentos, se assemelha ao vigor dos deuses; [25] que, além de tudo isso, oferece o mais prazeroso dos espetáculos; e que é composta pelos mais variados aspectos e que é premiada com os melhores prêmios — pois, além dos prêmios, o próprio treino e dedicação a tais eventos não se mostrará um prêmio

μικρὸν ἄθλον προφανήσεται τοῖς καὶ μετρίως ἀρετῆς ἐφιεμένοις. τεκμήριον δὲ μέγιστον ἂν τις ποιήσαιτο τὴν Ὀμήρου ποίησιν, ἐν ἧ καὶ τοὺς Ἑλληνας καὶ τοὺς βαρβάρους μετὰ τοιαύτης παρασκευῆς πολεμήσαντας πεποίηκεν ἀλλήλοις· ἔτι δὲ καὶ νῦν τῶν πόλεων τῶν Ἑλληνίδων οὐ ταῖς ταπεινοτάταις, ἀλλὰ ταῖς μεγίσταις ἐν τοῖς ἀγῶσι χρῆσθαι σύνηθές ἐστιν.

[26] Ἡ μὲν οὖν προαίρεσις οὕτω καλὴ καὶ παρὰ πᾶσιν ἀνθρώποις ἠγαπημένη· νομίζων δ' οὐδὲν εἶναι προὔργου τῶν σπουδαιοτάτων ἐπιθυμεῖν, οὐδὲ καλῶς πρὸς ἅπαντα πεφυκέναι τὸ σῶμα, μὴ τῆς ψυχῆς φιλοτίμως παρεσκευασμένης, τὴν μὲν φιλοπονίαν εὐθέως ἐν τοῖς γυμνασίοις ἐπιδειξάμενος οὐδ' ἐν τοῖς ἔργοις ἐψεύσω, τὴν δ' ἄλλην ἐπιφάνειαν τῆς σαυτοῦ φύσεως καὶ τὴν τῆς ψυχῆς ἀνδρείαν ἐν τοῖς ἀγῶσι μάλιστ' ἐνεδείξω. [27] περὶ ὧν ὀκνῶ μὲν ἄρξασθαι λέγειν, μὴ λειφθῶ τῷ λόγῳ τῶν τότε γεγενημένων, ὅμως δ' οὐ παραλείψω· καὶ γὰρ αἰσχρὸν, ἂ θεωροῦντας ἡμᾶς εὐφραίνει, ταῦτ' ἀπαγγεῖλαι μὴ θέλειν.

Ἄπαντας μὲν οὖν εἰ διεξιόην τοὺς ἀγῶνας, ἴσως ἂν ἄκαιρον μῆκος ἡμῖν ἐπιγένοιτο τῷ λόγῳ· ἐνὸς δ', ἐν ᾧ πολὺ διήνεγκας, μνησθεῖς ταῦτά τε δηλώσω καὶ τῇ τῶν ἀκουόντων δυνάμει συμμετρώτερον φανήσομαι χρώμενος. [28] τῶν γὰρ ζευγῶν ἀφεθέντων, καὶ τῶν μὲν προορμησάντων, τῶν δ' ὑφηριοχομένων, ἀμφοτέρων

pequeno aos olhos daqueles que cobiçam, com moderação, a excelência. Poderíamos fazer da poesia de Homero o maior testemunho disso, por meio da qual o poeta apresenta os gregos e os bárbaros lutando uns contra os outros com equipamentos como esses; e ainda hoje é costume — não das cidades gregas mais humildes, mas sim das melhores — fazer uso desses equipamentos em competições atléticas.

[26] A sua escolha, portanto, é desse modo nobre e bem acolhida por todo mundo — e considerando que não é conveniente, quando a sua alma não tiver sido preparada com ambição, desejar o mais oneroso nem nascer com um corpo naturalmente belo em todos os sentidos, você, demonstrando sem hesitação a sua dedicação aos exercícios físicos, não desapontou na hora da verdade e, acima de tudo, evidenciou toda a distinção da sua própria natureza e a coragem da sua alma nas disputas. [27] Quanto a isso, eu hesito em começar a falar, com medo de que eu seja incapaz de discorrer sobre esses acontecimentos passados com o meu discurso, o que, todavia, não vou deixar de lado — pois também seria uma pena não querer relatar o que nos encanta enquanto espectadores.

Portanto, se eu fosse detalhar todas as competições das quais você participou, talvez um delongamento inoportuno recairia sobre esse discurso na opinião de vocês; no entanto, lembrando um único exemplo de quando você realmente se sobressaiu, atingirei o mesmo objetivo ao mesmo tempo em que ficará evidente que estou fazendo uso da paciência dos ouvintes de maneira mais apropriada. [28] Pois depois de as duplas darem a largada, com umas pegando a

περιγεγόμενος, ὡς ἑκατέρων προσῆκε, τὴν νίκην ἔλαβες, τοιοῦτου στεφάνου τυχῶν, ἐφ' ᾧ, καίπερ καλοῦ τοῦ νικᾶν ὄντος, κάλλιον ἐδόκει καὶ παραλογώτερον εἶναι τὸ σωθῆναι. φερομένου γὰρ ἐναντίου μὲν σοι τοῦ τῶν ἀντιπάλων ἄρματος, ἀπάντων δ' ἀνυπόστατον οἰομένων εἶναι τὴν τῶν ἵππων δύναμιν, ὀρῶν αὐτῶν ἐνίους καὶ μηδενὸς δεινοῦ παρόντος ὑπερηγωνιακότας, οὐχ ὅπως ἐξεπλάγης ἢ κατεδειλίασας, ἀλλὰ τῇ μὲν ἀνδρεία καὶ τῆς τοῦ ζεύγους ὀρμῆς κρείττων ἐγένου, τῷ δὲ τάχει καὶ τοὺς διητυχηκότας τῶν ἀνταγωνιστῶν παρῆλθες. [29] καὶ γὰρ τοι τοσοῦτον μετήλλαξας τῶν ἀνθρώπων τὰς διανοίας ὥστε, πολλῶν θρυλούντων ὡς ἐν τοῖς ἵππικοῖς ἀγῶσιν ἡδίστην θεῶν παρέχεται τὰ ναυαγοῦντα, καὶ δοκούντων ἀληθῆ ταῦτα λέγειν, ἐπὶ σοῦ τούναντίον τοὺς θεατὰς φοβεῖσθαι πάντας μὴ τι συμπέση τοιοῦτον περὶ σέ· τοσαύτην εὐνοίαν καὶ φιλονικίαν ἢ σὴ φύσις αὐτοῖς παρέσχευ.

[30] Εἰκότως· καλὸν μὲν γὰρ καὶ τὸ καθ' ἐν τι περιβλεπτον γενέσθαι, πολὺ δὲ κάλλιον τὸ πάντα περιλαβεῖν ἐφ' οἷς ἂν τις νοῦν ἔχων φιλοτιμηθεῖη. δῆλον δ' ἐκεῖθεν· εὐρήσομεν γὰρ Αἰακὸν μὲν καὶ Ῥαδάμανθυν διὰ σωφροσύνην, Ἡρακλέα δὲ καὶ Κάστορα καὶ Πολυδεύκην δι' ἀνδρείαν, Γανυμήδην δὲ καὶ Ἄδωνιν καὶ ἄλλους τοιοῦτους διὰ κάλλος ὑπὸ θεῶν ἀγαπηθέντας. ὥστ' ἔγωγ' οὐ θαυμάζω τῶν ἐπιθυμούντων τῆς σῆς φιλίας, ἀλλὰ τῶν μὴ

liderança e outras sendo guiadas, você, ultrapassando ambos os grupos da maneira que convinha a cada um deles, alcançou a vitória, obtendo aquela coroa de tal maneira que, embora a sua vitória por si só já tivesse sido linda, o fato de você ter sobrevivido parece ainda mais nobre e surpreendente. Pois quando a quadriga dos seus adversários estava vindo a todo vapor para cima de você, quadriga cuja força dos cavalos todos pensavam ser avassaladora, você — vendo que alguns desses mesmos adversários, embora não houvesse nenhum perigo iminente, estavam extremamente ansiosos — não se atordoou ou ficou paralisado de medo, mas sim, graças à sua coragem, recobrou o ímpeto da sua dupla com a sua força e, graças à sua velocidade, ultrapassou até mesmo os adversários que não tiveram problemas. [29] Pois com certeza você alterou de tal maneira o raciocínio desses homens que — embora muitos repitam sem cessar que em competições hípicas os capotamentos produzem um espetáculo prazeroso, e talvez eles até falem a verdade — todos os espectadores, muito pelo contrário em se tratando de você, temiam que algo assim acontecesse com você: tamanhos são os sentimentos de simpatia e amor à vitória que a sua natureza produziu neles.

[30] E com razão: pois é nobre se tornar reconhecido por uma única qualidade, mas é muito mais nobre incluir também todas as qualidades das quais uma pessoa inteligente teria orgulho. Os seguintes argumentos deixarão isso mais claro: pois veremos que Éaco e Radamanto eram bem quistos pelos deuses devido à sua temperança; Castor e Pólux, devido à sua coragem; Ganimedes, Adônis e outros como eles, devido à sua beleza. Tanto que eu mesmo não me surpreendo com aqueles que desejam a sua amizade, mas sim com aqueles que não estão

τοῦτον τὸν τρόπον διακειμένων· ὅπου γὰρ ἐνὸς ἐκάστου τῶν προειρημένων μετασχόντες τινὲς τῆς τῶν θεῶν ὁμιλίας ἠξιώθησαν, ἧ̃ που τοῦ γ' ἀπάντων κυρίου καταστάντος εὐκτὸν θνητῶ φύντι φίλον γενέσθαι. [31] δίκαιον μὲν οὖν καὶ πατέρα καὶ μητέρα καὶ τοὺς ἄλλους οἰκείους τοὺς σοὺς ζηλοῦσθαι, τοσοῦτον ὑπερέχοντος σοῦ τῶν ἡλικιωτῶν ἀρετῆ, πολὺ δὲ μᾶλλον οὐς σὺ ὁ τῶν τηλικούτων ἀγαθῶν ἠξιωμένος σαυτοῦ προκρίνας ἀξιούς εἶναι φίλους ἐξ ἀπάντων αἰρή. τοὺς μὲν γὰρ ἡ τύχη σοι μετόχους κατέστησε, τοὺς δ' ἡ σφετέρα καλοκάγαθία προσσυνέστησεν· [32] οὐς οὐκ οἶδα πότερον ἐραστὰς ἢ μόνους ὀρθῶς γινώσκοντας προσαγορεῦσαι χρή. δοκεῖ γάρ μοι καὶ κατ' ἀρχὰς ἡ τύχη, τῶν μὲν φαύλων καταφρονοῦσα, τὰς δὲ τῶν σπουδαίων ἀνδρῶν διανοίας ἐρεθίσει βουλευθεῖσα, τὴν σὴν φύσιν οὐ πρὸς ἡδονὴν ἐξαπατηθῆναι καλὴν ποιῆσαι, ἀλλὰ πρὸς ἀρετὴν εὐδαιμονῆσαι χρήσιμον.

[33] Πολλὰ δ' ἔχων ἔτι περὶ σοῦ διελεῖν, αὐτοῦ καταλύσειν μοι δοκῶ τὸν ἔπαινον, δεδιῶς μὴ καθ' ὑπερβολὴν τῆς ἀνθρωπίνης φύσεως ὑπὲρ σοῦ διαλέγεσθαι δόξω· τοσοῦτον γὰρ ὡς ἔοικεν ἡ τῶν λόγων δύναμις ἔλαττον ἔχει τῆς ὄψεως ὥστε, τοῖς μὲν ὀρατοῖς οὐδεὶς ἀπιστεῖν ἀξιοῖ, τοὺς δὲ τούτων ἐπαίνους οὐδ' ἂν ἐλλείπωσιν ἀληθεῖς εἶναι νομίζουσιν. [34] πανσάμενος οὖν περὶ τούτων, ἤδη πειράσομαί σοι

dispostos a seguir esse caminho — pois quando alguns dos homens que compartilham de cada uma das qualidades que acabei de mencionar foram considerados dignos da companhia dos deuses, com certeza qualquer mortal desejaria se tornar de algum modo amigo de alguém que tenha todas essas qualidades. [31] Portanto, é justo que seu pai, sua mãe e todos os seus outros familiares sejam invejados quando você supera de tal maneira em termos de excelência outros jovens da sua faixa etária, e ainda mais aqueles a quem você, que considera a si mesmo digno de tão grandes qualidades, escolheu entre todos os demais após julgá-los dignos da sua amizade. Pois a sorte divina fez com que os primeiros fossem seus parceiros, ao passo que a própria conduta honesta dos segundos os levam até você — [32] os quais eu não sei se devemos chamar de amantes ou de simplesmente aqueles que pensam corretamente. Pois me parece que, no princípio, a sorte divina, sem dar atenção a homens vis e desejando incitar o raciocínio de homens sérios, fez com que a sua natureza fosse nobre não para que você fosse seduzido em direção aos prazeres, mas sim para que você prosperasse naquilo que é útil à excelência.

[33] E ainda que eu tenha muito para falar sobre você, creio que tenho de pôr um fim a esse elogio à sua pessoa, receoso de parecer estar excedendo a própria natureza humana com a minha descrição de você — pois, como parece ser o caso, a força das palavras é tão inferior à sua compleição que, por um lado, ninguém acharia justo duvidar do que pode ser visto e, por outro, as pessoas não consideram verdadeiros elogios ao que é visível, mesmo sabendo que eles falham em corresponder com a realidade. [34] Finalizado esse tópico,

συμβουλευέειν ἐξ ὧν ἂν ἐντιμότερον ἔτι τὸν
 σαυτοῦ βίον καταστήσεις. βουλοίμην δ' ἂν
 σε μὴ πάρεργον ποιήσασθαι τὸ προσέχειν
 τὸν νοῦν τοῖς μέλλουσιν ῥηθήσεσθαι, μηδ'
 ὑπολαμβάνειν τοῦθ', ὡς ἄρ' ἐγὼ τούτοις
 κέχρημαι τοῖς λόγοις οὐ τῆς σῆς ὠφελίας
 ἔνεκα, ἀλλ' ἐπιδείξω ἐπιθυμῶν, ἵνα μήτε
 διαμάρτης τῆς ἀληθείας, μήτ' ἀντὶ τῶν
 βελτίστων τὰ τυχόνθ' ἐλόμενος χεῖρον περι-
 σαυτοῦ βουλευέση. [35] καὶ γὰρ τοῖς μὲν
 ἀφανῆ καὶ ταπεινὴν τὴν φύσιν ἔχουσιν,
 οὐδ' ὅταν μὴ καλῶς τι πράξωσιν
 ἐπιπλήττομεν, τοῖς δ' ὥσπερ σὺ
 περιβλέπτοις γεγενημένοις καὶ τὸ
 παραμελήσαι τινος τῶν καλλίστων
 αἰσχύνην φέρει. ἔτι δ' οἱ μὲν ἐπὶ τῶν ἄλλων
 λόγων ψευσθέντες, καθ' ἑνὸς μόνου
 πράγματος οὐ τὰ κράτιστ' ἔγνωσαν· οἱ δὲ
 τῆς τῶν ἐπιτηδευμάτων συμβουλίας
 διαμαρτόντες ἢ καταφρονήσαντες, παρ'
 ὅλον τὸν βίον τῆς ἑαυτῶν ἀγνωσίας
 ὑπομνήματ' ἔχουσιν.

[36] Τούτων μὲν οὖν οὐδὲν δεῖ σε
 παθεῖν, σκοπεῖσθαι δὲ τί τῶν ἀνθρωπείων
 μεγίστην δύναμιν ἔχει, καὶ τίνος καλῶς μὲν
 ἀποβάντος πλεῖστ' ἂν κατορθοῖμεν,
 διαφθαρέντος δὲ μέγιστ' ἂν βλαπτοίμεθα
 παρὰ τὸν βίον· οὐ γὰρ ἄδηλον ὅτι τούτου
 καὶ μάλιστα ἐπιμέλειαν ποιητέον, ὃ
 μεγίστην ῥοπήν ἐφ' ἐκάτερον ἐργάζεσθαι
 πέφυκεν. [37] τῶν μὲν τοίνυν ἐν ἀνθρώποις
 διάνοιαν ἀπάντων εὐρήσομεν
 ἡγεμονεύουσιν, ταύτην δὲ φιλοσοφίαν

portanto, a partir de agora tentarei aconselhá-
 lo acerca dos meios pelos quais você poderia
 tornar a sua vida ainda mais estimada. E eu
 gostaria que a sua concentração no que eu
 estou prestes a dizer não transformasse minhas
 palavras em algo sem importância — assim
 como gostaria também que você não pensasse
 que eu venho me utilizando dessas palavras
 não para o seu próprio bem, mas para querer
 exhibir minhas habilidades retóricas —, pois o
 meu intuito é que você não se engane a
 propósito da verdade e nem decida por
 qualquer coisa em vez das melhores,
 escolhendo o pior para si mesmo. [35] Pois nós
 não repreendemos aqueles que têm uma
 natureza obscura e banal, nem mesmo quando
 eles fazem algo de errado, ao passo que fazer
 pouco caso do que há de melhor traz vergonha
 àqueles que, como você, se tornaram notáveis.
 Além disso, aqueles que se deixaram enganar
 por outros discursos formam opiniões não
 muito boas somente acerca de uma única
 questão; por outro lado, aqueles que falham em
 seguir ou desdenham de conselhos sobre regras
 de conduta têm recordações da própria
 ignorância ao longo de toda a vida.

[36] Portanto, você não deve percorrer
 nenhum desses caminhos, mas sim refletir
 acerca daquilo que tem grande influência sobre
 os assuntos humanos, aquilo que, caso resulte
 em algo nobre, nos faria prosperar, aquilo que,
 caso seja desastroso, nos causaria um grande
 mal por toda a vida — pois não é nenhum
 segredo que devemos prestar bastante atenção
 naquilo que, por natureza, tem o maior poder
 de fazer a balança pender para qualquer um dos
 lados. [37] Além disso, nós descobriremos que
 o raciocínio é o que governa tudo na vida dos
 seres humanos e que a filosofia sozinha é capaz
 de tanto educar como exercitar essa habilidade

μόνην παιδεῦσαι τ' ὀρθῶς καὶ γυμνάσαι
 δυναμένην. ἤς οἴομαι σε δεῖν μετασχεῖν, καὶ
 μὴ κατοκνήσαι μηδὲ φυγεῖν τὰς ἐνούσας ἐν
 αὐτῇ πραγματείας, ἐνθυμούμενον ὅτι διὰ
 μὲν ἀργίας καὶ ῥαθυμίας καὶ τὰ παντελῶς
 ἐπιπολῆς δυσχείρωτ' ἐστί, διὰ δὲ καρτερίας
 καὶ φιλοπονίας οὐδὲν τῶν ὄντων ἀγαθῶν
 ἀνάλωτον πέφυκε, [38] καὶ διότι πάντων
 ἀλογώτατόν ἐστι, πρὸς μὲν χρηματισμὸν
 καὶ ῥώμην καὶ τὰ τοιαῦτα φιλοτίμως ἔχειν
 καὶ πολλὰς ὑπομένειν κακοπαθίας, ἃ πάντα
 θνήτ' ἐστὶν καὶ τῇ διανοίᾳ δουλεύειν εἴωθε,
 τὴν δ' ἐπιστατοῦσαν μὲν τῶν ἄλλων,
 συνδιατελοῦσαν δὲ τοῖς ἔχουσιν, ὅλου δ'
 ἡγεμονεύουσιν τοῦ βίου μὴ ζητεῖν ὅπως
 διακίσειται βέλτιον. [39] καίτοι καλὸν μὲν
 καὶ παρὰ τύχην ἐν τοῖς σπουδαιοτάτοις
 θαυμάζεσθαι, πολὺ δὲ κάλλιον διὰ τὴν
 ἐπιμέλειαν τὴν αὐτοῦ μηδενὸς τῶν ἐνδόξων
 ἄμοιρον γενέσθαι· τῆς μὲν γὰρ ἐνίστε καὶ
 τοῖς φαύλοις μετασχεῖν συνέβη, τῆς δ' οὐκ
 ἔστιν ἄλλοις μετουσία πλὴν τοῖς ἐν
 ἀνδραγαθία διαφέρουσιν.

[40] Ἀλλὰ μὴν περὶ γε τῆς φιλοσοφίας
 ἀκριβῶς μὲν ἕκαστα διελεῖν ἡγοῦμαι τὸν
 μέλλοντα χρόνον ἡμῖν ἐπιτηδειότερους
 καιροὺς παραδώσειν· συντόμως δ' εἰπεῖν
 οὐδὲ νῦν οὐδὲν κωλύσει περὶ αὐτῆς. ἐν οὖν
 πρῶτον ἐκεῖνό σε δεῖ καταμαθεῖν ἀκριβῶς,
 ὅτι πᾶσα μὲν παιδεία δι' ἐπιστήμης καὶ
 μελέτης τινὸς συνέστηκεν, ἡ δὲ φιλοσοφία
 καὶ μᾶλλον τῶν ἄλλων· ὅσῳ γὰρ
 ἀκριβεστέρους ἔχει τοὺς ἐφεστῶτας,

corretamente. Penso eu que você deve se
 envolver com essa disciplina, sem temer ou
 evitar as dificuldades que fazem parte dela,
 tendo em mente que até mesmo as coisas mais
 completamente superficiais são difíceis de
 conquistar por meio da inatividade e do
 desleixo, ao passo que, por meio da
 perseverança e da tenacidade, nada que seja
 nobre é naturalmente inalcançável, [38] porque
 a coisa mais absurda de todas é almejar ganhos
 financeiros, força física e coisas do tipo e
 suportar muitas angústias — objetivos esses
 todos efêmeros e que normalmente são
 considerados escravos do raciocínio —, em
 vez de procurar por aquilo que preside sobre
 todo o resto, que se mantém ao lado daqueles
 que o possuem até o fim, e que governa toda a
 vida de modo que ela ofereça os meios para
 sempre buscar o melhor. [39] Embora seja
 nobre ser admirado pelos seus aspectos mais
 importantes que advêm da sorte divina, é ainda
 mais nobre se tornar alguém que é incluído em
 tudo que há de mais ilustre graças à própria
 diligência — pois até mesmo homens vis
 acabam às vezes fazendo parte do primeiro
 grupo, porém a participação no segundo grupo
 não é permitida a outros que não aqueles que
 se distinguem em termos de virilidade.

[40] Mas, na verdade, ao menos no que
 tange à filosofia, creio que o futuro nos
 proverá uma oportunidade mais apropriada
 para passarmos por cada ponto sobre ela mais
 precisamente — porém nada me impedirá de
 discorrer brevemente sobre esse assunto agora.
 Em primeiro lugar, portanto, o que você
 precisa compreender com maior precisão é o
 seguinte: toda educação é constituída por meio
 do conhecimento teórico e da prática, e a
 filosofia mais do que qualquer outra — pois
 quanto mais precisos são aqueles que estão à

τοσοῦτω κάλλιον αὐτὴν συγκεῖσθαι προσήκει. [41] καίτοι τί ποτ' ἄν βουλευθῆμεν, τῆς μὲν διανοίας ἐπὶ τοῦ λέγειν καὶ βουλευέσθαι τεταγμένης, τῆς δὲ φιλοσοφίας ἐκατέρου τούτων ἐμπειρίαν παραδιδούσης, μὴ ταύτην κατασχεῖν τὴν πραγματείαν, δι' ἧς ἀμφοτέρων τούτων ἐγκρατῶς ἔξομεν; τότε γὰρ εἰκὸς καὶ τὸν βίον ἡμῶν μεγίστην ἐπίδοσιν λαβεῖν ὅταν, τῶν κρατίστων ὀρεγόμενοι, τὰ μὲν διδασκὰ τέχνη, τὰ δὲ λοιπὰ γυμνασία καὶ συνηθεία κατασχεῖν δυνηθῶμεν. [42] οὐ γὰρ δήπου τοῦτο γ' ἔστιν εἰπεῖν ὡς οὐδὲν πρὸς τὸ φρονεῖν εὖ παρὰ τὴν ἐπιστήμην διαφέρομεν ἀλλήλων· ὅλως μὲν γὰρ ἅπαντα φύσις βελτίων γίνεταί παιδείαν προσλαβοῦσα τὴν προσήκουσαν, πολὺ δὲ μάλισθ' ὅσαις ἐξ ἀρχῆς εὐφυέστερον τῶν ἄλλων ἔχειν ὑπῆρξε· τοῖς μὲν γὰρ αὐτῶν μόνον βελτίοσι γίνεσθαι, τοῖς δὲ καὶ τῶν ἄλλων συμβαίνει διενεγκεῖν.

[43] Εὖ δ' ἴσθι τὴν μὲν ἐκ τῶν πράξεων ἐμπειρίαν γιγνομένην σφαλερὰν οὔσαν καὶ πρὸς τὸν λοιπὸν βίον ἀχρήστως ἔχουσαν, τὴν δ' ἐκ τοῦ φιλοσοφεῖν παιδείαν πρὸς ἅπαντα ταῦτ' εὐκαίρως συγκεκραμένην. καίτοι τινὲς ἤδη καὶ δι' εὐτυχίαν πραγμάτων γυμνασθέντες ἐθαυμάσθησαν· σοὶ δὲ προσήκει τούτων μὲν καταφρονεῖν σαυτοῦ δ' ἐπιμέλειαν ἔχειν· οὐ γὰρ αὐτοσχεδιάζειν ἀλλ' ἐπίστασθαί σε δεῖ περὶ τῶν μεγίστων, οὐδ' ἐπὶ τῶν καιρῶν μελετᾶν ἀλλ' ἀγωνίζεσθαι καλῶς ἐπίστασθαι.

frente dela, mais nobre é a maneira pela qual ela combina essas duas áreas. [41] Ademais, já que, por um lado, o raciocínio é a faculdade encarregada da capacidade de falar e de deliberar e, por outro, a filosofia é o que nos fornece conhecimento empírico em cada uma dessas áreas, por que nós não desejaríamos dispor desse método, por meio do qual nós nos tornaremos mestres em ambas as áreas? Pois então é mais que natural que as nossas vidas prosperem quando nós, ao atingirmos os melhores objetivos, formos capazes de reter aquilo que é ensinado pela arte, e o restante, pela prática e pelos hábitos. [42] Pois sem dúvida alguma não podemos dizer que não é graças ao conhecimento teórico que nós superamos uns aos outros em capacidade de discernimento — pois, em suma, toda natureza é aprimorada depois de receber uma educação apropriada, mas principalmente se desde o início ela já tiver nascido com mais disposição natural que os demais; pois enquanto acontece de as do primeiro tipo somente se tornarem melhores do que a si mesmas, acontece de as do segundo tipo também se distinguirem entre as demais.

[43] E vocês sabem bem que o conhecimento empírico que provém da experiência é precário e inútil para o resto da vida, enquanto que a educação a partir da prática da filosofia se vincula a todas essas coisas. Embora alguns homens que se exercitem fisicamente já tenham sido admirados graças ao sucesso dos seus feitos, é mais apropriado para você não se preocupar com essas questões e ter cuidado consigo mesmo — pois você deve estar apto para falar a respeito dos assuntos mais importantes e não para falar de maneira improvisada e, em ocasiões decisivas, deve estar apto para debater e não para ainda praticar.

[44] Νόμιζε δὲ πᾶσαν μὲν τὴν φιλοσοφίαν μεγάληα τοὺς χρωμένους ὠφελεῖν, πολὺ δὲ μάλιστα τὴν περὶ τὰς πράξεις καὶ τοὺς πολιτικοὺς λόγους ἐπιστήμην. τῆς γὰρ γεωμετρίας καὶ τῆς ἄλλης τῆς τοιαύτης παιδείας ἀπείρως μὲν ἔχειν αἰσχρόν, ἄκρον δ' ἀγωνιστὴν γενέσθαι ταπεινότερον τῆς σῆς ἀξίας· ἐν ἐκείνῃ δὲ τὸ μὲν διενεγκεῖν ζηλωτόν, τὸ δ' ἄμοιρον γενέσθαι παντελῶς καταγέλαστον.

[45] γνοίης δ' ἂν ἐξ ἄλλων τε πολλῶν, καὶ παραθεωρήσας τοὺς πρὸ σαυτοῦ γεγενημένους ἐνδόξους ἄνδρας. τοῦτο μὲν Περικλέα τὸν συνέσει πλεῖστον τῶν καθ' αὐτὸν διενεγκεῖν δόξαντα πάντων, ἀκούσει πλησιάσαντ' Ἀναξαγόρα τῷ Κλαζομενίῳ καὶ μαθητὴν ἐκείνου γενόμενον ταύτης τῆς δυνάμεως μετασχόντα· τοῦτο δ' Ἀλκιβιάδην εὐρήσεις φύσει μὲν πρὸς ἀρετὴν πολλῷ χειρόν διακείμενον, καὶ τὰ μὲν ὑπερηφάνως, τὰ δὲ ταπεινῶς, τὰ δ' ὑπερακρατῶς ζῆν προηρημένον, ἀπὸ δὲ τῆς Σωκράτους ὁμιλίας πολλὰ μὲν ἐπανορθωθέντα τοῦ βίου, τὰ δὲ λοιπὰ τῷ μεγέθει τῶν ἄλλων ἔργων ἐπικρυψάμενον.

[46] εἰ δὲ δεῖ μὴ παλαιὰ λέγοντας διατρίβειν, ἔχοντας ὑπογυιότεροις παραδείγμασιν χρῆσθαι, τοῦτο μὲν Τιμόθεον οὐκ ἐξ ὧν νεώτερος ὧν ἐπετήδευσεν, ἀλλ' ἐξ ὧν Ἴσοκράτει συνδιατρίψας ἔπραξε, μεγίστης δόξης καὶ πλείστων τιμῶν εὐρήσεις ἀξιοθέντα· τοῦτο δ' Ἀρχύταν τὴν Ταραντίνων πόλιν οὕτω

[44] Tenha em mente que todo estudo de filosofia confere grandes benefícios àqueles que fazem uso dela, em especial um conhecimento teórico acerca de questões práticas e discursos políticos. Pois ser ignorante quanto à geometria e a outras disciplinas do tipo é vergonhoso, mas se tornar um orador de alto nível está muito abaixo do que você merece — na filosofia, superar os demais é digno de inveja, mas não fazer parte dela é definitivamente digno de riso. [45] Você talvez saiba de tudo disso por outros meios, sobretudo quando você tiver examinado homens que se tornaram ilustres antes de você nascer. Primeiro você vai ver que Péricles, considerado o mais sábio dentre todos os seus contemporâneos, depois de se aproximar de Anaxágoras de Clazômenas e se tornar seu discípulo, teve acesso a habilidade; depois você vai descobrir que Alcibíades, cuja natureza se encontrava em um estado muito pior do que sua virtude, optou por viver sua vida ora com orgulho, ora com humildade, ora com desmesura, mas que, a partir da sua associação com Sócrates, endireitou muitas áreas da sua vida, enquanto o resto ele escondeu à sombra da grandeza dos seus outros feitos. [46] Mas se não for para gastarmos tempo falando sobre o passado, sendo que existem exemplos muito mais recentes à disposição, então primeiramente você vai descobrir que Timóteo foi considerado digno de grande reputação e das maiores honras não a partir das coisas às quais ele se dedicou quando jovem, mas sim a partir das coisas que ele realizou depois de passar um tempo na companhia de Sócrates; em seguida, vai ver que Arquitas administrou a cidade de Tarento com tanta nobreza e humanidade depois de se

καλῶς καὶ φιλανθρώπως διοικήσαντα κύριον αὐτῆς καταστάντα ὥστ' εἰς ἅπαντας τὴν ἐκείνου μνήμην διενεγκεῖν· ὃς ἐν ἀρχῇ καταφρονούμενος ἐκ τοῦ Πλάτωνι πλησιάσαι τοσαύτην ἔλαβεν ἐπίδοσιν. [47] καὶ τούτων οὐδὲν ἀλόγως ἀποβέβηκε· πολὺ γὰρ ἂν ἦν ἀτοπώτερον εἰ τὰ μὲν μικρὰ δι' ἐπιστήμης καὶ μελέτης ἠναγκαζόμεθ' ἐπιτελεῖν, τὰ δὲ μέγιστ' ἄνευ ταύτης τῆς πραγματείας ἐδυνάμεθα πράττειν.

Περὶ μὲν οὖν τούτων οὐκ οἶδ' ὅ τι δεῖ πλείω λέγειν· οὐδὲ γὰρ ἐξ ἀρχῆς ὡς παντελῶς ἀπείρως ἔχοντός σου περὶ αὐτῶν ἐμνήσθην, ἀλλ' ἠγούμενος τὰς τοιαύτας παρακλήσεις τοὺς μὲν ἀγνοοῦντας προτρέπειν, τοὺς δ' εἰδότας παροξύνειν. [48] μηδὲν δ' ὑπολάβης τοιοῦτον, ὡς ἄρ' ἐγὼ ταῦτ' εἶρηκα διδάξειν αὐτὸς ἐπαγγελλούμενός σέ τι τούτων· οὐ γὰρ ἂν αἰσχυνθεῖην εἰπών, ὅτι πολλὰ μαθεῖν αὐτὸς ἔτι δέομαι, καὶ μᾶλλον ἀγωνιστῆς προήρημαι τῶν πολιτικῶν ἢ διδάσκαλος εἶναι τῶν ἄλλων. οὐχ ὡς ἀναινόμενος δὲ ταῦτα διορθοῦμαι τὴν τῶν σοφιστεύειν ἐλομένων δόξαν, ἀλλ' ὅτι τάληθές τοῦτον ἔχον τυγχάνει τὸν τρόπον. [49] ἐπεὶ σύνοιδά γε πολλοὺς μὲν ἐξ ἀδόξων καὶ ταπεινῶν ἐπιφανεῖς διὰ τῆς πραγματείας ταύτης γεγενημένους, Σόλωνα δὲ καὶ ζῶντα καὶ τελευτήσαντα μεγίστης δόξης ἠξιωμένον· ὃς οὐκ ἀπεληλαμένος τῶν ἄλλων τιμῶν, ἀλλὰ τῆς μὲν ἀνδρείας τὸ πρὸς Μεγαρέας τρόπαιον ὑπόμνημα

estabelecer como governante que a memória dos seus feitos percorreu os quatro ventos — ele que no início era desprezado e que só foi capaz de realizar desenvolvimentos desse tipo após se aproximar de Platão. [47] E não falta lógica a nenhum desses argumentos — pois seria ainda mais estranho se fôssemos obrigados realizar objetos menores por meio do conhecimento teórico e da prática, mas fôssemos capazes de fazer coisas grandiosas sem todo esse estudo.

Portanto, não sei o que mais é preciso dizer acerca dessas questões — pois eu deixei de fazer menção a elas no início do discurso não por achar que você fosse completamente ignorante no assunto, mas por acreditar que exortações desse tipo estimulam os ignorantes e irritam os entendidos. [48] E não presuma que eu, após falar sobre tudo isso, esteja me oferecendo para lhe ensinar alguma dessas coisas — pois eu não teria nenhuma vergonha em dizer que ainda preciso aprender muitas coisas, e que eu prefiro muito mais ser um mestre em questões políticas do que um professor de outros assuntos. Não que eu, ao recusar esses papéis, esteja tentando endireitar a reputação daqueles que escolheram exercer a profissão de sofista, mas que a verdade calha de ser a seguinte: [49] como eu sei bem que muitos homens de origens infames e vulgares ganharam renome por meio desse estudo, e que Sólon, tanto vivo como depois de ter falecido, foi agraciado com uma grande reputação — outras honras não lhe foram negadas, mas ele deixou como herança recordações da sua virilidade por meio de um monumento à vitória sobre os cidadãos de Mégara, da sua sabedoria

καταλιπών, τῆς δ' εὐβουλίας τὴν Σαλαμῖνος κομιδὴν, [50] τῆς δ' ἄλλης συνέσεως τοὺς νόμους οἷς ἔτι καὶ νῦν οἱ πλεῖστοι τῶν Ἑλλήνων χρώμενοι διατελοῦσιν. ὅμως τοσοῦτων αὐτῶ καλῶν ὑπαρχόντων, ἐπ' οὐδενὶ μᾶλλον ἐσπούδασεν ἢ τῶν ἐπτασοφιστῶν ὅπως γένηται, νομίζων τὴν φιλοσοφίαν οὐκ ὄνειδος ἀλλὰ τιμὴν τοῖς χρωμένοις φέρειν, καλῶς ἐγνωκῶς αὐτὸ τοῦτ' οὐχ ἦττον ἢ καὶ τᾶλλ' ἐφ' οἷς διήνεγκεν.

[51] Ἐγὼ μὲν οὖν οὐτ' αὐτὸς ἄλλως γινώσκω, σοὶ τε παραινῶ φιλοσοφεῖν, μεμνημένῳ τῶν ἐξ ἀρχῆς ὑπαρξάντων σαυτῶ· τούτου γὰρ ἔνεκα διήλθον ἐν ἀρχῇ τοῦ λόγου κἀγὼ περὶ αὐτῶν, οὐχ ὡς ἐκ τοῦ τὴν σὴν φύσιν ἐπαινεῖν ἀνακτήσεσθαι σε προσδοκῶν, ἀλλ' ἵνα μᾶλλον προτρέψω σε πρὸς τὴν φιλοσοφίαν, ἐὰν μὴ παρὰ μικρὸν ποιήσῃ μηδ' ἐπὶ τοῖς ὑπάρχουσιν ἀγαθοῖς μέγα φρονήσας τῶν μελλόντων ὀλιγορήσῃς. [52] μηδ' εἰ τῶν ἐντυχανόντων κρείττων εἶ, μηδὲν τῶν ἄλλων ζήτηι διενεγκεῖν, ἀλλ' ἡγοῦ κράτιστον μὲν εἶναι τὸ πρωτεύειν ἐν ἅπασι, τούτου δ' ὀρεγόμενον ὀφθῆναι μᾶλλον συμφέρειν ἢ προέχοντ' ἐν τοῖς τυχοῦσι. καὶ μὴ κατασχύνῃς τὴν φύσιν, μηδὲ ψευσθῆναι ποιήσῃς τῶν ἐλπίδων τοὺς ἐπὶ σοὶ μέγα φρονουῦντας, ἀλλ' ὑπερβαλέσθαι πειρῶ τῆ σαυτοῦ δυνάμει τὴν τῶν εὐνουστάτων ἐπιθυμίαν. [53] καὶ νόμιζε τοὺς μὲν ἄλλους λόγους, ὅταν ἐπιεικῶς ἔχωσι, τοῖς εἰποῦσιν

por meio da retomada de Salamina [50] e, ainda, da sua inteligência por meio das leis que ainda hoje a maioria dos gregos continua a usar. De qualquer maneira, com realizações tão nobres quanto essas, não há nada a que ele tenha mais se dedicado do que a se tornar um dos Sete Sábios, sabendo que a filosofia trazia honra, e não opróbio, àqueles que fazem uso dela, compreendendo perfeitamente que esse mesmo assunto não era inferior aos outros nos quais ele se destacava.

[51] Eu mesmo não penso diferente e recomendo que você estude filosofia, sem nunca se esquecer das boas qualidades que você sempre teve — pois venho falando desde o início deste discurso sobre cada uma delas não porque eu espero conquistá-lo por meio de um elogio à sua natureza, mas a fim de que eu o estimule ainda mais em direção à filosofia — isso se você não fizer pouco caso do que estou falando ou der pouca importância a futuras vantagens por causa de um excesso de orgulho das qualidades que você já tem. [52] Mesmo se você já for melhor que seus pares, de maneira alguma deixe de buscar ir além dos demais, mas tenha em mente que é sempre mais proveitoso ser o melhor em tudo e que é muito mais vantajoso ser visto se esforçando para alcançar esse objetivo do que ser visto como proeminente somente entre seus pares. E não envergonhe a sua própria natureza, nem faça nada que fruste as expectativas daqueles que têm orgulho de você, mas tente, por meio do seu próprio vigor, exceder os desejos daqueles que mais querem o seu bem. [53] Considere também que outros tipos de discursos, quando são adequados, atribuem uma boa reputação àqueles que proferem, ao passo que conselhos conferem vantagens e honrarias àqueles que são persuadidos por eles — e também que

δόξαν περιτιθέναι, τὰς δὲ συμβουλίας τοῖς πεισθεῖσιν ὠφέλειαν καὶ τιμὴν προσάπτειν· καὶ τὰς μὲν περὶ τῶν ἄλλων κρίσεις τὴν αἴσθησιν ἦν ἔχομεν δηλοῦν, τὰς δὲ τῶν ἐπιτηδευμάτων αἰρέσεις τὴν ὅλην φύσιν ἡμῶν δοκιμάζειν. ἐν οἷς ἅμα κρίνων αὐτὸς κριθῆσεσθαι προσδόκα παρὰ πᾶσιν, κάμῃ τὸν οὕτως ἐγκωμιάσαντά σ' ἐτοίμως ἐν ἀγῶνι γενήσεσθαι τῆς σῆς δοκιμασίας. [54] δι' ἃ δεῖ σε τῶν ἐπαίνων ἄξιον εἶναι δόξαντα κάμῃ τῆς σῆς φιλίας ἀνεπιτίμητον εἶναι.

Οὐχ οὕτω δ' ἂν σε προθύμως ἐπὶ τὴν φιλοσοφίαν παρεκάλουν, εἰ μὴ τῆς μὲν εὐνοίας τῆς ἐμῆς τοῦτον ἂν σοι κάλλιστον ἔρανον εἰσενεγκεῖν ᾧμην, τὴν δὲ πόλιν ἐώρων διὰ μὲν ἀπορίαν τῶν καλῶν κάγαθῶν ἀνδρῶν τοῖς τυχοῦσι πολλάκις χρωμένην, διὰ δὲ τὰς τούτων ἀμαρτίας αὐτὴν ταῖς μεγίσταις ἀτυχίαις περιπίπτουσαν. [55] ἴν' οὖν ἢ μὲν τῆς σῆς ἀρετῆς, σὺ δὲ τῶν παρὰ ταύτης τιμῶν ἀπολαύσης, προθυμότερόν σοι παρεκελευσάμην. καὶ γὰρ οὐδ' ἐπὶ σοὶ νομίζω γενήσεσθαι ζῆν ὡς ἔτυχεν, ἀλλὰ προστάξειν σοὶ τὴν πόλιν τῶν αὐτῆς τι διοικεῖν, καὶ ὅσῳ τὴν φύσιν ἐπιφανεστέραν ἔχεις, τοσοῦτω μειζόνων ἀξιώσεων καὶ θᾶπτον βουλήσεσθαι πεῖράν σου λαμβάνειν. καλὸν οὖν παρεσκευάσθαι τὴν γνώμην, ἵνα μὴ τότε πλημμελῆς.

[56] Τὸ μὲν οὖν ἐμὸν ἦν ἔργον εἰπεῖν ἅ σοι συμφέρειν ἠγοῦμαι πεπραχθαι, σὸν δὲ

decisões acerca de outras questões revelam o entendimento que nós temos quanto a elas, mas que as escolhas no nosso dia a dia colocam toda a nossa natureza à prova. Ao mesmo tempo em que você toma suas decisões acerca dessas questões, saiba que você mesmo será também julgado por todos os demais, e que eu, quem prontamente sempre elogiou a sua pessoa, também farei parte dessa sua avaliação. [54] É por meio de tudo isso que você se mostra digno de receber elogios e que eu não devo ser censurado por cultivar sua amizade.

Eu não o convidaria para o estudo da filosofia de forma tão ardorosa se eu não achasse que essa é a mais bela contribuição que eu tenho a oferecer como prova da minha simpatia por você; se eu não visse que a nossa cidade, devido à falta de homens belos e nobres, frequentemente depende de homens comuns; se eu não soubesse que, por meio dos erros desses homens, ela mesma se choca com os maiores infortúneos. [55] Portanto, foi com o intuito de que a cidade desfrute da sua excelência e você, das honrarias que provêm dela, que eu fiz essas recomendações a você com tanto ardor. Pois eu também penso que não lhe será permitido escolher viver como bem quiser, pois a cidade lhe delegará responsabilidades em algum campo administrativo, e que quanto mais visível for a sua natureza mais digno das maiores honrarias ela o considerará e mais rapidamente ela desejará pôr você a prova. Portanto, é bom treinar sua mente para que você não aja de maneira inadequada quando o momento chegar.

[56] Foi meu dever, enfim, lhe falar sobre o que eu considero ser o mais vantajoso para você fazer, mas é você quem tem de deliberar a respeito delas. Compete também

βουλευσασθαι περὶ αὐτῶν. προσήκει δὲ καὶ τοὺς ἄλλους τοὺς ζητοῦντας οἰκείως πρὸς σὲ διακεῖσθαι, μὴ τὰς ἐπιπολαίους ἡδονὰς καὶ διατριβὰς ἀγαπᾶν, μηδ' ἐπὶ ταύτας προκαλεῖσθαι, ἀλλὰ φιλοπονεῖν καὶ σκοπεῖν ὅπως τὸν σὸν βίον ὡς λαμπρότατον καταστήσουσιν· αὐτοὶ τε γὰρ οὕτως ἂν μάλιστα ἐπαινοῖντο καὶ σοὶ πλείστων ἀγαθῶν αἴτιοι γένοιντο. [57] μέφομαι μὲν οὖν οὐδὲ νῦν οὐδένα τῶν σοὶ πλησιαζόντων· καὶ γὰρ μοι δοκεῖ τῆς ἄλλης εὐτυχίας τῆς σῆς καὶ τοῦθ' ἐν εἶναι, τὸ μηδενὸς φαύλου τυχεῖν ἐραστοῦ, ἀλλ' οὐς ἂν τις ἔλοιτο βουλόμενος φίλους ἐκ τῶν ἡλικιωτῶν ἐκλέγεσθαι· παραινῶ μέντοι σοὶ φιλοφρονεῖσθαι μὲν πρὸς ἅπαντας τούτους καὶ ἔχειν ἠδέως, πείθεσθαι δὲ τοῖς πλείστον νοῦν ἔχουσιν αὐτῶν, ἵνα καὶ τούτοις αὐτοῖς ἔτι σπουδαιότερος δοκῆς εἶναι καὶ τοῖς ἄλλοις πολίταις. εὐτύχει.

aos demais, aqueles que buscam se tornar amigos seus, que não se satisfaçam com prazeres superficiais e passatempos e nem o encoragem a também gostar dessas coisas, mas que trabalhem duro e reflitam de que maneira eles transformarão a sua vida na mais radiante de todas — pois dessa forma eles mesmos tanto seriam em grande medida elogiados como também se tornariam os responsáveis por inúmeros benefícios à sua pessoa. [57] E agora, portanto, eu não condeno nenhum dos que se aproximam de você — pois esse me parece ser o principal motivo por trás do seu sucesso como um todo: que você não se deparou com nenhum amante vil; muito pelo contrário, você elegeu como amigos aqueles da sua idade que qualquer um alegremente escolheria. Em todo o caso, recomendo que você, enquanto trata todos eles bem e permanece sendo gentil, seja influenciado pelos mais sensatos desse grupo, a fim de que você seja visto como alguém sério aos olhos desses mesmos homens e dos outros cidadãos. Sucesso!